



mitologia
NÓRDICA

H.A. Guerber



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA





mitologia
NÓRDICA

H.A. Guerber

TRADUÇÃO DE
ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Título original: *Myths of the Norsemen: From the Eddas and Sagas*

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Candelária, 60 - 7º andar - Centro - 20091-020
Rio de Janeiro - RJ - Brasil
Tel.: (21) 3882-8200

IMAGEM DE CAPA:

Christiane Mello e Karina Lopes | ESTÚDIO VERSALETE
(Composição feita a partir dos desenhos presentes no painel externo da Igreja de Urnes, Noruega.)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
(CÂMARA BRASILEIRA DO LIVRO, SP, BRASIL)

Guerber, Hélène A.

Mitologia nórdica - Volume I / Hélène A. Guerber ; tradução Alexandre Barbosa de Souza. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2021.

240 p.

Título original: *Myths of the Norsemen: From the Eddas and Sagas*

ISBN 978-65-56402-29-1

1. Deuses 2. Magia 3. Mitologia nórdica 4. Rituais I. Título.

20-55216

CDD-220.95

ÍNDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO:

1. Mitologia nórdica : Religião 293.13

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

volume I

INTRODUÇÃO

I. O INÍCIO

II. ODIN

III. FRIGGA

IV. THOR

V. TYR

VI. BRAGI

VII. IDUNA

VIII. NJORD

IX. FREY

X. FREYA

XI. ULLER

XII. FORSETI

XIII. HEIMDALL

XIV. HERMOD

XV. VIDAR

XVI. VALI

XVII. AS NORNAS

XVIII. AS VALQUÍRIAS

volume II

XIX. HEL

XX. AEGIR

XXI. BALDER

XXII. LOKI

XXIII. OS GIGANTES

XXIV. OS ANÕES

XXV. OS ELFOS

XXVI. A SAGA DE SIGURD

XXVII. A SAGA DE FRITHIOF

XXVIII. O CREPÚSCULO DOS DEUSES

XXIX. MITOLOGIAS GREGA E NÓRDICA: UMA COMPARAÇÃO



mitologia
NÓRDICA

H.A. Guerber

TRADUÇÃO DE
ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA

VOLUME I



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Introdução

Hoje em dia, a importância fundamental dos rústicos fragmentos de poesia preservados na literatura islandesa antiga não é contestada por ninguém. No entanto, até recentemente existia uma enorme indiferença em relação à riqueza da tradição religiosa e do folclore mítico desses fragmentos.

O longo desdém por tais registros preciosos desses ancestrais pagãos não é culpa do material, no qual todas as reminiscências de suas crenças religiosas estão conservadas. Afinal, seguramente se pode afirmar que a *Edda* é tão rica em termos de essências do romance nacional e da imaginação de um povo, por mais rústica que seja, quanto a mitologia mais graciosa e idílica do Sul. Tampouco isso se deve a alguma fraqueza na concepção das deidades em si, pois, embora elas não atinjam grande elevação espiritual, os principais estudiosos da literatura islandesa concordam que elas se destacam, rudes e massivas, como as montanhas escandinavas. Demonstram “um espírito de vitória, superior à força bruta, superior à mera matéria, um espírito de luta e superação.”¹ “Mesmo tendo parte do material de seus mitos extraída de outras mitologias, os nórdicos deram a seus deuses um espírito nobre, virtuoso, grandioso, e os elevaram a um nível muito peculiar.”² De fato, essas velhas canções nórdicas contêm certa verdade, uma verdade e uma grandeza internas e perenes. Trata-se não de uma grandeza meramente do corpo e massa gigantescos, mas de uma grandeza rústica da alma.³

A introdução do cristianismo no Norte trouxe consigo a influência das culturas clássicas, e isso acabou suplantando o gênio nativo, de modo que a mitologia e a literatura estrangeiras da Grécia e de Roma passaram a fazer cada vez mais parte do imaginário dos povos nórdicos à medida que a literatura e as tradições nativas foram sendo negligenciadas.

Sem dúvida, a mitologia nórdica exerceu profunda influência nos costumes, leis e língua anglo-saxões e houve, portanto, uma grande inspiração inconsciente que permeou a literatura inglesa. Os traços mais característicos dessa mitologia são um humor singularmente sombrio, que não é encontrado na religião de nenhum outro povo, e um veio trágico e obscuro que percorre toda a trama. Esses aspectos, que abarcam ambos os extremos, estão inscritos de modo evidente na literatura inglesa.

Mas, em comparação com a rica inspiração helênica, pouco se percebe de uma influência consciente da mitologia nórdica, e se observarmos a arte moderna a diferença fica ainda mais aparente.

Essa indiferença pode ser atribuída a muitas causas, mas se deveu primeiro ao fato de que as crenças religiosas desses ancestrais pagãos não eram adotadas com muita persistência. Daí o sucesso da política mais ou menos ponderada dos primeiros missionários cristãos de emaranhar as crenças pagãs e mesclá-las na nova fé, da qual se pode ver um interessante exemplo na transferência para a festa cristã da Páscoa dos atributos da deusa pagã Eostre, cujo nome deu origem ao inglês *Easter* [Páscoa]. A mitologia nórdica foi nesse sentido detida antes de atingir seu pleno desenvolvimento, e o progresso do cristianismo acabou relegando-a ao limbo das coisas esquecidas. Seu sistema abrangente e inteligente, no entanto, em forte contraste com a desconexa mitologia grega e romana, constituiu a base de uma fé moderadamente racional que preparou os nórdicos para receber os ensinamentos do cristianismo, ensejando assim sua própria dissolução.

As crenças religiosas do Norte não se refletem com exatidão na *Edda em Verso*. Na verdade, apenas uma paródia da fé desses ancestrais foi preservada na literatura nórdica. O antigo poeta amava alegorias, e sua imaginação se alvoroçava entre as concepções de sua musa prolífica. “Seus olhos ora se demoravam nas montanhas até que os picos nevados assumissem traços humanos e o gigante de pedra ou de gelo descesse com passos pesados; ora ele contemplava o esplendor da primavera, ou dos campos estivais, até que

aparecessem Freya com seu colar reluzente, ou Sif com seus longos cachos dourados.”⁴

Nada nos é dito a respeito de ritos sacrificiais e religiosos, e todo o resto é omitido sem fornecer material para um tratamento artístico. A chamada mitologia nórdica, portanto, pode ser considerada mais uma relíquia preciosa dos primórdios da poesia nórdica do que uma representação das crenças religiosas dos escandinavos, e esses fragmentos literários conservam muitos sinais do estágio de transição em que a fé antiga e a nova claramente se confundiram.

Mas, não obstante as limitações impostas pela longa negligência, é possível reconstruir em parte um panorama das antigas crenças nórdicas — o leitor comum, por exemplo, pode tirar bom proveito do elucidativo estudo de Carlyle em *Os heróis*. “Uma selva inextricável, desconcertante, de ilusões, confusões, falsidades e absurdos, cobrindo todo o campo da Vida!”, ele as chama, com toda razão. Mas Carlyle prossegue demonstrando, com igual verdade, que na alma desse culto rústico de natureza distorcida havia uma força espiritual buscando se expressar. O que nós sondamos sem grande veneração, eles viam com espanto reverente e, quando não compreendiam, logo deificavam, como qualquer criança sempre tendeu a fazer em todas as épocas da história do mundo. De fato, eles cultuavam heróis, de acordo com Carlyle, e o ceticismo não tinha lugar em sua singela filosofia.

Era a infância do pensamento contemplando um universo cheio de divindade, e acreditando com toda a sinceridade e convicção. Um povo generoso procurando no escuro ideais melhores do que aqueles que conheciam. O Ragnarök viria a destituir seus deuses por terem decaído de seus padrões mais elevados.

Devemos agradecer a um fenômeno curioso pela preservação do tanto de material do antigo folclore que ainda conservamos. Embora influências estrangeiras estivessem corrompendo a língua nórdica, ela permaneceu praticamente inalterada na Islândia, que havia sido colonizada a partir do continente pelos nórdicos fugindo da opressão

de Haroldo I, o Belos-Cabelos, depois de sua esmagadora vitória na Batalha do Fiorde de Hafrs. Esses povos levaram consigo sua veia poética, que já havia se manifestado e que lançou novas raízes naquele terreno árido. Muitos dos antigos poetas nórdicos eram nativos da Islândia, e no início da era cristã, um serviço crucial foi prestado à literatura nórdica pelo padre cristão Semundo, que devotamente reuniu uma grande quantidade de poesia pagã em uma coleção conhecida como *Edda em Verso*, o principal pilar do atual conhecimento sobre a religião dos nórdicos antigos. A literatura islandesa continuou sendo um livro lacrado, no entanto, até o final do século XVIII, e muito lentamente desde então vem conquistando terreno, apesar da indiferença, ao ponto de hoje haver sinais de que acabará obtendo êxito. “Conhecer a Fé antiga”, diz Carlyle, “nos traz a uma relação mais íntima e mais clara com o Passado — com nossos próprios bens do Passado. Pois o Passado inteiro é uma propriedade do Presente; sempre teve algo de verdadeiro, e é um pertence precioso.”

As poderosas palavras de William Morris sobre a *Saga dos Volsungos* bem podem ser citadas como introdução a esta reunião de mitos nórdicos: “Esta é a grandiosa história do Norte, que deveria ser para todo o nosso povo o que a Lenda de Troia foi para os gregos — para o nosso povo primeiro, e depois, quando as mudanças no mundo o transformarem em apenas um nome de algo que um dia existiu, uma história também, então ela deve ser, para aqueles que vierem depois de nós, não menos importante do que a Lenda de Troia foi para nós.”

Notas

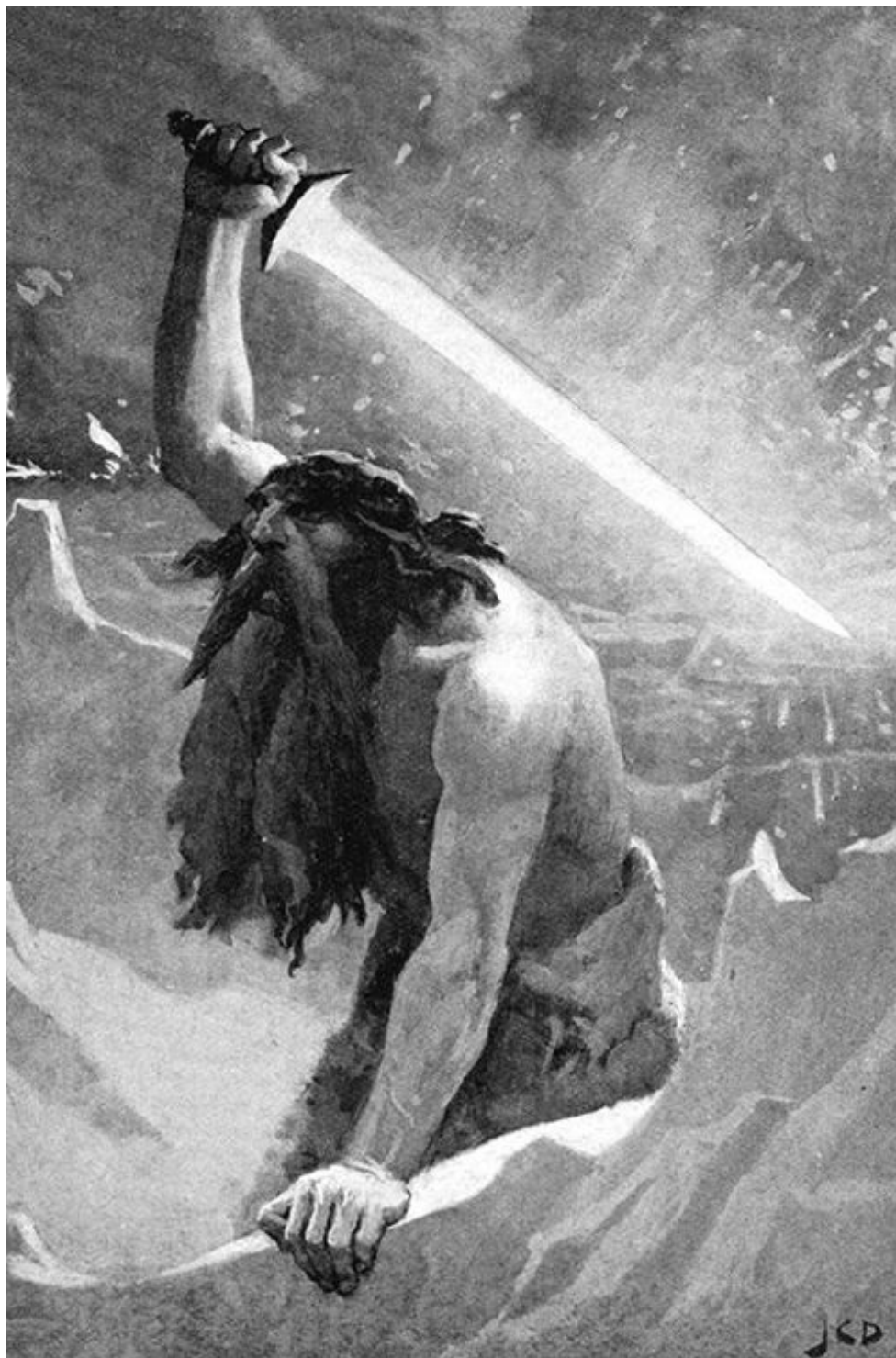
1. *Northern Mythology* [Mitologia nórdica], [Friedrich] Kauffmann.
2. Halliday Sparling.
3. *Heroes and Hero Worship* [Heróis e veneração aos heróis], Carlyle.
4. *Northern Mythology* [Mitologia nórdica], [Friedrich] Kauffmann.

Capítulo



O início





O gigante com a espada flamejante
J.C. DOLLMAN



Mitos de criação

Embora os arianos que viviam na Europa Setentrional supostamente fossem, segundo alguns especialistas, oriundos do planalto do Irã, no coração da Ásia, o clima e o cenário dos países onde por fim se estabeleceram tiveram grande influência na formação de suas primeiras crenças religiosas, assim como no ordenamento de seu modo de vida.

As paisagens grandiosas e acidentadas da Europa Setentrional, o sol da meia-noite, os raios fulgurantes da aurora boreal e o oceano quebrando contínua e furiosamente contra os grandes icebergs do Círculo Ártico não poderiam deixar de impressionar o povo tão vividamente quanto a quase miraculosa vegetação, a luminosidade perpétua, e os mares e céus azuis de seu breve verão. Portanto não é de espantar que os islandeses, por exemplo, a quem devemos os mais perfeitos registros dessa crença, imaginassem, ao olhar ao redor, que o mundo havia sido criado de uma estranha mistura de fogo e gelo.

A mitologia nórdica é grandiosa e trágica. Seu tema principal é a luta perpétua das forças benevolentes da natureza contra as forças deletérias. Portanto seu caráter não é gracioso e idílico, como a religião da ensolarada região meridional, em que as pessoas podiam se deleitar sempre ao sol e os frutos da terra brotavam ao alcance das mãos.

Era muito natural que os perigos decorrentes da caça e da pesca sob aqueles céus inclementes e o sofrimento implícito nos invernos

longos e frios, quando o sol nunca brilha, fizessem esses ancestrais verem o frio e o gelo como espíritos malévolos; e era pela mesma razão que invocavam com fervor especial as influências benéficas do calor e da luz.

Quando questionados a respeito da criação do mundo, os escaldos, ou poetas nórdicos, cujas canções estão preservadas nas Eddas e Sagas, declararam que, no início, quando ainda não existia terra nem mar, nem ar, quando a escuridão pairava sobre tudo, havia um ser poderoso chamado Pai de Todos, a quem vagamente concebiam como incriado e invisível, e tudo acontecia conforme a sua vontade.

Na aurora do tempo, havia no centro do espaço um grande abismo chamado Ginnungagap, a fenda das fendas, o golfo escancarado, cuja profundidade nenhum olhar era capaz de sondar, pois era envolto em perpétuo crepúsculo. Ao norte dessa região, havia um espaço ou mundo conhecido como Niflheim, terra da névoa e da escuridão, no centro do qual borbulhava a inexaurível fonte Hvergelmir, o caldeirão fervilhante cujas águas supriam 12 grandes rios conhecidos como Elivagar. Conforme as águas desses rios corriam rapidamente da nascente e encontravam as rajadas frias do golfo escancarado, elas imediatamente se congelavam em imensos blocos de gelo, que caíam nas incomensuráveis profundezas do grande abismo com um rugido contínuo semelhante ao trovão.

Ao sul desse abismo sombrio, na direção oposta a Niflheim, a terra da neblina, havia outro mundo chamado Muspelheim, terra do fogo elemental, onde tudo era calor e luminosidade, e cujas fronteiras eram continuamente protegidas por Surt, o gigante flamejante. Esse gigante brandia ferozmente sua espada luminosa e espalhava sem cessar grandes chuvas de fagulhas, que caíam chiando sobre os blocos de gelo do fundo do abismo e os derretiam parcialmente com seu calor.

*Grande Surtur, de espada flamejante,
Ao sul do portão de Muspel, sempre vigilante,*

*E chegam centelhas do fogo divino,
Trazendo vida, do mundo ígneo.*

VALHALLA, JULIA CLINTON JONES

Ymir e Audhumbla

Quando o vapor se erguia em nuvens, encontrava outra vez o frio predominante e era transformado em geada ou escarcha, que, camada por camada, preencheu o grande espaço central. Assim, pela ação contínua do frio e do calor — e também provavelmente pela vontade do incriado e invisível —, uma criatura gigantesca chamada Ymir, a personificação do oceano congelado, ganhou vida em meio aos blocos de gelo no abismo e, por ter nascido da geada, também ficou conhecida como Hrimthurs, ou gigante de gelo. Esse gigante também assume o nome de Orgelmir (barro escaldante).

*Nos primórdios,
Nos tempos de Ymir,
Era areia, sem mar,
Nem ondas frescas,
Nem terra à vista,
Nem céu acima;
Tudo era caos,
Sem grama alguma.*

ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE HENDERSON)

Tateando no escuro em busca de algo para comer, Ymir encontrou uma vaca gigante chamada Audhumbla (a nutriz), que havia sido criada da mesma maneira que ele, também do gelo e do calor. Dirigindo-se às pressas até ela, o gigante de gelo notou com satisfação que do úbere da vaca fluíam grandes rios de leite, que forneceriam ampla nutrição.

Todas as vontades dele foram assim satisfeitas; mas a vaca, procurando comida para si mesma, começou a lambar o sal de um bloco de gelo ao lado com sua língua áspera. Ela continuou a fazer

isso até que o primeiro fio de cabelo de um deus apareceu, e então a cabeça inteira emergiu do invólucro congelado, até que aos poucos Buri (o produtor) ficou inteiramente livre do gelo.

Enquanto a vaca estava ocupada com isso, Ymir havia adormecido. No tempo em que ele dormia, um filho e uma filha nasceram da transpiração de suas axilas, e seus pés produziram o gigante de seis cabeças Thrudgelmir, que, pouco depois de nascer, gerou por sua vez o gigante Bergelmir, de quem descenderam todos os malignos gigantes de gelo.

*Debaixo da axila
De Hrimthurs, nasceram juntos
Um menino e uma menina;
Dos pés unidos daquele
Sábio gigante surgiu
Um filho de seis cabeças.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Odin, Vili e Vé

Quando esses gigantes souberam da existência do deus Buri e de seu filho Borr (nascido), a quem Buri imediatamente havia gerado, começaram a guerrear contra eles, pois, como os deuses e os gigantes representavam as forças opostas do bem e do mal, não havia esperança de que vivessem juntos em paz. A luta continuou aberta durante eras, sem que nenhum partido obtivesse uma vantagem clara, até que Borr se casou com a gigantea Bestla, filha de Bolthorn (espinho do mal), que lhe deu três poderosos filhos: Odin (espírito), Vili (vontade) e Vé (sagrado). Esses três filhos imediatamente lutaram ao lado do pai contra os hostis gigantes de gelo, e por fim conseguiram massacrar seu inimigo mais mortal, Ymir. Ao cair morto, o sangue jorrou das feridas do gigante em torrentes tão imensas que produziu um grande dilúvio, no qual toda

a descendência de Ymir pereceu, com exceção de Bergelmir, que fugiu em um barco e foi com a esposa viver nos confins do mundo.

*E toda a raça de Ymir afogaste,
Menos um, Bergelmer: fugiu embarcado
Ao teu dilúvio, e deu origem a gigantes.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Ali ele fez sua morada, chamando o lugar de Jotunheim (lar dos gigantes), e gerou uma nova raça de gigantes de gelo, que herdaram suas inimizades, continuaram a disputa e estavam sempre dispostos a deixar sua terra desolada para atacar o território dos deuses.

Os deuses, na mitologia nórdica chamados Aesir (pilares e sustentáculos do mundo), havendo assim triunfado sobre seus inimigos e não estando mais envolvidos em guerra perpétua, então voltaram a atenção a seu entorno, na intenção de melhorar o aspecto desolado das coisas e inventar um mundo habitável. Depois das devidas ponderações, os filhos de Borr rolaram o imenso cadáver de Ymir para o abismo escancarado e começaram a criar um novo mundo com as partes do gigante.

A criação da terra

Da carne, eles fizeram Midgard (jardim do meio), como a terra foi chamada. Midgard foi colocado no centro exato do vasto espaço e inteiramente cercado pelas sobancelhas de Ymir, à guisa de baluartes ou muralhas. A porção sólida de Midgard foi cercada pelo sangue ou pelo suor do gigante, que formou o oceano, enquanto seus ossos formaram as serras, seus dentes lisos, os penhascos, e seus cabelos cacheados, as árvores e a vegetação.

Satisfeitos com o resultado de seus primeiros esforços criativos, os deuses então tomaram o crânio pesadíssimo e o equilibraram habilmente como a abóbada dos céus acima da terra e do mar; e, espalhando o cérebro por todo o espaço abaixo, fizeram dos miolos as nuvens lanosas.

*Da carne de Ymir
A terra foi criada,
De seu sangue o mar,
De seus ossos as montanhas,
De seus cabelos árvores e plantas,
De seu crânio os céus,
E de suas sobrancelhas
As potências sutis
Fizeram Midgard para os filhos do homem;
Mas do seu cérebro
As nuvens pesadas
Foram todas criadas.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Para sustentar a abóboda celeste, os deuses posicionaram os fortes anões Nordri, Sudri, Austri e Vestri em seus quatro cantos, mandando que a carregassem nos ombros, e deles os quatro pontos cardeais receberam seus nomes atuais, Norte, Sul, Leste e Oeste. Para dar luz ao mundo criado, os deuses cravejaram a abóboda celeste com centelhas trazidas de Muspelheim, pontos de luz que cintilavam sem cessar através das trevas, como astros brilhantes. As mais vívidas dessas centelhas, no entanto, foram reservadas para a fabricação do Sol e da Lua, que foram colocados em belas carruagens douradas.

*E do mundo ígneo, onde reina Muspel,
Mandaste buscar o fogo, e luzeiros fizeste:
Sol, Lua e estrelas, que penduraste no céu,
Marcando bem a divisa entre noite e dia.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Quando todos esses preparativos foram terminados, e os corcéis Arvak (o madrugador) e Alsvið (o veloz) foram atrelados à carruagem solar, os deuses, temendo que os animais sofressem com a proximidade da esfera ardente, puseram sob suas cernelhas peles

grossas cheias de ar ou alguma substância refrigerante. Também inventaram o escudo Svalin (o refrescante) e o colocaram na frente da carruagem, para protegê-los dos raios diretos do Sol, que de outra forma os teriam queimado e convertido a terra em cinzas. A carruagem da Lua foi, de modo similar, guarnecida com um corcel ligeiro chamado Alsvider (o agílimo); mas nenhum escudo foi necessário para protegê-lo dos raios brandos da Lua.

Máni e Sol

As carruagens estavam prontas, os corcéis estavam atrelados e impacientes para começar o que seria sua rotina diária, mas quem os conduziria pelo caminho certo? Os deuses se entreolharam, e a atenção deles foi atraída pelos belos filhos do gigante Mundilfari. Ele tinha muito orgulho dos filhos e os batizara em homenagem aos astros recém-criados, Máni (Lua) e Sol (Sol). Sol, a donzela solar, era esposa de Glaur (brilho), provavelmente um dos filhos de Surt.

Os nomes se mostraram bem atribuídos, pois aos irmãos foi incumbida a condução dos corcéis de seus respectivos astros homônimos. Depois de ouvirem os conselhos dos deuses, eles foram transferidos para o céu e, dia após dia, cumpriam as tarefas devidas e conduziam seus corcéis pelos caminhos celestes.

*Saibam que Mundilfær é o sublime
Pai de Lua e de Sol;
Era após era hão de passar
Enquanto meses e dias seguem a marcar.*

“HÁVAMÁL”

(TRADUÇÃO INGLESA DE W. TAYLOR)



Os lobos perseguem Sol e Máni
J.C. DOLLMAN

Os deuses em seguida convocaram Nótt (noite), uma das filhas do gigante Norvi, e confiaram a ela a condução de uma carruagem escura, puxada por um corcel negro, Hrimfaxi (crina de gelo), de cuja crina ondulante caíam sobre a terra o orvalho e a geada.

*Hrimfaxi é o corcel negro
Do Leste que traz a noite,
Carregado de chuvas de amor:
Mastigando seu freio, espuma,
E gotas de orvalho se espalham
Adornando os vales terrenos.*

VAFTHRUDNI'S-MAL [DISCURSO DE VAFTRUDENER]
(TRADUÇÃO INGLESA DE W. TAYLOR)

A deusa da noite havia se casado três vezes e do primeiro marido, Naglfari, tivera um filho chamado Aud; do segundo, Annar, uma filha, Jord (terra); e do deus Dellingr (aurora), o terceiro marido, outro filho nasceu, este de radiante beleza, e recebeu o nome de Dag (dia).

Assim que os deuses se deram conta da existência desse belo ser, forneceram a ele também uma carruagem, puxada pelo corcel branco resplandecente Skinfaxi (crina reluzente), cuja crina brilhava em todas as direções, iluminando o mundo inteiro e levando luz e alegria a todos.

*Partindo do Leste, ascendendo ao céu,
Dia conduziu seu cintilante corcel.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Os lobos Skoll e Hati

Mas como o mal sempre segue de perto as pegadas do bem, na esperança de destruí-lo, os antigos moradores das regiões nórdicas imaginaram que Sol e Lua eram incessantemente perseguidos pelos ferozes lobos Skoll (repulsa) e Hati (ódio), cujo único objetivo era dominar e engolir os objetos brilhantes diante deles, de modo que o mundo pudesse outra vez ser envolvido pela treva primordial.

*Skoll chama-se o lobo
Que a deusa de belo rosto
Persegue rumo ao mar;
Também o sublime Hati,
É filho de Hrodvitnir;
A ele antecede a donzela celeste.*

SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Às vezes, diziam, os lobos dominavam e tentavam devorar sua presa, produzindo assim um eclipse dos astros celestes. Então o povo aterrorizado erguia um clamor tão ensurdecador que os lobos, assustados pelo barulho, prontamente os largavam. Resgatados, Sol e

Lua retomavam seu caminho, fugindo mais depressa do que antes, com os monstros famintos em seu rastro, ávidos pelo momento em que seus esforços prevaleceriam, ocasionando o fim do mundo. Pois os povos nórdicos acreditavam que, como seus deuses haviam nascido de uma aliança entre o elemento divino (Borr) e o mortal (Bestla), eles eram finitos e condenados a perecer com o mundo que criaram.

*Mas mesmo nesses primórdios
Havia presságios na aurora,
Da luta feroz, do mortal choque
Que haveriam de levar ao Ragnarök;
Quando Bem e Mal, Vida e Morte,
Desde então, conheceriam sua derradeira sorte.*

VALHALLA, J.C. JONES

Máni era acompanhado também por Hiuki (crescente) e Bil (minguante), duas crianças que havia raptado da terra, onde um pai cruel as obrigava a carregar água a noite inteira. Os ancestrais nórdicos imaginavam ver essas crianças, o Jack e a Jill⁵ originais, com seu balde em silhueta sobre a lua.

Os deuses não apenas incumbiram Sol, Lua, Dia e Noite de marcarem a passagem do ano, mas também chamaram Anoitecer, Meia-noite, Amanhecer, Manhã, Meio-Dia e Entardecer para compartilhar seus deveres, fazendo de Verão e Inverno regentes das estações. Verão, descendente direto de Svasud (meigo e amável), herdou do pai a disposição gentil e era amado por todos, com exceção de Inverno, seu inimigo mortal. Já este descendia de Vindsual, que por sua vez era filho do desagradável deus Vasud, a personificação do vento gelado.

*Vindsual é o nome daquele
Que gerou o deus do inverno;
Verão, de Suasuthur nasceu:
Ambos seguirão o caminho dos anos,*

Até o crepúsculo dos deuses.

VAFTHRUDNI'S-MAL [DISCURSO DE VAFTRUDENER]

(TRADUÇÃO INGLESA DE W. TAYLOR)

Os ventos frios sopravam continuamente do Norte, resfriando toda a terra, e os nórdicos imaginaram que tais ventos eram postos em movimento pelo grande gigante Hræsvelgr (devorador de cadáver). Vestido em plumas de águia, ele ficava sentado na extremidade norte do céu e, quando erguia os braços — ou asas —, enviava as lufadas frias que varriam impiedosamente a superfície da terra, arruinando tudo com seu hálito gélido.

Hræsvelger é o nome daquele

Sentado além do fim do céu,

E do grande farfalhar de suas asas de águia

Nascem as lufadas de vento.

VAFTHRUDNI'S-MAL [DISCURSO DE VAFTRUDENER]

(TRADUÇÃO INGLESA DE W. TAYLOR)

Anões e elfos

Enquanto os deuses estavam ocupados na criação da terra e em fornecer sua iluminação, uma hoste de criaturas vermiformes estava sendo gerada na carne de Ymir. Esses seres toscos então atraíram a atenção divina. Convocando-os à sua presença, os deuses primeiro deram a eles formas e os dotaram de inteligência sobre-humana, e depois os dividiram em dois grandes grupos. Os que eram sombrios, traiçoeiros e astutos por natureza foram banidos para Svartalfheim, a terra dos anões soturnos, situada no subsolo, de onde não tinham permissão de sair durante o dia, sob pena de serem transformados em pedra. Foram chamados de anões, trolls, gnomos ou kobolds, e gastavam todo seu tempo e energia explorando os recantos secretos da terra. Coletavam ouro, prata e pedras preciosas, que armazenavam em fendas ocultas, de onde podiam retirá-los à vontade. O restante dessas pequenas criaturas, incluindo todas as que eram belas, boas e úteis, os deuses chamaram de fadas e elfos, e

mandaram-nas morar no domínio aéreo de Alfheim (terra dos elfos da luz), situado entre o céu e a terra, de onde seus habitantes podiam saltar para baixo sempre que quisessem para cuidar das plantas e das flores, para brincar com os pássaros e as borboletas e dançar na relva sob o luar prateado.

Odin, que havia sido o principal espírito condutor em todas essas empreitadas, então mandou os deuses, seus descendentes, seguirem-no até a grande planície chamada Idawold, muito acima da terra, do outro lado do grande rio Ifing, cujas águas jamais congelavam.

*Águas fundas e turvas do Ifing
Separam os filhos da terra
Da moradia dos Deuses:
Flui caudalosa a correnteza,
Gelo nenhum detém seu curso
Enquanto girar a roda das Eras.*

VAFTHRUDNI'S-MAL [DISCURSO DE VAFTRUDENER]

(TRADUÇÃO INGLESA DE W. TAYLOR)

No centro do espaço sagrado, que desde o início do mundo havia sido reservado para a morada deles, chamado Asgard (terra dos deuses), os 12 Aesir (deuses) e as 24 Asynjor (deusas) se reuniram a pedido de Odin. Então se formou um grande conselho, no qual foi decretado que não se derramaria sangue dentro dos limites da terra dos deuses, ou lugar da paz, e que essa harmonia deveria durar ali eternamente. Outra consequência da reunião foi a forja criada pelos deuses para elaborar todas as armas e ferramentas necessárias para construir, a partir de metais preciosos, palácios magníficos onde viveram por muitos longos anos em um estado de felicidade tão perfeita que esse período foi chamado de Idade do Ouro.

A criação do homem

Embora os deuses tivessem desde o início planejado Midgard, ou Mannheim, como morada do homem, a princípio não havia nenhum

ser humano para habitá-la. Certo dia, Odin, Vili e Vé, segundo alguns estudiosos, ou Odin, Hoenir (brilhante) e Lodur, ou Loki (fogo), saíram juntos para passear na praia, onde encontraram duas árvores – o freixo, Ask, e o olmo, Embla – ou dois blocos de madeira esculpidos rusticamente à semelhança da forma humana. Os deuses primeiro olharam intrigados para a madeira inanimada; então, percebendo a utilidade que poderiam ter, Odin deu almas a essas toras, enquanto Hoenir lhes concedeu movimento e sentidos, e Lodur contribuiu com o sangue e os traços.

Dotados portanto de fala e pensamento, e com capacidade de amar, ter esperança e trabalhar, além de terem recebido a vida e a morte, o homem e a mulher recém-criados foram deixados para reinar sobre Midgard como bem entendessem. Aos poucos, eles foram povoando a região com seus descendentes, enquanto os deuses, lembrando-se de que haviam dado vida aos humanos, tinham um interesse especial por tudo o que eles faziam, zelavam por eles e muitas vezes os ajudavam e protegiam.

A árvore Yggdrasil

Em seguida, o Pai de Todos criou um imenso freixo chamado Yggdrasil, a árvore do universo, do tempo ou da vida, que preenchia o mundo inteiro. Ela lançava raízes não só nas profundezas mais remotas de Niflheim, onde borbulhava a fonte Hvergelmir, mas também em Midgard, perto do Poço de Mimir (oceano), e em Asgard, perto da fonte Urdar.

Tendo fincado essas três grandes raízes, a árvore atingiu uma altura tão maravilhosa que seu ramo mais alto, chamado Lerad (pacificador), sombreava a residência de Odin, enquanto os outros ramos espalhados assomavam sobre os outros mundos. Uma águia ficava pousada no ramo Lerad, e entre os olhos dela se empoleirava o falcão Vedfölnir, lançando seus olhares penetrantes para o céu, a terra e Niflheim, lá embaixo, relatando tudo o que via.

Como as folhas de Yggdrasil estavam sempre verdes, jamais murchavam, serviam de pasto para a cabra de Odin, Heidrun, que

fornecia o hidromel celestial, a bebida dos deuses, e também para os cervos Dain, Dvalin, Duneyr e Durathor, de cujos chifres gotejava melado sobre a terra e forneciam água para todos os rios do mundo.

No borbulhante Hvergelmir, perto da grande árvore, um terrível dragão em forma de serpente chamado Nidhug continuamente roía as raízes, auxiliado por inúmeros vermes nessa tarefa destruidora, cujo objetivo era matar a árvore, sabendo que sua morte seria o sinal para a ruína dos deuses.

*Por toda a vida nos espreita um inimigo maldito,
O cruel Nidhug do mundo inferior.
Ele odeia a luz divina cujo raio bendito
Na frente e na espada do herói reflete fulgor.*

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

Saltando continuamente para cima e para baixo pelos galhos e pelo tronco da árvore, o esquilo Ratatosk (perfurador de galho), o típico intrometido e bisbilhoteiro, passava o tempo repetindo ao dragão lá embaixo as observações da águia lá em cima, e vice-versa, na esperança de provocar uma disputa entre eles.

A ponte Bifrost

Evidentemente, era essencial que a árvore Yggdrasil fosse mantida em perfeitas condições de saúde, e essa tarefa era cumprida pelas Nornas, tecelãs dos destinos, que diariamente a borrifavam com as águas sagradas da fonte Urdar. Essa água, escorrendo para a terra pelos galhos e folhas, supria as abelhas de mel.

De cada extremidade de Niflheim, erguendo-se em arco bem acima de Midgard, ficava a ponte sagrada Bifrost (Asabru, o arco-íris), feita de fogo, água e ar, que conservava os tons cintilantes e cambiantes desses elementos, e sobre a qual os deuses viajavam em direção à terra ou à fonte Urdar, aos pés do freixo Yggdrasil, onde diariamente se reuniam em conselho.

*Os deuses se levantaram,
Montaram seus cavalos e partiram
Pela ponte Bifrost, onde Heimdall vigia,
Até o freixo Igdrasil e a planície Ida.
Thor veio a pé, o resto em montaria.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

De todos os deuses, apenas Thor, deus do trovão, jamais passava pela ponte, temendo que seus passos pesados ou o calor de seus raios pudessem destruí-la. O deus Heimdall ficava vigiando e patrulhando a ponte noite e dia. Armado com uma espada cortante, ele carregava também uma trompa chamada Gjallarhorn, em que soprava uma nota suave para anunciar a passagem dos deuses, mas na qual soaria um toque terrível quando viesse o Ragnarök, e os gigantes de gelo e Surt se unissem para destruir o mundo.

*Surt vem do Sul
Com chama bruxuleante;
Brilha em sua espada
O sol do deus Val.
As colinas de pedra cambaleiam,
As gigantas cambaleiam
Os homens seguem o rumo de Hel,
E o céu é fendido.*

*SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Os Vanas

Embora os moradores originais do céu fossem os Aesir, ou Ases, eles não eram as únicas divindades dos povos nórdicos. Estes também reconheciam o poder dos deuses do mar e do vento, os Vanas, ou Vanir, que moravam em Vanaheim e regiam seus domínios como bem lhes aprouvesse. Nos primórdios, antes que os palácios dourados fossem construídos em Asgard, surgiu uma disputa entre os Aesir e os Vanas, e eles recorreram às armas, usando pedras, montanhas e

icebergs como mísseis na contenda. Mas logo descobriram que só a união fazia a força e acertaram suas diferenças, fizeram as pazes e, para ratificar o tratado, trocaram reféns.

Foi assim que Njord, um Vana, foi residir em Asgard com os dois filhos, Frey e Freya, enquanto Hoenir, um dos Aesir, irmão do próprio Odin, foi morar em Vanaheim.

Nota

5. A autora se refere aos protagonistas de uma canção infantil do folclore inglês muito popular chamada “Jack and Jill”. (N.E.)

Capítulo



Odin





Odin e Brunhilda
K. DIEHLITZ



O pai dos deuses e dos homens

Odin, Wotan ou Woden era o mais elevado e mais sagrado deus dos povos nórdicos. Ele era o espírito onipresente do universo, a personificação do ar, o deus da sabedoria universal e da vitória, e o líder e protetor dos príncipes e dos heróis. Como todos os deuses supostamente descendiam dele, foi apelidado Pai de Todos e, como mais velho e chefe entre os deuses, ocupava o trono mais elevado em Asgard. Conhecido pelo nome de Hlidskialf, esse assento era não apenas um trono famoso, mas também uma poderosa torre de vigia, de onde ele podia supervisionar o mundo inteiro e ver de pronto tudo o que estava acontecendo entre deuses, gigantes, elfos, anões e homens.

*Do salão do Céu, ele partiu a cavalo
Até Hlidskialf, e sentou em seu trono,
Cerro de onde seus olhos varrem o mundo.
E longe do Céu, ele voltou suas órbitas luminosas
Para zelar por Midgard, a terra e os homens.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Aparência pessoal de Odin

Ninguém além de Odin e sua esposa e rainha, Frigga, tinha o privilégio de usar esse trono, e, quando eles estavam sentados ali, geralmente olhavam para o sul e para o oeste, destino de todas as

esperanças e viagens dos povos nórdicos. Odin costumava ser representado como um homem alto, vigoroso, de cerca de cinquenta anos, ora com cabelos escuros e cacheados, ora com uma longa barba grisalha e a cabeça calva. Usava roupa cinza, com capuz azul, e seu corpo musculoso era envolvido por um longo manto azul, salpicado de cinza – um emblema do céu com suas nuvens lanosas. Na mão, Odin quase sempre levava a infalível lança Gungnir, tão sagrada que um juramento feito sobre sua lâmina jamais poderia ser quebrado e, no dedo ou no braço, usava o maravilhoso anel Draupnir, emblema da fertilidade, de valor incomparável. Sentado em seu trono ou armado para batalha, motivo pelo qual costumava descer à terra, Odin usava seu elmo de águia; mas quando perambulava pacificamente pela terra disfarçado de humano, para ver o que os homens estavam fazendo, usava um chapéu de aba larga, bem afundado sobre a testa, para não notarem que ele só tinha um olho.

Dois corvos, Hugin (pensamento) e Munin (memória), empoleiravam-se em seus ombros quando ele se sentava no trono, e Odin os enviava toda manhã para o mundo, aguardando ansioso seu retorno ao anoitecer, quando eles sussurravam em seus ouvidos as notícias de tudo o que haviam visto e ouvido. Assim ele ficava bem informado sobre todas as coisas que aconteciam na terra.

Hugin e Munin

Voam todos os dias

Sobre a terra vasta.

Receio que Hugin

Um dia não volte,

Mas temo ainda mais por Munin.

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Aos pés dele, ficavam dois lobos ou cães de caça, Geri e Freki, animais consagrados a ele e considerados de bom agouro caso cruzassem o caminho de alguém. Odin alimentava esses lobos com as próprias mãos, dando-lhes carne – ele mesmo não precisava de

alimento e raras vezes provava alguma coisa além do hidromel sagrado.

*Geri e Freki
O beligerante sacia,
O triunfante senhor das hostes;
Mas só de vinho
O famoso guerreiro
Odin, se basta.*

LAY OF GRIMNIR [LAI DE GRIMNIR]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Quando sentado em seu trono, Odin descansava os pés em um escabelo de ouro, obra dos deuses, cuja mobília e cujos utensílios eram todos feitos desse precioso metal ou de prata.

Além do magnífico salão Gladsheim, onde ficavam os 12 assentos ocupados pelos deuses quando se reuniam em conselho, e de Valaskjalf, onde ficava seu trono, Hlidskialf, Odin tinha um terceiro palácio em Asgard, no maravilhoso bosque Glasir, cujas folhas cintilantes eram de ouro vermelho.

Valhala

Esse palácio, chamado Valhala (salão dos mortos escolhidos), tinha 540 portas, grandes o bastante para dar passagem a oitocentos guerreiros lado a lado, e sobre o portão principal havia a cabeça de um javali e uma águia cujo olhar penetrante alcançava os recantos mais remotos do mundo. As paredes do maravilhoso edifício eram feitas de lanças reluzentes, tão bem polidas que iluminavam o salão. O teto era feito de escudos dourados, e os bancos, decorados com elaboradas armaduras, presentes dos deuses a seus convidados. Ali longas mesas permitiam ampla acomodação para os Einherjar, guerreiros caídos em combate, que eram especialmente favorecidos por Odin.

É fácil reconhecer,

*Para quem vai ter com Odin,
A mansão pelo aspecto.
O teto feito de lanças,
O salão de escudos ornado,
De couraças os bancos cobertos.*

LAY OF GRIMNIR [LAI DE GRIMNIR]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Os antigos povos nórdicos, que consideravam a guerra a mais honrosa das ocupações e a coragem a maior das virtudes, adoravam Odin principalmente como deus da batalha e da vitória. Eles acreditavam que, sempre que um combate era iminente, Odin enviava suas ajudantes especiais, chamadas Valquírias (as que escolhem os mortos) — donzelas do escudo e da batalha, que atendiam desejos —, e elas selecionavam metade dos guerreiros abatidos para levar em seus corcéis velozes pela ponte tremulante do arco-íris, Bifrost, até Valhala. Recebidos pelos filhos de Odin, Hermod e Bragi, os heróis eram conduzidos aos pés do trono de Odin, onde lhes era concedido o louvor devido à sua coragem. Quando algum favorito do deus era assim conduzido a Asgard, o Valfodr (pai dos abatidos), como Odin era chamado quando presidia cerimônias com os guerreiros, às vezes se levantava de seu trono e ia pessoalmente dar as boas-vindas no grande portão da entrada.

O banquete dos heróis

Além da glória de tal distinção e do prazer de desfrutar da presença amada de Odin dia após dia, outros prazeres mais materiais aguardavam os guerreiros em Valhala. Generosos entretenimentos eram-lhes oferecidos nas longas mesas, onde belas virgens de braços branquíssimos, as Valquírias, havendo tirado a armadura e vestido túnicas muito alvas, serviam os guerreiros com assídua atenção. Essas donzelas — nove, segundo alguns estudiosos — serviam aos heróis grandes cornos cheios de delicioso hidromel e punham diante deles imensas porções de carne de javali, nas quais eles se

refestelavam. A bebida nórdica mais comum era a cerveja, ou *ale*, mas os nórdicos antigos acharam essa bebida muito rústica para a esfera celeste. Eles portanto imaginaram que o Valfodr mantinha sua mesa sempre fartamente servida de hidromel, que todos os dias era fornecido em grande abundância por sua cabra Heidrun, que continuamente pastava nas folhas e ramos tenros de Lerad, o galho mais alto de Yggdrasil.

*Dura guerra e arriscada batalha, seu deleite;
E prematura e rubra de feridas gloriosas,
A morte inquieta, sua escolha: daí provém
O direito de se fartar dos pratos imortais
À mesa de Odin; cujo teto reluzente ecoa
O rumor festivo dos espectros caídos
Em combate desesperado ou outra bravura.*

LIBERTY [LIBERDADE], JAMES THOMSON

A carne com que se banquetavam os Einherjar era a do javali divino Saehrimnir, um animal maravilhoso, morto a cada dia pelo cozinheiro Andhrimnir e fervido no grande caldeirão Eldhrímnir. Embora os convidados de Odin tivessem um genuíno apetite nórdico e se fertassem de tudo, havia sempre carne em abundância para todos.

*Andhrimnir cozinha,
No Eldhrímnir,
Saehrimnir;
É a melhor das carnes;
Mas poucos provam
O que comem os einherjes.*

LAY OF GRIMNIR [LAI DE GRIMNIR],
VERSÃO DE ANDERSON

Além do mais, o estoque era inesgotável, pois o javali sempre voltava à vida antes da próxima refeição. Essa miraculosa renovação de alimentos na despensa não era a única ocorrência maravilhosa em

Valhala. Dizia-se que os guerreiros, depois de comerem e beberem até se fartarem, sempre pediam suas armas, equipavam-se e montavam seus cavalos até o grande pátio, onde combatiam uns contra os outros, repetindo os feitos bélicos pelos quais ficaram famosos na terra, e imprudentemente se infligiam terríveis ferimentos, que, no entanto, eram miraculosa e completamente curados assim que soava o toque do jantar.

*Os seletos convidados de Odin
Exercem diariamente o ofício da guerra;
Dos campos de combate festivos
Céleres partem, armados e reluzentes,
E alegres, à mesa dos deuses,
Esvaziam suas taças de cerveja
E comem a famosa carne de Saehrimni.*

VAFTHRUDNI'S-MAL [DISCURSO DE VAFTRUDENER]
(TRADUÇÃO INGLESA DE W. TAYLOR)

Curados e felizes ao toque do berrante, e sem guardar ressentimentos pelos golpes cruéis dados e recebidos, os Einherjar cavalgavam alegremente de volta a Valhala para renovar seus banquetes na amada presença de Odin, enquanto as Valquírias, de alvos braços e cabelos esvoaçantes, deslizavam graciosamente ao seu redor, constantemente lhes enchendo os cornos ou suas taças favoritas, os crânios de seus inimigos, enquanto os escaldos cantavam canções sobre a guerra e os saques dos intrépidos vikings.

*E o dia inteiro se lanham e se cortam,
Na lama, gemidos, membros mutilados e sangue;
Mas à noite voltam todos ao salão de Odin
Intactos e refeitos: eis o que lhes cabe no céu.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Lutando e festejando assim, os heróis, diziam, passavam seus dias em completo êxtase, enquanto Odin se deleitava com sua força e seu

número, que, no entanto, previa não ser bastante para impedir sua queda quando o dia da batalha final chegasse.

Como esses eram os maiores prazeres que a fantasia de um guerreiro nórdico podia figurar, era muito natural que todos os combatentes amassem Odin e, muito cedo na vida, comessem a se dedicar a seu serviço. Eles juravam morrer de arma em punho, se possível, e até golpearem-se com as próprias lanças quando o fim se aproximasse, caso tivessem a infelicidade de escapar à morte em campo de batalha e fossem ameaçados com uma “morte na palha”, como chamavam o falecimento por idade ou doença.

A Odin, o jejum

Esculpe belas rúnicas —

Runas da morte cortam fundo em seu braço e peito.

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

Em recompensa por essa devoção, Odin zelava com especial atenção por seus favoritos, dando-lhes presentes, uma espada mágica, uma lança ou um cavalo, e os tornava invencíveis até que chegasse sua hora final, quando ele mesmo aparecia para reivindicar ou destruir o presente que havia concedido, e as Valquírias conduziam os heróis até Valhala.

Ele deu a Hermod

Um elmo e uma couraça,

E dele Sigmund

Uma espada recebeu.

LAY OF HYNDLA [LAI DE HYNDLA]

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Sleipnir

Quando Odin tomava parte ativa na guerra, em geral montava seu corcel cinzento de oito patas, Sleipnir, e carregava um escudo branco. Sua lança reluzente voando sobre as cabeças dos combatentes era o

sinal para que a contenda começasse, e ele galopava em meio às fileiras berrando seu grito de guerra: “Odin está com todos vocês!”

*E Odin vestiu
Sua ofuscante couraça e seu elmo de ouro,
E partiu na frente montando Sleipnir.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Às vezes ele usava seu arco mágico, com o qual atirava dez flechas de uma vez, cada uma delas invariavelmente matando um inimigo. Conta-se que Odin também inspirava seus guerreiros favoritos com a famosa “fúria Berserker” (sem *sark*, ou sem camisa), que lhes permitia, mesmo nus, sem armas e feridos, realizar proezas inéditas de valor e força, e se mover como seres encantados.

Odin possuía numerosas características, assim como elementos onipresentes, além de diversos nomes, nada menos que duzentos, quase todos descritivos de algum aspecto de suas atividades. Era considerado o antigo deus dos marinheiros e do vento.

*Poderoso Odin,
Corações nórdicos se curvam diante de ti!
Guia nossos barcos, todo-poderoso Woden,
Sobre o tumultuoso Báltico.*

VAIL

A caçada selvagem

Odin, como deus do vento, era representado galopando pelos ares em seu corcel de oito patas, o que deu origem à mais antiga parlenda nórdica, que diz o seguinte: “Quem são os dois cavalgando até a Criatura? Com três olhos, dez pés e uma cauda: e assim viajam pelas terras.” E como se dizia que as almas dos mortos eram levadas nas asas da tormenta, Odin era adorado como líder de todos os espíritos desencarnados. Nessa caracterização, ele costumava ser conhecido como o Caçador Selvagem e, quando o povo ouvia o barulho e o rugido do vento, gritava bem alto com medo supersticioso,

imaginando ter ouvido e visto Odin passar com seu séquito, todos montados em corcéis relinchantes e acompanhados por cães que uivavam. E a passagem dos Caçadores Selvagens, conhecidos como os Caçadores de Woden, a Hoste Furiosa, os Cães de Gabriel ou Asgardreia, era também considerada um presságio de infortúnio grave, como uma peste ou uma guerra.

*Flui claro o Reno; mas logo suas ondas
A voz da guerra ouvirão,
E o choque das lanças em nossos montes
E uma trompa ao longe soarão;
E os bravos ficarão na turfa sangrenta,
Pois os Caçadores aqui passaram!*

THE WILD HUNTSMAN [O CAÇADOR SELVAGEM], FELICIA HEMANS

Pensava-se ainda que, se alguém fosse sacrílego a ponto de se juntar à gritaria selvagem em tom de zombaria, seria na mesma hora arrebatado e desapareceria levado pela hoste evanescente. Já aqueles que se juntassem à gritaria com boa-fé seriam recompensados com uma perna de cavalo lançada do céu no mesmo instante, a qual, se fosse mantida cuidadosamente até a manhã seguinte, acabaria se transformando em um lingote de ouro.

Mesmo depois da introdução do cristianismo, parte do povo nórdico ainda temia a chegada de uma tempestade, dizendo que eram os Caçadores Selvagens percorrendo o céu.

*E muita vez se sobressalta,
Pois lá no alto correm os cães de Gabriel,
Condenados pelo senhor cruel o cervo voador
A perseguir para sempre em terrenos aéreos.*

SONNET [SONETO], WILLIAM WORDSWORTH

Às vezes os caçadores deixavam para trás um cachorrinho preto, que, assustado e ganindo diante de uma casa vizinha, precisava ser mantido por um ano inteiro e tratado cuidadosamente se não fosse

possível exorcizá-lo ou espantá-lo. A receita de costume, a mesma para se livrar de crianças trocadas pelas fadas, era cozinhar cerveja em cascas de ovo, e esse procedimento supostamente apavorava tanto o cão spectral que ele fugiria com o rabo entre as pernas, exclamando que, embora fosse velho como Behmer, a floresta boêmia, nunca tinha contemplado visão mais bizarra.

*Sou tão velho
Quanto a clareira de Behmer,
E em toda minha vida
Nunca vi cerveja igual.*

ANTIGO DITADO

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

O objeto dessa caçada fantasmagórica variava muito, sendo ora um javali, ora um cavalo selvagem imaginário, donzelas de seios brancos que eram capturadas e levadas amarradas apenas uma vez a cada sete anos ou ninfas do bosque, chamadas Donzelas do Musgo, que representavam as folhas de outono arrancadas das árvores e carregadas pelos remoinhos do inverno.

Na Idade Média, quando a crença nas antigas divindades pagãs foi em parte esquecida, o líder da Caçada Selvagem não era mais Odin, mas Carlos Magno, Frederico Barba-Ruiva, o rei Arthur ou algum violador de sabás, como o Senhor de Rodenstein ou Hans von Hackelberg, que, como castigo por seus pecados, foi condenado a caçar para sempre nos domínios do ar.

Como os ventos eram mais ferozes no outono e no inverno, dizia-se que Odin preferia caçar nessas épocas, sobretudo no período entre o Natal e a Noite de Reis, e os camponeses tomavam sempre o cuidado de deixar o último punhado ou medida de grãos nos campos para servir de alimento ao cavalo do deus.

Evidentemente, essa caçada era conhecida por diversos nomes nos diferentes países da Europa Setentrional; mas, como as histórias a respeito dela são todas parecidas, fica claro que se originaram da mesma antiga crença pagã. Até hoje, o povo singelo do Norte

imagina que o uivo de um cão em uma noite de tempestade é um infalível presságio da morte.

*Mais e mais durará a terrível caçada,
Até que o próprio tempo seja findo;
De dia, esquadrinham a terra escarpada,
Na meia-noite das bruxas, vêm subindo.*

*Eis a trompa, e o cavalo, e o cão,
Que amiúde o camponês insone tem escutado;
Ele da cruz faz o sinal, horrorizado,
Quando os ventos em seu ouvido sopram.*

*O padre atento muitas vezes chora
Pelo infortúnio e dor humanos,
Quando em missa noturna ouve lá fora
O grito infernal de “Vamos, vamos!”*

“THE WILD HUNTSMEN” [O CAÇADOR SELVAGEM], SIR WALTER SCOTT

A Caçada Selvagem, ou a Hoste Furiosa da Alemanha, foi chamada de Herlathing na Inglaterra, a partir do mítico rei Herla, seu suposto líder; no norte da França, ela ganhou o nome de Mesnée d’Hellequin, a partir de Hel, deusa da morte; e, na Idade Média, era conhecida como Caçada de Caim ou Caçada de Herodes, nomes dados porque os líderes supostamente não conseguiam ficar em paz pelos assassinatos cruéis de Abel e de João Batista, e pelo Massacre dos Inocentes.

Na França central, o Caçador Selvagem, representado em outros países por Odin, Carlos Magno, Barba-Ruiva, Rodenstein, von Hackelberg, pelo rei Arthur, Hel, por um dos reis suecos, Gabriel, Caim ou Herodes, é também chamado de Grande Caçador de Fontainebleau (*le Grand Veneur de Fontainebleau*). O povo afirma que, na véspera do assassinato de Henrique IV e também pouco antes de estourar a grande Revolução Francesa, seus gritos foram ouvidos enquanto ele percorria o céu.

Em geral, entre os povos nórdicos, se acreditava que a alma deixava o corpo na forma de um camundongo, que rastejava para fora do cadáver pela boca e fugia; também se dizia que a alma entrava e saía da boca das pessoas em transe. Enquanto a alma estivesse ausente, nenhum esforço ou remédio poderia trazer o paciente de volta à vida; mas, assim que a alma retornava, o corpo se reanimava.

O Flautista Mágico

Como Odin era líder de todos os espíritos desencarnados, ele foi identificado na Idade Média como o Flautista de Hamelin. Segundo lendas medievais, Hamelin estava tão infestada de ratos que a vida se tornou insuportável e uma grande recompensa foi oferecida para quem livrasse a cidade dos roedores. Um flautista de roupas coloridas ofereceu-se para assumir a empreitada e, acertados os termos, começou a tocar pelas ruas de tal maneira que todos os ratos foram atraídos de suas tocas até formarem uma enorme procissão. Havia algo naquelas notas que os compelia a segui-lo, até que por fim chegaram ao rio Weser, e todos os ratos se afogaram em suas águas.

*Antes que três notas altas o flautista soprasse,
OuvIU-se como se um exército murmurasse;
E o murmúrio cresceu virando um ronco;
E o ronco cresceu virando estrondo;
E das casas os ratos saíram tontos.
Grandes, pequenos, parrudos e magros,
Marrons e pretos, cinzentos e pardos,
Velhos se arrastando, jovens alegres e saltitantes,
Pais e mães, tios e primos,
De rabos erguidos e bigodes tremulantes,
Famílias de ratos, dezenas e dúzias,
Irmãos, irmãs, maridos e esposas —
Seguiram o flautista pela vida toda.*

*De rua em rua, o flautista avançando,
E, passo a passo, os ratos dançando,
Até chegarem ao rio Weser,
Onde mergulharam e pereceram!*

“THE PIED PIPER OF HAMELIN” [O FLAUTISTA DE HAMELIN], ROBERT BROWNING

Com os ratos todos mortos e sem chance de a praga retornar, o povo de Hamelin se recusou a pagar a recompensa, desafiando o flautista a confrontá-los. O flautista assim o fez, e logo depois as estranhas notas da flauta mágica soaram de novo, mas dessa vez foram as crianças que saíram em bando das casas e alegremente seguiram o músico.

*Houve balbúrdia, parecia um alvoroço
De multidões em tumulto, esticando o pescoço;
Pezinhos pisando, tamanquinhos ruidosos,
Mãozinhas batendo e criancinhas curiosas,
E como aves de granja diante da cevada,
Foram todas correndo para fora de casa.
Meninos e meninas novinhos,
De róseas bochechas e louros cachinhos,
Dentes perolados e olhos reluzentes,
Trôpegos, cambaleantes, correram animados
Atrás da música milagrosa com gritos e gargalhadas.*

“THE PIED PIPER OF HAMELIN” [O FLAUTISTA DE HAMELIN], ROBERT BROWNING

Os burgueses se viram impotentes para impedir a tragédia e, enquanto olhavam enfeitiçados, o flautista levou as crianças para fora da cidade, até o Koppelberg, um monte nos limites da vila, que miraculosamente se abriu para receber a procissão e só se fechou quando a última criança sumiu de vista. Essa lenda provavelmente deu origem à expressão inglesa *to pay the piper* (literalmente “pagar o flautista”, pode ser traduzida como “pagar o preço”, sofrer as consequências de alguma ação). As crianças nunca mais foram vistas em Hamelin e, para manter a memória dessa calamidade pública,

todos os decretos oficiais desde então são datados em anos depois da visita do Flautista Mágico.

*Tornaram decreto que jamais juristas
Julgassem seus registros datados devidamente
Se, após dia, mês e ano, não constassem
Essas palavras lavradas também,
“Tanto tempo depois do ocorrido
Aqui a vinte e dois de julho,
Mil e trezentos e setenta e seis”
E para melhor na memória marcar
O último refúgio das crianças,
Chamaram de Rua do Flautista –
Onde quem tocar flauta ou tambor
Certamente estará para perder seu labor.*

“THE PIED PIPER OF HAMELIN” [O FLAUTISTA DE HAMELIN], ROBERT BROWNING

Neste mito, Odin é o flautista, as notas estridentes da flauta são o emblemático sopro do vento sibilante, os ratos representam as almas dos mortos, que alegremente o seguem, e a montanha oca aonde ele leva as crianças é tipicamente a sepultura.

Bispo Hatto

Outra lenda germânica que deve sua existência a esta crença é a história do bispo Hatto, o prelado avarento, que, incomodado com os clamores dos pobres durante uma grande fome, os queimou vivos em um celeiro abandonado, como os ratos com quem dizia que os pobres se pareciam, em vez de lhes dar um pouco dos grãos preciosos que acumulara para si.

*“Fiz uma fogueira excelente!”, ele disse,
“E o país tem grande dívida comigo
Por livrá-lo nesses tempos tristes
Dos ratos que só consomem o trigo.”*

“GOD’S JUDGMENT ON A WICKED BISHOP” [JUÍZO DE DEUS SOBRE UM BISPO CRUEL], ROBERT SOUTHEY

Logo após esse crime terrível ter sido cometido, os servos do bispo relataram a aproximação de uma imensa invasão de ratos. Estes, aparentemente, eram as almas dos camponeses assassinados, que haviam assumido a forma dos ratos com quem o bispo os comparara. Os esforços do bispo para escapar foram em vão, e os ratos o perseguiram até o meio do Reno, onde ele se refugiou de seus dentes afiados em uma torre de pedra. Os ratos invadiram a torre, abrindo caminho roendo as paredes de pedra e entrando por todos os lados, encontraram o bispo e o devoraram vivo.

*E pelas janelas, e pela porta,
E pelas paredes, em pandemônio jorram,
E pelo teto, e subindo pelo assoalho,
Pela direita e pela esquerda, pela frente e por trás,
Por dentro e por fora, por cima e por baixo,
E todos ao mesmo tempo ao Bispo atacam.
Afiaram suas presas contra as pedras;
E agora os ossos do Bispo eles beliscam;
Roeram os ratos a carne de cada membro
Pois foram enviados para lhe dar julgamento!*

“GOD’S JUDGMENT ON A WICKED BISHOP” [JUÍZO DE DEUS SOBRE UM BISPO CRUEL], ROBERT SOUTHEY

O clarão avermelhado do poente sobre a Mäuseturm, uma torre perto de Bingen, no Reno, seria um reflexo do fogo infernal em que o bispo cruel está lentamente sendo queimado como castigo por seu crime hediondo.

Irmin

Em algumas partes da Alemanha, Odin era considerado idêntico ao deus saxão Irmin, cuja estátua, o Irminsul, perto de Paderborn, foi destruída por Carlos Magno em 772. Dizia-se que Irmin possuía uma

gigantesca carruagem de bronze, na qual percorria o céu seguindo o caminho que conhecemos como Via Láctea, mas que os antigos germânicos designavam Caminho de Irmin. Essa carruagem, cujo som retumbante às vezes chegava a ouvidos mortais como trovão, nunca deixava o céu, onde ainda pode ser avistada na constelação da Ursa Maior, que também é conhecida no Norte como Carro de Odin, ou de Carlos.

*O Carro, que roda no alto
Por seu curso circular, e por Órion espera;
Único astro que nunca se banha no Oceano.*

ILÍADA, HOMERO

(TRADUÇÃO INGLESA DE EDWARD EARL OF DERBY)

O Poço de Mimir

Para obter a grande sabedoria pela qual ficou tão famoso, Odin, nos primórdios dos tempos, visitou o Poço de Mimir (memória) — “a fonte de toda astúcia e sabedoria”, em cujas profundezas líquidas até o futuro era claramente refletido e implorou ao velho que a protegia que lhe deixasse dar um gole. Porém Mimir, que sabia bem o valor de tal favor (pois seu poço era considerado a origem ou nascente da memória), negou-lhe a dádiva, a não ser que Odin consentisse em dar um de seus olhos em troca.

O deus não hesitou, tão alta era sua estima pela recompensa, e imediatamente arrancou um de seus olhos, que Mimir guardou consigo e mergulhou-o em seu poço, onde o olho brilhou com luminosidade discreta. Assim, Odin ficou com apenas um olho, o que é considerado um emblema do sol.

*A vida inteira avançamos rumo ao Sol;
A testa ardente é um olho de Odin.
O outro é a Lua, de brilho mais brando;
Foi posto em penhor na fonte de Mimer,
Para que em troca as águas curativas,*

A cada manhã, fortalecessem seu olho.

“HAKON JARL”, ADAM OEHLenschLÄGER

(TRADUÇÃO INGLESA DE HOWITT)

Bebendo fartamente do Poço de Mimir, Odin ganhou o conhecimento que ambicionava e jamais se lamentou do sacrifício que fizera. Mas para se lembrar melhor daquele dia quebrou um galho da sagrada árvore Yggdrasil, que sombreava o poço, e fez com ele sua amada lança Gungnir.

*Um deus intrépido
Bebeu da água cintilante,
Onde deixou em eterno
Penhor a luz de um olho.
Do Freixo do Mundo
Wotan quebrou um galho;
Para fazer uma lança
Tomou com força parte do tronco.*

O ANEL DO NIBELUNGO, RICHARD WAGNER

(TRADUÇÃO INGLESA DE FORMAN)

Mas embora Odin tivesse se tornado onisciente, sentiu-se triste e oprimido, pois ganhara a previsão do futuro e a consciência da natureza transitória de todas as coisas e até mesmo do destino dos deuses, que estavam condenados a desaparecer. Esse conhecimento afetou de tal forma seu humor que, desde então, assumiu uma expressão melancólica e contemplativa.

Para testar o valor da sabedoria que havia dessa forma obtido, Odin foi visitar o mais erudito de todos os gigantes, Vaftrudener, e encetou uma disputa de inteligência com ele, cuja aposta era nada menos que a cabeça do perdedor.

*Odin veloz se ergueu, e foi
Disputar saberes rúnicos
Com o sábio e engenhoso juto.
Ao salão real de Vaftrudener*

Veio o poderoso rei dos feitiços.

VAFTHRUDNI'S-MAL [DISCURSO DE VAFTRUDENER],
(TRADUÇÃO INGLESA DE W. TAYLOR)

Odin e Vaftrudener

Nessa ocasião, Odin se disfarçou de andarilho, a conselho de Frigga, e quando lhe perguntaram seu nome, declarou que era Gagnrad. A disputa de inteligência começou de imediato, Vaftrudener questionando seu convidado a respeito dos cavalos que levavam Dia e Noite pelo céu, sobre o rio Ifing que separava Jotunheim de Asgard e também sobre Vigrid, o campo onde a batalha final seria travada.

Todas essas perguntas foram minuciosamente respondidas por Odin, que, ao fim das questões de Vaftrudener, começou por sua vez o interrogatório e recebeu respostas igualmente explícitas sobre a origem do céu e da terra, a criação dos deuses, suas disputas com os Vanas, as ocupações dos heróis em Valhala, as incumbências das Nornas e os regentes que substituiriam os Aesir quando todos eles houvessem perecido, assim como o mundo que haviam criado. Mas quando, ao concluir, Odin se inclinou para perto do gigante e suavemente perguntou que palavras o Pai de Todos havia sussurrado a seu filho morto, Balder, deitado em sua pira funerária, Vaftrudener de repente reconheceu o visitante divino. Consternado, ele recuou e declarou que ninguém senão o próprio Odin poderia responder àquela pergunta, que agora estava muito claro que se envolvera de forma insensata em uma disputa de sabedoria e astúcia com o rei dos deuses e que merecia a pena pelo fracasso, a perda da própria cabeça.

*Nenhum da raça mortal
Sabe as palavras que disseste
Ao teu filho nos tempos de outrora.
Ouço passos da morte que chega;
Logo tomará a sabedoria rúnica
E o conhecimento da ascensão dos deuses,*

*Da alma desgraçada que tentou
Com o próprio Odin disputar
Astúcia, justo com o mais astuto:
Apostamos a vida e venceste.*

VAFTHRUDNI'S-MAL [DISCURSO DE VAFTRUDENER]
(TRADUÇÃO INGLESA DE W. TAYLOR)

Como ocorre com muitos mitos nórdicos, por vezes fragmentados e obscuros, esse termina assim, e nenhum dos escaldos nos informa se Odin realmente matou seu rival nem qual era a resposta à sua última pergunta. Porém, os mitógrafos arriscaram sugerir que a palavra sussurrada por Odin no ouvido de Balder, para consolá-lo pela morte prematura, tenha sido “ressurreição.”

A invenção das runas

Além de deus da sabedoria, Odin era o deus e o inventor das runas, o primeiro alfabeto dos povos nórdicos, cujos caracteres, que significavam mistérios, eram a princípio usados para adivinhação, embora posteriormente tenham servido para inscrições e registros. Assim como a sabedoria só podia ser obtida mediante sacrifício, o próprio Odin relata que ficou nove dias e noites pendurado na sagrada árvore Yggdrasil, olhando lá para baixo, contemplando a profundidade imensurável de Niflheim, mergulhado em profundos pensamentos e ferindo a si mesmo com sua lança até conquistar o conhecimento que buscava.

*Sei que fiquei dependurado
Na árvore balançada pelo vento
Durante nove noites inteiras,
Ferido por uma lança,
E ofertado a Odin
Eu a mim mesmo;
Naquela árvore
Da qual ninguém sabe*

De onde vem a raiz.

“ODIN’S RUNE SONG” [CANÇÃO RÚNICA DE ODIN]

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Depois de haver dominado por completo esse conhecimento, Odin lavrou runas mágicas de sua lança Gungnir, dos dentes de seu cavalo Sleipnir, das garras do urso e de inúmeras outras coisas animadas e inanimadas. E por ter ficado sobre o abismo por tanto tempo, ele foi para sempre considerado deus padroeiro de todos os condenados ao enforcamento ou perecidos pelo laço.

Depois de obter o dom da sabedoria e das runas, que lhe deu poder sobre todas as coisas, Odin também cobiçou o dom da eloquência e da poesia, que adquiriu da forma que relataremos no capítulo seguinte.

Geirröth e Agnar

Odin, como já foi dito, tinha grande interesse nos assuntos dos mortais e, conta-se, gostava especialmente de assistir os lindos filhinhos do rei Hrauthung, Geirröth e Agnar, quando tinham respectivamente oito e dez anos de idade. Um dia, esses rapazinhos foram pescar, e de repente começou uma tempestade que levou o barco para alto-mar. Eles acabaram parando em uma ilha onde vivia um casal de velhos, que na realidade eram Odin e Frigga disfarçados. Os deuses haviam assumido aquelas formas para saciar um súbito desejo de se aproximar de seus protegidos. Os garotos foram calorosamente recebidos e bem tratados, Odin escolhendo Geirröth como seu favorito e lhe ensinando o uso das armas, enquanto Frigga bajulava e elogiava o pequeno Agnar. Os meninos se demoraram na ilha com seus generosos protetores durante a longa e fria temporada de inverno, mas, quando chegou a primavera, o céu ficou azul e o mar acalmou, eles tomaram um barco fornecido por Odin e partiram em viagem para sua terra natal. Favorecidos por brisas suaves, logo avançaram; mas, quando o barco se aproximou da costa, Geirröth rapidamente pulou da embarcação e a empurrou na direção do mar,

deixando o irmão à deriva navegando sob o controle de espíritos malignos. Naquele exato momento, o vento virou, e Agnar foi de fato levado para alto-mar, enquanto o irmão corria para o palácio do pai e contava uma história mentirosa sobre o que havia ocorrido com o menino. Ele foi recebido com alegria, como se voltasse dos mortos, e, passado algum tempo, sucedeu o pai no trono.

Os anos se passaram, no decorrer dos quais a atenção de Odin foi requisitada por outras importantes considerações, até que um dia, quando o divino casal estava sentado no trono Hlidskialf, o deus de repente se lembrou da temporada de inverno na ilha deserta e pediu que a esposa verificasse quão poderoso seu pupilo se tornara e a provocou dizendo que o favorito dela, Agnar, havia se casado com uma gigante e continuado pobre e irrelevante. Frigga suavemente respondeu que era melhor ser pobre do que cruel e acusou Geirröth de falta de hospitalidade — um dos crimes mais hediondos aos olhos de um nórdico. Frigga chegou ao ponto de afirmar que, apesar de toda a riqueza, Geirröth costumava maltratar seus convidados.

Quando Odin ouviu essa acusação, declarou que provaria a falsidade daquilo adotando o disfarce de um Andarilho e testando a generosidade de Geirröth. Envolto em seu manto cor de nuvem, com o chapéu de aba larga e o cajado de peregrino...

*Andarilho me chama o mundo,
Longe levei meus pés,
Nas costas da terra
Sem paradeiro tenho vivido.*

O ANEL DO NIBELUNGO, RICHARD WAGNER
(TRADUÇÃO INGLESA DE FORMAN)

Odin imediatamente partiu por um caminho tortuoso, enquanto Frigga, para ludibriá-lo, imediatamente mandou um veloz mensageiro avisar Geirröth para tomar cuidado com um homem de manto e chapéu de aba larga, pois se tratava de um feiticeiro cruel que lhe traria doença.

Quando, portanto, Odin se apresentou no palácio do rei, foi arrastado até a presença de Geirröth e interrogado bruscamente. O deus disse que se chamava Grimnir, mas se recusou a dizer de onde vinha ou o que queria, de modo que sua reticência confirmou a suspeita lançada na mente de Geirröth. Este, então, deixou irromper seu amor pela crueldade, mandando que o forasteiro fosse amarrado entre duas fogueiras, de tal maneira que as chamas bruxuleassem em volta dele sem tocá-lo, e que assim ficasse durante oito dias e noites, em obstinado silêncio, sem alimento. A essa altura, Agnar havia voltado secretamente ao palácio do irmão, onde ocupava uma posição subalterna, e certa noite, quando tudo estava em silêncio, com pena do sofrimento do infeliz prisioneiro, ele levou aos lábios do preso um corno com cerveja. Sem isso, Odin não teria tido nada para beber — a mais séria de todas as provações para o deus.

Ao final do oitavo dia, enquanto Geirröth, sentado em seu trono, se gabava dos sofrimentos de seu prisioneiro, Odin começou a cantar — a princípio baixinho, depois cada vez mais alto, até que o salão ecoou com suas notas triunfantes — uma profecia de que o rei, que por tanto tempo desfrutara dos favores do deus, em breve pereceria sob a própria espada.

*O morto pela espada
Agora Ygg terá;
Agora tua vida acaba:
Iradas contigo estão as Dísir:
Odin agora tu verás:
Aproxima-te se puderes.*

*SEMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Quando as últimas notas esmoreceram, as correntes se soltaram das mãos de Odin, as chamas bruxulearam e se apagaram, e ele se postou no meio do salão, não mais na forma humana, mas em todo o poder e a beleza de um deus.

Ao ouvir a profecia agourenta, Geirröth prontamente sacou sua espada na intenção de matar o insolente cantor. Porém, ao perceber a súbita transformação deste, assustou-se, tropeçou e caiu sobre a lâmina afiada, perecendo como Odin havia predito. Virando-se para Agnar, que segundo alguns relatos era filho do rei, e não seu irmão — pois essas histórias antigas são muitas vezes estranhamente confusas —, Odin mandou que ele ascendesse ao trono em recompensa por sua humanidade e, como retribuição pelo gole de cerveja em boa hora, prometeu abençoá-lo com todo tipo de prosperidade.

Em outra ocasião, Odin foi perambular pela terra e ficou ausente por tanto tempo que os deuses começaram a pensar que não o veriam nunca mais em Asgard. Isso estimulou seus irmãos Vili e Vé — que, aliás, alguns mitógrafos consideram outras personificações dele mesmo — a usurparem seu poder e seu trono, e mesmo, dizem, a se casarem com sua esposa, Frigga.

*Cala-te, Frigg!
És filha de Fiorgyn
E sempre gostaste de homem,
Já que Vé e Vili, dizem,
Tu, mulher de Vidrir, puseste
Ambos em teu seio.*

*SEMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Festivais de maio

Mas, com a volta de Odin, os usurpadores desapareceram para sempre; e, em comemoração do desaparecimento dos falsos reis, que reinaram por sete meses e não trouxeram nada além de infelicidade para o mundo, e do retorno da divindade benévola, os antigos nórdicos pagãos celebravam festivais anuais, que se manteriam por séculos como festividades do Dia de Maio. Esse festival era comemorado na Suécia com uma grande procissão conhecida como

Cortejo de Maio, na qual um rei de Maio (Odin), enfeitado de flores, atirava brotos no Inverno (seu sucessor), coberto de peles, até obrigá-lo a fugir, humilhado. Na Inglaterra também o dia 1.º de maio era celebrado como uma ocasião festiva, na qual havia danças ao redor do Mastro de Maio e as Rainhas de Maio, Donzelas Marian e os *Jack-in-the-Greens* (homens vestindo um traje coberto de folhagens) assumiam papéis de destaque.

Como personificação do céu, Odin, evidentemente, era o amante e marido da terra, e, como para eles a terra continha três expressões, os nórdicos o consideravam um polígamo e atribuíam ao deus diversas esposas. A primeira esposa foi Jord (Erda), a terra primitiva, filha de Noite ou da gigante Fiorgyn. Ela gerou o famoso filho Thor, o deus do trovão. A segunda e principal esposa foi Frigga, uma personificação do mundo civilizado. Ela deu a ele Balder — ou Baldur, o deus gentil da primavera —, Hermod, e, segundo alguns estudiosos, Tyr. A terceira esposa foi Rinda, uma personificação da terra dura e congelada, que cede com relutância aos abraços quentes do marido, mas enfim dá à luz Vali, o símbolo da vegetação.

Também dizem que Odin se casou com Saga ou Laga, a deusa da história (daí o verbo *to say*, “dizer” em inglês), e que a visitava diariamente no salão de cristal de Sokvabek, sob um rio fresco e eterno, para beber suas águas e ouvir as canções que ela cantava sobre os velhos tempos e os povos extintos.

*Alto Sokvabek, quarta morada;
Acima fluem ondas frescas;
Feliz bebem ali Odin e Saga
Todos os dias de taças douradas.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Suas outras esposas foram Grid, mãe de Vidar; Gunlad, mãe de Bragi; Skadi; e as nove gigantas que simultaneamente deram à luz Heimdall — todas desempenhando papéis mais ou menos importantes nos vários mitos do Norte.

Odin histórico

Além desse Odin antigo, houve um personagem mais moderno, semi-histórico, com o mesmo nome, a quem foram atribuídas todas as virtudes, poderes e aventuras de seu predecessor. Ele era o líder dos Aesir, habitantes da Ásia Menor, que, fortemente pressionados pelos romanos e ameaçados com destruição ou escravidão, deixaram sua terra natal por volta do ano 70 a.C. e migraram para a Europa. Dizem que esse Odin conquistou a Rússia, a Alemanha, a Dinamarca, a Noruega e a Suécia, deixando um filho no trono de cada país conquistado. Ele também construiu a cidade de Odensö. Foi bem recebido na Suécia por Gylfi, o rei, que lhe deu parte do território e permitiu que fundasse a cidade de Sigtuna, onde Odin construiu um templo e introduziu um novo sistema de adoração. Há ainda outros relatos tradicionais de que, perto de seu fim, esse Odin mítico reuniu seus seguidores, publicamente se cortou nove vezes no peito com sua lança — uma cerimônia chamada “entalhar as sortes de Geir” — e disse que estava prestes a voltar para sua terra natal, Asgard, seu antigo lar, onde esperaria por eles, para compartilharem de uma vida de banquetes, bebedeiras e combates.

Segundo outro relato, Gylfi, tendo ouvido falar do poder dos Aesir, habitantes de Asgard, e desejando saber se os relatos eram verdadeiros, viajou para o Sul. Por fim chegou ao palácio de Odin, onde era esperado, e foi iludido pela visão de Har, Iafnhar e Thrídi, três divindades, entronizadas uma sobre a outra. O guardião dos portões, Gangler, respondeu todas as perguntas de Gylfi e lhe deu uma longa explicação da mitologia nórdica, que está registrada na *Edda em Prosa*, e então, após terminar sua fala, subitamente desapareceu com o palácio em meio a um barulho ensurdecedor.

Segundo outros poemas muito antigos, os filhos de Odin, Weldegg, Beldegg, Sigi, Skiold, Saeming e Yngvi, tornaram-se reis da Saxônia Oriental, Saxônia Ocidental, Francônia, Dinamarca, Noruega e Suécia, e deles descenderam os saxões, Hengist e Horsa e as famílias reais das terras nórdicas. Outra versão ainda relata que Odin e Frigga tiveram sete filhos, que fundaram a heptarquia anglo-saxã.

Ao longo do tempo, esse rei misterioso foi confundido com o Odin cujo culto ele introduziu, e todos os seus feitos foram atribuídos ao deus.

Odin era cultuado em numerosos templos, mas em especial no grande templo em Uppsala, onde os festivais mais solenes eram realizados e onde os sacrifícios eram oferecidos. A vítima era geralmente um cavalo, mas em épocas de necessidades mais prementes foram feitas oferendas humanas, e até o rei foi ofertado uma vez, para evitar uma grande fome.

Templo de Uppsala, onde o nórdico

Via bela imagem dos salões de Valhala aqui na terra.

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

O primeiro brinde em cada festividade era erguido em sua honra, e, além do dia 1.º de maio, um dia da semana foi consagrado a ele. A partir de seu nome saxão, Woden, esse dia foi chamado de *Woden's day*, do qual se derivou a palavra inglesa *Wednesday* [quarta-feira]. As pessoas costumavam se reunir em seu santuário nas ocasiões festivas, para ouvir as canções dos escaldos, que recebiam em troca de suas apresentações braceletes dourados, retorcidos nas pontas, que eram chamados de “serpentes de Odin.”

Há poucos resquícios da antiga arte nórdica hoje em dia, e embora as estátuas rústicas de Odin tenham sido um dia muito comuns, todas desapareceram, pois eram feitas de madeira — um material perecível que, nas mãos dos missionários e especialmente do iconoclasta nórdico Olavo, o Santo, logo foi reduzido a cinzas.

Lá no Templo, em madeira entalhada,

A imagem do grande Odin conservada.

THE SAGA OF KING OLAVO [A SAGA DO REI OLAVO], H.W. LONGFELLOW

Dizem que o próprio Odin deu a seu povo um código de leis por meio do qual governar sua conduta, em um poema chamado “Hávamál”, ou Canção Elevada, que faz parte da *Edda*. Nesse lai, ele mostra a

falibilidade humana, a necessidade da coragem, da temperança, da independência, da sinceridade, do respeito pelos mais velhos, da hospitalidade, da caridade, e do contentamento, e dá instruções para o funeral dos mortos.

*Em casa, que o homem seja alegre,
E com seus convidados generoso;
De conduta sábia ele deve ser,
De boa memória e língua hábil;
Se desejar muito saber, deve
Sempre falar sobre o que é bom.*

“HÁVAMÁL”

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)



Uma incursão viking
J.C. DOLLMAN

Capítulo



Frigga





Frigga fiando as nuvens
J.C. DOLLMAN



A rainha dos deuses

Frigga, ou Frigg, é considerada por alguns mitógrafos filha de Fiorgyn e irmã de Jord, e por outros, filha de Jord e Odin, com quem ela acabou se casando. Esse casamento provocou alegria geral em Asgard, onde a deusa era muito amada, tanto que para sempre se tornaria costume celebrar o aniversário da boda com banquete e música. A deusa também foi declarada padroeira do matrimônio, e nas festas de casamento faziam-se brindes em sua homenagem, além de a Odin e Thor.

Frigga era a deusa da atmosfera, ou das nuvens, e era representada usando roupas ora brancas como a neve, ora escuras, conforme seu humor, um tanto volúvel. Era rainha dos deuses, e apenas ela tinha o privilégio de se sentar no trono Hlidskialf, ao lado do augusto esposo. Assim, também podia vigiar o mundo e observar o que estava acontecendo. Além disso, segundo a crença dos povos nórdicos, Frigga conhecia o futuro, porém ninguém conseguia obrigá-la a revelá-lo, uma prova de que as mulheres nórdicas são capazes de guardar segredos.

*De mim os deuses nasceram;
E todo o porvir eu sei, mas guardo
No peito e a ninguém revelo.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Ela em geral era representada como uma mulher alta, bonita e imponente, coroada de plumas de garça — símbolo do silêncio e do esquecimento — e trajada em túnicas de branco puro, presas na cintura por uma cinta dourada, da qual pendia um molho de chaves, sinal característico da dona de casa nórdica, de quem se dizia ser ela a padroeira. Embora aparecesse com frequência ao lado do marido, Frigga preferia ficar em seu próprio palácio, chamado Fensalir, o salão das brumas ou do mar, onde ela cuidadosamente girava sua roca, fiando fios dourados ou tecendo longas teias de nuvens de cores vivas.

Para realizar esse trabalho, ela usava uma roca maravilhosamente cravejada de joias, que à noite brilhava no céu como uma constelação, conhecida no Norte como Roca de Frigga, enquanto os moradores do Sul chamam as mesmas estrelas de Cinturão de Órion.

Ao seu palácio Fensalir, a graciosa deusa convidava maridos e esposas que houvessem levado vidas virtuosas na terra, de modo que pudessem desfrutar da companhia um do outro mesmo depois da morte e nunca mais precisassem se separar.

*No vale estreito, fica Fensalir, a casa
De Freya, venerável mãe dos deuses,
E mostra janelas acesas e portas abertas.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Frigga era, portanto, considerada a deusa do amor conjugal e maternal, e era especialmente cultuada por amantes casados e pais afetuosos. Essa importante incumbência, contudo, não absorvia inteiramente os pensamentos dela, pois se conta que ela gostava muito de roupas e, sempre que aparecia diante dos deuses reunidos, seu traje era elaborado e elegante, e suas joias, escolhidas com muito bom gosto.

O ouro roubado

O amor de Frigga por adornos certa vez causou um lamentável desvio de conduta, pois, em sua ânsia de possuir um novo ornamento, ela furtou uma peça de ouro de uma estátua que representava seu marido recém-colocada no templo. O metal roubado foi entregue aos anões, com instruções para que fabricassem um colar maravilhoso para ela. Esse colar, quando ficou pronto, era tão resplandecente que realçou os encantos da deusa de forma extraordinária e até mesmo aguçou o amor de Odin por ela. Mas quando ele descobriu o roubo, convocou furioso os anões e mandou que revelassem quem havia ousado tocar sua estátua. Para não trair a rainha dos deuses, os anões permaneceram obstinadamente calados. Vendo que não conseguiria extrair nenhuma informação deles, Odin mandou que a estátua fosse colocada acima do portão do templo e se pôs a trabalhar para criar runas que a dotassem do poder da fala e a permitissem, assim, denunciar o ladrão. Quando Frigga ficou sabendo dessa notícia, estremeceu de medo e implorou que sua criada favorita, Fulla, inventasse algum meio de protegê-la da ira do Pai de Todos. Fulla, sempre a postos para servir sua senhora, imediatamente partiu, e logo voltou acompanhada de um anão hediondo, que prometeu impedir a estátua de falar caso Frigga se dignasse a sorrir graciosamente para ele em troca. Com essa dádiva concedida, o anão foi depressa ao templo, fez com que os guardas adormecessem profundamente e, enquanto estavam inconscientes, tirou a estátua do pedestal e a quebrou em pedaços, de modo que não poderia jamais trair o furto de Frigga, apesar de todos os esforços de Odin para dar à estátua o poder da fala.

Odin, descobrindo o sacrilégio no dia seguinte, ficou realmente furioso; tanto que partiu de Asgard e desapareceu, levando consigo todas as bênçãos que costumava derramar sobre os deuses e os homens. Segundo alguns estudiosos, os irmãos do deus, como já vimos, aproveitaram sua ausência para assumir a forma de Odin e garantir a posse de seu trono e de sua esposa. Porém, embora tivessem a aparência exata do deus, não foram capazes de restaurar as bênçãos perdidas e permitiram que os gigantes de gelo, ou Jotuns,

invadissem a terra e a prendessem em seus grilhões gelados. Esses gigantes cruéis esmagaram as folhas e botões até que murchassem, deixaram as árvores nuas, cobriram a terra com um grande manto branco e com véus de brumas impenetráveis.

Mas, ao final de sete meses exaustivos, o verdadeiro Odin cedeu e voltou. Ao ver todo o mal que havia sido feito, expulsou os usurpadores, e obrigou os gigantes de gelo a abrandarem seu jugo sobre a terra e a libertarem de suas correntes gélidas. Então, o deus novamente derramou suas bênçãos sobre ela, alegrando-a com a luz de seu sorriso.

Odin ludibriado

Como já foi visto, Odin, embora deus da astúcia e da sabedoria, às vezes não era páreo para sua esposa Frigga, que sabia obter o que queria de uma maneira ou de outra. Em uma ocasião, o casal augusto estava sentado no Hlidskialf, contemplando com interesse os Vinilos e os Vândalos se prepararem para uma batalha que decidiria qual povo teria a supremacia dali em diante. Odin via com satisfação os Vândalos, que rezavam para ele pedindo a vitória; enquanto Frigga voltava sua atenção para os Vinilos, pois eles haviam pedido sua ajuda. Ela portanto se virou para Odin e persuasivamente perguntou a quem ele pretendia favorecer no dia seguinte. O deus, querendo escapar da pergunta, declarou que não tomaria nenhuma decisão, porque estava na hora de dormir, mas daria a vitória ao primeiro que visse ao abrir os olhos na manhã seguinte.

Essa resposta foi calculada com astúcia, pois Odin sabia que seu leito era virado para o lado dos Vândalos, e ele pretendia olhar para lá ainda deitado, em vez de esperar até se sentar no trono. Mas, embora sagaz, esse plano foi frustrado por Frigga, que, adivinhando o propósito do marido, esperou até que ele estivesse dormindo profundamente, e então, sem fazer barulho, virou o leito para que ele acordasse voltado para os favoritos dela. Então ela mandou os Vinilos vestirem suas mulheres com armaduras e enviá-las para a

batalha ao amanhecer, com seus cabelos longos penteados com cuidado sobre os rostos e seios.

*Peguem suas mulheres,
Donzelas e esposas:
Nos tornozelos
Amarrem a calça branca de guerra;
Sobre os seios
Prendam as cotas de malha;
Sobre os lábios
Façam longas tranças com astúcia;
Para que animais guerreiros barbados
O rei Odin as considere,
Quando na praia cinzenta
Na aurora o saudarem.*

THE LONGBEARDS' SAGA [A SAGA DOS LONGOBARDOS], CHARLES KINGSLEY

Essas instruções foram executadas com escrupulosa minúcia, e, quando Odin acordou na manhã seguinte, seu primeiro olhar consciente caiu sobre a hoste armada. Então ele exclamou, surpreso: “Quem são esses homens de longas barbas?” (Em alemão, a antiga palavra para “barbas longas” era *Langobarden*, o nome usado para designar os lombardos.) Frigga, ao ouvir essa exclamação, que ela havia previsto, imediatamente exclamou em triunfo que o Pai de Todos lhes dera um novo nome, e por honra era obrigada a seguir o costume nórdico de oferecer também um presente de batismo.

*Um nome lhes deste,
Não envergonhes nem a ti, nem a eles
Pois eles bem o mereceram.
Dá-lhes a vitória,
Te saudaram primeiro;
Dá-lhes a vitória,
Meu companheiro!*

THE LONGBEARDS' SAGA [A SAGA DOS LONGOBARDOS], CHARLES KINGSLEY

Odin, vendo que havia sido ludibriado de modo tão astuto, não hesitou, e, em memória da vitória que o favor dele lhes concedeu, os Vinilos conservaram o nome dado pelo rei dos deuses. Este desde então zelaria por eles com atenção especial, concedendo-lhes muitas bênçãos, entre elas um lar no Sul ensolarado, nas férteis planícies da Lombardia.

Fulla

Frigga tinha como criadas especiais uma série de belas donzelas, entre as quais Fulla (Volla), sua irmã, segundo alguns estudiosos, a quem ela confiou sua caixa de joias. Fulla sempre cuidava da toalete da senhora, tinha o privilégio de calçar seus sapatos dourados, acompanhava-a a toda parte, era sua confidente e muitas vezes a aconselhava sobre a melhor maneira de ajudar os mortais que imploravam seu socorro. Fulla era muito bonita, de fato, com longos cabelos dourados, que ela usava soltos sobre os ombros, contidos apenas por um arco ou um diadema dourado. E como seus cabelos eram um emblema do trigo dourado, esse diadema representava a amarração do feixe de trigo. Fulla também era conhecida como Abundia, ou Abundantia, em algumas partes da Alemanha, onde era considerada o símbolo da plenitude da terra.

Hlin, a segunda criada de Frigga, era a deusa da consolação, enviada para beijar os enlutados e secar suas lágrimas, despejando bálsamo em seus corações compungidos pelo luto. Ela também escutava sempre atentamente as orações dos mortais, levando-as até sua senhora e aconselhando-a, às vezes, sobre a melhor forma de responder e conceder o alívio desejado.

Gná

Gná era a ágil mensageira de Frigga. Montada em seu corcel veloz Hofvarpnir (escoiceante), ela viajava com rapidez extraordinária através do fogo e do ar, por terras e por mares, e era portanto considerada a personificação da brisa refrescante. Em disparada para

cá e para lá, Gná via tudo o que estava acontecendo na terra e contava para sua senhora o que sabia. Certa ocasião, ao passar sobre Hunaland, ela viu o rei Rerir, descendente da linhagem de Odin, sentado triste na praia, chorando a ausência de filhos. A rainha do céu, que era também a deusa dos nascimentos, ao ficar sabendo disso pegou uma maçã (emblema da fertilidade) de sua própria despensa, deu-a a Gná e mandou que ela levasse a fruta ao rei. Com a rapidez do elemento que ela personificava, Gná partiu e, ao passar sobre Rerir, deixou a maçã cair no colo do rei com um sorriso radiante.

“O que voa no alto, que passa tão depressa?”

A resposta veio das nuvens, em uma rajada:

“Não voo, nem passeio, mas cavalgo,

Escoiceante por nuvens, bruma e céu.”

ASGARD AND THE GODS [ASGARD E OS DEUSES],

WILHELM WÄGNER E M.W. MACDOWALL

O rei ponderou por um momento o significado daquela súbita aparição e daquele presente, e então voltou correndo para casa, com o coração acelerado de esperança, e deu a maçã para a esposa comer. No tempo devido, para sua intensa alegria, ela deu à luz um filho, Volsungo, o grande herói nórdico, que se tornou tão famoso que deu nome a toda sua raça.

Lofn, Vjofn e Syn

Além das três criadas mencionadas, Frigga tinha outras em seu séquito. Havia a meiga e graciosa donzela Lofn (louvor ou amor), cuja tarefa era remover todos os obstáculos do caminho dos amantes.

Meu lírio, do mancal da sela,

Levei pelo templo, até o altar,

Onde, entre sacerdotes, ela

Disse votos de Lofn sem hesitar.

O dever de Vjofn era influenciar corações obstinados para o amor, manter a paz e a concórdia entre os homens, e reconciliar desavenças entre maridos e esposas. Syn (verdade) guardava a porta do palácio de Frigga, recusando-se a abri-la para quem não tivesse permissão de entrar. Quando ela fechava a porta diante de um intruso, não havia apelo capaz de fazê-la mudar sua decisão. Presidia todos os tribunais e julgamentos, e sempre que uma proposta era vetada costumava-se declarar que Syn era contra.

Gefion

Gefion também era uma das donzelas do palácio de Frigga, e a ela eram confiados todos os que morriam solteiros, a quem ela recebia e tornava felizes para sempre.

Segundo alguns estudiosos, Gefion não era uma donzela, mas sim casada com um dos gigantes, com quem tinha quatro filhos. Essa mesma tradição ainda declara que Odin enviou-a na frente em sua visita a Gylfi, rei da Suécia, para pedir um pedaço de terra que ela pudesse chamar de seu. O rei, achando graça no pedido, prometeu lhe conceder o tanto de terra que ela conseguisse arar em um dia e uma noite. Gefion, sem se abalar, transformou os quatro filhos em bois, atrelou-os a um arado e começou a abrir um sulco tão largo e profundo que o rei e sua corte ficaram impressionados. Gefion continuou trabalhando sem mostrar sinal de fadiga e, quando já havia arado todo um grande pedaço de terra, arrastou pesadamente toda aquela terra revolvida e obrigou seus bois a despejá-la no mar, onde criou uma ilha chamada Zelândia.

*Gefion tirou de Gylfi,
Rico em tesouros guardados,
A terra que agregou à Dinamarca.
Com quatro cabeças e oito olhos,
Em suor quente banhados,*

*Os bois arrastaram a massa arrancada
Que formou essa terra encantadora.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Quanto ao vazio que ela deixou para trás, rapidamente se encheu de água e formou um lago, a princípio chamado Logrum (mar), mas hoje conhecido como Mälär, cujas margens recortadas correspondem ao formato da costa da Zelândia. Gefion então se casou com Skiold, um dos filhos de Odin, e se tornou ancestral do ramo real dinamarquês dos Skioldungs, vivendo na cidade de Hleidra ou Lethra, fundada por ela e que passou a ser o principal local de sacrifício para os pagãos dinamarqueses.

Eira, Vara, Vör e Snotra

Eira, também criada de Frigga, era considerada a médica mais hábil. Coletava ervas de toda a terra para curar feridas e doenças, e era sua incumbência ensinar ciência às mulheres, que eram as únicas a praticar a medicina entre esses antigos povos do Norte.

Feridas abertas, Eira é quem fecha.

VALHALLA, J.C. JONES

Vara ouvia todas as juras e castigava os perjuros, enquanto recompensava aqueles que mantinham fielmente sua palavra. E havia também Vör (fé), que sabia tudo o que estava para acontecer no mundo, e Snotra, deusa da virtude, que havia dominado todo o conhecimento.

Com tal constelação de criadas, não é estranho que Frigga fosse considerada uma divindade poderosa. No entanto, apesar do lugar de destaque que ela ocupava na religião nórdica, não tinha nenhum templo ou santuário especial e era pouco cultuada, exceto na companhia de Odin.

Holda

Embora Frigga não fosse conhecida por esse nome no sul da Alemanha, havia outras deusas ali cultuadas cujos atributos eram idênticos aos dela, não deixando dúvidas de que eram a mesma deusa, embora tivessem nomes diferentes nas diversas províncias. Entre elas, havia a bela deusa Holda (Hulda ou *Frau Holle*), que generosamente ofertava belos presentes. Como ela presidia o clima, as pessoas costumavam dizer, quando a neve caía, que *Frau Holle* estava sacudindo a cama e, quando chovia, que ela estava lavando a roupa, muitas vezes apontando as nuvens brancas como seu lençol que ela pusera para tomar sol. Quando longas faixas cinzentas de nuvens percorriam o céu, dizia-se que ela estava tecendo, pois supostamente também era excelente tecelã, fiandeira e dona de casa. Dizia-se que ela dera o linho para a humanidade e a ensinara a usá-lo, e em Tirol se conta a seguinte história de como ela concedeu esse dom valioso.



A descoberta do linho

Era uma vez um camponês que todo dia deixava a esposa e os filhos no vale para levar suas ovelhas para pastar montanha acima; enquanto as vigiava pastando na encosta, ele às vezes usava sua besta para caçar camurças, cuja carne supria sua despensa com comida por muitos dias.

Enquanto perseguia um belo animal certo dia, ele viu a camurça sumir atrás de uma rocha. Quando chegou ao local, ficou espantado de encontrar um portal em uma geleira, pois na excitação da caçada ele escalara cada vez mais alto, até chegar ao topo da montanha, onde reluziam as neves eternas.

O camponês, numa atitude ousada, atravessou o portal aberto e logo se viu em uma maravilhosa caverna cravejada de joias, repleta de estalactites, no centro da qual havia uma bela mulher vestindo uma túnica prateada, cercada por uma hoste de adoráveis donzelas coroadas de rosas-alpinas. Surpreso, ele se ajoelhou e, como em um sonho, ouviu a majestosa figura central lhe dizer para escolher o que quisesse dali para levar consigo. Embora atordoado com o fulgor das pedras preciosas à sua volta, os olhos do camponês eram constantemente atraídos para um pequeno buquê de flores azuis que a graciosa aparição tinha nas mãos, e ele então, com timidez, fez o pedido do buquê. Sorrindo com prazer, Holda, que segurava o buquê, o entregou ao homem, dizendo-lhe que havia escolhido com sabedoria e viveria uma vida longa enquanto as flores não murchassem e desbotassem. Então, dando ao camponês um punhado de sementes e ordenando que ele as semeasse em seu campo, a deusa se despediu; e quando soou o trovão e a terra tremeu, o pobre homem se viu mais uma vez na encosta da montanha e devagar se encaminhou de volta para a esposa, a quem contou sua aventura e mostrou as adoráveis flores azuis e o punhado de sementes.

A mulher censurou amargamente o marido por não ter trazido algumas das pedras preciosas que ele descrevera com tanta admiração, em vez de flores e sementes. Apesar das repreensões da esposa, o homem mais tarde as semeou e descobriu surpreso que o punhado de sementes era o bastante para vários acres.

Logo os pequenos brotos verdes começaram a aparecer. Em uma noite enluarada, o camponês parou para contemplá-los, como costumava fazer, pois sentia uma curiosa atração pelo campo que havia semeado, e ficava ali imaginando que tipo de grão seria produzido. Ele então viu uma forma nebulosa pairando sobre o campo, com as mãos estendidas como se desse uma bênção. Enfim o campo floresceu, e inúmeras florzinhas azuis abriram seus cálices ao sol dourado. Quando as flores murcharam e a semente ficou madura, Holda voltou para ensinar ao camponês e sua esposa como colher o linho — pois era disso que se tratava — e fiá-lo, tecê-lo e clareá-lo. Como o povo das redondezas comprou deles linho e sementes de linho, o camponês e a esposa logo ficaram muito ricos, e enquanto ele arava, semeava e colhia, ela fiava, tecia e clareava o linho. O homem viveu até uma idade avançada e venerável, e viu seus netos e bisnetos crescerem à sua volta. Todo esse tempo seu precioso e bem cuidado buquê permaneceu viçoso como no dia em que ele o levou para casa, mas certo dia o homem viu que durante a noite as flores haviam caído e começado a morrer.

Sabendo o que isso agourava, o camponês subiu mais uma vez a montanha, até a geleira, e reencontrou o portal que muitas vezes em vão tornara a procurar. Ele adentrou o portal gelado e nunca mais foi visto nem voltou-se a se ouvir falar dele, pois, segundo a lenda, a deusa tomou-o sob seus cuidados e o levou para morar em sua caverna, onde todos os desejos dele foram satisfeitos.

Tannhäuser

Segundo uma tradição medieval, Holda morava em uma caverna em Hörselberg, na Turíngia. Lá, era conhecida como *Frau Vênus* e considerada uma feiticeira que atraía os mortais para seus domínios,

onde os retinha para sempre, fartando seus sentidos com todos os prazeres sensuais possíveis. A mais famosa de suas vítimas foi Tannhäuser, que, depois de viver sob seu feitiço por uma temporada, passou a ter sentimentos revoltosos que amainaram o controle que a deusa detinha sobre ele e o fizeram temer pela sua alma. Ele escapou de seu poder e foi às pressas a Roma para confessar seus pecados e buscar absolvição. Mas quando o papa ficou sabendo de sua associação com a deusa pagã, deuses que os padres diziam não passarem de demônios, declarou que a esperança do cavaleiro de obter perdão era como esperar que seu cajado desse brotos e florescesse.



Tannhäuser e Frau Vênus

J. WAGREZ

*Deitaste acaso nas redes de Satã?
Juraste a alma perder para ela?
Emprestaste a boca à feiticeira infernal,
Para beber danação da taça pestilenta?
Então sabe que é mais fácil o cajado velho
Que tenho na mão dar folhas verdes
Que da marca do fogo do inferno ressuscitar
As flores da salvação.*

“TANNHÄUSER”, OWEN MEREDITH (PSEUDÔNIMO DE EDWARD ROBERT BULWER-LYTTON)

Arrasado de tristeza diante desse pronunciamento, Tannhäuser fugiu, e, apesar dos pedidos de seu fiel amigo Eckhardt, não passou muito tempo até que voltasse a Hörselberg, onde sumiu dentro da caverna. Mal ele havia desaparecido, contudo, os mensageiros do papa chegaram, proclamando que ele estava perdoado, pois o cajado seco milagrosamente florescera, provando assim que não havia pecado tão hediondo que não pudesse ser perdoado, contanto que o arrependimento fosse sincero.

*Dilacerado pela viagem, orvalhado de pressa,
Um mensageiro vinha e na mão trazia
Um cajado seco florido e com folhas verdes;
Que, seguido por uma multidão de jovens e velhos,
Cantava para espanto da cotovia no céu,
“Milagre! Um milagre desde Roma!
Glória a Deus que faz da vara nua verdor!” —
Saltou à frente e, ávido, perguntou
Notícias do cavaleiro Tannhäuser.*

“TANNHÄUSER”, OWEN MEREDITH (PSEUDÔNIMO DE EDWARD ROBERT BULWER-LYTTON)

Holda também era dona de uma fonte mágica chamada Quickborn, que rivalizava com a famosa fonte da juventude, e de uma carruagem que ela usava para ir de um lugar a outro quando inspecionava seus domínios. Quando essa carruagem certa vez quebrou, a deusa mandou um fabricante de carroças consertá-la e, quando ele

terminou o serviço, disse-lhe que ficasse com alguns cavacos do conserto como pagamento. O homem ficou indignado com recompensa tão escassa e guardou apenas alguns pedaços de madeira; mas, para sua surpresa, descobriu no dia seguinte que estes haviam se convertido em ouro.

*Fricka, tua esposa —
Assim ela arreia seus carneiros.
Ora! como rodopia
O chicote dourado;
Animais sem sorte
Balem sem freio;
As rodas ela faz trepidar;
Ira ilumina seu semblante.*

O ANEL DO NIBELUNGO, RICHARD WAGNER
(TRADUÇÃO INGLESA DE FORMAN)

Eostre, a deusa da primavera

A deusa saxã Eostre, ou Ostara, deusa da primavera, cujo nome sobreviveu em inglês na palavra *Easter* [Páscoa], é também identificada com Frigga, pois é da mesma forma considerada deusa da terra, ou melhor, da ressurreição da natureza após a longa morte do inverno. Essa deusa graciosa era tão amada pelos antigos teutos que, mesmo depois que o cristianismo foi introduzido, eles conservaram uma lembrança muito agradável dela e se recusaram a degradá-la à categoria de demônio, como muitas outras de suas divindades, e transferiram seu nome à grande festa cristã da Páscoa. Era um antigo costume celebrar esse dia com a troca de ovos coloridos como presentes, pois o ovo é o emblema do início da vida; tanto que os primeiros cristãos continuaram a observar essa regra, declarando, no entanto, que o ovo é também símbolo da Ressurreição. Em diversas partes da Alemanha, ainda podem ser vistos altares de pedra, conhecidos como Osterstein, pedras de Páscoa, porque eram dedicados à bela deusa Ostara. As pedras eram

coroadas de flores pelos jovens, que dançavam alegremente em torno, à luz de grandes fogueiras — uma espécie de folguedo popular praticado até meados do século XX, apesar das denúncias dos padres e da publicação de diversos decretos contra tais festas.

Bertha, a Dama de Branco

Em outras partes da Alemanha, Frigga, Holda ou Ostara é mais conhecida pelo nome de Berchta, Bertha ou a Dama de Branco. Essa alcunha é mais comum na Turíngia, onde supostamente morava em uma montanha oca, vigiando os Heimchen, as almas de crianças não nascidas e dos mortos sem batismo. Ali, Bertha zelava pela agricultura, cuidando das plantas, que sua tropa infantil regava com diligência, pois cada bebê carregava uma jarrinha com esse propósito específico. Enquanto a deusa foi devidamente respeitada e seu refúgio permaneceu imperturbado, ela continuou onde estava; mas, segundo a tradição, ela um dia partiu com sua trupe infantil arrastando seu arado e se estabeleceu em outra região para continuar suas tarefas generosas. Bertha é a ancestral lendária de diversas famílias nobres e aparentemente é também a rainha diligente homônima, a mãe mítica de Carlos Magno, cuja era se tornou proverbial, pois ao se falar da Idade de Ouro na França e na Alemanha é costume dizer “no tempo em que Bertha fiava.”

Como essa Bertha ao que parecia tinha pés muito grandes e chatos por pisar continuamente o pedal de sua roca, ela costuma ser representada na arte medieval como uma mulher de pés achatados e ficou conhecida como *la reine pédauque*, a rainha com pés de ganso.

Como ancestral da casa imperial da Alemanha, conta-se que a Dama de Branco aparece no palácio antes de uma morte ou infortúnio na família. Essa superstição permaneceu tão viva na Alemanha que os jornais em 1884 continham um relato oficial de um sentinela declarando tê-la visto passar por ele em um corredor do palácio.

Como Bertha era uma famosa fiandeira, naturalmente foi considerada padroeira desse ramo da indústria feminina. Além disso,

se dizia que ela percorria as ruas de todas as aldeias, ao anoitecer, durante as 12 noites entre o Natal e o dia 6 de janeiro, espiando por todas as janelas para inspecionar como andava a fiação nas casas.

As donzelas que trabalhavam com cuidado eram recompensadas com um presente, um dos fios dourados da deusa ou uma roca cheia de linho fino. Porém, sempre que Bertha descobria uma fiandeira negligente, sua roca se quebrava, seu linho se sujava e, se ela não honrasse a deusa comendo muitos bolos assados naquele período do ano, seria cruelmente castigada.

Em Meclemburgo, essa mesma deusa é conhecida como *Frau Gode*, ou *Wode*, a forma feminina de Wotan ou Odin, e sua aparição é sempre considerada auspício de grande prosperidade. Aparentemente, ela é também uma grande caçadora, que conduzia a Caçada Selvagem montada em um cavalo branco, suas criadas sendo transformadas em cães e em todo tipo de animais selvagens.

Na Holanda, era chamada *Vrou-elde*, e por causa dela a Via Láctea é conhecida pelos holandeses como *Vrou-elden-straat* [rua da senhora Elde]. Já em partes do norte da Alemanha ela era chamada de Nerthus (Mãe Terra). Sua carruagem sagrada ficava em uma ilha, possivelmente Rügen, onde os sacerdotes a guardavam com zelo até que ela aparecesse para a viagem anual por seus domínios, para abençoar a terra. A deusa, com o rosto completamente oculto por um véu grosso, então sentava em sua carruagem, puxada por duas vacas, e era respeitosamente acompanhada por seus sacerdotes. Quando ela passava, as pessoas a homenageavam interrompendo todas as guerras e depondo as armas. Vestiam roupas festivas e começavam uma trégua até a deusa retornar ao seu santuário. Então ambas, carruagem e deusa, eram banhadas em um lago secreto (o Schwartzsee, em Rügen), cujas águas engoliam os escravos que a auxiliavam nesse banho, e mais uma vez os sacerdotes retomavam sua vigília do santuário e do bosque de Nerthus, ou Hlodyn, para esperar a próxima aparição da deusa.

Na Escandinávia, essa deusa também era conhecida como Huldra e ostentava um séquito de ninfas do bosque que a serviam. Essas

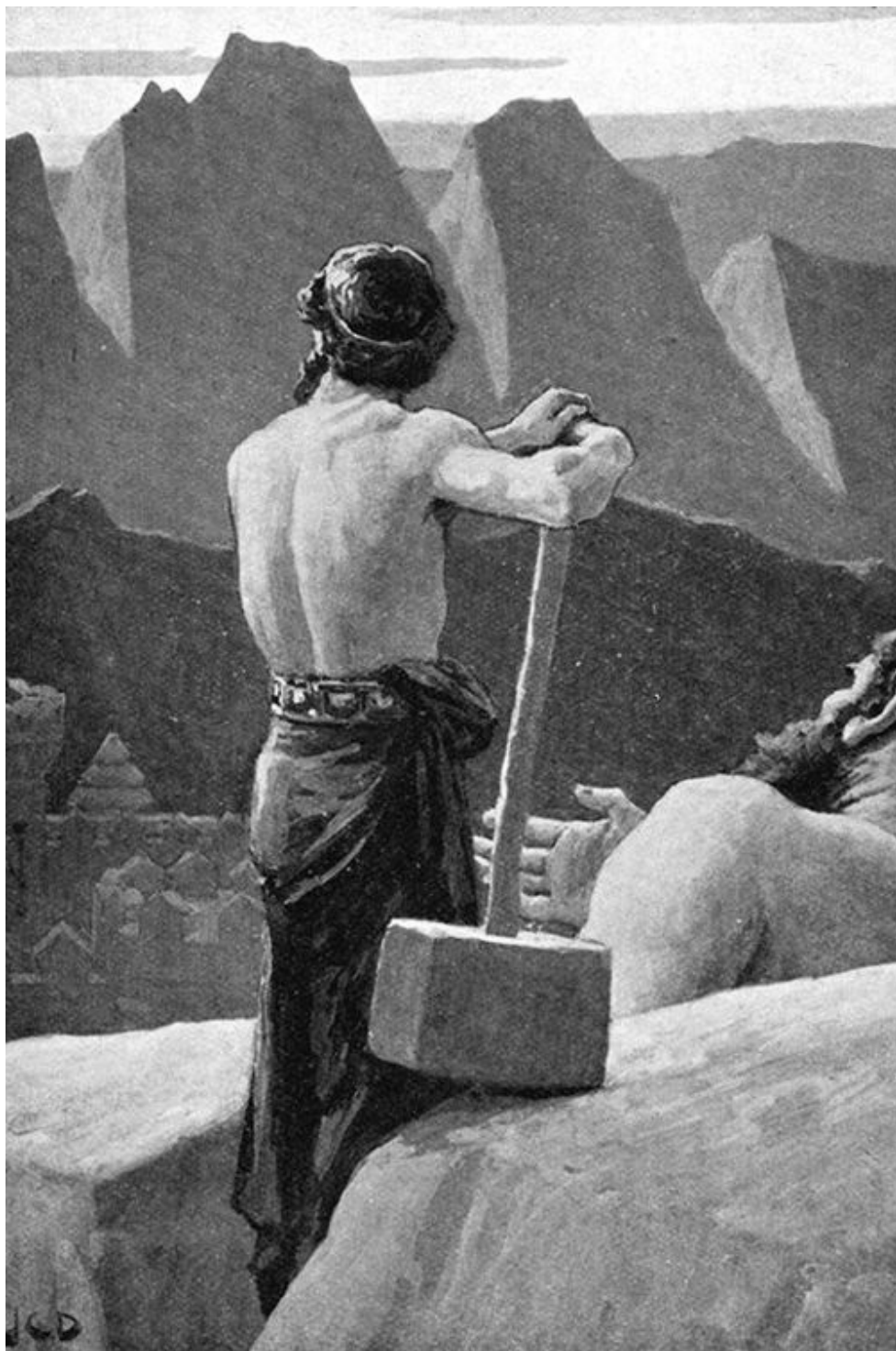
ninfas às vezes buscavam o convívio com os mortais para desfrutar de bailes nos campos das aldeias, no entanto, sempre podiam ser reconhecidas pela ponta de um rabo de vaca aparecendo sob suas longas túnicas brancas. Essas servas de Huldra eram as protetoras especiais do gado nas encostas das montanhas e dizia-se que surpreendiam viajantes solitários com a maravilhosa beleza das melodias que cantavam para passar as horas durante suas tarefas.

Capítulo



Thor





Thor e a montanha
J.C. DOLLMAN



O trovejador

Segundo alguns mitógrafos, Thor, ou Donar, é o filho de Jord (Erda) e de Odin, mas outros afirmam que sua mãe era Frigga, rainha dos deuses. Essa criança era notável por seu grande tamanho e por sua força, e logo após o nascimento espantou os deuses ao erguer com desembaraço e atirar longe cerca de dez fardos de peles de urso. Embora geralmente bem-humorado, Thor às vezes era tomado por uma fúria terrível, e, como se tornava muito perigoso nesses momentos, sua mãe, incapaz de controlá-lo, mandou-o embora de casa e incumbiu sua criação a Vingnir (alado) e Hlora (calor). Esses pais adotivos, também considerados personificações do relâmpago, logo deram conta desse difícil encargo e criaram o menino com tanta sabedoria que os deuses guardariam uma grata lembrança de seu generoso trabalho. O próprio Thor, reconhecendo tudo o que devia a eles, adotaria os nomes Vingthor e Hlorridi, pelos quais também é conhecido.

Chora, Vingi-Thor,

Na dança da cota de malha e dos castigados escudos de guerra.

SIGURD THE VOLSUNG [SIGURD, O VOLSUNGO], WILLIAM MORRIS

Tendo alcançado pleno amadurecimento e a idade da razão, Thor foi admitido em Asgard entre os outros deuses, onde ocupou um dos 12 assentos no grande salão de julgamentos. A ele também foi concedido o domínio de Thrudvang ou Thrudheim, onde construiu

um magnífico palácio chamado Bilskirnir (relâmpago), o mais espaçoso em toda Asgard. O palácio continha 540 salões para acomodação dos thralls, escravos que depois de mortos eram bem recebidos na casa do deus, onde recebiam tratamento igual ao de seus senhores em Valhala, pois Thor era o deus padroeiro dos camponeses e das classes pobres.

*Quinhentos salões
E mais quarenta,
Creio, havia
No abobadado Bilskirnir.
Das casas cobertas,
Nenhuma que eu saiba
É maior que a de meu filho.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE PERCY)*

Como era o deus do trovão, Thor era o único que não tinha permissão de passar pela maravilhosa ponte Bifrost, para que não a incendiasse com o calor de sua presença. Quando queria se reunir a seus colegas deuses em torno da fonte Urdar, à sombra da sagrada árvore Yggdrasil, era obrigado a ir andando, atravessando os rios Körmt e Örmt, e os dois córregos Kerlaugar, até o idílico local.

Thor, que era louvado como o deus mais elevado na Noruega, ficava em segundo lugar nos outros três países nórdicos. Era chamado de “velho Thor”, porque, segundo alguns mitógrafos, pertencia a uma dinastia de deuses mais antiga — e não devido à sua idade de fato, pois ele era representado e descrito como um homem em seu auge, alto e de bela figura, com membros musculosos e cabelos e barba ruivos e eriçados, dos quais, nos momentos de raiva, voavam chuvas de fagulhas.

*Primeiro, Thor cabisbaixo,
Resmungando sob a barba ruiva,
Lançando dos olhos fulgurantes raios,*

*Vem, enquanto as carruagens
Estrondam como trovões,
Quando seu martelo bate,
A Terra e o Céu estremecem,
Nuvens no alto se agitam e a Terra abaixo treme.*

VALHALLA, J.C. JONES

Os povos nórdicos ainda o adornavam com uma coroa, cujas pontas tinham uma estrela cintilante ou uma chama sempre ardente, de modo que sua cabeça estava permanentemente circundada por um delicado halo de fogo, seu elemento.

O martelo de Thor

Thor era o orgulhoso dono de um martelo mágico chamado Mjölhnir (esmagador), que atirava em seus inimigos, os gigantes de gelo, com força letal. Mjölhnir tinha a fantástica propriedade de sempre voltar para sua mão, por mais longe que fosse atirado.

*Sou o Trovejador!
Aqui no meu Norte,
Meu refúgio e fortaleza,
Rejo eternamente!*

*Aqui entre icebergues
Reino os povos;
Eis meu martelo,
Poderoso Mjölhnir;
Gigantes nem feiticeiros
Podem a ele resistir!*

THE SAGA OF KING OLAVO [A SAGA DO REI OLAVO], H.W. LONGFELLOW

Como esse imenso martelo, emblema do relâmpago, costumava estar em brasa, o deus tinha uma luva chamada Járngreipr, que lhe permitia segurá-lo com firmeza. Ele era capaz de lançar Mjölhnir a

uma grande distância, e sua força, sempre notável, era duplicada quando ele usava seu cinturão mágico Megingjord.

*Este é meu cinturão:
Sempre que o uso,
Minha força é dobrada!*

THE SAGA OF KING OLAVO [A SAGA DO REI OLAVO], H.W. LONGFELLOW

O martelo de Thor era considerado tão sagrado pelo antigo povo nórdico que eles costumavam fazer o sinal do martelo — assim como faziam mais tarde o sinal da cruz ensinado pelos cristãos — para se benzer contra todas as influências malignas e assegurar as bênçãos. O mesmo sinal era feito sobre um recém-nascido enquanto a água era despejada sobre sua cabeça e um nome era concedido ao bebê. O martelo era usado para cravar estacas no chão como marcos de limites de terra, e a remoção desses marcos era uma sacrilégio. Também com o martelo se benzia o umbral de uma casa nova, assim como se consagrava solenemente um casamento. Por fim, o instrumento também desempenhava um papel na consagração da pira funerária em que os corpos dos heróis, assim como suas armas e cavalos — e, em alguns casos, também suas esposas e dependentes — eram queimados.

Na Suécia, Thor, assim como Odin, supostamente usava um chapéu de aba larga, e por isso as nuvens de tempestade nesse país são conhecidas como “chapéu de Thor”, nome dado também a uma das principais montanhas da Noruega, Torghatten. Dizia-se que o estrondo e o rumor do trovão eram sua carruagem passando, pois ele era o único entre os deuses que jamais montava em cavalos, mas sempre caminhava, ou dirigia sua brônzea carruagem puxada por duas cabras, Tanngnjóstr (rosnador) e Tannggrisnr (rangedor), de cujos dentes e cascos voavam centelhas.

*Vieste em seguida, ó guerreiro Thor!
Com o martelo no ombro, em tua carruagem,
Puxada por cabras hirsutas de arreios prateados.*

Quando o deus assim se transportava de um lugar para outro, era chamado Aku-Thor, ou Thor, o condutor. No sul da Alemanha, o povo, imaginando que uma única carruagem de bronze não seria capaz de produzir todo o barulho que ouviam, dizia que ela estava carregada de chaleiras de cobre, que sacudiam e se chocavam, e portanto costumavam chamar o deus, com desrespeitosa intimidade, de vendedor de chaleiras.

A família de Thor

Thor se casou duas vezes. Primeiro com a gigante Jarnsaxa (pedra de ferro), que lhe deu dois filhos, Magni (força) e Modi (coragem), ambos destinados a sobreviver à morte do pai e ao crepúsculo dos deuses, para então reinar sobre o novo mundo que surgiria como uma fênix das cinzas do primeiro. Sua segunda esposa foi Sif, a de cabelos dourados, que também lhe deu duas crianças, Lorríde e uma jovem gigante chamada Thrud, famosa por seu tamanho e por sua força. Fazendo jus à ideia de que opostos se atraem, Thrud foi cortejada pelo anão Alvis, de quem por certo gostava. E quando o pretendente se apresentou em Asgard para pedir sua mão certa noite — pois, sendo anão não podia sair à luz do dia —, os deuses reunidos não recusaram o consentimento. Mal eles haviam dado a permissão quando Thor, que estivera ausente, subitamente apareceu e, lançando um olhar de desdém para o pretendente insignificante, declarou que ele precisaria provar que seu conhecimento compensava a pequena estatura antes de conquistar sua noiva.

Para testar a capacidade mental de Alvis, Thor então lhe fez perguntas sobre a língua dos deuses, sobre os Vanas, os elfos e os anões, prolongando propositadamente seu exame até o amanhecer, quando o primeiro raio de luz, caindo sobre o anão infeliz, petrificou-o. Ali ele ficou, um permanente exemplo do poder dos deuses, para servir de alerta a todos os outros anões que ousassem colocar esse poder à prova.

*Jamais em peito humano
Encontrei tantas
Palavras dos velhos tempos.
A ti, com sutil astúcia,
Ainda assim, iludi.
Acima do chão ficas, anão
Pelo dia arrebatado,
O sol claro enche o salão.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE HOWITT)*

Sif, dos cabelos dourados

Sif, esposa de Thor, tinha muito orgulho de sua magnífica cabeleira dourada, que ia da cabeça aos pés como um véu brilhante. E como também ela era um símbolo da terra, seu cabelo, dizia-se, representava a relva alta ou o trigo dourado dos campos nórdicos. Thor tinha muito orgulho do belo cabelo da esposa; imagine sua decepção, portanto, ao acordar certa manhã e encontrá-la tosada, careca e despida de ornamentos, como a terra quando o trigo foi colhido, sobrando apenas o restolho! Em sua fúria, Thor se pôs de pé subitamente, jurando que castigaria o causador daquele ultraje, que ele no mesmo instante, e com razão, imaginou ter sido Loki, o arquiconspirador, sempre à espreita para fazer alguma maldade. Empunhando seu martelo, Thor saiu em busca de Loki, que tentou escapar do deus furioso mudando de forma. Mas isso de nada adiantou; Thor logo conseguiu capturá-lo e sem mais rodeios segurou-o pelo pescoço e quase o estrangulou, mas acabou cedendo aos sinais suplicantes de Loki e afrouxou o aperto poderoso. Quando conseguiu respirar, Loki implorou perdão, mas todas as súplicas foram em vão, até que prometeu procurar para Sif uma nova cabeleira, tão bonita e luxuriante quanto a anterior.

*E assim para Sif novas tranças trarei,
De ouro, antes que finde a luz do dia,*

*E ela ficará como a primavera
Vestida em flores amarelas.*

THE DWARFS [OS ANÕES], ADAM OEHLENSCHLÄGER
(TRADUÇÃO INGLESA DE PIGOTT)

Com isso, Thor consentiu em deixar o traidor escapar. Loki, então, rapidamente se arrastou para as entranhas da terra, onde ficava Svartalfaheim, e pediu ao anão Dvalin que fizesse não apenas o cabelo mais precioso, mas também um presente para Odin e Frey, cuja ira ele desejava desarmar.

O pedido foi acolhido, e o anão fabricou a lança Gungnir, que nunca errava o alvo, e o barco Skidbladnir, que, sempre conduzido por ventos favoráveis, podia navegar tanto no ar quanto na água, e tinha ainda outra propriedade mágica: a de que, embora pudesse abrigar todos os deuses e seus corcéis, podia também ser dobrado até assumir o tamanho de uma minúscula bússola e guardado no bolso. Por fim, ele fiou o mais belo fio de ouro, a partir do qual elaborou os novos cabelos para Sif, declarando que, assim que os fios tocassem sua cabeça, os cabelos cresceriam depressa e se incorporariam a ela.



Sif e Thor
J.C. DOLLMAN

*Ainda que ora pareçam inertes, ao tocarem a cabeça,
Cada fio, a seiva da vida impregnará;
Nenhum mal ou feitiço doravante poderá
Às tranças de Sif trazer malefício.*

THE DWARFS [OS ANÕES], ADAM OEHLENSCHLÄGER
(TRADUÇÃO INGLESA DE PIGOTT)

Loki ficou tão satisfeito com essas provas da habilidade dos anões que declarou o filho de Ivaldi o mais inteligente dos ferreiros — palavras entreouvidas por Brok, outro anão, que exclamou ter certeza de que seu irmão, Sindre, poderia produzir três objetos superiores àqueles que Loki tinha em mãos, não apenas por seu valor intrínseco, mas também em propriedades mágicas. Loki imediatamente desafiou o anão a mostrar sua habilidade, apostando a própria cabeça contra a de Brok pelo resultado da empreitada.

Sindre, inteirado sobre a aposta, aceitou a oferta de Brok de começar a trabalhar na forja, alertando-o, contudo, de que devia trabalhar com persistência e nem por um momento relaxar em seus esforços, se quisesse obter sucesso; então ele jogou um pouco de ouro no fogo e saiu para evocar a intervenção dos poderes ocultos. Durante sua ausência, Brok diligentemente soprou o fole, enquanto Loki, no intuito de interrompê-lo, transformou-se em uma mutuca e cruelmente picou sua mão. Apesar da dor, o anão continuou bombeando o fole na forja e, quando Sindre voltou, tirou do fogo um enorme javali chamado Gullinbursti, devido a seus pelos dourados, que tinham o poder de irradiar luz enquanto ele voava pelo céu, pois era capaz de viajar através do ar com uma velocidade admirável.

*Então, estranhamente, da fornalha
Saiu o dourado Gullinbörst,
Para servir ao deus-sol Frey nas batalhas,
De todos os javalis sem dúvida o primeiro.*

THE DWARFS [OS ANÕES], ADAM OEHLENSCHLÄGER
(TRADUÇÃO INGLESA DE PIGOTT)

Terminada essa primeira obra com sucesso, Sindre jogou um pouco mais de ouro no fogo e mandou o irmão continuar a soprar o fole, enquanto ele novamente saiu para pedir auxílios mágicos. Dessa vez, Loki, ainda disfarçado de mutuca, picou a bochecha do anão. No entanto, apesar da dor, Brok continuou soprando o fole, e quando Sindre voltou, ele triunfantemente retirou das chamas o anel mágico Draupnir, emblema da fertilidade, do qual a cada nove noites brotavam oito anéis similares.

*Eles lavraram com maravilhosa habilidade,
Até conferir ao anel a virtude rara,
De, a cada três vezes três noites, brotarem
Oito anéis, belos como o pai original.*

THE DWARFS [OS ANÕES], ADAM OEHLENSCHLÄGER
(TRADUÇÃO INGLESA DE PIGOTT)

Então um lingote de ferro foi lançado às chamas e, com renovada cautela para não comprometer seu sucesso por causa de uma desatenção, Sindre saiu, deixando Brok a soprar o fole como antes. Loki agora estava desesperado e preparou uma última tentativa. Desta vez, ainda disfarçado de mutuca, ele picou o anão acima do olho, até que o sangue começou a escorrer com tamanho fluxo que impediu Brok de ver o que fazia. Erguendo rapidamente a mão por um segundo, Brok afastou o sangue dos olhos; mas, embora breve, a interrupção resultou em um prejuízo irreparável. Quando Sindre retirou a obra do fogo, grande foi sua decepção, pois o martelo que forjara tinha o cabo muito curto.

*E o anão levou depressa a mão à testa,
Antes que o ferro estivesse bem batido,
E notaram do martelo o cabo curto,
Mas era tarde demais para o conserto.*

THE DWARFS [OS ANÕES], ADAM OEHLENSCHLÄGER
(TRADUÇÃO INGLESA DE PIGOTT)

Não obstante o infortúnio, Brok estava convencido de que ganharia a aposta e não hesitou em se apresentar diante dos deuses em Asgard, onde deu a Odin o anel Draupnir, a Frey o javali Gullinbursti, e a Thor o martelo Mjöltnir, a cuja potência ninguém poderia resistir.

Loki, por sua vez, deu a lança Gungnir a Odin, o barco Skidbladnir a Frey, e a cabeleira dourada a Thor. No entanto, embora esta última tenha imediatamente crescido na cabeça de Sif e sido considerada por todos mais bela que a cabeleira original, os deuses decretaram que Brok havia vencido a aposta, pelo fato de que o martelo Mjöltnir, nas mãos de Thor, acabaria se revelando inestimável contra os gigantes de gelo na hora final.

*E na frente vinha Thor,
Com o martelo no ombro, que os gigantes conhecem.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

No intuito de salvar a própria cabeça, Loki fugiu às pressas, mas foi alcançado por Thor. Este o levou de volta e o entregou para Brok, porém lhe disse que, embora por direito a cabeça de Loki lhe pertencesse, ele não poderia tocar seu pescoço. Impedido de obter a vingança plena, o anão resolveu punir Loki costurando seus lábios, e como sua espada não foi capaz de furá-los, pegou emprestada a sovela do irmão para fazer os pontos. Contudo, Loki, depois de suportar em silêncio por breve tempo os escárnios dos deuses, conseguiu cortar a linha e logo voltou a ser loquaz como sempre.

Apesar de seu temível martelo, Thor não era visto com pavor como o perigoso deus da tempestade, que destruía lares pacíficos e arruinava as colheitas com súbitas tempestades de granizo e nuvens carregadas. Os nórdicos imaginavam que ele lançava seu martelo apenas contra gigantes de gelo e muralhas de pedra, reduzindo a pedra a pó para fertilizar a terra e fazê-la dar muitos frutos para os lavradores.

Na Alemanha, onde as tempestades do Leste eram sempre frias e destrutivas, enquanto as tempestades do Oeste traziam chuvas quentes e tempo ameno, Thor era imaginado sempre viajando do

Oeste para o Leste para guerrear contra os maus espíritos que queriam envolver a terra em véus impenetráveis de bruma e amarrá-la com grilhões gelados.

A viagem de Thor a Jotunheim

Como os gigantes de Jotunheim estavam sempre enviando lufadas frias de vento para matar os brotos mais tenros e atrapalhar o crescimento das flores, Thor um dia decidiu ir até lá e obrigá-los a se comportar melhor. Acompanhado por Loki, ele partiu em sua carruagem, e, depois de viajar um dia inteiro, os deuses chegaram ao anoitecer aos confins da terra dos gigantes, onde, avistando uma choupana de camponês, resolveram parar para descansar e se recompor.

O anfitrião era hospitaleiro, mas muito pobre, e Thor, vendo que o camponês mal seria capaz de fornecer a comida necessária para satisfazer seu apetite nada pequeno, matou suas duas cabras, assou-as e deixou-as prontas para comer. Convidou o anfitrião e a família para compartilhar à vontade do alimento assim fornecido, mas alertou-os para jogar os ossos, sem parti-los, dentro das peles das cabras que ele havia estendido no chão.

O camponês e sua família comeram com apetite, mas o filho Thialfi, estimulado pelo malicioso Loki, arriscou quebrar um dos ossos e sugar o tutano, pensando que essa desobediência não seria notada. Na manhã seguinte, no entanto, Thor, pronto para partir, bateu com o martelo Mjöltnir nas peles das cabras e imediatamente os animais se ergueram, vivos como antes, exceto pelo fato de que uma parecia manca. Percebendo que sua ordem havia sido desrespeitada, Thor teria matado a família inteira em sua ira. No entanto, o culpado admitiu seu erro, e o camponês ofereceu, para compensar a perda da cabra, não só o filho Thialfi, mas também a filha Röskva, para servir ao deus para sempre.

Incumbindo o camponês de cuidar bem das cabras, que ele deixou ali até seu retorno, e mandando que os jovens o acompanhassem, Thor então partiu a pé com Loki e, depois de caminhar o dia inteiro,

chegou ao anoitecer a uma região desolada e árida, envolta por uma bruma cinzenta quase impenetrável. Depois de procurar por algum tempo, Thor avistou através da neblina a silhueta indefinida do que parecia ser uma casa de formato estranho. O portão aberto era tão largo e tão alto que parecia cobrir um lado inteiro da casa até o telhado. Ao entrarem e não encontrarem fogo nem luz, Thor e seus companheiros se atiraram exaustos no chão para ali mesmo dormir, mas foram logo perturbados por um barulho peculiar e um tremor prolongado do chão embaixo de si. Com receio de que o teto caísse durante o terremoto, Thor e seus companheiros se refugiaram em outra ala do edifício, onde logo adormeceram.

Ao amanhecer, o deus e seus companheiros saíram, mas não haviam ido muito longe quando avistaram a forma de um gigante dormindo deitado e se deram conta de que os sons peculiares que haviam perturbado seu sono eram produzidos pelos roncos do ser adormecido. Nesse momento, o gigante acordou, levantou-se, espreguiçou-se, olhou à sua volta procurando alguma coisa e, no instante seguinte, pegou o objeto que Thor e seus companheiros haviam confundido, no escuro, com uma casa. Eles então perceberam espantados que aquilo era, na verdade, uma luva gigantesca e que haviam dormido no espaço reservado ao polegar do gigante! Ao saber que Thor e seus companheiros estavam indo para Utgard, como a terra dos gigantes também era chamada, Skrymir, o gigante, ofereceu-se para guiá-los; e, depois de caminhar com eles o dia inteiro, chegaram ao anoitecer a um lugar onde propôs que descansassem. Antes de se preparar para dormir, contudo, o gigante ofereceu a eles as provisões de sua bolsa. Mas, mesmo com muito esforço, nem Thor, nem seus companheiros conseguiram desatar os nós amarrados por Skrymir.

Os nós de Skrymir

Te parecem duros de desatar,

Quando à comida não consegues chegar,

Quando, saudável, estás morrendo de fome.

Utgard-Loke

Irritado com os roncoss do gigante, que o mantiveram acordado, Thor três vezes bateu em Skrymir com seu martelo ameaçador. Esses golpes, em vez de aniquilar o monstro, simplesmente provocaram reações sonolentas, como se uma folha, um pedaço de casca de árvore ou um graveto de um ninho sobre sua cabeça tivesse caído em seu rosto gigantesco. De manhã cedo, Skrymir se despediu de Thor e seus companheiros, mostrando o caminho mais curto até o castelo de Utgard-Loke, que era feito de grandes blocos de gelo, com imensas estalactites servindo de pilastras. Os deuses, deslizando entre as barras do enorme portão, apresentaram-se ousadamente diante do rei dos gigantes, Utgard-Loke, que, ao reconhecê-los, imediatamente fingiu estar muito surpreso com seu pequeno tamanho e expressou o desejo de ver com os próprios olhos o que eles eram capazes de fazer, pois muitas vezes ouvira contar de suas proezas.

Loki, que estava em jejum mais tempo do que gostaria, no mesmo instante se prontificou a apostar com qualquer um quem comia mais. Então o rei mandou trazerem para o salão um grande cocho de madeira repleto de carnes. Em seguida, postando Loki em uma extremidade do cocho e seu cozinheiro, Logi, na outra, mandou que disputassem para ver quem vencia. Embora Loki operasse maravilhas e logo tivesse chegado à metade do cocho, ele descobriu que, enquanto comia a carne e deixava os ossos limpos, seu oponente devorava todas as partes e, inclusive, havia engolido também o cocho.

Sorrindo com desdém, Utgard-Loke disse que estava evidente que eles não eram capazes de grandes proezas em se tratando de comer, e isso provocou Thor. O deus então declarou que, se Loki não conseguia comer como aquele cozinheiro voraz, ele mesmo sentia-se confiante de ser capaz de esvaziar de um gole a maior cornucópia da

casa, tamanha era sua sede insaciável. Imediatamente, um corno foi trazido, e Utgard-Loke declarou que os bons bebedores bebiam tudo em um só gole, as pessoas moderadamente sedentas, em dois, e os bebedores fracos, em três. Thor pôs os lábios na borda do corno, mas, embora bebesse a ponto de quase estourar, o líquido ainda estava próximo da borda quando ele parou para respirar. Um segundo gole e um terceiro se revelaram igualmente insuficientes. Thialfi então propôs uma corrida, mas um jovem gigante chamado Hugi, que apostou com ele, logo o ultrapassou, mesmo Thialfi correndo com uma velocidade notável.

Thor propôs em seguida mostrar sua força erguendo pesos e foi desafiado a erguer o gato do gigante. Aproveitando uma oportunidade para usar seu cinturão Megingjord, que aumentava enormemente sua força, ele pegou o animal e bem que tentou, mas só conseguiu levantar uma pata do chão.

*Forte é o grande Thor, sem dúvida, quando Megingarder
Aperta firme seu ventre duro como pedra.*

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

Sua última tentativa, a de lutar com a velha ama de Utgard-Loke, Elli, a única oponente considerada digna de um adversário tão fraco, revelou-se tão desastrosa quanto as outras, e os deuses, admitindo terem sido derrotados, enfim foram tratados com hospitalidade.

Na manhã seguinte, eles foram escoltados até os limites de Utgard, onde o gigante educadamente lhes disse que esperava que jamais voltassem a visitá-lo, pois havia sido obrigado a usar magia contra eles. O gigante seguiu explicando que ele era Skrymir e que, se não tivesse tomado a precaução de interpor uma montanha entre sua cabeça e os golpes de Thor enquanto parecia estar dormindo, teria sido morto, e os desfiladeiros profundos na encosta da montanha, para os quais ele apontou, davam testemunho da força do deus.

Em seguida, ele contou que o adversário de Loki fora Logi (fogo selvagem), que Thialfi havia corrido contra Hugi (pensamento), o

corredor mais veloz que existia, e que o corno de bebida de Thor estava acoplado ao oceano, onde seus goles longos haviam produzido uma alteração perceptível no nível da maré. Além disso, o gato era na verdade a terrível Serpente de Midgard, que circundava o mundo, a qual Thor quase arrancou do mar. Por fim, Elli, a ama, era a velhice, a quem ninguém podia resistir.

Terminadas essas explicações, antes de desaparecer, Utgard-Loke alertou para que eles nunca mais voltassem ou se defenderia por artimanhas semelhantes. Então, embora Thor furiosamente brandisse seu martelo e quisesse destruir o castelo do gigante, uma bruma intensa envolveu-os, e o deus do trovão foi obrigado a voltar a Thrudvang sem ter passado a lição que pretendia ensinar à raça dos gigantes.

*Thor, de braços fortes, vai,
Com todo empenho, a Jotunheim,
Mas apesar de cinto e luvas celestiais,
Utgard-Loke seu trono conserva;
O mal, por ser força, à força não cede.*

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

Thor e Hrungrnir

O próprio Odin certa vez estava cavalcando pelo ar em seu corcel de oito patas, Sleipnir, quando chamou a atenção do gigante Hrungrnir, que propôs uma corrida, declarando seu corcel Gullfaxi capaz de rivalizar com Sleipnir em velocidade. No calor da corrida, Hrungrnir não reparou na direção aonde iam, até que, no vão intento de ultrapassar Odin, chegou com seu corcel nos portões de Valhala. Descobrimdo onde estava, o gigante empalideceu de medo, pois sabia que havia arriscado a vida ousando penetrar na fortaleza dos deuses, seus inimigos há gerações.

Os Aesir, no entanto, eram honrosos demais para combater alguém em desvantagem, mesmo um inimigo, e, em vez de fazer mal ao gigante, convidaram-no para seus salões de banquetes, onde

Hrungnir começou a se faltar do hidromel celestial que lhe foi servido. Ele logo ficou tão animado que começou a se gabar de seu poder, declarando que um dia viria, tomaria posse de Asgard e a destruiria, assim como aos deuses, poupando apenas Freya e Sif, para quem lançou um olhar lascivo.

Os deuses, sabendo que ele não era responsável pelo que dizia, deixaram-no à vontade. Mas Thor, que acabara de chegar de uma de suas viagens, ouvindo essa ameaça de lhe roubarem sua amada Sif, entrou em um estado de fúria terrível. Colérico, brandiu seu martelo na intenção de aniquilar o falastrão, mas isso os deuses não permitiram e rapidamente se interpuseram entre o iracundo Trovejador e seu convidado, implorando que Thor respeitasse os sagrados direitos de hospitalidade e que não profanasse seu lar derramando sangue.

Thor foi enfim induzido a conter sua ira, mas exigiu que Hrungnir definisse a hora e o lugar para um *holmgang*, como em geral chamavam os duelos nórdicos. Desafiado, Hrungnir prometeu encontrar Thor em Griottunagard, nos limites da terra dos gigantes, dentro de três dias, e partiu, já mais sóbrio depois do susto.

Quando seus colegas gigantes ficaram sabendo de seu mau comportamento, censuraram-no amargamente, mas se reuniram em conselho para tentar extrair o melhor proveito da situação desfavorável. Hrungnir contou aos gigantes que ele teria direito de ser acompanhado por um escudeiro, contra quem Thialfi combateria, e portanto começaram a construir uma criatura de barro de quase 15 quilômetros de altura e largura proporcional, a quem chamaram de Mokerkialfi (vadeador da bruma). Como não conseguiram encontrar nenhum coração humano grande o bastante para colocar no peito do monstro, eles arrancaram o coração de uma égua, que, no entanto, vivia agitado e estremecendo de apreensão.

O dia do duelo chegou. Hrungnir e seu escudeiro estavam no local esperando seus respectivos oponentes. O gigante tinha não só um peitoral e um elmo de pedra, mas também um escudo e um porrete da mesma substância, e portanto se considerava praticamente

invencível. Thialfi chegou antes de seu senhor, e logo em seguida houve um terrível estrondo e um tremor que fez o gigante temer que seu inimigo emergisse de dentro da terra, atacando-o por baixo. Ele então seguiu uma sugestão de Thialfi e se postou em cima do escudo.

No momento seguinte, no entanto, ele percebeu seu engano, pois, enquanto Thialfi atacava Mokerkialfi com uma espada, Thor chegou correndo e atirou seu martelo em cheio na cabeça do oponente. Hrungnir, para se defender do golpe, interpôs sua clava de pedra, e esta se partiu em pedaços, que voaram por toda a terra, fornecendo as pederneiras que dali em diante seriam encontradas pelos homens. Um dos fragmentos, porém, penetrou fundo na testa de Thor, e o deus cambaleou, desmaiando. Na queda, seu martelo bateu contra a cabeça de Hrungnir, que caiu morto ao lado dele, de tal modo que suas pernas imensas desabaram sobre o deus desmaiado.

*Agora me lembraste
Como lutei com Hrungnir,
Jotun de peito pesado,
Cuja cabeça era de pedra;
Ainda assim derrubei-o
E o fiz cair diante de mim.*

SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Thialfi, que nesse ínterim havia se livrado do gigante de barro com coração covarde de égua, correu em auxílio de seu senhor, mas seus esforços em tentar mover a perna do gigante morto foram vãos, assim como os dos outros deuses que ele logo chamou. Enquanto estavam ali parados, impotentes, pensando no que fazer em seguida, o filho mais novo de Thor, Magni, chegou. Segundo diversos relatos, ele tinha então apenas três dias ou três anos de vida, mas segurou o pé do gigante e, sem ajuda de ninguém, soltou o pai, declarando que, se tivesse sido chamado antes, facilmente teria dado conta tanto do gigante quanto do escudeiro. Essa demonstração de força

impressionou muito os deuses e ajudou-os a reconhecer a verdade de várias previsões, as quais declaravam que seus descendentes seriam mais poderosos do que eles, viveriam mais que eles e reinariam em lugar deles sobre o novo céu e a nova terra.

Para recompensar seu filho por tê-lo salvado, Thor deu-lhe o corcel Gullfaxi (crina dourada), do qual ele se tornara possuidor por direito de conquista. E, desde então, Magni passou a montar seu maravilhoso cavalo, que quase se equiparava ao famoso Sleipnir em velocidade e resistência.

Groa, a feiticeira

Depois de tentar em vão remover o estilhaço de pedra de sua testa, Thor voltou tristonho para casa, em Thrudvang, onde os amorosos esforços de Sif foram igualmente vãos. Ela então resolveu mandar chamar Groa (verdejante), uma feiticeira conhecida por sua habilidade na medicina e pela eficácia de seus encantamentos e feitiços. Groa no mesmo instante se prontificou a fazer qualquer coisa em seu poder para o deus que tantas vezes a beneficiara, e solenemente começou a recitar runas poderosas, sob cuja influência Thor sentiu a pedra se soltar cada vez mais. A alegria com a perspectiva de em breve se ver livre da pederneira na testa fez Thor desejar recompensar a feiticeira de antemão. Sabendo que nada daria prazer maior a uma mãe que a ideia de rever um filho há muito falecido, começou a contar a ela que há pouco tempo havia atravessado o Elivagar, ou torrentes de gelo, para resgatar seu filhinho, Orvandil (germe), das mãos cruéis dos gigantes de gelo, e havia conseguido levá-lo dentro de uma cesta. Mas, como o pequeno irrequieto insistia em enfiar os dedinhos do pé por um furo na cesta, um dedo havia se congelado, e Thor, quebrando-o acidentalmente, lançara-o no céu para brilhar como uma estrela, conhecida no Norte como “Dedo de Orvandil.”

Deliciada com essas notícias, a profetisa fez uma pausa no encantamento para expressar sua alegria, mas, esquecendo-se do ponto em que o interrompera, não conseguiu retomar o feitiço, e a

pederneira continuou cravada na testa de Thor, de onde jamais seria desalojada.

Evidentemente, como o martelo de Thor sempre lhe prestava bons serviços, era o mais valioso de seus pertences, e sua tristeza foi muito grande quando ele acordou certa manhã e percebeu que o martelo havia sumido. Seu grito de raiva e decepção logo atraiu Loki, e a ele Thor confessou o segredo de sua perda, declarando que, se os gigantes ficassem sabendo, logo tentariam atacar Asgard e destruir os deuses.

*Irado Thor, passado o sono,
Dando falta do martelo digno;
Bateu na testa, coçou a barba,
O filho da terra olhou ao largo;
E eis a primeira coisa que falou:
“Escuta o que te digo, Loke,
E que ninguém na terra saiba
Nem no céu: meu martelo se foi.”*

THRYM'S QUIDA [CANÇÃO DE THRYM]
(TRADUÇÃO INGLESA DE HERBERT)

Thor e Thrym

Loki declarou que tentaria descobrir o ladrão e recuperar o martelo se Freya lhe emprestasse suas plumas de falcão, e ele imediatamente correu para buscá-las em Folkvang. Sua missão foi bem-sucedida, e na forma de ave ele voou através do rio Ifing e dos estreitos áridos de Jotunheim, onde desconfiava que o ladrão seria encontrado. Lá ele viu Thrym, príncipe dos gigantes de gelo e deus das tempestades de trovão, sentado sozinho em uma encosta. Ao questioná-lo astuciosamente, Loki logo descobriu que Thrym havia roubado o martelo e enterrado bem fundo no chão. Além disso, descobriu que havia pouca esperança de recuperá-lo, a não ser que Freya fosse concedida ao gigante como noiva.

*Tenho o martelo do Trovejador
Oito braços enterrado;
Ninguém voltará com ele para casa
Até que Freya seja trazida à minha cama.*

THRYM'S QUIDA [CANÇÃO DE THRYM]
(TRADUÇÃO INGLESA DE HERBERT)

Indignado com a presunção do gigante, Loki voltou a Thrudvang, mas Thor declarou que não custava visitar Freya e tentar convencê-la a se sacrificar pelo bem de todos. Mas quando os Aesir disseram à deusa da beleza o que queriam que ela fizesse, Freya foi tomada por tamanha indignação que até seu colar se partiu. Ela disse que jamais abandonaria seu amado marido por nenhum deus, muito menos para se casar com um odioso gigante e morar em Jotunheim, onde tudo era extremamente inóspito e onde ela logo morreria de saudades dos campos verdes e dos prados floridos, em que amava passear. Vendo que seria inútil tentar persuadi-la, Loki e Thor voltaram para casa e lá elaboraram outro plano para recuperar o martelo. A conselho de Heimdall, que, no entanto, só foi aceito com extrema relutância, Thor pegou emprestadas as roupas de Freya, assim como seu colar, e se cobriu com um véu espesso. Loki, fantasiando-se de criada, montou com ele na carruagem puxada pelas cabras, e a dupla estranhamente vestida partiu para Jotunheim, onde pretendiam representar os papéis da deusa da beleza e sua criada.

*Para lá foram guiadas
Então as cabras,
E à carruagem atreladas;
Depressa marcharam —
Explodiram montanhas,
A terra ergueu-se em chamas:
O filho de Odin
Foi a Jotunheim.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Thrym recebeu os convidados na porta do palácio, exultante com a ideia de que estava prestes a se tornar senhor incontestado da deusa da beleza, por quem havia suspirado muito tempo em vão. Rapidamente, ele os levou ao salão de banquetes, onde Thor, de noiva, destacou-se ao comer um boi inteiro, oito salmões imensos e todas as tortas e doces servidos para as mulheres, regando as várias carnes com o conteúdo de dois barris de hidromel.

O noivo gigante assistiu a essas proezas gastronômicas com espanto, enquanto Loki, para tranquilizá-lo, confidencialmente sugeriu que a noiva estava tão apaixonada que não pusera um pedaço de comida na boca durante mais de oito dias. Thrym então tentou beijar a noiva, mas recuou desconcertado com o fogo em seu olhar, que Loki explicou como um olhar ardente de amor. A irmã do gigante, recebendo os presentes de costume, não foi sequer notada; portanto Loki mais uma vez sussurrou para um Thrym desconfiado que o amor deixava as pessoas distraí-las. Embriagado de paixão e hidromel, que ele também havia bebido em vastas quantidades, o noivo então mandou os criados trazerem o martelo sagrado para consagrar o casamento e, assim que o Mjölhnir foi trazido, ele mesmo colocou-o no colo da suposta Freya. No momento seguinte, uma mão poderosa se fechou no cabo curto, e logo o gigante, a irmã e todos os convidados foram mortos pelo terrível Thor.

*“Tragam o martelo para a donzela;
Deixem a arma no colo dela,
E, firmes, deem as mãos na capela.”
O Trovejador sorriu por dentro;
Sentindo o duro martelo no colo,
Thrym primeiro, rei dos Thursi, matou,
E todo o gigantesco séquito massacrou.*

THRYM'S QUIDA [CANÇÃO DE THRYM]

(TRADUÇÃO INGLESA DE HERBERT)

Deixando uma pilha fumegante de escombros para trás, os deuses então voltaram rapidamente de carruagem para Asgard, onde os

trajes emprestados foram devolvidos a Freya, para grande alívio de Thor, e os Aesir se alegraram com o resgate do precioso martelo. Na vez seguinte em que Odin voltou seu olhar para aquela região de Jotunheim desde seu trono Hlidskialf, ele viu as ruínas cobertas de tenros brotos verdes, pois Thor, tendo derrotado seu inimigo, havia se apoderado das terras dele, que doravante não seriam mais áridas e desoladas, mas produziriam frutos em abundância.

Thor e Geirröth

Loki certa vez pegou emprestadas as plumas de falcão de Freya e voou em busca de aventuras em outra região de Jotunheim, onde se empoleirou nos torreões da casa de Geirröth. Ele logo atraiu a atenção do gigante, que mandou um de seus criados caçar o pássaro. Divertindo-se diante das tentativas desajeitadas do caçador, Loki ficou pulando de torre em torre, movendo-se apenas quando o gigante estava prestes a pôr as mãos nele, mas, calculando mal a distância, subitamente se viu apanhado.

Atraído pelos olhos brilhantes do pássaro, Geirröth olhou mais de perto e concluiu que era um deus disfarçado. Vendo que não conseguia obrigá-lo a falar, ele o trancou em uma gaiola, onde o manteve por três meses inteiros sem comida ou bebida. Vencido enfim pela fome e pela sede, Loki revelou sua identidade e obteve soltura mediante a promessa de que induziria Thor a visitar Geirröth sem martelo, cinturão ou luvas mágicos. Loki então voltou voando a Asgard e disse a Thor que havia sido recebido como um rei, e que seu anfitrião havia manifestado um forte desejo de ver o poderoso deus do trovão, de quem ele ouvira maravilhosas histórias. Lisonjeado por esse discurso ardiloso, Thor foi levado a consentir em fazer uma viagem amistosa a Jotunheim, e assim os dois deuses partiram juntos, deixando as três armas maravilhosas em casa. Eles não haviam ido muito longe, contudo, quando chegaram à casa da gigante Grid, uma das muitas esposas de Odin. Vendo Thor desarmado, ela alertou-o para tomar cuidado com a perfídia alheia e emprestou a ele seu próprio cinto, seu cajado e sua luva. Algum

tempo depois de deixá-la, Thor e Loki chegaram ao rio Veimer, e o Trovejador, acostumado a vadeá-lo, preparou-se para atravessar, mandando Loki e Thialfi se agarrarem firme em seu cinto.

No meio do córrego, no entanto, uma súbita tromba-d'água de degelo os pegou. As águas começaram a subir e a rugir, e, embora Thor se apoiasse com força em seu cajado, quase foi varrido pela força da caudalosa torrente.

*Não sobe, Veimer,
Pois cruzar-te desejo
Ao domínio dos gigantes!
Sabe que, se subires,
Subirá meu poder divino,
Elevado como os céus.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Thor então se deu conta da presença, rio acima, da filha de Geirröth, Gjálp, e corretamente suspeitando que fosse ela a causa da tempestade, ergueu uma rocha imensa e atirou nela, resmungando que o melhor lugar para represar um rio era em sua nascente. O míssil teve o efeito desejado, pois a gigante fugiu, as águas se acalmaram, e Thor, exausto mas seguro, agarrou-se a um arbusto de sorveira na margem oposta. Desde então, essa planta é conhecida como “Salvação de Thor”, e poderes ocultos foram atribuídos a ela. Depois de descansar um pouco, Thor e seus companheiros retomaram a viagem; mas, ao chegar à casa de Geirröth, o deus estava tão exausto que desabou exaurido na primeira cadeira que encontrou. Para sua surpresa, contudo, ele sentiu a cadeira se erguer embaixo de si e, temeroso de ser esmagado contra as vigas do teto, empurrou o teto com o cajado emprestado e forçou a cadeira para baixo com toda sua potência. Então se seguiu um estalido terrível, gritos súbitos e gemidos de dor; e quando Thor foi averiguar, descobriu que aparentemente as filhas do gigante, Gjálp e Greip, haviam se escondido embaixo da cadeira com a intenção traiçoeira de matá-lo, e colhido a justa recompensa de morrerem esmagadas.

*Um dia usei
Meu poder divino
No domínio dos gigantes,
Quando Gjálp e Greip,
Filhas de Geirröth
Quiseram me erguer ao céu.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Geirröth então apareceu e desafiou Thor a uma prova de força e habilidade, mas, sem esperar o sinal pré-combinado, o gigante arremessou um ferro em brasa contra o deus. Thor, de olhos ágeis e habilidoso receptor, interceptou o míssil com a luva de ferro da gigante e atirou-o de volta contra seu oponente. Tamanha era a força do deus que o míssil atravessou não apenas a coluna atrás da qual o gigante se escondera, mas também o gigante e a parede da casa, e se cravou profundamente no chão lá fora.

Thor então caminhou até o cadáver do gigante, que com o golpe de sua arma havia se petrificado, e posicionou-o em um local bem exposto, como um monumento de sua força e da vitória conquistada sobre seus formidáveis inimigos, os gigantes da montanha.

O culto a Thor

O nome de Thor foi dado a muitos lugares que ele costumava frequentar, como o principal porto das Ilhas Faroé, e às famílias que reivindicam descendência do deus. Ainda existem nomes como Thunderhill em Surrey, e sobrenomes como Thorburn e Thorwaldsen, mas o mais evidente é o nome de um dos dias da semana, o dia de Thor, ou *Thursday* [quinta-feira].

*Em toda a terra existe
Ainda o dia de Thor!*

THE SAGA OF KING OLAVO [A SAGA DO REI OLAVO], H.W. LONGFELLOW

Thor era considerado uma divindade distintamente benevolente, e por esse motivo foi tão cultuado e templos para isso surgiram em

Moeri, Hlader, Godey, Gotalândia, Uppsala e outros lugares, onde as pessoas nunca deixavam de invocá-lo para terem um ano propício no Yule, sua principal festa. Era costume nessa ocasião queimar um grande tronco de carvalho, a árvore sagrada do deus, como emblema do calor e da luz do verão, o que espantaria a escuridão e o frio do inverno.

As noivas sempre usavam vermelho, a cor favorita de Thor, considerada emblemática do amor, e pelo mesmo motivo os anéis de noivado no Norte eram quase sempre cravejados com uma pedra vermelha.

Os templos e as estátuas de Thor, como as de Odin, eram feitas de madeira, e quase todas foram destruídas durante o reinado do rei Olavo, o Santo. Segundo crônicas antigas, esse monarca converteu à força seus súditos. Ele combateu especialmente os moradores de uma província que cultuavam uma imagem rústica de Thor, a qual enfeitavam com ornamentos dourados e diante da qual dispunham alimentos todas as noites, declarando que o deus a comia, pois nenhum vestígio restava pela manhã.

O povo, sendo conclamado no ano 1030 a renunciar a este ídolo em favor do verdadeiro Deus, prometeu se converter caso a manhã seguinte estivesse nublada. Mas, depois que Olavo passou uma noite inteira em ardente oração, quando o dia amanheceu nublado, o povo obstinado declarou ainda não ter se convencido do poder desse Deus e que só acreditaria nele se o sol brilhasse no dia seguinte.

Olavo passou outra noite em oração, mas na aurora, para sua grande tristeza, o céu estava fechado. Não obstante, ele reuniu o povo perto da estátua de Thor e, depois de mandar secretamente seu principal ajudante rachar o ídolo com um machado de guerra assim que o povo desviasse os olhos por um instante, ele começou a discursar. De repente, enquanto todos estavam escutando, Olavo apontou para o horizonte, onde o sol lentamente abria caminho através das nuvens, e exclamou: “Contemplem o nosso Deus!” O povo reunido olhou para ver do que ele estava falando, e o ajudante do rei aproveitou a oportunidade para atacar o ídolo, que se partiu

facilmente sob seus golpes, e uma hoste de ratos e outros vermes logo se espalhou de seu interior oco. Vendo então que a comida deixada diante do deus havia sido devorada por meros animais nocivos, o povo deixou de reverenciar Thor e aceitou definitivamente a fé que o rei Olavo por tanto tempo em vão tentou lhes impingir.



Thor
B.E. FOGELBERG

Capítulo



Tyr

V





A captura de Fenrir
DOROTHY HARDY



O deus da guerra

Tyr, Tiu ou Ziu era filho de Odin, e, segundo diferentes mitógrafos, sua mãe era Frigga, rainha dos deuses, ou uma bela gigante cujo nome é desconhecido, mas que era uma personificação do mar bravio. Ele é o deus da honra marcial e uma das 12 principais divindades de Asgard. Embora aparentemente não tivesse nenhuma residência especial ali, era sempre bem recebido em Vingolf ou Valhala e ocupava um dos 12 assentos no grande salão do conselho de Gladsheim.

*O salão Gladsheim, feito de ouro;
Onde em círculo se alinham 12 assentos,
E no centro um mais alto, o trono de Odin.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Como deus da coragem e da guerra, Tyr era frequentemente invocado pelos vários povos do Norte, que pediam a ele, assim como a Odin, para obter vitória. A prova de que ocupava um posto ao lado de Odin e de Thor é o seu nome, Tiu, ter sido dado a um dos dias da semana, *Tiu's day* (o dia de Tiu), que no inglês moderno se tornou *Tuesday* [terça-feira]. Sob o nome de Ziu, Tyr foi a principal divindade dos suábios, que originalmente chamavam sua capital, a moderna Augsburg, de Ziusburg. Esse povo, venerando o deus como fazia, costumava cultuá-lo sob o emblema de uma espada, seu atributo distintivo, e em sua honra fazia grandes danças com tal arma e

diversas coreografias. Por vezes, os participantes formavam duas fileiras compridas, cruzavam as espadas no alto e desafiavam o mais corajoso dentre eles a tentar fugir saltando por cima. Outras vezes, os guerreiros juntavam as pontas de suas espadas no formato de uma rosa ou uma roda, e quando essa figura se completava convidavam seu chefe para se postar sobre o miolo formado pelas lâminas de aço lisas e brilhantes, e então eles o erguiam e o conduziam em triunfo por todo o acampamento. A ponta da espada era considerada tão sagrada que se tornou costume registrar juramentos sobre ela.

*[...] Vinde, meus senhores,
E ponde as mãos de novo sobre a espada:
Nunca falar daquilo que hoje ouvistes,
Jurai por minha espada.*

HAMLET, SHAKESPEARE

Um aspecto característico do culto desse deus entre os francos e outros povos nórdicos era o fato de que os sacerdotes, chamados druidas ou godi, ofereciam sacrifícios humanos em seus altares, em geral cortando uma “águia sangrenta”, ou “águia aberta”, em suas vítimas, isto é, fazendo uma profunda incisão de cada lado da coluna, soltando e revirando as costelas para fora, e arrancando as vísceras por essa abertura. Evidentemente, apenas prisioneiros de guerra eram assim tratados, e era uma questão de honra entre os povos do norte europeu suportar essa tortura sem ao menos gemer. Esses sacrifícios eram realizados sobre altares rústicos chamados dólmãs, que ainda podem ser encontrados no norte da Europa. Como Tyr era considerado padroeiro da espada, era indispensável gravar o sinal ou runa que o representava na lâmina de todas as espadas — um preceito que a *Edda* ordenava a todos aqueles desejosos de obter a vitória.

*Deves a runa Sig conhecer,
Se a vitória — sigr — desejas obter,*

*E gravá-la em tua espada;
Algumas na bainha,
Algumas no punho,
E duas vezes o nome de Tyr.*

LAY OF SIGDRIFA [LAI DE SIGDRÍFA]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Tyr era identificado com o deus saxão Saxnot (de *sax*, uma espada) e com Er, Heru ou Cheru, a principal divindade dos queruscos, que também o consideravam deus do sol e diziam que sua espada reluzente era um emblema de seus raios.

*Esta espada é um raio de luz
Roubado ao Sol!*

VALHALLA, J.C. JONES

A espada de Tyr

Segundo uma antiga lenda, a espada de Cheru, feita pelos mesmos anões, filhos de Ivaldi, que fizeram a lança de Odin, era considerada sagrada por seu povo, aos cuidados de quem ele a deixara, declarando que aqueles que a possuísem teriam vitória certa sobre seus inimigos. Mas, embora bem guardada no templo, onde ficava suspensa para refletir os primeiros raios de sol da manhã, súbita e misteriosamente a espada desapareceu uma noite. Uma Vala, druidesa ou profetisa, quando consultada pelos sacerdotes, revelou que as Nornas haviam decretado que quem a possuísse conquistaria o mundo e morreria em seu fio; apesar de todos os pedidos, ela se recusou a dizer quem levara a arma ou onde poderiam encontrá-la.

Algum tempo depois, um forasteiro alto e altivo chegou a Colônia, onde o prefeito romano Vitélio fazia um banquete, e o chamou a deixar de lado seus amados quitutes. Na presença dos soldados romanos, o forasteiro entregou a espada ao prefeito, dizendo que lhe traria glória e fama, e então o saudou como imperador. As legiões reunidas bradaram, e Vitélio, sem ter feito

nenhum esforço para conquistar essa honra, viu-se aclamado imperador de Roma.

O novo regente, contudo, ficou tão absorto em se entregar a seu gosto pela comida e pela bebida que prestou pouca atenção à espada divina. Um dia, viajando tranquilamente rumo a Roma, ele se descuidou e deixou a espada pendurada na antecâmara de seu pavilhão. Um soldado germânico aproveitou a oportunidade e substituiu a arma por sua própria lâmina enferrujada, e o imperador apatetado nem reparou na troca. Quando chegou a Roma, Vitélio ficou sabendo que as legiões orientais haviam nomeado Vespasiano imperador e que este estava a caminho para reivindicar o trono.

Procurando a arma sagrada para defender seus direitos, Vitélio então percebeu o roubo e, tomado por temores supersticiosos, nem tentou lutar. Refugiou-se em um canto escuro de seu palácio, de onde foi vergonhosamente arrastado pela população enfurecida até o sopé da Colina do Capitólio. Ali a profecia foi plenamente cumprida, pois o soldado germânico, que passara para a legião adversária, chegando naquele momento, cortou a cabeça de Vitélio com a espada sagrada.

O soldado germânico então mudou de uma legião para outra e viajou por muitas outras terras; mas sempre que alguém se deparava com ele e sua espada, a vitória era assegurada. Depois de conquistar grande honra e distinção, esse homem, envelhecido, retirou-se do serviço e passou a viver nas margens do Danúbio, onde em segredo enterrou a arma preciosa e, para vigiá-la enquanto vivesse, construiu uma cabana sobre o local. Quando em seu leito de morte imploraram que revelasse onde a havia escondido, ele persistiu na recusa em dizê-lo, contando que a espada seria encontrada por um homem destinado a conquistar o mundo, mas que também não conseguiria escapar da maldição da arma.

Anos se passaram. Ondas e mais ondas de invasões bárbaras varreram aquela parte do país, e por fim vieram os terríveis hunos, sob a liderança de Átila, o Flagelo de Deus. Enquanto Átila percorria a margem do rio, viu um camponês tristonho examinando a pata de sua vaca, que fora ferida por alguma ferramenta cortante enterrada

no meio do pasto alto. Uma busca foi feita no local, e ali encontraram uma espada enterrada se projetando do chão.

Vendo o belo artesanato e o bom estado de conservação da arma, Átila de imediato exclamou que se tratava da espada de Cheru e, brandindo-a acima da cabeça, anunciou que conquistaria o mundo. Batalhas e mais batalhas foram travadas pelos hunos, que, segundo a *Saga*, foram vitoriosos em toda parte — até Átila, exausto da guerra, estabelecer-se na Hungria, tomando por esposa a bela princesa borgonhesa Ildico, cujo pai ele matara. Essa princesa, ressentindo-se do assassinato do pai e desejando vingá-lo, aproveitou-se da embriaguez do rei na noite do casamento para se apoderar da espada divina, com a qual o matou na própria cama, cumprindo a profecia feita tantos anos antes.

A espada mágica mais uma vez desapareceu por muito tempo, para ser desenterrada pela última vez pelo duque de Alba, general de Carlos V, que pouco depois conquistou a vitória em Mühlberg (1547). Os francos costumavam realizar jogos marciais todos os anos em honra da espada; mas dizem que, quando os deuses pagãos foram renegados em favor do cristianismo, os sacerdotes transferiram muitos de seus atributos para os santos, e essa espada se tornou propriedade do arcanjo São Miguel, que a empunhou desde então.

Tyr, cujo nome era sinônimo de bravura e sabedoria, também era considerado pelos nórdicos antigos comandante das ajudantes de Odin, as Valquírias de braços alvos, e pensavam que era ele quem designava os guerreiros levados por elas até Valhala para ajudar os deuses no último dia.

*Deus Tyr enviou
Göndul e Skögun
Para um rei escolher
Da raça de Yngve,
Para com Odin viver
No vasto Valhala.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

A história de Fenrir

Tyr era geralmente representado tendo apenas uma das mãos, assim como Odin o era com um só olho. Há várias explicações para isso, dadas por diferentes especialistas; alguns alegam que era porque ele tinha o poder de dar a vitória apenas para um lado; outros, porque uma espada possui apenas uma lâmina. Seja como for, os antigos preferiam explicar o fato da seguinte maneira:

Loki casou-se secretamente em Jotunheim com a hedionda gigante Angrboda (pressagiadora de angústia), que gerou dele três crias monstruosas: o lobo Fenrir, Hel — a deusa semiviva da morte — e Jormungandr, uma terrível serpente. Ele manteve a existência desses monstros em segredo enquanto pôde, mas eles logo ficaram tão grandes que não puderam mais permanecer confinados na caverna onde nasceram. Odin, de seu trono Hlidskialf, logo ficou sabendo da existência deles e também da preocupante rapidez com que cresciam. Temendo que os monstros, quando ficassem ainda mais fortes, invadissem Asgard e destruíssem os deuses, o Pai de Todos decidiu se livrar deles e, caminhando até Jotunheim, atirou Hel nas profundezas de Niflheim, dizendo que ela poderia reinar sobre os nove mundos desolados dos mortos. Ele então lançou Jormungandr no mar, onde a serpente assumiu proporções tão imensas que por fim circundou a terra, mordendo a própria cauda.

*Lançada às profundezas escuras do mar,
Crescendo a cada dia, até ficar gigantesca,
A serpente logo cercou o mundo inteiro,
Com a cauda na boca, em forma circular;
Mantida ainda inofensiva
Pela vontade de Odin.*

VALHALLA, J.C. JONES

Não muito satisfeito com o fato de a serpente ter adquirido tais temíveis dimensões no mar, Odin resolveu levar Fenrir para Asgard, onde ele esperava que, sendo bem tratado, fosse conseguir torná-lo

gentil e afável. Mas todos os deuses reagiram com horror quando viram o lobo, e nenhum deles ousou se aproximar para lhe dar comida além de Tyr, que a nada temia. Vendo que Fenrir crescia em tamanho, força, voracidade e ferocidade a cada dia, os deuses reuniram-se em conselho para deliberar sobre o que fazer com ele. Decidiram por unanimidade que matá-lo seria profanar o próprio lar, e portanto o amarrariam tão depressa que ele não conseguiria lhes fazer nenhum mal.

Com tal propósito em vista, eles obtiveram uma corrente forte chamada Læding, e então propuseram, em um tom lúdico, que amarrassem Fenrir com ela para testar sua afamada força. Confiante em sua capacidade de se soltar, Fenrir pacientemente permitiu que o prendessem e, quando todos se afastaram, com poderoso esforço ele se esticou e rompeu a corrente com facilidade.

Disfarçando a tristeza, os deuses louvaram sua força, mas em seguida trouxeram outra corrente ainda mais forte, Droma, com a qual, após algumas tentativas de persuasão, o lobo permitiu que lhe prendessem como antes. Mais uma vez, um esforço breve e intenso bastou para romper a corrente, e tornou-se proverbial no Norte usar expressões figurativas como “se soltar de Læding” e “escapar de Droma” sempre que grandes dificuldades deviam ser superadas.

*Duas vezes os Aesir tentaram atar,
Duas vezes os grilhões viram fracassar;
Ferro ou bronze não bastaram,
Nada além da magia deu resultado.*

VALHALLA, J.C. JONES

Os deuses, percebendo então que grilhões comuns, mesmo que fortes, jamais deteriam a grande força do lobo Fenrir, mandaram Skirnir, criado de Frey, descer até Svartalfaheim e mandar que os anões fabricassem uma corrente que nada fosse capaz de romper.

Por artes mágicas, os elfos sombrios fabricaram uma fina corda de seda feita de materiais impalpáveis, como o som dos passos dos gatos, a barba da mulher, a raiz da montanha, os desejos dos ursos, a

voz dos peixes e a saliva das aves. Quando ficou pronta, eles a entregaram a Skirnir, garantindo que força nenhuma conseguiria rompê-la e, quanto mais fosse tensionada, mais forte a corda se tornaria.

*Gleipnir, enfim,
Pelos Elfos Sombrios forjada,
Em Svartalfheim, com fortes feitiços;
A Odin foi por Skirnir levada:
Suave como a seda, leve como o ar,
Mas do poder mágico mais raro.*

VALHALLA, J.C. JONES

Armados desta corda, chamada Gleipnir, os deuses foram com Fenrir à ilha Lyngvi, no meio do lago Amsvartnir, e outra vez propuseram testar sua força. Mas, embora Fenrir tivesse crescido e ficado ainda mais forte, ele desconfiou da corda, que parecia muito fina. Então, recusou-se a deixar que o prendessem, a não ser que um dos Aesir consentisse em pôr a mão na sua boca e deixá-la ali, como penhor da boa-fé e de que nenhuma arte mágica seria usada contra ele.

Os deuses ouviram a decisão apreensivos, e todos recuaram, exceto Tyr. Este, vendo que os outros não se arriscariam a concordar com aquela condição, ousadamente deu um passo à frente e enfiou a mão entre os dentes do monstro. Os deuses então amarraram Gleipnir em torno do pescoço e das patas de Fenrir e, quando viram que o máximo empenho do lobo para se libertar era infrutífero, gritaram e gargalharam exultantes. Tyr, contudo, não podia compartilhar dessa alegria, pois o lobo, vendo-se cativo, mordeu o deus na altura do pulso, que desde então ficou conhecido como “articulação do lobo.”

Loki
Cala-te, Tyr!
Tu jamais poderias decidir
Uma trégua entre dois lados;

*A tua mão direita
Também devo mencionar,
Que de ti Fenrir tomou.*

*Tyr
A mim falta uma das mãos,
Mas a ti, honesta fama;
Má é a ausência de ambas.
Nem o lobo fica em paz:
Amarrado deve estar
Até a ruína dos deuses.*

*SEMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Privado da mão direita, Tyr foi então obrigado a usar o braço mutilado para empunhar o escudo, enquanto segurava a espada com a mão esquerda; mas tamanha era sua destreza que conseguia matar seus inimigos como antes.

Os deuses, apesar do esforço do lobo, passaram a ponta da corda Gleipnir através da pedra Gioll e amarraram ao rochedo Thviti, que ficava bem fincado no chão. Abrindo sua boca temerária, Fenrir emitiu uivos tão terríveis que os deuses, para silenciá-lo, enfiaram uma espada em sua boca, o cabo apoiado na mandíbula e a ponta contra o palato. O sangue então começou a escorrer em tamanha profusão que formou um grande rio, chamado Von. O lobo estava destinado a permanecer preso assim até o fim dos dias, quando ele conseguiria romper sua amarração e ficaria livre para se vingar de seus adversários.

*O lobo Fenrir,
Livre das cordas,
Rondará a terra.*

*DEATH-SONG OF HÂKON [CANÇÃO DE MORTE DE HAAKON]
(TRADUÇÃO INGLESA DE W. TAYLOR)*

Embora alguns estudiosos vejam nesse mito um emblema do delito evitado e tornado inócuo pelo poder da lei, outros veem aqui o fogo subterrâneo, que, mantido preso, não faz mal a ninguém, mas uma vez libertado de seus grilhões enche o mundo de destruição e dor. Assim como diziam que o segundo olho de Odin ficava no Poço de Mimir, também a segunda mão de Tyr (a espada) estaria na boca de Fenrir. Assim como o céu não precisa de dois sóis, ele não precisava de duas armas.

O culto de Tyr é celebrado em diversos lugares (como em Tubinga, na Alemanha), onde seu nome foi preservado, ainda que com algumas modificações. O nome do deus também foi dado ao acônito, uma planta conhecida nos países nórdicos como “elmo de Tyr.”

Capítulo



Bragi





A origem da poesia

Na época da disputa entre os Aesir e os Vanas, quando o acordo de paz fora selado, foi trazido um jarro à assembleia, no qual ambas as partes solenemente cuspiram. Dessa saliva, os deuses criaram Kvase, um ser conhecido por sua sabedoria e bondade, que perambulava pelo mundo respondendo a todas as perguntas que lhe faziam, assim ensinando e fazendo o bem para a humanidade.

Os anões, ouvindo falar da vasta sabedoria de Kvase, cobiçaram-na. Dois deles, Fialar e Galar, encontrando o sábio homem dormindo um dia, traiçoeiramente o mataram e extraíram dele cada gota de sangue, que guardaram em três recipientes: a chaleira Odhroerir (inspiração) e as tigelas Son (expição) e Boden (oferenda). Após misturar esse sangue com mel, eles fabricaram uma espécie de bebida tão inspiradora que qualquer um que a provasse imediatamente se tornava poeta e capaz de cantar com tal encanto que certamente conquistaria todos os corações.

Embora os anões tivessem preparado esse maravilhoso hidromel para consumirem, não chegaram sequer a prová-lo; mas trataram de escondê-lo em um lugar secreto antes de partirem em busca de outras aventuras. Ainda não haviam chegado muito longe quando encontraram o gigante Gilling, também mergulhado em sono profundo, deitado em uma ribanceira alta, e maliciosamente os anões rolaram-no para dentro do rio, onde ele pereceu. Então correram para a casa do gigante; alguns subiram no telhado, levando uma enorme pedra de moinho, enquanto outros, entrando na casa,

disseram à gigante que o marido tinha morrido. A notícia causou à pobre criatura uma grande tristeza, e ela saiu correndo para ver o cadáver de Gilling. Ao passar pela porta, no entanto, os anões cruéis rolaram a pedra de moinho sobre a cabeça da gigante e a mataram. Segundo outro relato, os anões convidaram o gigante para ir pescar com eles e conseguiram matá-lo colocando-o em um barco furado, que afundou com seu peso.

O duplo crime assim cometido não ficou muito tempo sem castigo, pois o irmão de Gilling, Suttung, rapidamente partiu em busca dos anões, decidido a vingá-lo. Capturando-os em suas mãos poderosas, o gigante deixou-os em um banco de areia bem no meio do oceano, onde certamente eles teriam morrido na próxima maré alta se não tivessem se redimido, prometendo entregar ao gigante o hidromel que haviam preparado. Assim que Suttung os deixou em terra firme, os anões lhe deram o precioso líquido, que ele confiou à sua filha Gunlad. O gigante ordenou que a filha o vigiasse noite e dia e não permitisse que nem deuses, nem mortais sequer o provassem. Para garantir que as ordens do pai fossem bem cumpridas, Gunlad levou os três recipientes para o interior da montanha, onde os vigiou com o mais escrupuloso cuidado, sem suspeitar que Odin já havia descoberto o esconderijo, graças à visão aguçada de seus corvos sempre vigilantes, Hugin e Munin.

A busca do elixir

Como Odin havia dominado o conhecimento rúnico e provado das águas do Poço de Mimir, ele já era o mais sábio dos deuses; mas quando soube do poder do hidromel da inspiração fabricado do sangue de Kvase, ansiou obter o líquido mágico. Com esse propósito, vestiu seu chapéu de aba larga, envolveu-se em seu manto cor de nuvem e viajou até Jotunheim. No caminho até a casa do gigante, ele passou por um campo onde nove thralls horrendos faziam feno. Odin parou por um momento para observar o trabalho deles e, reparando que suas foices pareciam cegas, propôs afiá-las, oferta que esses escravos prontamente aceitaram.

Tirando a pedra de amolar do bolso interno, Odin passou a afiar as nove foices, e com destreza deixou seu fio tão agudo que os escravos, satisfeitiíssimos, pediram que ele lhes desse a pedra de amolar. Aquiescendo, bem-humorado, Odin atirou a pedra de amolar por cima do muro; mas, quando os nove escravos correram ao mesmo tempo para apanhá-la, feriram-se com as foices afiadas. Com raiva dos próprios descuidos, eles então começaram a brigar, e só pararam quando estavam todos gravemente feridos ou mortos.

Impávido diante dessa tragédia, Odin continuou seu caminho, e logo depois chegou à casa do gigante Balge, irmão de Suttung, que o recebeu com muita hospitalidade. Ao longo da conversa, Balge informou-o de que estava muito constrangido, porque era época de colheita, mas seus trabalhadores haviam sido encontrados mortos no campo de feno.

Odin, que nessa ocasião disse que seu nome era Bolverk (malfeitor), prontamente ofereceu seus serviços ao gigante, prometendo trabalhar o mesmo tanto que os nove escravos, e se empenhar com afinco o verão inteiro em troca de um único gole do hidromel mágico de Suttung quando a colheita terminasse. Essa troca foi imediatamente acertada, e o novo empregado de Balge, Bolverk, trabalhou incessantemente o verão inteiro, mais do que cumprindo seu contrato e guardando em segurança todo o trigo antes que comessem as chuvas do outono. Quando os primeiros dias de inverno chegaram, Bolverk se apresentou diante do patrão, reivindicando sua recompensa. Porém, Balge hesitou e tentou tergiversar, dizendo que não ousaria pedir abertamente a seu irmão Suttung um gole do elixir da inspiração, mas tentaria obtê-lo mediante uma artimanha. Juntos, Bolverk e Balge então foram para a montanha onde Gunlad morava, e como não encontraram outra maneira de entrar na caverna secreta, Odin sacou sua valorosa broca, chamada Rati, e mandou o gigante perfurar com toda força para fazer um buraco pelo qual ele pudesse se arrastar para dentro.

Balge obedeceu calado e depois de alguns momentos de trabalho retirou a ferramenta, dizendo que havia perfurado através da

montanha e que Odin podia sem nenhuma dificuldade deslizar por ali. Mas o deus, desconfiado dessa afirmação, meramente soprou dentro do buraco, e quando a poeira e as lascas voaram em seu rosto, ele mandou seriamente Balge continuar a perfurar e que não tentasse enganá-lo outra vez. O gigante fez o que ele mandou, e, quando retirou novamente a ferramenta, Odin garantiu que o buraco estava realmente terminado. Transformando-se em cobra, ele serpenteou com notável rapidez e conseguiu se desviar da broca afiada que Balge traiçoeiramente enfiou no buraco para acertá-lo, com intenção de matá-lo.

*A boca de Rati fiz
Cavar espaço,
E roer a rocha;
Por cima, por baixo,
As terras de Jotun:
Assim arrisquei minha cabeça.*

“HÁVAMÁL”

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

O roubo do elixir

Chegando ao interior da montanha, Odin retomou sua aparência de deus com o manto estrelado e então se apresentou na caverna cheia de estalactites diante da bela Gunlad. Ele tentou conquistar seu amor como forma de induzi-la a lhe permitir dar um gole de cada um dos recipientes confiados aos seus cuidados.

Conquistada pelos apelos apaixonados dele, Gunlad consentiu em se tornar sua esposa e, depois de o deus ter passado três dias inteiros com ela em seu refúgio, trouxe os recipientes do esconderijo secreto e disse que ele podia dar um gole de cada.

*E um gole obtive
Do valioso hidromel,
Servido de Odhroerir.*

“ODIN’S RUNE SONG” [CANÇÃO RÚNICA DE ODIN]

Odin fez bom uso dessa permissão e sorveu tão profundamente que esvaziou os três frascos. Então, tendo obtido tudo que desejava, saiu da caverna e, vestindo suas plumas de águia, voou para o azul do céu. Depois de pairar por um momento sobre o topo da montanha, bateu asas em direção a Asgard.

Ele ainda estava longe da morada dos deuses quando percebeu a presença de um perseguidor e, de fato, Suttung, também tendo assumido a forma de uma águia, vinha rapidamente atrás dele com intenção de obrigá-lo a devolver o hidromel roubado. Odin então voou cada vez mais depressa, esforçando-se ao máximo para chegar a Asgard antes que o inimigo o alcançasse, e, conforme se aproximava de sua morada, os deuses assistiram aflitos à corrida.

Vendo que Odin teria dificuldade para escapar, os Aesir rapidamente reuniram todo material combustível que puderam encontrar e, quando ele voou sobre as muralhas do palácio, atearam fogo de modo que as chamas, muito altas, queimaram as asas de Suttung enquanto ele perseguia o deus. O gigante, então, caiu e pereceu consumido pelas chamas.

Quanto a Odin, ele voou até onde os deuses haviam preparado outros frascos para o hidromel roubado e regurgitou o elixir da inspiração com tanta pressa, ofegante, que algumas gotas caíram e se espalharam pela terra. Lá elas se tornariam o quinhão dos rimadores e poetastros; os deuses reservaram o restante do elixir para consumo próprio e só de vez em quando ofereciam um gole a um mortal favorito, que, imediatamente depois de beber, conquistava fama mundial por suas canções inspiradoras.

De uma forma assumida

Fiz bom uso:

Pouco escapa ao sábio;

Pois Odhroerir

Agora chegou

À terra dos homens.

“HÁVAMÁL”

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Como os homens e os deuses deviam o precioso presente a Odin, eles estavam sempre dispostos a expressar a ele sua gratidão, e não só chamavam o líquido pelo nome, como o cultuavam como padroeiro da eloquência, da poesia, da canção e de todos os escaldos.

O deus da música

Embora Odin tivesse conquistado assim o dom da poesia, ele raramente fazia uso dele. Coube a seu filho Bragi, cuja mãe era Gunlad, tornar-se o deus da poesia e da música wcantar o mundo com suas canções.

*Bardo de barbas brancas,
Bragi, sua harpa dourada
Toca — e ainda mais suave
Conquista o dia.*

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

Assim que Bragi nasceu, na caverna das estalactites onde Odin ganhara as afeições de Gunlad, os anões o presentearam com uma harpa mágica dourada e, colocando-o em um de seus próprios barcos, enviaram-no para o mundo. Conforme o barco delicadamente saiu da escuridão subterrânea e flutuou para além dos umbrais de Nain — o domínio do anão da morte —, Bragi, o belo e imaculado deus jovem, que até então não dera nenhum sinal de vida, subitamente se sentou, e, apanhando a harpa dourada ao lado, começou a cantar a maravilhosa canção da vida, que se ergueu aos poucos até o céu e depois mergulhou no pavoroso domínio de Hel, deusa da morte.

*O freixo Yggdrasil
De todas as árvores é a melhor,
E de todos os barcos, Skidbladnir;*

*Dos Aesir, é Odin,
Dos corcéis, Sleipnir;
Bifrost, entre as pontes,
E dos escaldos, Bragi.*

LAY OF GRIMNIR [LAI DE GRIMNIR]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Enquanto ele tocava sua harpa, o barco foi levado pelas gentis águas ensolaradas e logo chegou à margem. Bragi então prosseguiu a pé, trilhando a floresta nua e silenciosa, tocando enquanto caminhava. Ao som de sua música suave, as árvores começaram a brotar e a florescer, e a relva a seus pés ficou juncada de incontáveis flores.

Ali ele encontrou Iduna, filha de Ivald, a bela deusa da juventude imortal, a quem os anões permitiam visitar a terra de tempos em tempos, quando, à sua chegada, a natureza invariavelmente assumia seu aspecto mais adorável e delicado.

Era de se esperar que dois seres assim se sentissem atraídos um pelo outro, e Bragi logo conquistou a bela deusa como esposa. Juntos, eles logo se encaminharam para Asgard, onde foram calorosamente acolhidos e onde Odin, depois de traçar runas na língua de Bragi, decretou que ele seria o menestrel celestial e compositor de canções em honra dos deuses e dos heróis que receberia em Valhala.

O culto a Bragi

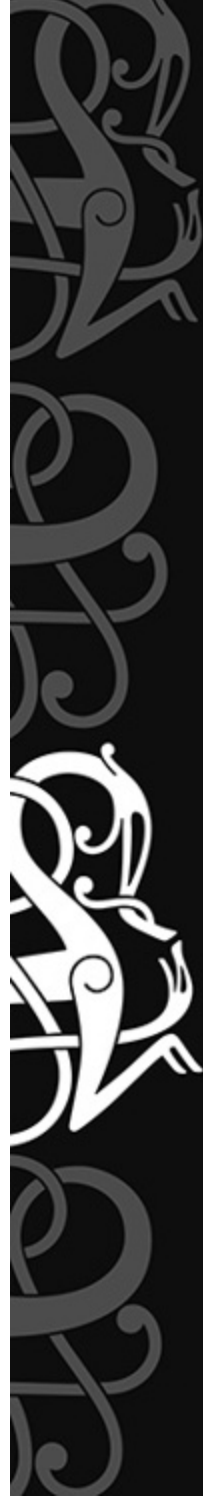
Como Bragi era o deus da poesia, da eloquência e da canção, os povos nórdicos também chamavam a poesia por seu nome, e os escaldos de ambos os sexos eram frequentemente designados *Bragamen* ou *Braga-women*. Bragi era muito venerado por todos os povos nórdicos e sempre se bebia à sua saúde em ocasiões solenes ou festivas, mas sobretudo em funerais e na celebração do Yule.

Na hora de brindar a bebida servida em uma taça em forma de barco, chamada de Bragaful, primeiro se fazia o sinal sagrado do martelo sobre ela. Então o novo rei ou chefe da família solenemente prometia um grande feito de valor, que devia executar ao longo do

ano, a não ser que quisesse ser considerado destituído de honra. Seguindo seu exemplo, todos os convidados então faziam votos semelhantes e declaravam o que fariam no ano; alguns deles, devido à bebedeira, acabavam falando demais sobre suas intenções nessas festas, e esse fato aparentemente sugere a associação do nome do deus com o verbo vulgar, porém muito expressivo, *to brag* (“bravatear” em inglês).

Na arte, Bragi geralmente é representado como um homem idoso, de longos cabelos e barbas brancas, segurando a harpa dourada da qual seus dedos tiravam acordes mágicos.

Capítulo





Iduna

VII



Iduna
B.E. WARD



As Maças da Juventude

Iduna, a personificação da primavera ou da juventude imortal, que, segundo alguns mitógrafos, não teve nascimento e jamais experimentaria a morte, foi recebida com entusiasmo pelos deuses quando apareceu em Asgard com Bragi. Para conquistar ainda mais a afeição dos deuses, ela prometeu a eles que diariamente provariam das maravilhosas maçãs que levava em seu cesto, as quais tinham o poder de conferir juventude e beleza imortais a todos que as comessem.

*Douradas maçãs
De seu pomar
Dariam juventude
A quem sempre as comesse.*

O ANEL DO NIBELUNGO, RICHARD WAGNER
(TRADUÇÃO DE FORMAN)

Graças a esse fruto mágico, os deuses escandinavos, que, por terem se originado de uma raça mestiça não eram todos imortais, afastaram a chegada da velhice e da doença e permaneceram vigorosos, belos e jovens ao longo de inúmeras eras. Essas maçãs eram portanto consideradas de fato muito preciosas, e Iduna cuidadosamente as guardava em seu cesto mágico. Não importava quantas maçãs ela tirasse do cesto, o número era sempre suficiente para distribuí-las no banquete dos deuses, os únicos a quem ela

permitia prová-las, embora anões e gigantes fossem ávidos para obter o fruto.

*Clara Iduna, donzela imortal!
Em Valhala, junto ao portal,
Em sua cesta bem recheada
De raras maçãs douradas;
Raras maçãs, de fora da Terra,
Dão novo viço aos deuses velhos.*

VALHALLA, J.C. JONES

A história de Thiassi

Um dia, Odin, Hoenir e Loki partiram em uma de suas costumeiras excursões à terra, e, depois de perambular por muito tempo, viram-se em uma região deserta, onde não encontraram nenhum lugar hospitaleiro para descansar. Exaustos e muito famintos, os deuses, notando um rebanho de bois, mataram um dos animais e, acendendo uma fogueira, sentaram-se em volta do fogo enquanto esperavam a carne assar.

Para sua surpresa, no entanto, apesar das chamas ruidosas, a carne continuava crua. Percebendo que devia haver alguma magia envolvida ali, eles procuraram no entorno e descobriram o que podia estar atrasando o cozimento quando notaram uma águia empoleirada em uma árvore acima deles. Vendo que despertara a desconfiança dos viajantes, a águia se dirigiu a eles e admitiu que era ela quem havia impedido o fogo de fazer seu trabalho, mas se ofereceu para remover o encanto se eles lhe dessem toda a comida que conseguisse comer. Os deuses concordaram, e então a águia, descendo em rasante, abanou as chamas com suas asas imensas, e logo a carne ficou pronta. O pássaro então se posicionou para arrancar três quartos do boi como sua cota, mas isso foi demais para Loki, que apanhou uma grande estaca de madeira e avançou sobre a águia voraz, esquecendo-se de que ela era conhecedora das artes mágicas. Para seu grande desalento, uma das pontas da estaca se

cravou nas costas da águia e a outra ponta em sua mão, e Loki se viu arrastado sobre as pedras e os matagais, às vezes até pelo ar, quase tendo seu braço arrancado. Em vão, ele gritou por compaixão e implorou para que fosse solto; a águia continuou voando, até que o deus promettesse pagar o preço que ela definisse pela liberdade dele.

A suposta águia, que era o gigante da tempestade Thiassi, enfim concordou em soltar Loki, sob uma condição. Ele o fez prometer no mais solene juramento que atrairia Iduna para fora de Asgard, de modo que Thiassi pudesse se apoderar dela e de seu fruto mágico.

Libertado enfim, Loki voltou a Odin e Hoenir, aos quais, contudo, tratou de não confiar a condição de sua liberdade; e quando voltaram a Asgard ele começou a planejar como atrair Iduna para fora da morada dos deuses. Alguns dias depois, Bragi tendo se ausentado em uma de suas viagens de menestrel, Loki procurou Iduna nos bosques de Brunnaker, onde ela passara a viver, e descrevendo astuciosamente algumas maçãs que cresciam lá fora, que ele falsamente declarou serem idênticas às dela, a atraiu para sair de Asgard com um prato de cristal cheio de suas próprias maçãs, que ela pretendia comparar com aquelas que Loki elogiara. Assim que Iduna deixou Asgard, contudo, o enganador Loki a abandonou, e antes que ela conseguisse voltar ao abrigo da morada celestial, o gigante da tempestade Thiassi chegou do norte com suas asas de águia e, arrebatando-a com suas garras cruéis, levou-a embora para sua casa no ermo e desolado Thrymheim.

*Thrymheim é o nome do sexto,
Onde mora Thiassi,
O todo-poderoso Jotun.*

LAY OF GRIMNIR [LAI DE GRIMNIR]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Isolada de seus amados companheiros, Iduna sofreu, ficou pálida e triste, mas se recusou com obstinação a dar a Thiassi nem sequer um pedacinho de seu fruto mágico, que, como ele bem sabia, o tornaria belo e renovaria sua força e juventude.

*Todos os males ocasionados
Ao salão de Odin
Têm origem na vileza de Loki.
Para fora de Valhala
Ele a pura Iduna levou —
Cuja bela cesta
Tem raras maçãs
Que tornam deuses imortais —
E na torre de Thiassi emparedou.*

VALHALLA, J.C. JONES

O tempo passou. Os deuses, pensando que Iduna tivesse acompanhado o marido e que logo voltaria, a princípio não se deram conta de sua partida, mas pouco a pouco o efeito benéfico do último banquete de maçãs passou. Eles começaram a sentir a velhice se aproximar e viram sua juventude e beleza se extinguir; então, preocupados, começaram a procurar a deusa desaparecida.

As investigações revelaram que Iduna fora vista pela última vez na companhia de Loki, e, quando Odin severamente o chamou para se explicar, o deus foi obrigado a admitir que a havia traído e deixado que fosse levada pelo gigante da tempestade.

*Pelo semblante insolente,
Logo em Valhala se viu
Que eram artes de Loki, traiçoeiro,
Que levaram Iduna embora
Para a torre sombria,
Sob o jugo de um gigante.*

VALHALLA, J.C. JONES

A volta de Iduna

A atitude dos deuses então se tornou muito ameaçadora, e ficou claro para Loki que, se ele não descobrisse meios de trazer de volta a deusa, e sem demora, sua vida estaria sob risco considerável.

Ele garantiu aos deuses indignados, portanto, que não deixaria pedra sobre pedra em seus esforços para libertar Iduna. Tomando emprestadas as plumas de falcão de Freya, Loki voou para Thrymheim, onde encontrou Iduna sozinha, triste, lamentando-se em seu exílio de Asgard e sofrendo pela falta de seu amado Bragi. Segundo alguns relatos, ele transformou a bela deusa em uma noz — segundo outros, em andorinha —, prendeu-a entre suas garras e, então, rapidamente voltou a Asgard, na esperança de chegar ao abrigo das altas muralhas antes que Thiassi voltasse de uma pescaria nos mares do norte, à qual tinha ido.

Nesse ínterim, os deuses haviam se reunido nas muralhas da cidade celestial, e estavam aguardando a volta de Loki com muito mais angústia do que sentiram por Odin quando ele partira em busca do elixir de Odhroerir. Lembrando o sucesso de sua artimanha na ocasião, eles haviam reunido grandes pilhas de materiais combustíveis, que ficaram prontos para incendiar a qualquer momento.

De repente, viram Loki se aproximar, mas logo atrás dele vinha uma grande águia. Era o gigante Thiassi, que voltara a Thrymheim e descobrira que sua prisioneira havia sido levada por um falcão, no qual ele logo reconheceu um deus. O gigante tratou de vestir as plumas de águia, partiu no encalço do suposto falcão e se aproximava de sua presa com velocidade. Loki duplicou seus esforços ao se ver perto das muralhas de Asgard e, antes que Thiassi o alcançasse, chegou ao seu objetivo e se atirou exausto aos pés dos deuses. Sem demora, os deuses acenderam o fogo no material reunido, e quando Thiassi passou sobre as muralhas, as chamas e a fumaça o derrubaram no chão. Ferido e atordoado, o gigante era uma presa fácil para os deuses, que impiedosamente o apanharam e o mataram.

Os Aesir ficaram exultantes com o resgate de Iduna, e logo compartilharam das preciosas maçãs que ela trouxera de volta em segurança. Sentindo que recuperavam a força e a beleza a cada mordida, eles comentaram, bem-humorados, que não era de

espantar que até os gigantes quisessem provar as maçãs da juventude perpétua. Os deuses juraram então que fariam dos olhos de Thiassi uma constelação nos céus, no intuito de amenizar a fúria de seus parentes ao saber que tinha sido assassinado.

*No alto lancei olhos
Do filho de Allvadi
No céu sereno:
São os sinais maiores
Dos meus feitos.*

LAY OF HARBARD [LAI DE HARBARD] (
TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

A deusa da primavera

A explicação física deste mito é óbvia. Iduna, emblema da vegetação, é sequestrada no outono, quando Bragi está ausente e o canto dos pássaros foi interrompido. O vento frio do inverno, Thiassi, detém Iduna no norte ermo e árido, onde ela não pode vicejar, até que Loki, o vento do sul, traz de volta a semente ou a andorinha, ambas precursoras da volta da primavera. A juventude, a beleza e a força conferidas por Iduna são simbólicas da ressurreição da Natureza na primavera depois do sono do inverno, quando a cor e o vigor voltam à terra, que se tornara enrugada e cinzenta.

Iduna cai no mundo ífero

Como o desaparecimento de Iduna era uma ocorrência anual, podemos esperar encontrar outros mitos lidando com esse impressionante fenômeno. Há um muito apreciado pelos antigos escaldos, que, infelizmente, chegou até nós de forma muito incompleta e fragmentada. Segundo esse relato, Iduna estava um dia sentada nos ramos do sagrado freixo Yggdrasil quando, desmaiando subitamente, se soltou do galho e mergulhou em uma longa queda até a mais remota profundidade de Niflheim. Ali ela ficou, pálida e imóvel, contemplando com olhos arregalados e aterrorizados as

horrendas paisagens do domínio de Hel, tremendo violentamente, como tomada por um frio penetrante.

*Dos galhos estreitos
Do freixo Yggdrasil
A presciente Dis
Tombou,
De raça elevada,
Iduna por nome,
A mais nova dos mais velhos
Filhos de Ivaldi.
Ela mal suportou
A queda até
O gelo confinado
Sob o tronco da árvore.
Feliz não ficaria
Com a filha de Norvi,
Acostumada a morada
Mais aprazível.*

“ODIN’S RAVEN’S SONG” [CANÇÃO DOS CORVOS DE ODIN]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Vendo que ela não voltava, Odin mandou Bragi, Heimdall e outro deus irem procurá-la, dando-lhes uma pele de lobo branco para envolvê-la, de modo que ela não sofresse com o frio, e pedindo que fizessem todos os esforços para tirá-la do estupor que, sua presciência lhe dizia, havia se apoderado da deusa.

*Pele de lobo eles lhe deram,
Na qual ela mesma se envolveu.*

“ODIN’S RAVEN’S SONG” [CANÇÃO DOS CORVOS DE ODIN]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Iduna passivamente permitiu que os deuses a envolvessem na pele quente de lobo, mas se recusou a falar ou a se mover; vendo o aspecto estranho da esposa, Bragi suspeitou, pesaroso, que ela

tivesse tido uma visão de grandes infortúnios. Lágrimas escorriam continuamente pelo rosto pálido da deusa, e Bragi, abalado pela infelicidade dela, enfim mandou os outros deuses voltarem para Asgard sem ele, jurando que ficaria ao lado da esposa até que ela estivesse pronta para deixar o domínio desolado de Hel. A visão do sofrimento de Iduna oprimiu-o tão dolorosamente que ele não teve coragem de cantar suas canções, em geral alegres, e as cordas de sua harpa ficaram mudas enquanto ele permaneceu no mundo ífero.

*Zéfiro vozeante sobre as flores se arrastando,
Como a música de Bragi sua harpa tocando.*

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

Nesse mito, a queda de Iduna de Yggdrasil é simbólica da queda outonal das folhas, que se soltam murchas e indefesas no chão frio e nu até serem escondidas pela neve, representada pela pele branca de lobo enviada por Odin (o céu) para mantê-las aquecidas; a interrupção do canto dos pássaros é tipificada pelo silêncio da harpa de Bragi.

Capítulo





Njord

VIII



Um refém com os deuses

Já vimos como os Aesir e os Vanas trocaram reféns depois da terrível guerra que travaram entre si, e que enquanto Hoenir, irmão de Odin, foi viver em Vanaheim, Njord e seus dois filhos, Frey e Freya, passaram a viver em Asgard definitivamente.

Em Vanaheim

Sábios poderosos o criaram,

E aos deuses um refém entregaram.

LAY OF VAFTHRUDNIR [LAI DE VAFTRUDENER]

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Como regente dos mares perto da costa e dos ventos, Njord recebeu o palácio de Noatun, perto da praia, onde, dizem, ele apaziguava as terríveis tempestades provocadas por Aegir, deus do mar profundo.

Njord, deus das tempestades que os pescadores conhecem;

Não nasceu no Céu — em Vanaheim foi criado,

Com os homens, mas vive refém dos deuses;

Conhece cada braço de mar, e cada riacho rochoso,

Entre pinhos e praias onde gritam gaivotas.

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Ele também estendia sua proteção especial ao comércio e à pesca, atividades que só podiam ser realizadas com proveito durante os

breves meses do verão, dos quais ele era, em certa medida, considerado a personificação.

O deus do verão

Njord é representado na arte como um deus muito bonito, no auge da vida, vestindo uma túnica verde curta, com uma coroa de conchas e algas marinhas, ou um chapéu de aba marrom adornado com plumas de águia ou garça. Como personificação do verão, ele era invocado para apaziguar as tempestades furiosas que devastavam os litorais durante os meses de inverno. Suplicava-se também para que ele apressasse a volta do calor vernal, extinguindo os incêndios comuns no inverno.

Como a agricultura só era praticada durante os meses de verão, principalmente ao longo dos fiordes ou braços de mar, Njord era também invocado para favorecer as colheitas, pois se dizia que o deus se deliciava com a prosperidade daqueles que confiavam nele.

A primeira esposa de Njord, segundo alguns especialistas, foi sua irmã Nerthus, a Mãe Terra — que na Alemanha era identificada com Frigga, como vimos, mas na Escandinávia era uma divindade distinta. Njord foi, contudo, obrigado a se separar dela ao ser chamado a Asgard, onde ele ocuparia um dos 12 lugares no grande salão do conselho e estaria presente em todas as assembleias dos deuses, retirando-se para Noatun apenas quando seus serviços não eram requisitados pelos Aesir.

Em décimo primeiro, Noatun;

Ali Njord para si

Morada fez,

Príncipe dos homens,

Incólume de pecados

Reina no templo elevado.

LAY OF GRIMNIR [LAI DE GRIMNIR]

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Em seu lar litorâneo, Njord gostava de ficar observando as gaivotas voando para lá e para cá e de ver os graciosos movimentos dos cisnes, sua ave favorita, que considerava sagrados. Ele também passava horas contemplando as cambalhotas das focas delicadas, que vinham tomar sol a seus pés.

Skadi, deusa do inverno

Pouco depois do retorno de Iduna de Thrymheim e da morte de Thiassi nos limites de Asgard, os deuses reunidos ficaram muito surpresos e apreensivos ao ver Skadi, a filha do gigante, aparecer certo dia entre eles para exigir uma explicação pela morte do pai. Embora fosse filha de um Hrimthurs feio e velho, Skadi, a deusa do inverno, era na verdade muito bonita, usando armadura prateada, com lança reluzente, flechas pontiagudas, um vestido curto de caçadora, pernas de pele branca e sapatos de neve largos. Os deuses tiveram de admitir a justiça de sua reivindicação, e então ofereceram a indenização de costume para compensar a morte de Thiassi. Skadi, no entanto, estava tão furiosa que a princípio recusou o acordo e seriamente exigiu uma vida em troca da vida do pai, até que Loki, no intuito de arrefecer a ira da deusa e pensando que, se conseguisse fazer os lábios frios dela relaxarem em um sorriso, o resto seria fácil, começou a fazer todo tipo de travessura. Amarrando-se a uma cabra com uma corda invisível, ele fez várias piruetas, que foram repetidas pelo animal. A cena foi tão grotesca que todos os deuses gargalharam bem alto, esfuziantes, e até Skadi acabou rindo.

Aproveitando o humor apaziguado da deusa, os deuses apontaram para o firmamento, onde os olhos do pai de Skadi brilhavam como estrelas cintilantes no hemisfério norte. Eles contaram que haviam colocado os olhos dele ali para demonstrar toda a honra que ele merecia, e, então, disseram que ela podia escolher um marido entre qualquer um dos deuses presentes na assembleia, desde que se contentasse em julgar os atrativos pelos pés descalços deles.

De olhos vendados, de modo que só pudesse ver os pés dos deuses postados em círculo à sua volta, Skadi olhou ao redor até que seus olhos pararam diante de um belo par de pés bem torneados. Ela teve certeza de que deviam ser os pés de Balder, deus da luz, cujo semblante brilhante a havia fascinado, e designou o dono daqueles pés como o seu escolhido.

Mas quando a venda foi removida, ela descobriu, para sua tristeza, que havia escolhido Njord, a quem seu destino estaria unido para sempre. Apesar da decepção, no entanto, ela passou uma lua de mel feliz em Asgard, onde todos pareciam contentes em honrá-la. Depois disso, Njord levou a noiva para sua casa em Noatun, onde o monótono som das ondas, os gritos das gaivotas e os gemidos das focas perturbavam tanto o sono de Skadi que ela finalmente declarou que era impossível permanecer ali mais tempo, e implorou ao marido que a levasse para sua terra natal em Thrymheim.

*Dormir eu não dormia
Em meu leito marinho,
Tal a gritaria das gaivotas.
E acordava sempre
Quando das ondas vinha,
A cada manhã, o gemido.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Njord, ansioso para agradar a nova esposa, consentiu em levá-la a Thrymheim e ali viver com ela nove a cada 12 noites, desde que Skadi passasse as outras três noites com ele em Noatun. Mas quando chegou à região montanhosa, o sussurro do vento nos pinheiros, o trovão das avalanches, os estalidos do gelo, o rugido das cataratas e os uivos dos lobos lhe pareceram tão insuportáveis quanto o som do mar parecera à esposa, de modo que se alegrava toda vez que esse período de exílio terminava e ele voltava a Noatun.

*Exausto das montanhas;
Por lá não me demorei,*

*Apenas nove noites;
O uivo dos lobos
Me parece doloroso
Comparado ao canto dos cisnes.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

A separação de Njord e Skadi

Durante algum tempo, Njord e Skadi, que são as personificações do verão e do inverno, alternaram-se assim: a esposa passando os três breves meses de verão junto ao mar, e ele ficando com ela em Thrymheim, a contragosto, nos longos nove meses de inverno. Mas, concluindo enfim que seus gostos jamais se conciliariam, eles resolveram se separar para sempre e voltaram para seus respectivos lares, onde cada um seguiria as ocupações a que o costume os afeiçoara.

*Thrymheim se chama,
Onde Thiassi morava,
Gigante poderoso;
Mas Skadi ora vive,
Pura noiva dos deuses,
Na velha casa do pai.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Skadi então retomou seu estimado hábito das caçadas, deixando seus domínios novamente apenas para se casar com o semi-histórico Odin, de quem ela gerou um filho chamado Sæming, o primeiro rei da Noruega e suposto fundador da dinastia dos reis que governou aquele país por muito tempo.

Segundo outras fontes, contudo, Skadi acabou se casando com Uller, o deus do inverno. Como Skadi era boa atiradora, ela é representada com arco e flecha, e, como deusa da caça, geralmente está acompanhada por um dos cães-esquimós que parecem lobos, tão comuns no Norte. Skadi era invocada por caçadores e viajantes de

inverno, cujos trenós ela guiava pela neve e pelo gelo, ajudando-os a chegar a seus destinos em segurança.

A ira de Skadi contra os deuses, que haviam matado seu pai, o gigante da tempestade, é um emblema da rigidez inflexível da terra envolta pelo gelo, que, apaziguada enfim pelas cabriolas de Loki (a trovoada seca), sorri e permite o abraço de Njord (o verão). O amor do esposo, no entanto, não pode detê-la por mais de três meses por ano (tipificados no mito pelas três noites), pois ela está sempre secretamente com saudades das tempestades de inverno e de suas atividades habituais nas montanhas.

O culto a Njord

Njord supostamente benzia os barcos que entravam e saíam do porto, e seus templos se situavam perto da orla; ali eram comuns os juramentos em seu nome, e à sua saúde se bebia em todos os banquetes, onde ele era sempre lembrado, assim como seu filho Frey.

Como aparentemente todas as plantas aquáticas pertenciam a ele, a esponja marinha ficou conhecida no norte como “luva de Njord”, um nome que permaneceu por muito tempo, até que a planta passasse a ser popularmente conhecida como “mão da Virgem.”



Capítulo



Frey

IX





Frey
JACQUES REICH



O deus da terra das fadas

Frey – ou Fro, como era chamado na Alemanha – era o filho de Njord e Nerthus, ou de Njord e Skadi, e nasceu em Vanaheim. Ele portanto pertencia à raça dos Vanas, as divindades da água e do ar, mas foi calorosamente recebido em Asgard quando ali chegou como refém ao lado do pai. Como era costume entre os povos do Norte dar um presente de valor à criança quando ela perdia o primeiro dente, os Aesir deram ao pequeno Frey o belo domínio de Alfheim, ou terra das fadas, lar dos elfos da luz.

*Alfheim os deuses a Frey
Deram nos dias de outrora
Em troca do primeiro dente.*

SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Ali, Frey, o deus dos raios dourados do sol e das chuvas quentes de verão, fez sua morada, encantado com o convívio dos elfos e das fadas, que implicitamente obedeciam a todas as suas ordens; a um sinal seu voavam para lá e para cá, fazendo todo o bem em seu poder, pois eram sobretudo espíritos benfeitores.

Frey também recebeu dos deuses uma espada maravilhosa (um emblema dos raios de sol), que tinha o poder de combater por vontade própria assim que desembainhada, além de sempre sair vitoriosa. Frey se valeu dela principalmente contra os gigantes de

gelo, a quem ele odiava quase tanto quanto Thor, e porque costumava portar sua arma reluzente, ele às vezes era confundido com o deus da espada, Tyr, ou Saxnot.

*Com martelo de cabo curto luta Thor conquistador;
A espada de Frey media o mero tamanho de um braço.*

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

Os anões de Svartalfaheim deram a Frey o javali Gullinbursti (das cerdas douradas), uma personificação do sol. Os pelos brilhantes do animal simbolizavam tanto os raios do sol quanto o trigo dourado, que ao seu comando ondulavam sobre os campos de Midgard. Também eram símbolo da agricultura, pois o javali, sulcando a terra com suas presas afiadas, teria sido o primeiro a ensinar à humanidade como arar o chão.

*Lá estava Frey, montado
No javali das cerdas douradas, que primeiro
Arou a terra marrom, e a fez verde por Frey.*

THE LOVERS OF GUDRUN [OS AMANTES DE GUDRUN], WILLIAM MORRIS

Frey às vezes montava esse javali maravilhoso, capaz de atingir alta velocidade, e às vezes o atrelava à sua carruagem dourada, que se dizia conter os frutos e as flores que ele generosamente espalhava pela face da terra. Frey era, além do mais, o orgulhoso proprietário não só do mais audaz corcel, Blodughofi, que corria através do fogo e da água a seu comando, mas também do barco mágico Skidbladnir, uma personificação das nuvens. Essa embarcação, que viajava pelo ar, sobre a terra e sobre o mar, era sempre soprada por ventos favoráveis. Ela era tão elástica que, embora pudesse adquirir grandes proporções para levar os deuses, seus corcéis e todo o equipamento, também era dobrável como um guardanapo e podia ser levada no bolso.

*Os filhos de Ivaldi
Nos tempos de outrora*

Skidbladnir formaram,

Dos barcos o melhor,

Para o brilhante Frey,

De Njord filho benigno.

LAY OF GRIMNIR [LAI DE GRIMNIR]

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

O cortejo de Gerd

Conta-se em um dos lais da *Edda* que Frey certa vez se aventurou a subir ao trono Hlidskialf de Odin, de cuja avantajada altura seu olhar alcançou a terra inteira. Olhando para o Norte gelado, ele viu uma bela e jovem donzela entrar na casa do gigante de gelo Gymir, e, quando ela ergueu a mão para bater a aldrava, sua beleza radiante iluminou o mar e o céu.

No momento seguinte, essa adorável criatura, cujo nome era Gerd, e que é considerada a personificação da cintilante aurora boreal, desapareceu dentro da casa do pai, e Frey voltou pensativo para Alfheim, com o coração apertado de anseio por fazer da bela donzela sua esposa. Profundamente apaixonado, ele ficou melancólico e distraído ao extremo e passou a se comportar de forma tão estranha que seu pai, Njord, ficou muito preocupado com a saúde do filho, e mandou seu criado favorito, Skirnir, descobrir a causa daquela súbita mudança. Depois de muita persuasão, Skirnir finalmente extraiu de Frey um relato de sua subida ao trono Hlidskialf, e da bela visão que dali tivera. Ele confessou seu amor e também seu total desespero, pois como Gerd era filha de Gymir e Angrboda, e parente do assassinado gigante Thiassi, ele temia que ela jamais fosse favorável às intenções dele.

Na corte de Gymir, eu vi se mover

A dama que meu peito de amor faz arder;

Braços brancos como a neve e colo claro

Brilhavam adoráveis, acendendo mar e ar.

*Cara aos meus desejos ela é mais
Do que nunca outra dama foi a outro rapaz;
Mas deuses e elfos, dou testigo,
Proíbem que ela more comigo.*

SKIRNER'S LAY [LAI DE SKIRNIR]

(TRADUÇÃO INGLESA DE HERBERT)

Skirnir, contudo, respondeu em tom de consolo que não via motivo para seu senhor ter uma opinião tão desesperada do caso e se ofereceu para visitar e cortejar a donzela em seu nome, desde que Frey lhe emprestasse seu corcel para a viagem, e lhe desse sua espada reluzente em recompensa.

Exultante com a perspectiva de conquistar a bela Gerd, Frey de bom grado entregou a Skirnir a espada reluzente e lhe deu permissão de usar seu cavalo. Mas rapidamente ele entrou em um estado de devaneio, que se tornara comum desde que se apaixonara. Assim, não reparou que Skirnir ainda estava por perto, nem percebeu que com astúcia este roubou o reflexo de seu rosto da superfície de um riacho próximo e aprisionou sua imagem no corno de bebidas, com a intenção de “despejá-la na taça de Gerd, e com a beleza da imagem conquistar o coração da gigante para seu senhor”, em nome de quem ele estava indo cortejá-la. Levando esse retrato, mais 11 maçãs de ouro, e com o mágico anel Draupnir, Skirnir então cavalgou até Jotunheim para fazer sua embaixada. Ao se aproximar da casa de Gymir, ouviu o uivo alto e persistente de seus cães de guarda, que eram personificações dos ventos do inverno. Um pastor, cuidando de seu rebanho na região, disse-lhe, em resposta a sua pergunta, que seria impossível se aproximar da casa devido à barreira de chamas que a cercava; mas Skirnir, sabendo que Blodughofi atravessaria qualquer fogo, meramente esporeou seu corcel e, cavalcando incólume até a porta do gigante, logo foi conduzido à presença da adorável Gerd.

Para induzir a bela donzela a dar ouvidos às propostas de seu senhor, Skirnir mostrou-lhe o retrato roubado e sacou as maçãs de

ouro e o anel mágico, os quais, contudo, ela altivamente recusou, declarando que o pai tinha ouro, e até demais.

*Aceitar, não aceito, o magnífico anel,
Embora venha dos tesouros de Balder,
Na casa de Gymir, ouro não me falta;
Basta-me, pois, o dote de meu pai.*

SKIRNER'S LAY [LAI DE SKIRNIR]

(TRADUÇÃO INGLESA DE HERBERT)

Indignado com o desdém de Gerd, Skirnir ameaçou decapitá-la com a espada mágica. Porém, como isso não assustou em nada a donzela e ela calmamente o desafiou, ele acabou recorrendo às artes mágicas. Riscando runas em seu cajado, ele disse que, se ela não cedesse antes de encerrado o feitiço, seria condenada ao eterno celibato ou a se casar com algum velho gigante gelado que jamais conseguiria amar.

Aterrorizada pela descrição apavorante de seu futuro infeliz caso persistisse em sua recusa, Gerd enfim consentiu em se tornar esposa de Frey e dispensou Skirnir, prometendo encontrar o futuro marido na nona noite na terra de Buri, o bosque verdejante, onde ela espantaria a tristeza dele e o tornaria feliz.

*Buri é o alto tálamo;
Nove noites depois, no bosque famoso,
O corajoso filho de Njord
De Gerd tomará o beijo jubiloso.*

SKIRNER'S LAY [LAI DE SKIRNIR]

(TRADUÇÃO INGLESA DE HERBERT)

Contente com seu sucesso, Skirnir correu de volta a Alfheim, onde Frey veio avidamente saber o resultado da viagem. Quando soube que Gerd havia consentido em se tornar sua esposa, seu semblante se iluminou de felicidade; mas, quando Skirnir informou que ele teria de esperar nove noites até poder ver a noiva prometida, ele se

virou, tristonho, declarando que esse período pareceria interminável.

*Longa seria uma noite, duas noites outro tanto;
Mas como suportar minha dor por três?
Um mês de enlevos mais cedo expira
Do que mera meia noite de suspiros.*

SKIRNER'S LAY [LAI DE SKIRNIR]

(TRADUÇÃO INGLESA DE HERBERT)

Apesar desse desalento amoroso, o tempo de espera chegou ao fim, e Frey alegremente correu para o bosque verdejante, onde, fiel ao compromisso, ele encontrou a amada. Gerd, então, se tornou uma esposa feliz e se sentou orgulhosa no trono ao lado dele.

*Frey por esposa teve Gerd;
Ela era filha de Gymir,
De origem Jotun.*

ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Segundo alguns mitógrafos, Gerd não é uma personificação da aurora boreal, mas sim da terra, que, dura, fria e tenaz, resiste às ofertas do deus da primavera, aos adornos e à fertilidade (o anel e as maçãs), desafia os lampejos dos raios de sol (espada de Frey), e só consente em receber seu beijo quando descobre que, do contrário, estará tudo condenado à aridez perpétua ou entregue inteiramente ao poder dos gigantes (gelo e neve). As nove noites de espera são típicas dos nove meses de inverno, ao final dos quais a terra se torna a noiva do sol, nos bosques onde as árvores começam a brotar e gerar folhas e flores.

Frey e Gerd, conta-se, tornaram-se pais de um filho chamado Fjölfnir, cujo nascimento consolou Gerd pela perda de seu irmão Beli. Este havia atacado Frey e sido morto por ele, embora o deus-sol, privado de sua espada imbatível, tivesse sido obrigado a se defender

com o chifre de um veado que rapidamente arrancou da parede de sua casa.

Além do fiel Skirnir, Frey tinha dois outros ajudantes, um casal, Beyggvir e Beyla, personificações dos despojos de moenda e do esterco, dois ingredientes usados na agricultura como fertilizantes, considerados, portanto, fiéis servos de Frey, apesar de suas qualidades desagradáveis.

Frey histórico

Snorri Sturluson, em sua *Heimskringla*, ou crônica dos antigos reis da Noruega, afirma que Frey foi um personagem histórico que usou o nome Ingvi-Frey e reinou em Uppsala depois da morte dos semi-históricos Odin e Njord. Em seu reinado, o povo desfrutou de tamanha prosperidade e paz que declararam que seu rei devia ser um deus. Eles desde então começaram a invocá-lo como tal, levando sua admiração entusiasmada a tal ponto que, quando ele morreu, os sacerdotes, sem ousar revelar o fato, o depositaram em um grande monte em vez de queimar seu corpo, como era o costume até então. Eles então informaram o povo que Frey — cujo nome era sinônimo nórdico para “senhor” — “tinha ido para o monte”, uma expressão que acabaria se tornando um eufemismo nórdico para se referir à morte.

Só três anos depois o povo, que continuara pagando impostos ao rei, depositando ouro, prata e moedas de cobre no monte, através de três aberturas diferentes, descobriu que Frey tinha morrido. Como a paz e a prosperidade haviam continuado inabaladas, eles decretaram que o corpo do rei jamais deveria ser queimado e assim inauguraram o costume do monte funerário, que com o tempo suplantou a pira funerária em muitos lugares. Um dos três montes próximo a Gamla Uppsala ainda tem o nome do deus. Suas estátuas ficavam no grande templo dessa região, e seu nome era devidamente mencionado em todo juramento solene, cuja fórmula usual era: “Em nome de Frey, Njord e o todo-poderoso Asa [Odin].”

O culto a Frey

Jamais se admitia qualquer arma no interior dos templos de Frey, dos quais os mais famosos ficavam em Trondheim, na Noruega, e em Thvera, na Islândia. Nesses templos, bois ou cavalos eram oferecidos em sacrifício a ele e um grosso anel de ouro era mergulhado no sangue da vítima antes que juramentos solenes fossem feitos diante da joia.

As estátuas de Frey, como as de todas as outras divindades nórdicas, eram blocos rústicos de madeira, e a última dessas imagens sagradas parece ter sido destruída por Olavo, o Santo, que, como vimos, converteu à força muitos de seus súditos. Além de ser um deus do brilho do sol, da fertilidade, da paz e da prosperidade, Frey era considerado padroeiro dos cavalos e dos cavaleiros, e o libertador de todos os cativos.

*Frey é o melhor
De todos os chefes
Entre os deuses.
Não faz chorar
Nem as moças, nem as mães:
Quer é romper grilhões
De quem está preso.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

A festa do Yule

Um mês de todo ano, o mês do Yule, ou mês de Thor, era consagrado a Frey, assim como a Thor, e começava na noite mais longa do ano, que levava o nome de Noite Mãe. Esse mês era um tempo de festejar e de celebrar, pois era o prenúncio da volta do sol. O festival se chamava Yule (roda) porque o sol supostamente parecia uma roda rapidamente girando pelo céu. Essa semelhança deu origem a um curioso costume na Inglaterra, na Alemanha e nas margens do rio Mosela. Até recentemente, o povo costumava se reunir todo ano na montanha, incendiar uma imensa roda de madeira, amarrada com

palha, que, quando em chamas, era rolada ribanceira abaixo, até mergulhar sibilando na água.

*Alguns pegavam uma Roda velha, gasta e esquecida,
Que, coberta de palha e estopa, deixavam escondida;
E levavam para o topo da montanha, e o fogo acendiam,
Depois jogavam com violência, quando a noite escurecia;
Lembrando muito o sol, quando dos Céus despenca,
Estranha e monstruosa visão que a todos espaventa;
Mas julgam assim também seus erros mandar ao inferno,
E, contra todos os perigos e riscos, ali estar indenos.*

REGNUM PAPISTICUM, THOMAS NAOGEORGUS

Todos os povos nórdicos consideravam a festa do Yule a maior do ano e costumavam celebrar com bailes, banquetes e bebidas, e cada deus tinha seu nome homenageado. Os primeiros missionários cristãos, percebendo a extrema popularidade dessa festa, acharam melhor estimular os brindes à saúde do Senhor e seus apóstolos quando começaram a converter os pagãos nórdicos. Em homenagem a Frey, comia-se carne de javali na ocasião. Coroada de louro e alecrim, a cabeça do javali era trazida ao salão de banquete com muita cerimônia — costume observado por muito tempo, como os versos abaixo demonstram:

*Caput Apri defero
Reddens laudes Domino.
A cabeça de javali eu trago,
Ornada de louro e alecrim;
Todos agora cantem alegres,
Qui estis in convivio.*

QUEEN'S COLLEGE CAROL [CANÇÃO DE NATAL DOS ALUNOS DO QUEEN'S COLLEGE], OXFORD

O pai da família punha a mão no prato sagrado, que era chamado “o javali da expiação”, jurando que seria leal à família e cumpriria todas as suas obrigações — exemplo que era seguido por todos os

presentes, do maior ao menor. O javali só podia ser trinchado por um homem de reputação ilibada e comprovada coragem, pois a cabeça do animal era um emblema sagrado que supostamente inspirava medo a todos. Por esse motivo, a cabeça de javali costumava ornar os elmos dos reis e heróis nórdicos cuja bravura era inquestionável.

Como Fro, outro nome de Frey, é foneticamente a mesma palavra usada em alemão para “alegria”, ele foi considerado padroeiro da alegria em geral e era invariavelmente invocado pelos casais que desejavam viver em harmonia. Aqueles que tinham sucesso no casamento por algum tempo eram publicamente recompensados com um pedaço de carne de javali, que mais tarde os ingleses e os vienenses substituiriam por um pedaço de toucinho ou presunto.

*Deve-se jurar, pelo costume da confissão,
Jamais cometer no casamento transgressão,
Seja homem ou mulher comprometido:
Tenham ambos brigado ou litígio cometido;
Ou de outra forma, no leito ou à mesa,
Ofendido um ao outro por palavra ou proeza;
Se, desde que o padre disse Amém,
Deseja não ter se casado com ninguém,
Ou tendo se passado um ano e um dia
Se nem em pensamento se arrependia,
Mas continua sincero em ideia e intenção
Seguem iguais a quando deram as mãos.
Se a tais condições jurarem honrar,
De vontade própria e livre pensar,
Um pernil de porco irão ganhar
E com amor e boa-fé compartilhar:
Pois é costume que em Dunmow prevaleceu —
O prazer é nosso, mas o pernil é seu.*

BRAND'S POPULAR ANTIQUITIES [ANTIGUIDADES POPULARES DE BRAND], JOHN BRAND

Na aldeia de Dunmow, em Essex, o costume antigo ainda é observado. Em Viena, o presunto ou pedaço de toucinho era

pendurado nos portões da cidade, de onde o candidato bem-sucedido devia arrancá-lo, depois de provar aos juízes que viveu em paz com a esposa, mas não vivia sob a “tirania das anáguas.” Dizem que em Viena esse presunto ficou muito tempo pendurado sem que ninguém o reivindicasse, até que um dia um valoroso morador daquele burgo se apresentou diante dos juízes trazendo uma declaração escrita da esposa de que viviam casados havia 12 anos e jamais discordaram – afirmação que foi confirmada por todos os vizinhos. Os juízes, satisfeitos com as provas apresentadas, disseram ao candidato que o prêmio era dele e que só precisaria subir na escada posta embaixo do presunto e retirá-lo. Exultante por ter conquistado um presunto tão bonito, o homem rapidamente subiu na escada. Mas, quando estava prestes a alcançar o prêmio, notou que o presunto, exposto ao sol do meio-dia, estava começando a derreter e que uma gota de gordura ameaçava pingar em seu traje de domingo. Recuando na mesma hora, ele tirou o casaco, comentando jocosamente que a esposa lhe daria uma bronca se ele o sujasse, confissão que fez gargalhar os presentes e que lhe custou o presunto.

Outro costume do Yule era queimar uma tora durante a noite inteira, e, caso se apagasse antes de a noite terminar, isso era tido como mau agouro. Os restos carbonizados da tora eram cuidadosamente recolhidos e guardados com o propósito de acender o fogo na tora do ano seguinte.

*Com as cinzas da antiga
Nova fogueira instigam,
E pelo sucesso na queima,
Em seus saltérios tocam,
Que a boa fortuna possa
Vir com a tora inda ardente.*

HESPERIDES [HESPÉRIDES], ROBERT HERRICK

Essa festa era tão popular na Escandinávia, onde era celebrada em janeiro, que o rei Olavo, vendo como o povo nórdico a apreciava, transferiu a maior parte desses preceitos para o dia de Natal,

tentando assim reconciliar o povo ignorante com a mudança de religião.

Um deus da paz e da prosperidade, Frey teria reaparecido muitas vezes na terra e reinado sobre os suecos com o nome de Ingvi-Frey, daí seus descendentes se chamarem ínguinós. Ele também governou os dinamarqueses com o nome de Fridleef. Na Dinamarca, dizem que ele se casou com a bela donzela Freygerda, a quem ele salvou de um dragão. Com ela, ele teve um filho chamado Fródi, que, com o tempo, o sucedeu no trono.

Fródi reinou na Dinamarca no tempo em que houve “paz em todo o mundo”, isto é, na mesma época em que Cristo nasceu em Belém, da Judeia; e porque seus súditos viviam amistosamente, ele ficou conhecido como Fródi da Paz.

Como o mar ficou salgado

Conta-se que Fródi uma vez recebeu de Hengi-kiaptr [Odin] um par de pedras de moinho mágicas chamadas Grotti, tão pesadas que nenhum de seus servos, e nem o mais forte dos guerreiros, conseguia girá-las. O rei estava muito ansioso para ver o moinho funcionar, pois sabia que era encantado e moeria qualquer coisa que ele quisesse.

Durante uma visita à Suécia, ele viu e comprou como escravas duas gigantas, Menia e Fenia, cujos músculos e corpos poderosos atraíram sua atenção. Na volta para casa, Fródi da Paz levou suas novas servas ao moinho e mandou que girassem as mós e moessem ouro, paz e prosperidade. Elas, então, imediatamente satisfizeram seus desejos. As mulheres trabalharam com alegria, por horas e horas, até que os cofres do rei ficaram transbordando de ouro e a prosperidade e a paz abundaram em toda a sua terra.

Vamos moer riqueza para Frothi!

Vamos moer para ele felicidade

Em grande quantidade

Em nossa alegre Mó.

GROTTA-SAVNGR

(TRADUÇÃO INGLESA DE H.W. LONGFELLOW)

Mas quando Menia e Fenia quiseram descansar um pouco, o rei, cuja ganância havia sido despertada, mandou as gigantas continuarem trabalhando. Apesar dos pedidos das gigantas, ele as obrigou a trabalhar horas e horas seguidas, permitindo-lhes apenas descansar o tempo de cantarem um verso de uma canção.

Exasperadas pela crueldade do rei, as gigantas resolveram enfim se vingar. Certa noite, quando Fródi dormia elas mudaram a canção e, em vez de prosperidade e paz, elas encetaram o plano sinistro de moer um exército armado, por meio do qual induziram Mysinger, o viking, a desembarcar com um grande número de tropas. Enquanto o feitiço agia, os dinamarqueses dormiam, e assim foram completamente surpreendidos pelos invasores vikings, que mataram todos eles.

*Um exército há de vir
De lá para cá
E a cidade queimar,
Até o príncipe.*

GROTTA-SAVNGR

(TRADUÇÃO INGLESA DE H.W. LONGFELLOW)

Mysinger levou as pedras de moinho mágicas, Grotti, e as duas gigantas escravizadas em seu barco, e pediu que moessem sal, que era um alimento valioso no comércio da época. As mulheres obedeceram, e suas pedras de moinho giraram, moendo sal em abundância. Mas o viking, tão cruel quanto Fródi, tampouco deu descanso às mulheres, motivo pelo qual um pesado castigo recaiu sobre ele e seus seguidores. A quantidade de sal moído pelas mós mágicas foi tanta que no final o barco afundou com todos a bordo.

As pedras pesadas afundaram no mar do Estreito de Pentland, ou na altura do litoral noroeste da Noruega, abrindo um buraco muito fundo, e as águas, sugadas pelo vórtice e borbulhando pelo furo no centro das pedras, produziram um grande turbilhão conhecido como

Maelström. Quanto ao sal, logo se dissolveu; mas a quantidade moída pelas gigantas era tão grande que impregnou todas as águas do mar, que desde então são muito salgadas.

Capítulo



Freya

X





Freya e Heimdall
NILS BLOMMÉR



Deusa do amor

Freya, a bela deusa nórdica da beleza e do amor, era irmã de Frey e filha de Njord com Nerthus, ou Skadi. Ela era a mais bela e mais amada de todas as deusas, e enquanto na Alemanha era identificada com Frigga, na Noruega, na Suécia, na Dinamarca e na Islândia era considerada uma divindade distinta. Freya, nascida em Vanaheim, também era conhecida como Vanadis, a deusa dos Vanas, ou como noiva dos Vanas.

Quando ela chegou a Asgard, os deuses ficaram tão encantados com sua beleza e sua graça que concederam a ela o domínio de Folkvang e o grande salão Sessrúmnir (sala de muitos assentos), onde garantiram que ela poderia facilmente acomodar todos os convidados que quisesse.

*Folkvang chamado,
Onde Freya tem direito
A escolher os lugares.
Dos mortos a cada dia
Ela escolhe uma metade,
E deixa a outra a Odin.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Rainha das Valquírias

Embora fosse a deusa do amor, Freya não era apenas delicada e dedicada ao prazer, pois os povos nórdicos antigos acreditavam que ela também tinha grande interesse nas artes da guerra e que, como Valfreya, conduzia a descida das Valquírias aos campos de batalha, escolhendo e reivindicando metade dos heróis mortos. Ela era portanto muitas vezes representada com couraça e elmo, escudo e lança, e a parte inferior do corpo apenas coberta com o usual traje esvoaçante feminino.

Freya transportava os mortos escolhidos até Folkvang, onde eles eram devidamente entretidos. Lá ela também recebia todas as donzelas puras e as esposas fiéis, para que pudessem desfrutar da companhia de seus amantes e maridos depois da morte. As alegrias de seu palácio eram tão atraentes para as heroicas mulheres nórdicas que elas costumavam correr para a batalha quando seus amados eram mortos, na esperança de ter o mesmo destino; ou se golpeavam com as próprias espadas, ou se deixavam queimar voluntariamente na mesma pira funerária dos restos mortais de seus amados.

Como se acreditava que Freya dava ouvidos às orações dos amantes, ela era muitas vezes invocada pelos apaixonados, e era costume compor canções de amor em sua homenagem, que eram cantadas em todas as ocasiões festivas, e seu próprio nome em alemão é usado como verbo no sentido de “cortejar”.

Freya e Odur

Freya, a deusa de cabelos dourados e olhos azuis, era também às vezes vista como uma personificação da terra. Como tal, ela se casou com Odur, um símbolo do sol do verão, a quem ela amava muito e com quem teve duas filhas, Hnoss e Gersemi. Essas donzelas eram tão bonitas que todas as coisas adoráveis e preciosas recebiam seus nomes.

Odur mostrava-se contente ao lado de Freya, e esta sorria, perfeitamente feliz. Mas, ai!, o deus tinha um coração errante e, cansando-se da companhia da esposa, de repente saiu de casa e

sumiu no mundo. Freya, triste e abandonada, chorou muito, e suas lágrimas caíram sobre as rochas duras, que ficaram mais suaves ao contato. Conta-se até que essas lágrimas se infiltraram até o cerne das pedras, onde se transformaram em ouro. Algumas lágrimas caíram no mar e se transformaram no âmbar translúcido.

Cansada da viuvez e com saudades de abraçar seu amado, Freya partiu em busca do marido, passando por muitas terras, onde se tornou conhecida por diferentes nomes, como Mardel, Horn, Gefn, Syr, Skialf e Thrung. Em cada lugar, Freya perguntava a todos se o marido havia passado por ali, espalhando tantas lágrimas que o ouro é encontrado em todas as partes da terra.

*E a seguir veio Freya, das lágrimas douradas;
A Deusa mais bela no Céu, por todos
Mais honrada depois de Frea, esposa de Odin.
Outrora, o errante Odur ela tomou como
Esposo, que a deixou por terras remotas;
Desde então ela o procura e chora ouro.
Nomes teve muitos; Vanadis na terra
Eles a chamam, Freya é seu nome no Céu.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Muito longe, lá no Sul ensolarado, sob as flores da murta, Freya enfim encontrou Odur e, com seu amor recuperado, voltou a ser feliz, sorridente e radiante como uma noiva. Talvez porque Freya tenha encontrado o marido sob a murta florida, as noivas nórdicas até hoje preferem as flores de murta em vez das flores de laranjeira convencionais de outros climas.

De mãos dadas, Odur e Freya então voltaram tranquilamente para casa, e com a luz de sua felicidade a grama ficou verde, as flores se abriram e os pássaros cantaram, pois toda a Natureza se solidarizou com a alegria de Freya, assim como havia tido compaixão quando ela estava triste.

Ao sair da terra da manhã,

*Sobre os montes de neve,
A bela Freya chegou
Trôpega a Scoring.
Branca charneca,
Congelada à sua frente;
Verde charneca,
Florescia às suas costas.
Dos cachos dourados,
Soltando flores,
Do seu traje
Soltando vento sul,
Em torno às bétulas,
Acordando os tordos,
Dando às esposas castas
Saudades de seus heróis,
De amar e dar amor,
Freya chegou em Scoring.*

THE LONGBEARDS' SAGA [A SAGA DOS LONGOBARDOS], CHARLES KINGSLEY

Chamavam-se as plantas mais bonitas do Norte de “cabelos de Freya” ou “lágrimas de Freya”, e a borboleta era chamada de “ave de Freya”. Acreditava-se que essa deusa teria uma afeição especial pelas fadas, cuja dança ela adorava observar nos raios do luar e para as quais reservava as flores mais delicadas e o mel mais doce. Odur, marido de Freya, além de ser considerado uma personificação do sol, era também tido como emblema da paixão ou dos inebriantes prazeres do amor, de modo que os antigos diziam que não era de estranhar que sua esposa não pudesse ser feliz sem ele.

O colar de Freya

Sendo a deusa da beleza, Freya, naturalmente, tinha muito apreço pelo autocuidado, pelos adornos reluzentes e pelas joias preciosas. Um dia, quando ela estava em Svartalfaheim, o reino subterrâneo, ela viu quatro anões fabricando o mais belo colar que já tinha visto.

Quase desesperada de vontade de possuir aquele tesouro — que se chamava Brisingamen e era um emblema das estrelas ou da fertilidade da terra —, Freya implorou aos anões que lhe dessem o colar, mas eles se recusaram, a não ser que ela promettesse favorecê-los. Obtendo assim o colar, Freya apressou-se em colocá-lo, e a beleza do adorno realçou tanto seus encantos que ela passou a usá-lo dia e noite, e apenas de vez em quando se deixava convencer a emprestá-lo a outras divindades. Thor, contudo, usou o colar quando se fez passar por Freya em Jotunheim, e Loki cobiçou o colar e o teria roubado, não fosse a vigilância de Heimdall.

Freya era também a orgulhosa proprietária de um traje de falcão, de plumas de falcão que permitiam a quem as vestisse voar como um pássaro. Esse traje era tão valioso que foi duas vezes tomado emprestado por Loki e foi usado pela própria Freya quando partiu em busca de Odur desaparecido.

*Freya, um dia
Asas de falcão usou, e no espaço sumiu;
Ela, de norte a sul, buscou
Seu bem-amado Odur.*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE GEORGE STEPHENS)

Como Freya também era a deusa da fertilidade, era às vezes representada com seu irmão Frey na carruagem puxada pelo javali de cerdas douradas, espalhando, com mãos cheias, frutos e flores para alegrar os corações da humanidade. Ela tinha uma carruagem própria, no entanto, na qual geralmente viajava. Esta era puxada por gatos, seus animais favoritos, emblemas do carinho afetuoso e da sensualidade, ou personificações da fecundidade.

*Então veio Njord de barba escura, e após
Freya, de trajes leves, nos tornozelos esguios
Os gatos cinzentos brincando.*

THE LOVERS OF GUDRUN [OS AMANTES DE GUDRUN], WILLIAM MORRIS

Frey e Freya eram considerados com tanta honra por todo o Norte que seus nomes, em formas modificadas, ainda são usados no sentido de “senhor” e “senhora” e um dos dias da semana é chamado dia de Freya, ou *Friday* [sexta-feira], pelos povos anglófonos. Os templos da deusa eram realmente muito numerosos e foram por muito tempo mantidos por seus devotos; o último deles, em Magdeburgo, na Alemanha, tendo sido destruído por ordem de Carlos Magno.

História de Ottar e Angantyr

Os povos nórdicos costumavam invocar Freya não só para alcançar sucesso no amor, prosperidade e crescimento, mas também, às vezes, para obter auxílio e proteção. Isso ela garantia a todos que a serviam com franqueza, tal como mostra a história de Ottar e Angantyr, dois homens que, depois de disputar por algum tempo o direito a um certo pedaço de terra, apresentaram a questão diante da Ting, uma assembleia popular. Foi então proposto que o homem que provasse ter a mais longa linhagem de ancestrais nobres seria declarado o vencedor, e foi marcado um dia para se investigar a genealogia de cada pretendente.

Ottar, incapaz de se lembrar dos nomes de muitos de seus parentes, ofereceu sacrifícios a Freya, pedindo seu auxílio. A deusa graciosamente ouviu sua prece e, aparecendo diante dele, transformou-o em javali e montou em suas costas, e assim foram à morada de Hyndla, uma famosa bruxa. Mediante ameaças e promessas, Freya induziu a velha a traçar a genealogia de Ottar até chegar em Odin, e a nomear cada indivíduo, com uma sinopse dos feitos de cada um. Então, com receio de que a memória de seu devoto não retivesse tantos detalhes, Freya ainda mandou Hyndla preparar uma poção de memória, que deu para Ottar beber.

Ele beberá

Poções deliciosas.

A todos os deuses peço

Que favoreçam Ottar.

SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Assim preparado, Ottar se apresentou diante da Ting no dia marcado e recitou sua linhagem com eloquência, nomeando tantos ancestrais a mais que Angantyr que foi facilmente premiado com a propriedade que almejava.

Dever é agir

De modo que o jovem príncipe

De sua herança paterna disponha

Para seus descendentes.

SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Os maridos de Freya

Freya era tão bonita que todos os deuses, gigantes e anões ansiavam por seu amor, e todos tentaram conquistá-la como esposa. Mas Freya desdenhou os feiosos gigantes e rejeitou até Thrym quando Loki e Thor insistiram que ela o aceitasse. Porém, segundo vários mitógrafos, ela não era tão inflexível em se tratando dos deuses, pois, como personificação da terra, dizem que ela se casou com Odin (o céu), Frey (a chuva fertilizante), Odur (a luz do sol) etc., aparentemente merecendo a acusação lançada contra ela pelo arqui-inimigo Loki de ter amado e se deitado com todos os deuses.

O culto a Freya

Era costume em ocasiões solenes brindar à saúde de Freya, como à dos outros deuses, e quando o cristianismo foi introduzido no Norte, esse brinde foi transferido à Virgem ou a Santa Gertrude. A própria Freya, como todas as divindades pagãs, foi declarada um demônio ou uma bruxa, e banida para os picos montanhosos da Noruega, da Suécia ou da Alemanha, onde a montanha Brocken é considerada sua

morada especial e ponto de encontro amoroso de seu povo demoníaco na *Walpurgisnacht*, a Noite de Santa Valburga.

Coro das Bruxas

*Até o Brocken acodem as bruxas —
Alegres vêm e vão, galopam e passam,
O restolho amarelo e a seara balançam,
E a jovem espiga verde está viva,
Com formas e sombras cambiantes.
Ao ponto mais alto, elas voam,
Onde Sir Urian senta no topo —
Por toda parte e toda volta,
Com clamores e gritaria,
Segue a trupe enlouquecida,
Sobre o gado, sobre a pedra;
Berra, gargalha e geme,
Antes de explodir.*

FAUSTO, GOETHE

(TRADUÇÃO INGLESA DE JOHN ANSTER)

Como a andorinha, o cuco e o gato eram considerados sagrados para Freya. Nos tempos do paganismo, essas criaturas supostamente possuíam atributos demoníacos, e até hoje as bruxas são sempre retratadas com gatos pretos a seu lado.



Capítulo



Uller

XI

A decorative flourish or scrollwork element is positioned at the bottom right of the page, partially overlapping the vertical bar of the Roman numeral 'I'.



O deus do inverno

Uller, deus do inverno, era filho de Sif e enteado de Thor. Seu pai, que jamais é mencionado nas sagas nórdicas, deve ter sido um dos temíveis gigantes de gelo, pois Uller amava o frio e adorava viajar pelo campo com seus largos sapatos de neve ou esquis reluzentes. Esse deus também adorava caçar e perseguia suas presas pelas florestas do Norte, pouco se importando com o gelo e a neve, pois estava sempre bem protegido pelas peles grossas que vestia.

Como deus da caça e da arte da arquearia, ele é representado com um estojo cheio de flechas e um imenso arco; e, como o teixo fornece a melhor madeira para a manufatura dessas armas, dizem que era sua árvore favorita. Para ter um estoque de madeira sempre à mão, Uller fez sua morada em Ydalir, o vale dos teixos, onde era sempre muito úmido.

*Ydalir se chama,
Onde Uller fez
Sua própria morada.*

*SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Como deus do inverno, Uller, ou Oller, como também era chamado, estava abaixo apenas de Odin, cujo posto ele usurpava durante as ausências deste nos meses de inverno. Durante esse período, Uller exercia plenos poderes sobre Asgard e Midgard, e até, segundo

alguns autores, possuiu Frigga, esposa de Odin, tal como é relatado no mito de Vili e Vé. Mas como Uller era muito parcimonioso e nunca dava presentes à humanidade, todos alegremente saudavam a volta de Odin, que expulsava seu substituto, obrigando-o a se refugiar no Norte congelado ou nos cumes dos Alpes. Lá, se acreditarmos nos poetas, ele construiu uma residência de verão onde se refugiava até saber que Odin partira outra vez, quando ousava aparecer novamente nos vales.

Uller também era considerado deus da morte e participava da Caçada Selvagem, às vezes até mesmo a liderando. Ele é especialmente famoso pela rapidez de seus movimentos, e, como alguns sapatos de neve usados nas regiões nórdicas são feitos de osso e virados na ponta como a proa de um barco, costumava-se dizer que Uller havia pronunciado runas mágicas sobre um pedaço de osso, transformando-o em um barco, que o levava por sobre a terra e o mar conforme sua vontade.

Uma vez que os sapatos de neve têm o formato de um escudo e o gelo com o qual Uller envolve a terra todos os anos age como escudo para protegê-la durante o inverno, ele foi apelidado de “deus do escudo” e era especialmente invocado por todos que estavam prestes a entrar em um duelo ou em um combate desesperado.

No período do cristianismo, seu lugar no louvor popular foi ocupado por santo Humberto, o caçador, que também foi designado como o padroeiro do primeiro mês do ano, que começava no dia 22 de novembro era dedicado a ele quando o sol passava pela constelação de Sagitário, o arqueiro.

Entre os anglo-saxões, Uller era conhecido como Vulder; mas em algumas partes da Alemanha era chamado de Holler e considerado marido da bela deusa Holda, cujos campos ele cobria com um grosso manto de neve, para torná-los mais férteis quando a primavera chegasse.

Entre os escandinavos, dizia-se que Uller era casado com Skadi, a esposa divorciada de Njord, a personificação feminina do inverno e

do frio, e tinham tantas coisas em comum que eles viveram juntos em perfeita harmonia.

O culto a Uller

Havia diversos templos dedicados a Uller no Norte, e em seus altares, assim como nos altares de todos os outros deuses, ficava um anel sagrado sobre o qual eram feitos os juramentos. Dizia-se que esse anel tinha o poder de se encolher tão violentamente a ponto de cortar o dedo de qualquer um que premeditasse cometer perjúrio. O povo visitava o santuário de Uller, especialmente nos meses de novembro e dezembro, para pedir que ele enviasse uma grossa cobertura de neve para suas terras, desejosos de uma boa colheita; e como se acreditava que era esse deus quem lançava os gloriosos lampejos da aurora boreal, os quais iluminam o céu do Norte durante a noite mais longa, dizia-se que ele era muito próximo de Balder, a personificação da luz.

Segundo outros autores, Uller era o melhor amigo de Balder, principalmente porque também passava parte do ano nas desoladas profundezas de Niflheim, com Hel, deusa da morte. Uller devia suportar o exílio anual, durante os meses de verão, quando era obrigado a ceder seu poder sobre a terra a Odin, o deus do verão. Nesta época, Balder ia se reunir a Uller para a Festa do Solstício, quando desaparece de Asgard — a partir daí os dias começam a ficar mais curtos, e o domínio da luz (Balder) aos poucos se rende ao poder cada vez mais envolvente da escuridão (Höder).

Capítulo





Forseti

XII



O deus da justiça e da verdade

Filho de Balder, deus da luz, e de Nanna, deusa da pureza imaculada, Forseti era o mais sábio, mais eloquente e o mais gentil de todos os deuses. Quando se apresentou em Asgard, os Aesir lhe concederam um lugar no salão do conselho, decretando que ele seria o padroeiro da justiça e da retidão, e deram-lhe o radiante palácio Glitnir. Essa morada tinha telhado de prata, sustentado por pilares de ouro, e brilhava tanto que podia ser vista de uma grande distância.

*Glitnir é o décimo;
Em ouro sustentado,
E prata no telhado.
Ali mora Forseti
Eternamente,
E toda discórdia atenua.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Ali, em trono elevado, Forseti, o legislador, sentava-se dia após dia, resolvendo as desavenças entre deuses e homens, pacientemente ouvindo ambos os lados de todos os casos, e finalmente pronunciando sentenças tão justas que ninguém jamais sentiu haver erro em seus decretos. Tamanhos eram a eloquência e o poder de persuasão desse deus, que ele sempre conseguia tocar os corações de seus ouvintes, e nunca falhava em reconciliar até mesmo os inimigos

mais ferrenhos. Todos que saíam de sua presença tinham certeza de que viveriam em paz para sempre, pois ninguém ousava quebrar uma promessa feita a ele, não incorrendo assim em sua ira justificada e correndo o risco de uma execução sumária.

*Forseti, nobre filho de Balder,
Ouvii meu juramento;
Que eu caia morto, Forseti, se
Um dia quebrar minha jura.*

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

Como deus da justiça e da lei eterna, Forseti teria presidido todas as assembleias judiciais. Ele era sempre invocado por todos que estavam prestes a se submeter a um julgamento, e dizia-se que raramente deixava de ajudar os merecedores.

A história de Heligolândia

No intuito de facilitar a administração da justiça em suas terras, conta-se que os frísios convocaram 12 de seus homens mais sábios — os Asegeir, ou anciãos — para reunir todas as leis das várias famílias e tribos que compunham seu povo, e compilar a partir delas um código que seria a base uniforme de leis. Os anciãos, depois de darem conta da árdua tarefa de reunir aquela miscelânea de informações, tomaram um pequeno barco para procurar um lugar isolado onde pudessem deliberar em paz. Mas, assim que deixaram a costa, começou uma tempestade, que levou seu barco para alto-mar, primeiro para um lado e depois para outro, até que se perderam completamente. Em sua aflição, os 12 juristas recorreram a Forseti, suplicando socorro para que encontrassem terra firme outra vez, e a oração mal havia acabado quando perceberam, para sua total surpresa, que havia um 13.º passageiro a bordo.

Tomando o leme, o recém-chegado silenciosamente fez o barco dar a volta, conduzindo-o em direção ao ponto no qual as ondas eram mais altas, e em brevíssimo tempo chegaram a uma ilha, onde

o timoneiro fez sinal para desembarcarem. Abismados, os 12 homens obedeceram; e sua surpresa aumentou ainda mais quando viram o desconhecido golpear com seu machado e uma fonte límpida brotar do local na relva onde a arma se cravou. Imitando o forasteiro, todos beberam daquela água sem dizer nada; então se sentaram em círculo, maravilhados porque o recém-chegado se parecia com todos eles em algum detalhe, e no entanto era muito diferente de todos eles no aspecto geral e no porte.

De repente, o silêncio foi rompido, e o forasteiro começou a falar em voz baixa, que foi ficando mais firme e mais alta conforme ele expunha um código de leis que combinava os melhores aspectos das várias regulações reunidas pelos Asegeir. Encerrada sua fala, o orador sumiu tão súbita e misteriosamente como havia aparecido, e os 12 juristas, recobrando o poder da fala, exclamaram, todos ao mesmo tempo, que o próprio Forseti havia estado entre eles e entregado o código de leis pelo qual os frísios deveriam doravante ser julgados. Em comemoração à aparição do deus, eles declararam que a ilha onde estavam era sagrada e pronunciaram uma maldição solene contra todo aquele que ousasse profanar sua santidade com disputas ou derramamento de sangue. De fato, essa ilha, conhecida como terra de Forseti ou Heligolândia (terra santa), seria muito respeitada por todos os povos nórdicos, e até os vikings mais ousados evitavam saquear seus litorais, para não sofrerem naufrágios ou uma morte vergonhosa como punição.

As assembleias judiciais solenes eram frequentes nessa ilha sagrada, e os juristas sempre buscavam água na fonte e bebiam em silêncio, em memória da visita de Forseti. A água dessa fonte era, além disso, considerada tão sagrada que aquele que a bebesse também se consagraria, e até o gado que a provasse não podia ser abatido. Como se dizia que Forseti fazia suas sessões na primavera, no verão e no outono, mas nunca no inverno, era costume em todos os países nórdicos fazer os julgamentos nessas estações, e o povo dizia que só quando a luz brilhava clara no céu ficava evidente para todos o que era certo, sendo absolutamente impossível emitir um

veredito justo durante a escura temporada de inverno. Forseti raramente é mencionado sem que esteja associado a Balder. E, ao que parece, ele não participa da batalha final, em que todos os outros deuses tiveram papéis muito proeminentes.

Capítulo





Heimdall

XIII



Jarl

ALBERT EDELFELT



Sentinela dos deuses

Durante um passeio pela praia, Odin certa vez encontrou nove belas gigantas, as donzelas das ondas, Gialp, Greip, Egia, Augeia, Ulfrun, Aurgiafa, Sindur, Atla e Jarnsaxa, dormindo profundamente na areia branca. O deus do céu ficou tão encantado com aquelas belas criaturas que, como relatam as *Eddas*, se casou com as nove, e todos juntos, ao mesmo tempo, tiveram um filho, que recebeu o nome de Heimdall.

*De nove mães nascido,
Sou filho de nove irmãs.*

*SEMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

As nove mães começaram a amamentar seu bebê com a força da terra, a umidade do mar e o calor do sol, dieta singular que se provou tão nutritiva que o novo deus cresceu plenamente em período incrivelmente curto e logo se juntou ao pai em Asgard. Ele encontrou os deuses contemplando com orgulho a ponte do arco-íris, Bifrost, que eles haviam acabado de construir a partir do fogo, do ar e da água — três materiais que ainda podiam ser vistos claramente no longo arco, onde luziam as três cores primárias: o vermelho, representando o fogo; o azul, o ar; e o verde, as profundezas frias do mar.

O guardião do arco-íris

Essa ponte conectava céu e terra, e terminava na sombra da poderosa Árvore do Mundo, Yggdrasil, logo ao lado do poço onde Mimir era sentinela, e o único inconveniente a impedir o desfrute completo do glorioso espetáculo era o medo de que os gigantes de gelo cruzassem a ponte e assim entrassem em Asgard. Os deuses vinham debatendo a necessidade de indicar um guardião confiável e saudaram o novo recruta como alguém apto a cumprir os difíceis deveres do cargo.

Heimdall assumiu de bom grado a responsabilidade e desde então, noite e dia, mantém uma atenta vigilância da estrada do arco-íris que levava a Asgard.

*Bifrost ao leste brilhava verde-claríssima;
Em cima, branco névoa reluzia,
Heimdall em seu posto era visto.*

“THOR'S FISHING” [A PESCARIA DE THOR], ADAM OEHLenschläGER
(TRADUÇÃO INGLESA DE PIGOTT)

Para permitir ao sentinela detectar a aproximação de um inimigo desde muito longe, os deuses reunidos concederam a ele sentidos tão aguçados que se dizia que Heimdall podia ouvir o mato crescer na colina e a lã, na ovelha, enxergar a 150 quilômetros de distância tanto de noite quanto de dia — e mesmo assim descansava menos que um passarinho.

*Entre gigantes trêmulos mais famoso
Que ele, impávido, lá em cima,
Guardião do céu, de olhos insones.*

LAY OF SKIRNER [LAI DE SKIRNIR]
(TRADUÇÃO INGLESA DE HERBERT)

Heimdall possuía ainda uma espada reluzente e uma maravilhosa trompa de chifre chamada Gjallarhorn, que os deuses mandaram que soprasse sempre que visse inimigos se aproximando, dizendo que o

som acordaria todas as criaturas no céu, na terra e em Niflheim. Esse pavoroso estrondo anunciaria o dia em que a batalha final seria travada.

*À batalha os deuses são chamados
Pela antiga
Gjallarhorn.
Alto sopra Heimdall,
Seu som está no ar.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Para guardar o instrumento, que era um símbolo da lua crescente, sempre à mão, Heimdall ora pendurava a trompa em um galho de Yggdrasil sobre sua cabeça, ora a mergulhava nas águas do Poço de Mimir. Neste último, a trompa ficava ao lado do olho de Odin, que era um emblema da lua cheia.

O palácio de Heimdall, chamado Himinbjörg, ficava no ponto mais alto da ponte do arco-íris, e ali os deuses costumavam visitá-lo para beber um trago do delicioso hidromel que ele lhes servia.

*Chama-se Himinbjörg,
Onde se diz que Heimdall
Reina e reside.
Lá bebe o sentinela dos deuses,
Em antigos salões pacíficos,
Alegremente bom hidromel.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Heimdall era sempre representado em reluzente armadura branca e, portanto, chamado de deus brilhante. Ele era também conhecido como o deus claro, inocente e gracioso, todos epítetos merecidos, pois ele era tão bom quanto belo, e todos os deuses o amavam. Ligado ao mar pelo lado materno, era às vezes incluído entre os Vanas; e como os nórdicos antigos — especialmente os islandeses, para quem o mar circundante parecia o elemento mais importante —

imaginavam que todas as coisas tinham surgido do mar, atribuíam a ele um conhecimento que abarcava a tudo e imaginavam-no particularmente sábio.

*O mais brilhante Aesir –
Ele previra
Como um Vanir.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Heimdall tinha ainda a distinção dos dentes de ouro, que cintilavam quando ele sorria, e lhe valeram o epíteto de Gullintani (“auridente”, com dentes de ouro). Ele era também orgulhoso proprietário de um corcel veloz, de crina dourada, chamado Gulltop, que o levava de um lado a outro da ponte do arco-íris. Ele cruzava a ponte muitas vezes ao dia, mas particularmente de manhã cedo, como arauto do dia, ele levava o nome de Heimdellinger.

*Bem cedo em Bifrost
Corre o filho de Ulfrun,
Da trompa poderosa,
Senhor de Himinbjörg.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Loki e Freya

A extrema acuidade auditiva fez com que Heimdall fosse perturbado certa noite pelo som de passos leves, felinos, na direção do palácio de Freya, Folkvang. Projetando sua visão de águia na escuridão, Heimdall percebeu que o som era produzido por Loki, que furtivamente entrara no palácio na forma de uma mosca, aproximara-se do leito de Freya e tentava lhe roubar o reluzente colar dourado Brisingamen, o emblema da fertilidade da terra.

Heimdall viu que a deusa estava dormindo em tal posição que ninguém conseguiria soltar o colar sem despertá-la. Loki parou,

hesitante, ao lado do leito por alguns momentos e então rapidamente começou a murmurar runas que permitiam aos deuses assumir a forma que desejassem. Ao fazê-lo, Heimdall o viu encolher até adquirir o tamanho e a forma de uma pulga, ao que ele saltou sob o lençol e mordeu Freya, fazendo com que ela mudasse de posição sem despertar.

O fecho do colar então ficou à mostra, e Loki, cuidadosamente abrindo-o, apoderou-se do cobiçado tesouro e conseguiu roubá-lo e fugir. Heimdall imediatamente partiu atrás do ladrão da meia-noite e logo o alcançou. Ele sacou sua espada da bainha, com intenção de decapitá-lo, quando o deus se transformou em uma bruxuleante labareda azul. Veloz como o pensamento, Heimdall se transformou em nuvem e lançou um dilúvio de chuva para apagar o fogo; mas Loki prontamente alterou sua forma para a de um imenso urso-polar e abriu bem a boca para engolir a água. Heimdall, sem se abalar, então também assumiu a forma de urso, e atacou-o ferozmente. Mas, como o combate ameaçava terminar em um desastre para Loki, este se transformou em foca; Heimdall então o imitou, e travou-se uma última luta, cujo desfecho foi Loki sendo obrigado a devolver o colar, que foi devidamente restituído a Freya.

Nesse mito, Loki é um emblema da estiagem, ou dos efeitos nocivos do calor muito ardente do sol, que vem roubar a terra (Freya) de seu mais precioso ornamento (Brisingamen). Heimdall é uma personificação da chuva leve e do orvalho, que depois de combater por algum tempo o adversário, a estiagem, acaba por conquistá-lo, obrigando-o a abrir mão do fruto de seu roubo.

Nomes de Heimdall

Heimdall tem vários outros nomes, entre os quais encontramos Hallinskide e Irmin, pois ele às vezes toma o lugar de Odin e é identificado com esse deus, assim como outros deuses espadachins, como Er, Heru, Cheru e Tyr, todos notáveis por suas armas reluzentes. Ele, no entanto, é mais conhecido como guardião do

arco-íris, assim como deus do céu e das chuvas e orvalhos fertilizadores que refrescam a terra.

Heimdall também compartilhava com Bragi a honra de dar as boas-vindas aos heróis em Valhala e, sob o nome de Riger, era considerado senhor divino dos diversos tipos que compõem a raça humana, tal como aparece na seguinte história:

A história de Riger

*Crianças santas,
Grandes e pequenas,
Filhos de Heimdall!*

SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Heimdall deixou seu posto em Asgard um dia para perambular pela terra, como os deuses costumavam fazer. Ele não havia ido muito longe quando chegou a uma pobre choupana na praia, onde encontrou Ai (bisavô) e Edda (bisavó), um casal pobre mas digno, que cordialmente o convidou para dividir seu simples mingau. Heimdall, que se apresentou como Riger, aceitou o convite e ficou com o casal por três dias, ensinando-lhes muitas coisas. Ao final desse tempo, partiu e retomou sua viagem. Algum tempo depois dessa visita, Edda deu à luz um menino forte de pele escura, a quem ela chamou de Thrall.

Thrall logo mostrou força física incomum e grande aptidão para todo tipo de trabalho pesado e, quando ele cresceu, se casou com Thyr, uma moça corpulenta, de mãos bronzeadas e pés chatos, que, assim como o marido, trabalhava dia e noite. Muitas crianças nasceram desse casal e deles todos os servos ou thralls do Norte foram descendentes.

*Tiveram filhos,
Viveram e foram felizes;
Fizeram cercados,*

*Araram a terra,
Cuidaram dos porcos,
Criaram suas cabras,
Cavaram a turfa.*

“RÍGSMÁL”

(TRADUÇÃO INGLESA DE PAUL DU CHAILLU)

Depois de deixar a pobre choupana no litoral ermo, Riger avançou para o interior, onde logo chegou a campos cultivados e a uma casa de fazenda modesta. Entrando na confortável sede, ele encontrou Afi (avô) e Amma (avó), que gentilmente o convidaram para se sentar com eles e dividir a refeição simples, mas farta, que estava servida.

Riger aceitou o convite e ficou três dias com seus anfitriões, compartilhando com eles nesse período todo tipo de conhecimentos úteis. Depois que ele foi embora, Amma deu à luz um menino forte de olhos azuis, a quem chamou de Karl. Conforme crescia, o menino demonstrou grande habilidade em tarefas agrícolas e, com o tempo, casou-se com uma esposa rechonchuda e frugal chamada Snor, que gerou dele muitos filhos, dos quais descendem os agricultores.

*Ele cresceu
E prosperou;
Domou bois,
Fez arados;
Revestiu casas,
Construiu celeiros,
Fez carroças,
E puxou o arado.*

“RÍGSMÁL”

(TRADUÇÃO INGLESA DE PAUL DU CHAILLU)

Deixando a casa do segundo casal, Riger continuou sua viagem até que chegou em uma colina, no alto da qual havia um imponente castelo. Ali ele foi recebido por Fadir (pai) e Módir (mãe), que, alimentados e vestidos com suntuosidade, receberam-no cordialmente e serviram carnes deliciosas e vinho finíssimos.

Riger permaneceu três dias com esse casal, voltando depois a Himinbjörg para retomar seu posto de guardião da ponte dos deuses; e pouco depois a senhora do castelo deu à luz um filhinho lindo, esguio, a quem ela chamou de Jarl. Esse menino logo demonstrou grande apreço pela caça e todo tipo de exercícios marciais, aprendeu a interpretar runas e viveu para realizar grandes proezas, que tornaram seu nome notável e agregaram glória à sua estirpe. Chegando à maturidade, Jarl se casou com Erna, uma donzela aristocrata, de cintura fina, que se tornou uma prudente senhora de sua casa e lhe deu muitos filhos, todos destinados a reinar; o mais novo deles, Konur, se tornaria o primeiro rei da Dinamarca. Esse mito ilustra bem a evidente noção de classe entre os povos nórdicos.

*Cresceram
Os filhos de Jarl;
Domaram cavalos,
Curvaram escudos,
Afiaram lâminas,
Bateram lanças de freixo,
Mas Kon, o caçula,
Conheceu as runas,
Runas eternas,
Runas da vida.*

“RÍGSMÁL”

(TRADUÇÃO INGLESA DE PAUL DU CHAILLU)

Capítulo





Hermod

XIV



O deus veloz

Outro filho de Odin foi Hermod, seu ajudante especial. Era um jovem deus brilhante e belo, dotado de grande agilidade, designado, portanto, como o deus ligeiro ou o deus ágil.

*Mas houve um, o primeiro de todos os deuses
Em velocidade, e Hermod era seu nome no Céu;
O mais ligeiro era ele.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Por causa desse importante atributo, Hermod geralmente servia aos deuses como mensageiro, e a um mero sinal de Odin ele estava sempre pronto a sair correndo para alguma parte da criação. Como marca especial de predileção, o Pai de Todos lhe deu uma armadura e um elmo magníficos, que ele costumava usar quando se preparava para participar de alguma guerra. Às vezes, Odin lhe confiava o cuidado da preciosa lança Gungnir, mandando-o lançá-la por cima das cabeças dos combatentes prestes a entrar em batalha, para que o ardor deles pudesse se acender e se tornar fúria assassina.

*Que a prece de Odin
Entre em nossas mentes;
Ele doa e garante
Ouro a quem merece.
A Hermod ele deu*

Elmo e armadura.

SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Hermod adorava batalhas e muitas vezes era chamado de “valente em combate” e confundido com o deus do universo, Irmin. Dizem que ele algumas vezes ia com as Valquírias em sua cavalgada até a terra, e com frequência recebia os guerreiros em Valhala, motivo pelo qual era considerado o líder dos heróis mortos.

A ele se dirigiram Hermoder e Brage:

*“Viemos te receber e saudar em nome de todos,
Dos deuses és conhecido por teu valor,
E, ao salão dos deuses, estás convidado.”*

“THE DEATH OF KING HECON” [A MORTE DO REI HACON], OWEN MEREDITH (PSEUDÔNIMO DE EDWARD ROBERT BULWER-LYTTON)

O atributo característico de Hermod, além da armadura e do elmo, era uma varinha ou cajado chamado Gambantein, emblema de seu ofício, que ele levava aonde quer que fosse.

Hermod e o vidente

Certo dia, oprimido por temores sombrios quanto ao futuro e incapaz de obter das Nornas respostas satisfatórias a suas perguntas, Odin mandou Hermod vestir a armadura e selar Sleipnir — que só ele, além de Odin, tinha permissão de montar, e correr para a terra dos finlandeses. Esse povo, que vivia nas regiões congeladas do polo, além de ser capaz de invocar tempestades geladas que vinham varrendo desde o Norte, trazendo muito gelo e neve no caminho, supostamente tinham grandes poderes ocultos.

O mais famoso desses mágicos finlandeses era Rossthiof (ladrão de cavalo), que costumava atrair os viajantes para seus domínios por meio de artes mágicas, para que pudesse roubá-los e matá-los. Ele tinha o poder de prever o futuro, embora fosse sempre muito relutante em fazê-lo.

Hermod, o Veloz, cavalgou rapidamente na direção norte, com ordens de procurar esse finlandês, levando, em vez de seu próprio cajado, o cajado rúnico de Odin, que o Pai de Todos lhe dera com o propósito de desfazer quaisquer obstáculos que Rossthiof pudesse conjurar para deter seu avanço. Apesar dos monstros fantasmagóricos, das armadilhas e dos fossos invisíveis, Hermod conseguiu chegar em segurança à morada do mágico e, quando esse gigante o atacou, o deus conseguiu dominá-lo com facilidade e o amarrou pelas mãos e pelos pés, declarando que não o soltaria enquanto não lhe revelasse tudo o que ele queria saber.

Rossthiof, vendo que não havia esperança de escapar, jurou fazer o que seu captor desejava e, ao ser libertado, começou então a murmurar encantamentos, ao som dos quais o sol se escondeu atrás das nuvens, a terra tremeu e balançou, e os ventos de tempestade uivaram como uma alcateia faminta.

Apontando para o horizonte, o mágico mandou Hermod olhar, e o deus veloz viu ao longe um grande rio de sangue avermelhando o chão. Enquanto ele contemplava espantado esse rio de sangue, uma bela mulher subitamente apareceu, e no momento seguinte um garotinho parou ao lado dela. Para espanto do deus, a criança crescia com maravilhosa rapidez e logo alcançou a forma adulta, e Hermod reparou também que o menino brandia ferozmente um arco e flechas.

Rossthiof então começou a explicar os presságios que sua arte havia conjurado e declarou que o rio de sangue pressagiava o assassinato de um dos filhos de Odin, mas que, se o pai dos deuses cortejasse e conquistasse Rinda, na terra dos rutenos (atual Rússia), ela geraria um filho que ficaria adulto em poucas horas e vingaria a morte do irmão.

*Rinda um filho gerará,
Nos salões ocidentais:
Ele matará o filho de Odin,
Decorrida uma noite de vida.*

SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Hermod escutou com atenção as palavras de Rossthiof e, ao voltar a Asgard, relatou tudo o que vira e ouvira a Odin, cujos temores foram confirmados e que assim definitivamente teve certeza de que estava condenado a perder um filho de forma violenta. Ele se consolou, contudo, com a ideia de que outro de seus descendentes vingaria o crime e assim obteria a satisfação que os verdadeiros nórdicos sempre exigiam.

Capítulo





Vidar

XV



O deus silencioso

Conta-se que Odin se apaixonou um dia pela bela gigante Grid, que morava em uma caverna no deserto, e, cortejando-a, ele a convenceu a se tornar sua esposa. O rebento dessa união entre Odin (mente) e Grid (matéria) foi Vidar, um filho tão forte quanto taciturno, a quem os antigos consideravam uma personificação da floresta primordial ou das forças imperecíveis da Natureza.

Assim como os deuses, através de Heimdall, eram intimamente associados ao mar, eles também tinham uma forte ligação com as florestas e a Natureza em geral através de Vidar, apelidado de “o silencioso”. Vidar estava destinado a sobreviver à destruição dos deuses e a reinar sobre uma terra regenerada. Esse deus vivia em Landvidi (terra vasta), um palácio decorado de ramos verdes e flores frescas, situado no meio de uma impenetrável floresta primordial, onde reinava o profundo silêncio e a solidão que ele amava.

*Coberto de arbustos,
No mato crescido,
Na terra vasta de Vidar.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Essa antiga concepção escandinava do silencioso Vidar é de fato muito grandiosa e poética, e era inspirada pelas rudes paisagens nórdicas. “Quem já perambulou por essas florestas, ao longo de muitas milhas, em uma vastidão sem limites, sem trilhas, sem

destino, entre suas sombras monstruosas, sua escuridão sagrada, sem ser invadido pela profunda reverência pela sublime grandeza da Natureza para além de toda atividade humana, sem sentir a grandiosidade da ideia que forma a base da essência de Vidar?”

O sapato de Vidar

Vidar é representado como alto, bem-apanhado e bonito, vestindo armadura, portando uma espada de lâmina larga e calçando grandes sapatos de ferro ou de couro. Segundo alguns mitógrafos, ele devia esse calçado peculiar a sua mãe, Grid, que, sabendo que ele seria levado a lutar contra o fogo no último dia, fabricou o sapato para protegê-lo contra o feroz elemento, assim como a luva de ferro havia protegido Thor em seu encontro com Geirröth. Mas outros autores afirmam que esse sapato era feito de pedaços de couro que os sapateiros nórdicos doavam ou jogavam fora. Como era essencial que o sapato fosse grande e forte o bastante para resistir aos dentes afiados do lobo Fenrir no último dia, era uma questão religiosa entre os sapateiros nórdicos doar o máximo de restos e pedaços de couro possível.

A profecia das Nornas

Quando Vidar se reuniu a seus pares em Valhala, eles o receberam alegremente, pois sabiam que sua força lhes serviria quando precisassem. Depois que todos amorosamente o regalaram com hidromel dourado, o Pai de Todos mandou-o à fonte Urdar, onde as Nornas estavam sempre ocupadas a tecer sua trama. Questionadas por Odin sobre seu futuro e o destino de Vidar, as três irmãs responderam como um oráculo, cada uma proferindo uma sentença:

“Cedo começou.” “Deu mais uma volta.” “Um dia se esgota.”

A isso a mãe delas, Wyrð, a primitiva deusa do destino, acrescentou: “Com a alegria reconquistada.” Essas respostas misteriosas permaneceriam totalmente incompreensíveis se a deusa não prosseguisse com a explicação de que o tempo não para, que

tudo muda, mas, mesmo que o pai caísse na última batalha, seu filho Vidar seria seu vingador e viveria para reinar sobre um mundo regenerado, depois de derrotar todos os seus inimigos.

Lá está o filho de Odin

Montado no cavalo;

Ele vingará seu pai.

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Depois que Wyrð falou, as folhas da Árvore do Mundo esvoaçaram como se agitadas por uma brisa, a águia em seu ramo mais alto bateu asas, e o dragão Nidhug por um momento suspendeu sua obra de destruição nas raízes. Grid, unindo o pai e o filho, rejubilou-se com Odin quando ouviu que seu filho estava destinado a sobreviver aos deuses mais velhos e a reinar sobre o novo céu e a nova terra.

Lá moram Vidar e Vale

Nos postos sagrados dos deuses,

Onde o fogo de Surt se atenua.

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Vidar, no entanto, não pronunciou nenhuma palavra, mas lentamente tomou o caminho de volta a seu palácio Landvidi, no coração da floresta primordial, e ali, sentado em seu trono, ponderou por muito tempo sobre a eternidade, o futuro e o infinito. Se sabia seus segredos, jamais os revelou, pois os anciãos garantiam que ele ficou “mudo como uma sepultura” — um silêncio que indicava que nenhum homem sabe o que lhe espera na vida por vir.

Vidar era não só uma personificação da indestrutibilidade da Natureza, mas também um símbolo da ressurreição e da renovação, exibindo a verdade eterna de que novos brotos e flores viriam para substituir aqueles que se decompuseram.

O sapato que ele usava serviria para se defender contra o lobo Fenrir, que, depois de destruir Odin, direcionaria sua fúria contra ele e abriria sua mandíbula terrível para devorá-lo. Mas os antigos

nórdicos declaravam que Vidar pisou com o pé protegido na mandíbula do monstro, e, empurrando a arcada superior, lutou com ele até rasgá-lo em dois.

Como apenas um sapato é mencionado nos mitos de Vidar, alguns mitógrafos supõem que ele só tivesse uma perna e fosse a representação da tromba-d'água, que surgiria de repente no último dia para apagar o fogo desenfreado personificado pelo terrível lobo Fenrir.

Capítulo



Vali



XVI



O cortejo de Rinda

Billing, rei dos rutenos, ficou consternado ao saber que uma grande força armada estava prestes a invadir seu reino, pois ele estava velho demais para combater como outrora. Além disso, sua única descendência, uma filha chamada Rinda, embora estivesse em idade de casar, se recusava obstinadamente a escolher um marido entre seus muitos pretendentes, o que daria ao pai a ajuda de que ele tanto precisava.

Enquanto Billing meditava desconsolado em seu trono, um forasteiro subitamente entrou no palácio. Erguendo os olhos, o rei contemplou um homem de meia-idade envolto em uma capa comprida, com um chapéu de aba larga puxado sobre a testa para esconder o fato de que só tinha um olho. O forasteiro indagou com cortesia o motivo de sua evidente melancolia, e como tinha algo que encorajava confidências, o rei lhe contou tudo, e ao final do relato o forasteiro se ofereceu para comandar o exército dos rutenos contra seus adversários.

Seus serviços foram bem recebidos, e não demorou muito para Odin — pois era ele — conquistar a vitória. Quando retornou em triunfo, o deus pediu permissão para cortejar a filha do rei, Rinda, e se casar com ela. Apesar da idade avançada do pretendente, Billing esperava que a filha visse com bons olhos aquele homem que parecia muito distinto, então deu seu consentimento sem hesitar. De modo que Odin, ainda sem se revelar, se apresentou diante da princesa,

mas ela rejeitou sua proposta com desdém e rispidamente bateu nas orelhas dele quando tentou beijá-la.

Obrigado a recuar, Odin não obstante insistiu em seu propósito de fazer de Rinda sua esposa, pois ele sabia, graças à profecia de Rossthiof, que ninguém além dela poderia gerar o futuro vingador de seu filho assassinado. Seu passo seguinte, portanto, foi adotar a forma de um ferreiro, disfarce com que voltou ao salão de Billing e, fabricando caros ornamentos de prata e ouro, astuciosamente multiplicou tanto as preciosas joias que o rei, contente, lhe permitiu que se dirigisse à princesa. O ferreiro Rosterus, como ele anunciou a si mesmo, foi, no entanto, mandado embora sem cerimônia por Rinda, assim como havia sido o bem-sucedido comandante do exército. Mas, embora suas orelhas mais uma vez ardessem com a força do golpe, Odin estava mais determinado do que nunca a fazer de Rinda sua esposa.

Na oportunidade seguinte, o deus se apresentou diante da donzela caprichosa disfarçado de um valente guerreiro, pois, ele pensou, um jovem soldado talvez tocasse o coração da moça. Mas quando ele tentou beijá-la, ela o empurrou tão violentamente que ele tropeçou e caiu de joelhos.

*Muitas belas donzelas
Quando se bem as conhece,
Ao homem, volúvel se revela.
Isso passei
Quando uma dama discreta tentei
Conquistar com afinco;
Toda sorte de insolência
Da danada da menina
Sobre mim aturei;
Dessa donzela nada ganhei.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

O terceiro insulto enfureceu tanto Odin que ele pegou seu mágico cajado rúnico, apontou para Rinda e proferiu um encanto tão terrível que ela caiu nos braços de suas criadas rígida e aparentemente sem vida.

Quando a princesa voltou à consciência, seu pretendente havia desaparecido, mas o rei descobriu com grande tristeza que ela havia perdido a razão e estava melancolicamente enlouquecida. Em vão, todos os médicos foram convocados e tentaram todo tipo de remédios de ervas. A donzela continuou passiva e triste, e o pai, desanimado, havia quase abandonado a esperança quando uma velha, que se anunciou como Vecha, ou Vak, apareceu se oferecendo para curar a princesa. A suposta velha, que era Odin disfarçado, primeiramente prescreveu um escalda-pés à paciente; mas como isso não pareceu ter nenhum efeito evidente, ela propôs um tratamento mais drástico. Para isso, Vecha declarou, a paciente deveria ser confiada exclusivamente a seus cuidados, e amarrada firmemente, para que não oferecesse a menor resistência. Billing, aflito para salvar a filha, concordou sem pensar duas vezes. Obtendo assim poder total sobre Rinda, Odin obrigou-a a se casar com ele, desamarrando-a e liberando-a do encantamento apenas depois de ela ter jurado fielmente ser sua esposa.

O nascimento de Vali

A profecia de Rossthiof então estava cumprida, pois Rinda de fato gerou um menino chamado Vali (Ali, Bous ou Beav), uma personificação dos dias mais longos, que cresceu com fantástica rapidez no decurso de um único dia e atingiu a idade adulta. Sem esperar sequer para lavar o rosto ou pentear o cabelo, esse jovem deus correu para Asgard, de arco e flecha na mão, para vingar a morte de Balder contra seu assassino, Höder, o deus cego da escuridão.

*Mas veja! O vingador, Vali, vem vindo,
Nascido do oeste, no ventre de Rinda,*

*Filho de Odin, com um dia de idade!
Na terra não se deterá, nem há de
Os cachos pentear, mãos lavar,
O corpo descansar, ainda que deseje,
Até que a missão complete
E a morte de Balder vingue.*

VALHALLA, J.C. JONES

Nesse mito, Rinda, uma personificação da crosta congelada da terra, resiste ao cortejo caloroso do sol, Odin, que em vão aponta que a primavera é o tempo das empreitadas beligerantes e oferece os adornos do verão dourado. Ela se rende apenas quando, depois da chuva (o escalda-pés), começa o degelo. Então conquistada pelo irresistível poder do sol, a terra cede ao abraço dele, é libertada da maldição (gelo) que a deixou dura e fria e gera Vali, o nutriz — ou Bous, o camponês —, que emerge do abrigo escuro quando chegam os dias aprazíveis. O assassinato de Höder por Vali é, portanto, emblemático do “romper da nova luz depois da escuridão do inverno”.

Vali, uma das 12 deidades que ocupavam assentos no grande salão de Gladsheim, compartilhava com seu pai o palácio chamado Valaskjalf e foi destinado, mesmo antes do nascimento, a sobreviver à última batalha e ao crepúsculo dos deuses, para então reinar com Vidar sobre a terra regenerada.

O culto a Vali

Vali é um deus da luz eterna, assim como Vidar é da matéria imperecível; e como os raios de luz eram muitas vezes chamados de flechas, ele é sempre representado e cultuado como um arqueiro. Por esse motivo, o mês de Vali nos calendários noruegueses é designado pelo signo do arco e chamado Lios-beri, o que traz a luz. Por cair entre janeiro e fevereiro, os primeiros cristãos dedicaram esse mês a São Valentim, que também era um hábil arqueiro, e se dizia, como Vali, ser o arauto de dias mais luminosos, aquele que desperta sentimentos mais ternos e o padroeiro de todos os amantes.



Capítulo





**As
Nornas**

XVII



As Normas
C. EHRENBURG



As três tecelãs dos destinos

As deusas nórdicas do destino, chamadas Nornas, não estavam submetidas de nenhum modo aos outros deuses, os quais não podiam questionar nem influenciar os decretos delas. Eram três irmãs, provavelmente descendentes do gigante Norvi, de quem nasceu Nótt (noite). Com o final da Idade do Ouro e o pecado avançando furtivamente pelos lares celestiais de Asgard, as Nornas apareceram embaixo do grande freixo Yggdrasil e fizeram morada perto da fonte Urdar. Segundo alguns mitógrafos, a missão das Nornas era alertar os deuses sobre o mal futuro para levá-los a fazer bom uso do presente e ensinar-lhes lições sobre o passado.

Essas três irmãs, que se chamavam Urd, Verdandi e Skuld, eram personificações do passado, do presente e do futuro. Suas principais ocupações eram tecer a teia do destino, regar diariamente a árvore sagrada com água da fonte Urdar e pôr argila úmida em volta de suas raízes, para que a árvore permanecesse sempre fresca e verde.

*Eis as donzelas
Que muito conhecem;
Três do palácio
Embaixo do freixo;
Uma se chamava Foi,
A segunda, É,
A terceira, Será.*

Alguns especialistas ainda afirmam que as Nornas vigiavam as maçãs douradas que pendiam dos galhos da árvore da vida, da experiência e do conhecimento, não permitindo a ninguém além de Iduna colher o fruto, que era o alimento com o qual os deuses renovavam sua juventude.

As Nornas também alimentavam e cuidavam ternamente de dois cisnes que nadavam no espelho d'água da fonte Urdar, e desse par de aves todos os cisnes da terra supostamente descendem. Às vezes, dizia-se, as Nornas se vestiam com plumagem de cisne para visitar a terra ou nadavam como sereias ao longo da costa e em diversos lagos e rios, aparecendo diante dos mortais de vez em quando para prever o futuro ou lhes dar algum sábio conselho.

A teia das Nornas

Algumas vezes as três irmãs teciam teias tão grandes que, enquanto uma das tecelãs estava no alto de uma montanha, no extremo leste, outra vadeava ao longe no mar do oeste. Os fios de sua roca pareciam cordas e variavam muito seus matizes, segundo a natureza dos acontecimentos por vir, e um fio preto, pendido de norte a sul, era visto como prenúncio de morte. Enquanto as irmãs moviam as lançadeiras para frente e para trás, entoavam uma canção solene. Não pareciam tecer de acordo com os próprios desejos, mas cegamente, como se executassem os desejos de Örlög, a lei eterna do universo, um poder mais antigo e superior, que aparentemente não tinha nem princípio nem fim.

Duas das Nornas, Urd e Verdandi, eram na verdade muito benéficas, enquanto a terceira, diziam, incansavelmente desfazia o trabalho das outras e, muitas vezes, quando o tecido estava quase pronto, rasgava-o furiosamente em pedaços, espalhando os restos pelos ventos celestes. Como personificações do tempo, essas três deusas eram representadas como irmãs de diferentes idades e

personalidades: Urd (Wurd, *weird*, estranha) aparecendo muito velha e decrépita, sempre olhando para trás, como se estivesse absorta na contemplação de acontecimentos e pessoas do passado; Verdandi, a segunda irmã, jovem, ativa e destemida, olhando sempre o que havia diante de si; enquanto Skuld, símbolo do futuro, era geralmente representada portando um véu cerrado, com a cabeça voltada para a direção oposta ao olhar de Urd e segurando um livro ou pergaminho ainda não desenrolado.

Essas Nornas eram visitadas diariamente pelos deuses, que adoravam consultá-las; e até Odin ia até a fonte Urdar com frequência para pedir ajuda, pois elas geralmente respondiam suas perguntas, mantendo silêncio apenas quanto ao destino dele e o dos outros deuses.

*Desde longe e bem depressa
Ele chegou sob a grande Árvore da Vida,
Procurando junto à fonte
Urdar, Norna do Passado;
Mas seus olhos para trás
Nada puderam revelar.
Na página de Verdandi,
Sombras males prenunciam;
Sombras que em Asgard pairam
E maligna treva espalham;
Segredo ali nenhum escrito
Valhala, puro e belo, salvaria.
A caçula do fraterno trio,
Skuld, Norna do Porvir,
Pedi a fala, parou calada —
Desviando olhos marejados.*

VALHALLA, J.C. JONES

Outros espíritos guardiões

Além das três Nornas principais havia muitas outras, bem menos importantes, que parecem ter sido os espíritos guardiões da humanidade, à qual costumavam aparecer concedendo com generosidade todo tipo de dádivas a seus favoritos, e raramente se ausentavam dos nascimentos, casamentos e mortes.

Múltipla é sua linhagem, e quem a todos avisará?

Há quem reine sobre homens, e astros que se erguem e caem.

SIGURD THE VOLSUNG [SIGURD, O VOLSUNGO], WILLIAM MORRIS

A história de Nornagesta

Certa ocasião, as três irmãs visitaram a Dinamarca, e entraram na casa de um nobre no momento em que seu primeiro filho vinha ao mundo. Ao entrar no quarto onde a mãe estava deitada, a primeira Norna prometeu que o menino seria bonito e corajoso, e a segunda, que ele seria próspero e um grande escaldo — previsões que encheram os pais de alegria. A notícia do nascimento se espalhou, e os vizinhos foram em fila visitar o quarto. A multidão curiosa então, empurrando-se e esbarrando-se, acabou fazendo a terceira Norna ser rudemente derrubada de sua cadeira.

Furiosa com esse insulto, Skuld se levantou cheia de orgulho e declarou que as dádivas das irmãs não adiantariam nada, pois ela decretava que o menino só viveria enquanto durasse a vela acesa ao lado da cama. Essas palavras agourentas encheram o coração da mãe de terror, e ela apertou o bebê contra o peito trêmula, pois a vela estava no final e não demoraria muito para se esgotar. A Norna mais velha, contudo, não tinha intenção de ver sua previsão malograda. Mas como não podia obrigar a irmã a retirar suas palavras, rapidamente pegou a vela, apagou a chama, e dando o toco fumegante para a mãe da criança, mandou que guardasse o toco de vela como um tesouro e nunca mais a acendesse até seu filho estar cansado de viver.

Era noite na casa nobre:

*As Nornas vieram
A vida do príncipe
Determinar.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

O menino foi chamado Nornagesta, em homenagem às Nornas, e quando cresceu se tornou bonito, corajoso e talentoso, como toda mãe desejaria. Quando ele atingiu idade suficiente para entender a gravidade das coisas, a mãe lhe contou a história da visita das Nornas e pôs na mão dele o toco de vela, que ele guardou como um tesouro por muitos anos, conservando-o em segurança dentro do corpo de sua harpa. Quando os pais morreram, Nornagesta perambulou de lugar em lugar, tomando parte e se distinguindo em todas as batalhas, cantando seus lais heroicos aonde quer que fosse. Como tinha um temperamento entusiasmado e poético, ele não se cansou tão cedo da vida e, enquanto outros heróis iam ficando enrugados e velhos, permaneceu com um coração jovem e um corpo vigoroso. Ele testemunhou, portanto, as temerárias proezas das eras heroicas, foi o valoroso companheiro dos antigos guerreiros e, depois de viver trezentos anos, viu a crença nos antigos deuses pagãos gradualmente ser suplantada pelos ensinamentos dos missionários cristãos. Por fim, Nornagesta foi para a corte do rei Olavo Tryggvason, que, segundo o costume, converteu-o quase à força e obrigou-o a receber o batismo. Então, querendo convencer o povo de que a época da superstição ficara no passado, o rei obrigou o velho escaldo a entregar e acender o toco de vela que ele guardara com todo o cuidado por mais de três séculos.

Apesar da recente conversão, Nornagesta observou com ansiedade a chama bruxulear e, quando finalmente ela se apagou, caiu sem vida no chão, provando assim que, apesar do batismo recebido, ele ainda acreditava na previsão das Nornas.

Na Idade Média, e mesmo depois, as Nornas figuram em muitas histórias e mitos, aparecendo como fadas ou bruxas, como na fábula *A bela adormecida* e na tragédia *Macbeth*, de Shakespeare.

Primeira Bruxa
Quando iremos nos juntar?
Com a chuva a trovoar?

Segunda Bruxa
Só com a bulha arrefecida,
Ganhar a luta perdida.

Terceira Bruxa
Antes da noite caída.

MACBETH, SHAKESPEARE

As Valas

Às vezes, as Nornas levavam o nome de Valas, ou profetisas, pois tinham o poder da adivinhação — um poder que era considerado uma grande honra por todos os povos nórdicos, que acreditavam ser exclusivo do sexo feminino. As previsões das Valas jamais eram questionadas, e dizia-se que o general romano Druso ficou tão aterrorizado com a aparição de Velleda, uma dessas profetisas, alertando-o para não cruzar o Elba, que ele de fato bateu em retirada. Ela previu a aproximação de sua morte, o que se concretizou pouco depois, após uma queda de seu cavalo.

Essas profetisas, que eram conhecidas como Idises, Dises ou Hagedisis, oficiavam em santuários na floresta e nos bosques sagrados, e sempre acompanhavam exércitos invasores. Cavalgando na frente, ou no meio da hoste, elas veementemente instavam os guerreiros à vitória e, quando a batalha terminava, costumavam fazer águias sangrentas. O sangue era coletado em grandes tinas, nas quais as Dises mergulhavam seus braços nus até os ombros, antes de se juntar à dança febril com a qual a cerimônia se encerrava.

Não é de espantar que essas mulheres fossem muito temidas. Sacrifícios eram oferecidos para conquistar seus favores, e só muito mais tarde elas foram rebaixadas à categoria de bruxas e enviadas

para se reunir à hoste dos demônios no Brocken, ou Brockula, durante a *Walpurgisnacht*.

Além das Nornas ou Dises, que também eram consideradas deidades protetoras, os nórdicos atribuíam a cada ser humano um espírito guardião chamado Fylgja, que cuidava do indivíduo por toda a vida, tanto em forma humana como em forma animal. Exceto no momento da morte, esse espírito era invisível para todos, a não ser pelos poucos iniciados capazes de vê-lo.

O significado alegórico das Nornas e sua teia do destino é patente demais para necessitar de explicações; ainda outros mitógrafos fizeram delas demônios do ar e afirmaram que sua teia era a trama das nuvens, e as faixas de neblina que elas amarravam entre as pedras e as árvores, e de montanha em montanha, eram bruscamente rasgadas pelo vento súbito. Alguns especialistas, além disso, declaram que Skuld, a terceira Norna, era às vezes uma Valquíria, e outras vezes personificava a deusa da morte, a terrível Hel.



As Dises
DOROTHY HARDY

Capítulo





As Valquírias

XVIII



A cavalgada das Valquírias
J.C. DOLLMAN



As donzelas guerreiras

As ajudantes especiais de Odin, as Valquírias, ou donzelas guerreiras, eram ora suas filhas, como Brunhilda, ora filhas de reis mortais. Tinham o privilégio de permanecer imortais e invulneráveis desde que implicitamente obedecessem ao deus e continuassem virgens. Elas e seus corcéis eram personificações das nuvens, suas armas reluzentes sendo os lampejos dos relâmpagos. Os antigos imaginavam que elas desciam à terra sob comando do Valfodr para escolher, entre os heróis mortos em combate, quais desfrutariam as alegrias de Valhala e seriam corajosos o bastante para ajudar os deuses quando a grande batalha final fosse travada.

*No campo de batalha, onde homens caem depressa,
Seus cavalos afundando em sangue, elas galopam,
E recolhem os mais bravos dos guerreiros mortos,
Que levam de volta consigo, à noite, para o Céu
Para alegrar os deuses, à mesa do salão de Odin.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Essas donzelas eram representadas como jovens e bonitas, com ofuscantes braços alvos e cabelos dourados soltos. Elas usavam elmos de prata ou ouro, couraças vermelho-sangue e lanças e escudos reluzentes. Elas galopavam ousadamente pela refrega em seus corcéis brancos valorosos. Esses cavalos percorriam domínios do ar e passavam pela tremeluzente Bifrost, levando não apenas as

belas cavaleiras, mas também os heróis mortos, que logo depois de receber o beijo da morte das Valquírias eram transportados a Valhala.

Os corcéis das nuvens

Como os corcéis das Valquírias eram personificações das nuvens, imaginava-se que o granizo e o orvalho caíssem na terra de suas crinas cintilantes quando corriam rapidamente para lá e para cá pelo ar. Eles eram portanto extremamente honrados e tidos em alta consideração pelo povo, que atribuía à influência benéfica deles boa parte da fertilidade da terra, da doçura dos vales e das encostas das montanhas, da glória dos pinheiros e da nutrição da campina.

Seletoras dos imolados

A missão das Valquírias não se limitava aos campos de batalha na terra; elas também costumavam cavalgar sobre o mar, apanhando os vikings mortos em seus barcos draconiformes naufragados. Às vezes, elas ficavam na praia e acenavam para eles, um aviso infalível de que o combate vindouro seria o último, oportunidade que todo herói nórdico recebia com alegria.

*Lentamente elas se moveram até a orla;
E as formas, conforme ficaram mais claras,
Pareciam todas em corcéis claros montadas,
E um escudo escuro ergueram,
E acenaram com mãos difusas
Da praia preta e pedregosa,
Apontando lanças luzidias.*

*Então ele sentiu tamanha calma
Diante daquela gente de outro mundo;
Pois sabia bem serem filhas de Valhala,
As seletoras dos defuntos!*

“VALKYRIUR SONG” [CANÇÃO DAS VALQUÍRIAS], FELICIA HEMANS

Demografia e deveres das Valquírias

Embora a quantidade de Valquírias varie bastante segundo os diferentes mitógrafos, indo de três a 16, a maioria dos especialistas nomeia apenas nove. As Valquírias eram consideradas divindades do ar, e também chamadas de Nornas ou donzelas do desejo. Dizia-se que Freya e Skuld as conduziam às batalhas.

*Ela viu Valquírias
Vindo de longe,
Prontas para partir
Para as tribos divinas;
Skuld leva o escudo,
Skölgul vem atrás,
Gunnr, Hildr, Göndul,
E Geirskölgul.
Assim se chamavam
As Nornas dos Guerreiros.*

SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE HENDERSON)

Essas donzelas assumiam importantes deveres em Valhala; quando depunham suas armas ensanguentadas, elas serviam o hidromel celestial aos Einherjar. Essa bebida deliciava as almas dos recém-chegados, e eles agradeciam às belas donzelas tão calorosamente quanto da primeira vez em que as viram no campo de batalha e se deram conta de que elas tinham ido buscá-los para levá-los aonde eles iriam de bom grado.

*Na sombra, formas altas avançam,
E suas mãos como flocos de neve ao luar cintilam;
Acenam, sussurram, “Ó forte Armado e Valoroso,
Os convidados lá te esperam – borbulha hidromel em Valhala.”*

“FINN’S SAGA” [SAGA FINLANDESA], MARY ELIZABETH HEWITT

Weiland e as Valquírias

Acreditava-se que as Valquírias costumavam voar para a terra usando plumagem de cisne, que tiravam quando chegavam a um trecho isolado de rio, em que se podiam dar ao luxo de se banhar. Qualquer mortal que as surpreendesse nesse momento, roubando sua plumagem, poderia impedi-las de deixar a terra e até obrigar uma dessas donzelas orgulhosas a se deitar com ele, se assim o desejasse.

Conta-se que três Valquírias, Orlun, Alvit e Svanhvit, um dia brincavam na água, quando de repente três irmãos, Egil, Slagfinn e Völund, ou Weiland, o ferreiro, abordaram-nas e, apossando-se da plumagem de cisne, os rapazes as obrigaram a permanecer na terra e se tornar suas esposas. As Valquírias, assim capturadas, permaneceram com seus maridos por nove anos, mas ao final desse período, recuperando sua plumagem ou quebrando o feitiço de alguma outra forma, conseguiram escapar.

*Lá permaneceram
Sete invernos inteiros;
Mas o oitavo se passou
De saudades possuído;
E o nono decorrido
O destino os separou.
As donzelas ansiavam
Pelo bosque sombrio,
A jovem Alvit,
Seu destino cumprir.*

LAY OF VÖLUND [LAI DE VÖLUND]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Os irmãos abalaram-se com a perda das esposas, e dois deles, Egil e Slagfinn, calçando os sapatos de neve, partiram à procura de suas amadas, desaparecendo nas regiões frias e brumosas do Norte. Já o terceiro irmão, Völund, permaneceu em casa, sabendo que as buscas seriam inúteis, e encontrou consolo na contemplação de um anel que Alvit lhe dera como um símbolo de amor, cultivando a esperança de que ela voltaria. Como era um ferreiro muito inteligente e capaz de

fabricar os mais sofisticados ornamentos de prata e ouro, assim como armas mágicas que golpe nenhum podia romper, ele então dedicou-se à produção de setecentos anéis idênticos ao que a esposa lhe dera. Depois de prontos, Völund guardou todos os anéis juntos. Mas uma noite, voltando para casa de uma caçada, percebeu que alguém havia roubado uma das joias, deixando as outras para trás, e sua esperança teve nova inspiração, pois ele pensou consigo mesmo que a esposa havia passado por ali e que em breve voltaria definitivamente.

Naquela mesma noite, contudo, o rapaz foi surpreendido enquanto dormia, sendo agrilhado e feito prisioneiro por Nidud, rei da Suécia. Este se apoderou de sua espada — uma arma favorita dotada de poderes mágicos, que o rei reservou para seu uso pessoal — e do anel do amor feito do puro ouro do Reno, que mais tarde daria à sua única filha, Bodvild. Quanto ao infeliz Völund, ele foi conduzido como prisioneiro a uma ilha vizinha, onde, depois de ter os tendões cortados para que não tentasse escapar, o rei o incumbiu de forjar armas e ornamentos para o reino, sem descanso. Ele também foi obrigado a construir um intrincado labirinto, e até hoje na Islândia labirintos são chamados de “casa de Völund.”

A fúria e o desespero de Völund aumentaram a cada novo insulto de Nidud, e noite e dia ele pensou em uma forma de se vingar. O jovem ferreiro também não parou de planejar sua fuga, e durante as pausas no trabalho elaborou um par de asas similar às que sua esposa usava como Valquíria, que ele tinha intenção de vestir assim que sua vingança se realizasse. Certa vez, o rei foi visitar seu prisioneiro e levou consigo a espada roubada para que o ferreiro a consertasse. Völund, agindo com astúcia, substituiu a espada mágica por outra idêntica para enganar o rei. Alguns dias depois, o rapaz convenceu os filhos do rei a entrar em sua oficina e os matou, e depois fabricou com seus crânios taças de bebida, com joias no lugar dos olhos e dos dentes, e entregou essas taças aos pais e à irmã dos mortos.

*Mas seus crânios
Sob os cabelos
Ele de prata revestiu
E a Nidud ofertou;
E nos olhos preciosas
Pedras cravejou,
E à esposa de Nidud
Astuta enviou;
Mas dos dentes
Dos dois irmãos
Camafeus ele fez
E para Bodvild deixou.*

*LAY OF VÖLUND [LAI DE VÖLUND]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

A família real não desconfiou da procedência daqueles itens; e assim os presentes foram recebidos com alegria. Quanto aos pobres rapazes, acreditaram que tivessem sido levados pelo mar e morrido afogados.

Algum tempo depois, Bodvild, no intuito de consertar seu anel, também visitou a oficina do ferreiro, onde, enquanto esperava, sem perceber ingeriu uma droga mágica, que a fez adormecer, deixando-a sob o poder de Völund. Com o último ato de sua vingança realizado, imediatamente vestiu as asas que havia preparado justamente para aquele dia e, tomando a espada e o anel, ergueu-se lentamente no ar. Dirigindo seu voo ao palácio, ele pousou em um ponto fora do alcance do rei e proclamou seus crimes a Nidud. O rei, enlouquecido de raiva, chamou Egil, irmão de Völund, que também estava sob seu poder, e mandou que ele usasse sua extraordinária habilidade como arqueiro para derrubar aquela ave insolente. Obedecendo a um sinal de Völund, Egil apontou para uma protuberância sob a asa, onde uma bexiga cheia de sangue da princesa estava escondida, e o ferreiro foi embora voando, triunfante e ileso, dizendo que Odin daria sua espada a Sigmund — uma previsão que seria devidamente realizada.

Völund então foi a Alfheim, onde, segundo a lenda, ele encontrou sua amada esposa e viveu feliz para sempre com ela até o crepúsculo dos deuses.

Mas, mesmo em Alfheim, esse perspicaz ferreiro continuou exercendo seu ofício, e vários conjuntos de armaduras impenetráveis, que dizem ter sido feitas por ele, são descritas em poemas heroicos posteriores. Além de Balmung e Joyeuse, célebres espadas de Sigmund e Carlos Magno, conta-se que ele forjou Miming para seu filho Heime, além de muitas outras lâminas famosas.

*É o dono de Miming
Rei de todas as espadas,
E a forjou Weiland,
Bitterfer é chamada.*

POESIA ANGLO-SAXÃ

(TRADUÇÃO INGLESA DE CONYBEARE)

Há inúmeras outras histórias de donzelas-cisnes, ou Valquírias, que supostamente se relacionaram com mortais; mas a mais popular de todas elas é a de Brunhilda, a esposa de Sigurd, este descendente de Sigmund e o mais famoso dos heróis nórdicos.

William Morris, em “The Land East of the Sun and West of the Moon” [A terra a leste do Sol e a oeste da Lua], fornece uma versão fascinante de outra dessas lendas nórdicas. A história é uma das mais encantadoras da coletânea *The Earthly Paradise* [O paraíso terrestre].

Brunhilda

A história de Brunhilda é encontrada sob muitas formas. Algumas versões descrevem a heroína como filha de um rei, levada por Odin para servir em seu bando de Valquírias, outras como chefe das Valquírias e filha do próprio Odin. No libreto da ópera de Richard Wagner, *O Anel do Nibelungo*, o grande músico apresenta uma concepção particularmente atraente, embora mais moderna, da chefe

das donzelas guerreiras e de sua desobediência à ordem de Odin quando mandou que ela tirasse o jovem Sigmund do lado de sua amada Sieglinde e o levasse aos Salões dos Abençoados.



mitologia
NÓRDICA

H.A. Guerber

TRADUÇÃO DE
ALEXANDRE BARBOSA DE SOUZA

VOLUME II



EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Capítulo





Hel

XIX



A estrada para Valhala
SEVERIN NILSSON



A descendência de Loki

Hel, deusa da morte, era filha de Loki, deus do mal, e da gigante Angrboda, pressagiadora da doença. Ela veio ao mundo em uma caverna escura em Jotunheim ao mesmo tempo que a serpente Jormungandr e o terrível lobo Fenrir, trio considerado emblema da dor, do pecado e da morte.

*Eis Loki, causa de toda moléstia!
Homens e Aesir ainda o detestam.
Os deuses há muito deploram,
Até que o Tempo se esgote,
Sua fraude vil em Asgard.
Enquanto em Jotunheim, decaídos
Eis Fenrir, Serpente e Hel temida,
Dor, Pecado e Morte, seus três filhos,
Criados e queridos; por meio deles,
Torturador do mundo ele seria.*

VALHALLA, J.C. JONES

No tempo, Odin se deu conta da estirpe terrível que Loki engendrara e decidiu, como vimos, bani-la da face da terra. A serpente foi, portanto, lançada ao mar, onde suas contorções, segundo se acreditava, causavam as mais terríveis tempestades. O lobo Fenrir foi preso com correntes, graças ao destemido Tyr, enquanto Hel (ou

Hela) foi atirada nas profundezas de Niflheim, onde Odin lhe deu o poder sobre nove mundos.

*Hela em Niflheim atiraste,
E lhe deste os nove mundos escuros,
Rainha, imperatriz de todos os mortos.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

O reino de Hel em Niflheim

Esse domínio, que supostamente se situava embaixo da terra, só podia ser alcançado após uma penosa viagem pelas estradas mais acidentadas nas regiões frias e escuras do extremo Norte. O portão era tão distante de qualquer morada humana que até mesmo Hermod, o Veloz, montado em Sleipnir, precisava viajar nove longas noites até chegar ao rio Giöll, o qual marcava o limite de Niflheim. Sobre esse rio havia uma ponte de cristal e ouro suspensa por um único fio de cabelo, constantemente vigiada pela sombria caveira Mödguð, que fazia todo espírito pagar uma taxa em sangue antes de permitir sua passagem.

*A ponte de vidro pendurada num fio de cabelo
Lançada sobre o rio terrível —
Rio Giöll, fronteira de Hel.
Ali ficava a donzela Mödguð,
Esperando para extrair a taxa em sangue —
Donzela horrenda à visão,
Descarnada, trajando pálio e mortalha.*

VALHALLA, J.C. JONES

Os espíritos atravessavam a ponte nos cavalos ou nas carruagens que haviam sido queimadas na pira funerária com os mortos para servir àquele propósito. Os povos nórdicos eram muito cuidadosos em amarrar nos pés dos defuntos um forte par de sapatos, chamados Helskór, sapatos de Hel, para que não sofressem durante a longa jornada pelas estradas acidentadas. Pouco depois da ponte Giallar, o

espírito chegava a Jarnvidr, a floresta de ferro onde só havia árvores nuas e com folhas de ferro, e, ao atravessá-la, alcançava o portão de Hel, ao lado do qual ficava o feroz e ensanguentado cão de guarda Garm, agachado em um buraco escuro conhecido como caverna Gnipa. A fúria desse monstro só podia ser apaziguada pela oferta de um bolo de Hel, que nunca faltava àqueles que sempre davam pão aos necessitados.

Alto late Garm

Diante da caverna Gnipa.

SEMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Do lado de dentro do portão, em meio ao intenso frio e à escuridão impenetrável, ouvia-se o fervilhar do grande caldeirão Hvergelmir, e o fragor das geleiras no rio Elivagar e outros cursos d'água de Hel. Entre eles, estavam o rio Leipter, junto ao qual juras solenes eram feitas, e o rio Slid, em cujas águas turbulentas rolavam continuamente espadas desembainhadas.

Mais adiante nesse lugar lúgubre, ficava Elvidner (angústia), o salão da deusa Hel, onde o prato se chamava Fome e a faca, Ganância. “Ócio era o nome de seu marido, Preguiça sua criada, Ruína era o umbral de sua porta, Tristeza era seu leito, e Conflagração, suas cortinas.”

Elvidner era o salão de Hela.

Gradeado, com imensa muralha;

Horrível e alto palácio!

Fome era sua mesa nua;

Desperdício, seu talher; seu leito, Carência aguda;

Angústia ardente, seu repasto;

Ossos brancos cada comensal;

Praga e Penúria cantavam suas runas

Mescladas às duras canções da Amargura.

Miséria e Agonia

Sempre haverá na casa de Hel!

VALHALLA, J.C. JONES

Essa deusa tinha muitas moradas diferentes para os convidados que chegavam dia a dia, pois ela recebia não apenas os perjuros e criminosos de todos os tipos, mas também aqueles desgraçados o suficiente para terem morrido sem derramar sangue. Aos domínios de Hel, eram destinados também aqueles que morriam de velhice ou doença — morte que era desdenhosamente chamada de “morte na palha”, material do qual em geral eram feitas as camas.

*Temperados pelo gelo,
Pela tempestade e o trabalho, seus nervos, filhos
Daquelles cujo terror era a morte sem sangue.*

LIBERTY [LIBERDADE], JAMES THOMSON

Ideias da vida futura

Embora os inocentes fossem bem tratados por Hel e desfrutassem de um estado de êxtase negativo, não é de espantar que os moradores do Norte temessem a ideia de visitar sua morada soturna. E enquanto os homens preferiam se cravar com a ponta da lança, se atirar de um precipício ou se incendiar antes que a vida se extinguísse, as mulheres não se furtavam de medidas igualmente heroicas. No extremo de sua tristeza, elas não hesitavam em se atirar do alto de uma montanha ou se deixar cair sobre as espadas que recebiam no dia do casamento, para que seus corpos pudessem ser queimados com os de seus amados e, assim, seus espíritos libertos se encontrassem no lar luminoso dos deuses.

Outros horrores, contudo, aguardavam aqueles cujas vidas haviam sido criminosas ou impuras. Esses espíritos eram banidos para Náströnd, a praia dos cadáveres, onde vadeavam em córregos gelados de veneno, através de uma caverna feita de serpentes cujas presas peçonhentas ficavam viradas para eles. Depois de sofrerem agonias inauditas ali, eles eram levados pela correnteza até o

caldeirão Hvergelmir, onde a serpente Nidhug deixava por um momento de roer a raiz da árvore Yggdrasil para se alimentar dos ossos deles.

*Um salão existia
Longe do sol
Em Náströnd;
De portas abertas ao Norte,
Caem gotas de veneno
Por suas aberturas;
Entrelaçado salão
De dorsos de serpentes.
Ela ali viu vadear
Riachos vagarosos
Homens sanguinários
E perjuros,
E aquele que cobiça
A esposa alheia.
Ali Nidhug suga
Os corpos dos mortos.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Pestilência e fome

A própria Hel às vezes deixava sua morada desolada para percorrer a terra em seu cavalo branco de três patas. Nos tempos de pestilência e fome, se parte dos moradores de um distrito escapava, dizia-se que ela usara um rastelo e, quando aldeias e províncias inteiras eram despovoadas, como no caso da epidemia histórica da Peste Negra, dizia-se que ela passara a cavalo com uma vassoura.

Os povos nórdicos imaginavam também que os espíritos dos mortos tinham às vezes permissão de voltar a visitar a terra e aparecer aos parentes, cuja tristeza ou alegria os afetava mesmo depois da morte. Conta-se na balada dinamarquesa de Ager e Else

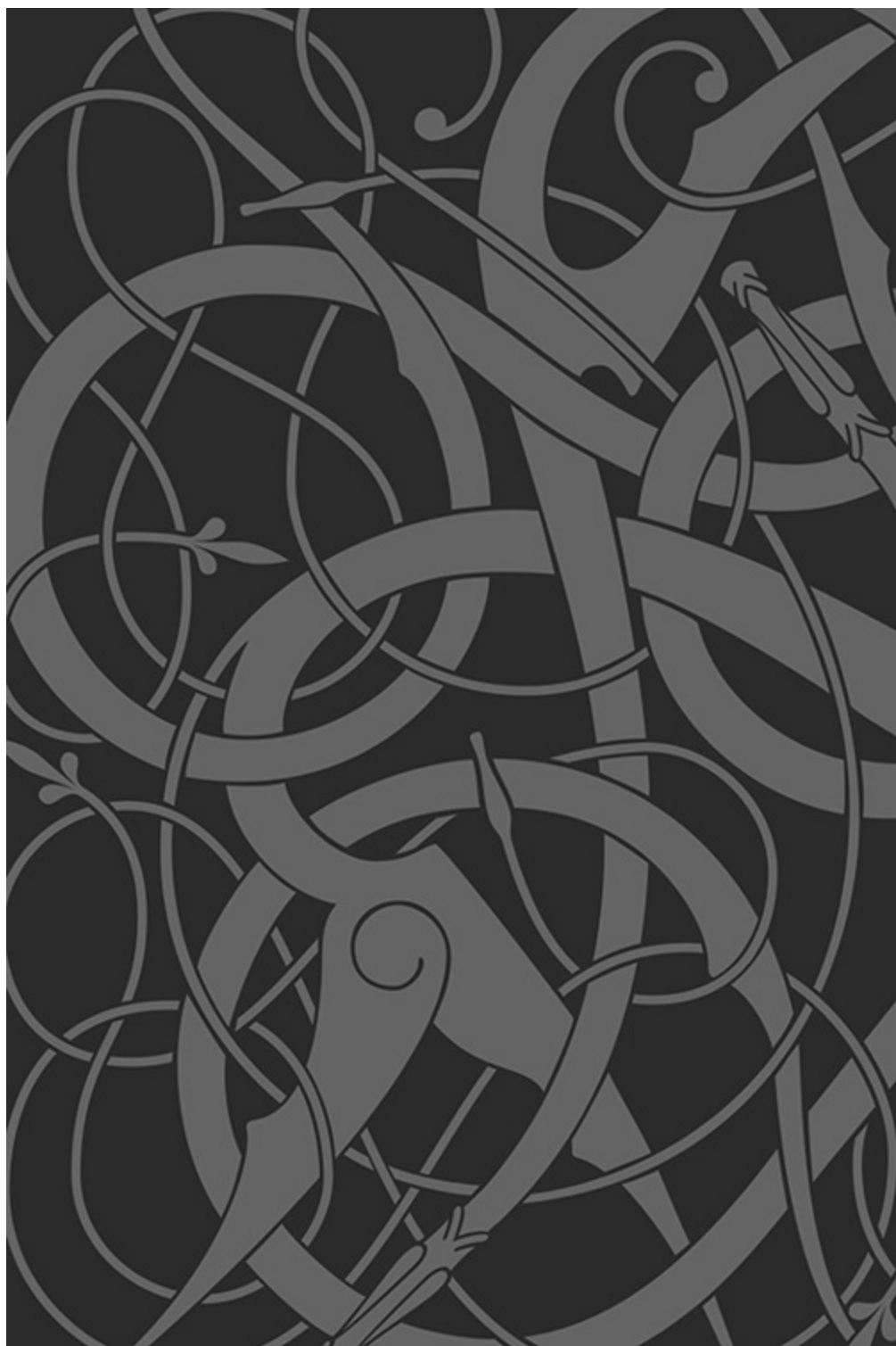
que um amante morto pede à amada um sorriso, para que seu caixão possa se encher de rosas em vez de gotas de sangue coagulado produzidas pelas lágrimas dela.

*“Agora escute, meu bom Aager!
Amado noivo, tudo o que desejo
É saber o que se passa contigo
Na sepultura, lugar tão ermo.”*

*“Toda vez que te alegras
E ficas feliz em pensamento,
Os recantos da solitária sepultura
De pétalas de rosas se enchem.”*

*“Toda vez, amor, que choras,
E derramas rio salgado,
Os recantos da solitária sepultura
Enchem-se de sangue coagulado.”*

BALLAD OF AAGER AND ELSE [BALADA DE AAGER E ELSE]
(TRADUÇÃO INGLESA DE H.W. LONGFELLOW)



Capítulo



Aegir

XX

A decorative flourish or scrollwork element in a light gray color, located in the bottom right corner of the page, partially overlapping the 'XX' text.



Aegir
J.P. MOLIN



O deus do mar

Além de Nijord e Mimir, ambas divindades do oceano – o primeiro representando o mar junto à costa e o outro, o oceano primordial de onde todas as coisas teriam surgido –, os povos nórdicos reconheciam outro regente do mar, chamado Aegir ou Hler, que morava ora nas frias profundezas de seu domínio líquido, ora na ilha de Laeso, no estreito de Categate, ou ilha de Hler.

*Sob o domo aquático,
Com cristalino esplendor,
Em radiante grandeza,
Ergue-se o lar do deus do mar.
Mais ofuscante que a espuma das ondas
Jamais cintilou nas grutas profundas,
As areias brancas de seu assoalho,
Como em lago plácido, ondulam.*

VALHALLA, J.C. JONES

Aegir (o mar), como seus irmãos Kari (o ar) e Loki (fogo), pertencia a uma dinastia mais antiga de deuses. Não fazia parte nem dos Aesir, nem dos Vana, dos gigantes, anões ou elfos, mas era considerado onipotente no interior de seu domínio.

Acreditava-se que ele causava e acalmava as grandes tempestades que varriam as profundezas, e era representado como um velho muito magro, com longas barbas e cabelos brancos, dedos em garra

sempre tentando agarrar tudo convulsivamente, como se ansiasse por ter todas as coisas. Ele só aparecia sobre as ondas para perseguir, virar embarcações e, tomado pela ganância, arrastá-las para o fundo do mar, uma vocação da qual se pensava que ele extraía um prazer demoníaco.

A deusa Ran

Aegir era casado com sua irmã, a deusa Ran, cujo nome significa “ladra”, e que era tão cruel, gananciosa e insaciável quanto o marido. Seu passatempo favorito era espreitar entre rochedos perigosos, para onde atraía os marinheiros, e ali espalhar sua rede, seu pertence mais precioso. Então, depois de emaranhar os homens em sua teia e avariar seus barcos nos rochedos anfractuosos, ela calmamente os arrastava para o fundo de seu domínio desolado.

*Nas fundas cavernas do mar
Junto à costa rumorosa,
Nas ondas velozes
Quando ruge louca procela,
Nos recessos verdes e frios
Dos fiordes nórdicos,
Ela espreita com olhos de ódio,
Ela agarra, ela espalha,
Sua teia, suas presas amalha.*

STORY OF SIEGFRIED [HISTÓRIA DE SIEGFRIED], JAMES BALDWIN

Ran era a considerada deusa da morte de todos aqueles que morriam no mar, e os povos nórdicos imaginavam que ela entretinha os afogados em suas cavernas de coral, onde assentos eram dispostos para recebê-los e o hidromel era servido tão generosamente quanto em Valhala. A deusa também tinha uma grande predileção pelo ouro, que era chamado de “labareda do mar” e usado para iluminar seus salões. Essa crença se originou entre os marujos e se espalhou devido ao impressionante clarão fosforescente das ondas. Para

conquistar as boas graças de Ran, os nórdicos sempre tomavam o cuidado de levar um pouco de ouro consigo sempre que havia algum perigo especial a ameaçá-los no mar.

*Ouro, nas lidas amorosas,
É poderoso e prazeroso;
Quem desce de mãos vazias
A Ran do mar azul,
Sente seus beijos frios,
Fugazes são seus abraços —
Mas nós, noiva do mar,
Desposamos com puro ouro.*

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

As Ondas

Aegir e Ran tiveram nove belas filhas, as donzelas das ondas ou apenas Ondas, cujos braços e colos núbios, longos cabelos dourados, olhos azul-escuros e figuras esbeltas e sensuais eram extremamente fascinantes. Essas donzelas adoravam brincar na superfície do vasto domínio do pai, vestidas com véus transparentes azuis, brancos ou verdes. Eram muito temperamentais e caprichosas, contudo, variavam de humores divertidos a contrariados e apáticos, e às vezes incitavam uma à outra até a beira da loucura, arrancando os cabelos e os véus, atirando-se desbragadamente em suas camas duras, as pedras, perseguindo-se com pressa frenética e gritando de alegria ou desespero. Mas essas donzelas raramente saíam para brincar, a não ser que o irmão, o Vento, estivesse fora, e, de acordo com o humor dele, elas eram gentis e divertidas ou ríspidas e tempestuosas.

As Ondas eram em geral vistas em trios, e dizia-se que elas brincavam em volta dos barcos dos vikings que favoreciam, afastando qualquer obstáculo de seu curso e ajudando-os a chegar rapidamente a seus destinos.

E as filhas de Aegir, em véus azuis adornadas,

O leme fazem virar, e apressam sua fuga.

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

O caldeirão borbulhante de Aegir

Para os anglo-saxões, o deus do mar Aegir era conhecido pelo nome de Eagor, e sempre que uma onda descomunal vinha quebrar na costa, os marujos costumavam gritar, como os barqueiros do rio Trent ainda fazem: “Atenção! Eagor está vindo!” Ele também era conhecido pelo nome de Hler (o protetor) entre os povos nórdicos, como também de Gymir (o ocultador), porque estava sempre pronto a esconder coisas nas profundezas de seu domínio, e nele se podia confiar que não revelaria os segredos confiados aos seus cuidados. E, como as águas do mar costumavam ser sibilantes e ciciantes, o oceano era muitas vezes chamado de caldeirão ou tonel borbulhante de Aegir.

Os principais ajudantes do deus eram Elde e Funfeng, emblemas da fosforescência do mar. Eles se destacavam pela rapidez e estavam sempre à espera dos hóspedes que Aegir convidava para seus banquetes no fundo do mar. Aegir às vezes deixava seus domínios para visitar os Aesir em Asgard, onde era sempre recebido como um rei, e adorava as muitas histórias de Bragi sobre as aventuras e realizações dos deuses. Incitado por essas narrativas, e também pelo borbulhante hidromel que as acompanhava, o deus certa vez arriscou convidar os Aesir para celebrar o banquete da colheita com ele na ilha de Hler, onde prometeu entretê-los.

Thor e Hymir

Surpreso com o convite, um dos deuses se aventurou a lembrar Aegir de que eles estavam acostumados a repastos sofisticados. O deus do mar então declarou que os deuses não precisavam se preocupar, pois ele tinha certeza de que seria capaz de prover um banquete para os apetites mais exigentes; porém, confessou não estar tão confiante quanto à bebida, pois seu caldeirão era um tanto pequeno. Ao ouvir

isso, Thor de imediato se ofereceu para obter um caldeirão adequado, e partiu com Tyr nessa empreitada. Os dois deuses rumaram na direção Leste do rio Elivagar, na carruagem puxada pelas cabras de Thor e, deixando-a na casa do camponês Egil, pai de Thialfi, eles seguiram a pé até a casa do gigante Hymir, conhecido por ter um caldeirão com uma milha de profundidade e largura proporcional.

*Ali habita a Leste
De Elivagar
O sábio Hymir,
Nos confins do céu.
Meu senhor, de fero humor,
Um caldeirão possui,
Vasta caçarola,
De uma milha de altura.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Só as mulheres estavam em casa, no entanto, e Tyr reconheceu a mais velha, uma senhora feiosa de novecentas cabeças; era sua própria avó; enquanto a mais nova, uma bela gigante jovem, era aparentemente sua mãe, e recebeu o filho e seu companheiro com hospitalidade, lhes oferecendo uma bebida.

Quando soube o motivo da visita, a mãe de Tyr pediu que eles se escondessem embaixo de alguns caldeirões gigantes, que ficavam guardados sobre uma viga de madeira nos fundos do salão, pois seu marido Hymir era muito afobado e muitas vezes matava seus futuros convidados com um único olhar maligno. Os deuses rapidamente seguiram seu conselho, e, assim que se esconderam o velho gigante Hymir chegou. Quando a esposa lhe contou sobre os visitantes, ele franziu o cenho e olhou com tanta ira para seu esconderijo que a viga se rachou e os caldeirões caíram no chão, partindo-se em pedaços, com exceção do maior.

Estilhaçou-se a viga

*Ao olhar do Jotun;
Primeiro a madeira
Partiu-se em duas.
Oito panelas caíram,
Mas apenas uma,
Um caldeirão bem malhado,
Restou inteira.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

A esposa do gigante, contudo, convenceu o marido a receber Tyr e Thor, e ele matou três bois para a refeição; mas grande foi sua tristeza ao ver o deus do trovão comer dois desses bois no jantar. Resmungando que iria pescar de manhã cedo para garantir o desjejum para um convidado tão voraz, o gigante se retirou para descansar. Quando amanheceu o dia seguinte e ele desceu para a costa, foi acompanhado por Thor, que disse querer ajudá-lo. O gigante mandou Thor arranjar a própria isca, ao que o deus friamente matou Himinbrioter (rompe-céus), o maior boi de seu anfitrião e, cortando-lhe a cabeça, embarcou com ela e começou a remar pelo mar afora. Em vão, Hymir alertou que haviam chegado ao local onde costumava pescar e que podiam encontrar a terrível Serpente de Midgard se avançassem daquele ponto; Thor insistiu em continuar remando, até chegar a um trecho de mar que julgava estar diretamente acima do monstro.

*No fundo escuro do grande lago salgado,
Aprisionada, jaz a serpente gigantesca,
Sem nada que perturbe seu sono melancólico.*

*"THOR'S FISHING" [A PESCARIA DE THOR], ADAM OEHLenschLÄGER
(TRADUÇÃO INGLESA DE PIGOTT)*

Usando a cabeça do boi como isca, Thor se pôs a tentar pescar Jormungandr, enquanto o gigante capturava duas baleias, que lhe pareceram o suficiente para o desjejum. Ele estava prestes a propor que voltassem, portanto, quando Thor subitamente sentiu uma

fisgada e começou a puxar com toda a força, pois sabia, pela resistência da presa e pela terrível tormenta criada pelos movimentos frenéticos, que havia fisgado a Serpente de Midgard. Em seu empenho decidido de obrigar a serpente a subir à superfície, o deus firmou os pés com tanta força contra o fundo do barco que eles atravessaram o convés e se fincaram no fundo do mar.

Depois de uma luta indescritível, a terrível cabeça monstruosa de hálito venenoso apareceu. Thor, tomando o martelo, estava prestes a aniquilá-la quando o gigante, apavorado com a proximidade de Jormungandr e temendo que o barco afundasse e ele se tornasse presa do monstro, cortou a linha de pesca, permitindo assim que a serpente voltasse, tombando como uma pedra, para o fundo do mar.

A faca prevalece: muito abaixo do mastro

A serpente, de dor e labuta exausta,

Retorna ao fundo do mar.

“THOR’S FISHING” [A PESCARIA DE THOR], ADAM OEHLenschLÄGER

(TRADUÇÃO INGLESA DE PIGOTT)

Furioso com Hymir pela interferência inoportuna, Thor nele desferiu um golpe de martelo que o lançou por cima da amurada; porém Hymir, inabalável, nadou até o raso e encontrou o deus voltando à praia. O gigante então pegou as duas baleias, seu espólio, para levá-las para casa, enquanto Thor, querendo mostrar sua força, levou nas costas o barco, os remos e o equipamento de pesca, e seguiu atrás dele.

Servido o desjejum, Hymir desafiou Thor a provar sua força quebrando seu copo; mas embora o deus do trovão o atirasse com força irresistível contra os pilares e paredes de pedra, o copo permanecia inteiro e nem sequer amassava. Obedecendo a um sussurro da mãe de Tyr, contudo, Thor subitamente lançou o copo contra a testa do gigante, a substância mais dura existente, e o copo caiu estilhaçado no chão. Hymir, havendo assim testado a força do deus do trovão, disse que ele podia levar o caldeirão que os dois deuses tinham ido buscar, mas Tyr tentou em vão erguer o caldeirão

do chão, e Thor só conseguiu depois de apertar seu cinturão da força até o último furo.

*Duas vezes Tyr tentou
Mover o caldeirão,
Mas em nenhuma
O caldeirão arrastou.
Até que o pai de Modi
Pegou pela borda o caldeirão
E o arrastou
Pelo chão da habitação.*

LAY OF HYMIR [LAI DE HYMIR]

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

A alavanca que ele usou para enfim erguer o caldeirão provocou grande estrago na casa do gigante, e seus pés furaram o assoalho. Quando Tyr e Thor estavam saindo, com este levando o imenso caldeirão na cabeça como se fosse um chapéu, Hymir convocou seus irmãos gigantes de gelo e propôs que eles perseguissem e matassem seu inimigo inveterado. Virando-se, Thor de repente se deu conta da perseguição e, lançando Mjöltnir várias vezes contra os gigantes, matou todos eles antes que tivessem a oportunidade de alcançá-lo. Tyr e Thor seguiram viagem de volta a Aegir, levando o caldeirão em que este prepararia a bebida para o banquete da colheita.

A explicação física desse mito é, evidentemente, uma tempestade com trovões (Thor) em conflito com o mar agitado (a Serpente de Midgard) e a ruptura do gelo polar (o copo de Hymir e o assoalho) com o calor do verão.

Os deuses então puseram seus trajes festivos e foram alegremente ao banquete de Aegir. Desde esse episódio, eles passaram a celebrar a colheita nas cavernas coralinas do deus do mar.

*Vanir e Aesir, deuses sem par,
Da terra e do ar, senhores de Asgard —*

*Seguindo com suas belas deusas,
Brilhante séquito, tão formoso —
Também incluindo Odin poderoso,
Marchou pelo salso salão onduloso.*

VALHALLA, J.C. JONES

Divindades mal-amadas

Aegir, como vimos, reinava sobre o mar com a ajuda da traiçoeira Ran. Ambas as divindades eram consideradas cruéis pelos povos nórdicos, que sofriam muito com o mar, o qual, cercando-os por todos os lados, penetrava o coração de suas terras através de numerosos fiordes e muitas vezes engolia os barcos dos vikings com toda a tripulação de guerreiros.

Outras divindades do mar

Além dessas principais divindades do mar, os povos nórdicos acreditavam em tritões e sereias. Muitas histórias são contadas sobre sereias que se despiam por um momento de sua plumagem de cisne ou trajes de foca, deixando-os na praia para serem encontrados por mortais, que eram assim capazes de obrigar as belas donzelas a permanecerem em terra firme.

*Ela veio nas ondas com a lua cheia
(Sargaço de onda e espuma do mar);
Ela veio quando eu andava só na praia,
Coração leve como um coração pode ser.*

L.E.R.

Havia também monstros marinhos malignos conhecidos como Nicors, de cujo nome derivou-se o proverbial Old Nick [Velho Nick], apelido do diabo. Muitas divindades aquáticas menores tinham rabo de peixe; as femininas eram chamadas Ondinas e as masculinas, Stromkarls, Nixes, Necks ou Neckar.

*Onde nos manguezais gritam abibes,
Nixe, desalmado, senta com seu alaúde,
Inconsolável, sem amigo ou inimigo,
Geme sua sina, Nixe, desalmado.*

BROTHER FABIAN'S MANUSCRIPT [MANUSCRITO DO IRMÃO FABIAN], SEBASTIAN EVANS

Na Idade Média, acreditava-se que esses espíritos aquáticos às vezes deixavam seus cursos d'água para aparecer nos bailes das aldeias, onde eram reconhecidos pela barra úmida de seus trajes. Elas costumavam sentar-se ao lado de um córrego ou rio, tocando uma harpa ou entoando canções sedutoras, enquanto penteavam seus longos cabelos dourados ou verdes.

*Nixe aqui toca sua harpa no castelo de vidro,
E sereias penteiam como sempre seus cabelos verdes,
E aqui alvejam o branco de seus cintilantes trajes.*

STAGNELIUS

(TRADUÇÃO INGLESA DE KEIGHTLEY, EM *THE FAIRY MYTHOLOGY*)

Nixes, Ondinas e Stromkarls eram criaturas particularmente gentis e amáveis, sempre muito ansiosas para obter repetidas garantias de sua salvação final.

Muitas histórias são contadas sobre crianças que as encontravam brincando às margens de um rio e as provocavam com a futura danação, ameaça que invariavelmente convertia a música alegre em gemidos plangentes. Muitas vezes sacerdotes ou crianças, percebendo o equívoco e tocados pela agonia de suas vítimas, voltavam correndo ao rio e prometiam aos espíritos aquáticos dos dentes verdes se redimir no futuro, e assim sempre retomavam as melodias felizes.

*Conheces as Nixes, alegres e belas?
Seus olhos são negros, têm verdes cabelos —
Nas margens de juncos, espreitam.*

MATHISSON

(TRADUÇÃO INGLESA DE KEIGHTLEY, EM *THE FAIRY MYTHOLOGY*)

Ninfas dos rios

Além de Elf ou Elb — o espírito das águas que deu nome ao rio Elba na Alemanha — o Neck, do qual se originou o nome do rio Neckar, e o velho Pai Reno, com suas inúmeras filhas (afluentes), a mais famosa das divindades aquáticas menores é Lorelei, a donzela sereia sentada sobre a pedra de mesmo nome perto de Sankt Goarshausen, no Reno, cuja sedutora canção atraiu muitos marinheiros para a morte. As lendas a respeito dessa sereia são de fato muito numerosas, sendo uma das mais antigas a seguinte.

Lendas de Lorelei

Lorelei era uma ninfa das águas imortal, filha do Pai Reno. Durante o dia, ela vivia nas profundezas frias do leito do rio, mas tarde da noite aparecia ao luar, sentada no alto de uma pedra, à vista de todos que subiam ou desciam o rio. Às vezes, a brisa do entardecer levava algumas notas de sua canção aos ouvidos dos barqueiros, quando, esquecendo tempo e espaço ao ouvir a encantadora melodia, eles se deixavam arrastar contra as pedras agudas e acidentadas, nas quais pereciam.

*Lá em cima sentava uma donzela
De maravilhosa figura, bela;
De joias cintilantes trançava
Seus cabelos dourados:
Com pente áureo preparava,
Enquanto uma canção entoava;
Um caprichoso fardo tinha
Aquela melodia selvagem.*

*Os barqueiros nos barquinhos
Ouvem a canção, enfeitiçados;
Ah! O que deve ele ofertar
Ao perigo que o cerca?
As águas fundas os devoraram,*

*Cada barco e barqueiro
Isso a eles causou a canção de Lorelei
Sob as ondas espumantes.*

*DIE LORELEI, HEINRICH HEINE
(TRADUÇÃO INGLESA DE SELCHER)*

Dizem que apenas uma pessoa viu Lorelei de perto. Era um jovem pescador de Oberwesel, que a encontrava toda tarde junto ao rio e passava algumas horas de prazer com ela, embriagando-se com sua beleza e ouvindo sua canção arrebatadora. Segundo a tradição, antes de se separarem, Lorelei apontava os lugares onde o rapaz devia jogar suas redes no dia seguinte — instruções que ele sempre obedecia e que invariavelmente lhe traziam sucesso.

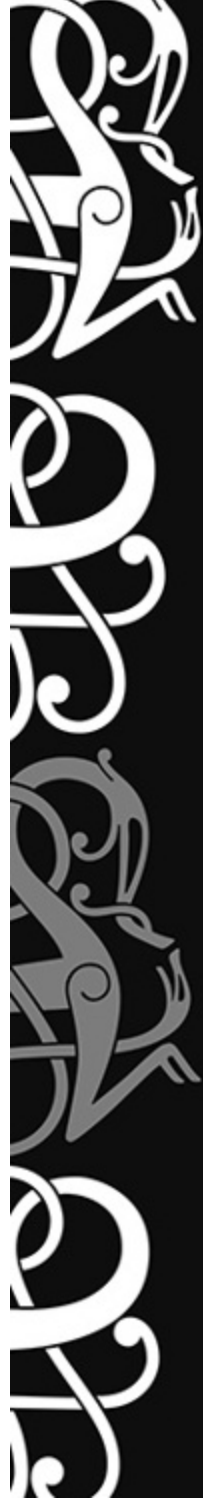
Uma noite, o jovem pescador foi visto caminhando em direção ao rio, mas, como não retornou, fizeram uma busca por ele. Sem encontrar nenhuma pista de seu paradeiro, os crédulos teutões disseram que Lorelei o havia arrastado para suas cavernas de corais para que pudesse desfrutar de sua companhia para sempre.

Segundo outra versão, Lorelei, com suas melodias fascinantes vindas das rochas escarpadas, atraía tantos pescadores para a morte no fundo do Reno que uma força armada certa vez foi enviada ao anoitecer para cercá-la e capturá-la. Mas a ninfa das águas lançou um encanto tão poderoso sobre o capitão e seus homens que eles não puderam mover as mãos nem os pés. Enquanto ficaram imóveis ao lado dela, Lorelei se despiu de seus ornamentos e atirou-os nas ondas lá embaixo; então, entoando um encantamento, ela atraiu as águas até o topo do penhasco onde estava empoleirada, e, para o espanto dos soldados, as ondas trouxeram uma carruagem verde como o mar, puxada por corcéis de crinas brancas, na qual a ninfa embarcou e desapareceu. Alguns momentos depois, o Reno baixou ao seu nível usual, o encanto foi rompido, e os homens recuperaram os movimentos e voltaram para contar como seus esforços haviam sido frustrados. Desde então, no entanto, Lorelei nunca mais foi vista, e os camponeses dizem que ela até hoje se ressentida do insulto sofrido e nunca mais sairá de suas cavernas de coral.



Os Neckar
J.P. MOLIN

Capítulo



Balder



XXI



Loki e Höder
C.G. QVARNSTRÖM



O mais amado

De Odin e Frigga, conta-se, nasceram gêmeos tão diferentes em caráter e aparência física quanto seria possível para dois irmãos. Höder, deus das trevas, era sombrio, taciturno e cego, como a escuridão do pecado, que ele simbolizava. Já seu irmão, Balder, o Belo, era cultuado como o puro e radiante deus da inocência e da luz. De sua fronte nívea e de seus cachos dourados pareciam sair raios de sol que alegravam os corações dos deuses e dos homens, pelos quais ele era igualmente amado.

*Dos doze em torno do trono de Odin,
Balder, o Belo, sozinho,
O deus sol, bom, puro e brilhante,
Era amado por todos, pois a luz todos amam.*

VALHALLA, J.C. JONES

O jovem Balder atingiu plena maturidade com fantástica rapidez e logo foi admitido no conselho dos deuses. Fez sua morada no palácio de Breidablik, cujo telhado de prata se apoiava em pilares de ouro e cuja pureza era tamanha que nada vulgar ou sujo era permitido em seu interior. Ali ele vivia em perfeita união com sua jovem esposa Nanna (floração), filha de Nip (broto), uma deusa bela e encantadora.

O deus da luz era versado na ciência das runas, que estavam esculpidas em sua língua. Ele conhecia as muitas virtudes das ervas

medicinais, uma das quais, a camomila, era chamada “testa de Balder”, porque a flor era pura e imaculada como a fronte do deus. A única coisa oculta aos olhos radiantes de Balder era a percepção de seu destino final.

*Sua morada
Breidablik, em cujos pilares gravou Balder
Encantos que evocam os mortos à vida.
Pois era sábio, e muitas artes curiosas,
Posturas de runas e ervas de cura, sabia;
Infeliz! mas uma arte não dominava,
Manter a salvo a própria vida e ver o sol.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

O sonho de Balder

Como era natural para Balder, o Belo, sorrir e ser feliz, os deuses ficaram muito perturbados quando um dia começaram a notar uma mudança em sua atitude. Aos poucos, a luz morreu em seus olhos azuis, um aspecto angustiado dominou seu semblante e seus passos ficaram pesados e lentos. Odin e Frigga, vendo a evidente depressão do filho amado, imploraram com ternura que ele revelasse o motivo de sua tristeza silenciosa. Balder, cedendo enfim à insistência aflita, confessou que seu sono, em vez de ser pacífico e restaurador como antes, vinha sendo estranhamente perturbado por sonhos obscuros e opressivos, que, embora ele não pudesse lembrar com clareza ao despertar, a todo o tempo o assombravam com uma vaga sensação de medo.

*Àquele deus o sono
Era agora extrema aflição;
Seus sonhos alvissareiros
Pareciam ter ido embora.*

LAY OF VEGTAM [LAI DE VEGTAM]

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Quando Odin e Frigga ouviram isso, ficaram muito preocupados, mas declararam que nada perturbaria seu filho querido por todos. Não obstante, quando os pais aflitos conversaram mais sobre o caso, admitiram que também vinham sendo oprimidos por estranhos presságios e, acreditando por fim que a vida de Balder estava realmente ameaçada, eles passaram a tomar providências para evitar o perigo.

Frigga mandou servos para todas as partes com a incumbência explícita de convencer todas as criaturas vivas, todas as plantas, metais, pedras — na verdade, cada coisa animada ou inanimada — a prestar um juramento solene de não fazer mal a Balder. Toda a criação de bom grado prestou o juramento, pois não havia nada na terra que não amasse o radiante deus. De modo que os servos voltaram e contaram a Frigga que todos haviam jurado conforme o pedido, com exceção do visco, que crescia no galho de carvalho diante do portão de Valhala. Porém o visco, acrescentaram, era uma coisa tão ínfima, tão inofensiva, que não se podia temer mal algum da parte dele.

*Uma medida tomaram:
Eles enviaram
A todo ser existente
Um pedido de promessa
De a Balder não causar dano.
Juraram todas as espécies
Promessas de poupá-lo;
Frigga recebeu todos
Os seus juramentos e pactos.*

*SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Frigga então retomou o trabalho em sua roca com grande contentamento, pois se sentiu segura de que nenhum mal sobreviria ao filho que amava acima de todos.

A profecia da Vala

Odin, nesse ínterim, havia resolvido consultar uma das Valas ou profetisas mortas. Montado em seu Sleipnir de oito patas, ele cavalgou pela tremeluzente ponte Bifrost e pela estrada exaustiva que levava a Giallar e à entrada de Niflheim. Chegando lá, passou pelo portão de Hel e pelo cão Garm, alcançando a morada obscura de Hel.

*Ergueu-se o rei dos homens com prontidão,
E logo selou seu corcel negro-carvão;
E cavalgou pela encosta tediosa,
Que leva à morada de Hela pavorosa.*

DESCENT OF ODIN [A DESCIDA DE ODIN], THOMAS GRAY

Odin viu, para sua surpresa, que havia uma festa ocorrendo naquele lugar sombrio e que os assentos estavam cobertos com tapeçarias e anéis de ouro, como se algum convidado de honra estivesse sendo esperado. Mas se apressou, sem pausa, até chegar ao local onde a Vala jazia imóvel há muitos anos, quando começou a entoar solenemente um encantamento e a riscar runas que tinham o poder de ressuscitar os mortos.

*Três vezes ditos, em tons tenebrosos,
Os versos vibrantes que os mortos acordam:
Até que do oco do chão
Subisse suspirado um taciturno som.*

DESCENT OF ODIN [A DESCIDA DE ODIN], THOMAS GRAY

De súbito se abriu a sepultura, e a profetisa se levantou devagar, perguntando quem havia ousado perturbar seu longo descanso. Odin, sem querer que ela soubesse que era o poderoso pai dos deuses e dos homens, respondeu que se chamava Vegtam, filho de Valtam, e que ele a havia acordado para perguntar em homenagem a quem Hel estava preparando aquela festa com assentos especiais e banquete. Com voz cavernosa, a profetisa confirmou seus temores ao

dizer que o convidado aguardado era Balder, o qual estava destinado a morrer pelas mãos de Höder, seu irmão, o deus cego da escuridão.

*Höder para lá
O irmão glorioso enviará;
Ele de Balder será
O assassino,
E o filho de Odin
A vida perderá.
Fui obrigada a falar;
Agora me calarei.*

*SEMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Apesar da evidente relutância da Vala em falar mais, Odin ainda não estava satisfeito e insistiu que ela lhe contasse quem vingaria o deus assassinado e chamaria o assassino a prestar contas — pois a vingança e a retaliação eram deveres sagrados para os povos do Norte.

Então a profetisa lhe disse, como Rossthiof havia previsto, que Rinda, a deusa da terra, daria a Odin um filho, e que Vali, como o menino seria chamado, não lavaria o rosto nem pentearia o cabelo enquanto não houvesse se vingado de Höder pela morte de Balder.

*Nas grutas do Oeste,
Pelo abraço fero de Odin opresso,
Um menino maravilhoso Rinda terá,
Cujos cabelos negros jamais penteará,
Tampouco o rosto no rio há de lavar,
Nem o último raio do sol contemplar,
Até sorrir diante do cadáver de Höder
Na pira funerária a arder.*

DESCENT OF ODIN [A DESCIDA DE ODIN], THOMAS GRAY

Quando a relutante Vala assim falou, Odin perguntou em seguida: “Quem não prantearia a morte de Balder?” A pergunta imprudente

mostrou um conhecimento do futuro que nenhum mortal poderia possuir e imediatamente revelou à Vala a identidade do visitante. Assim, recusando-se a dizer qualquer outra palavra, ela afundou no silêncio da sepultura, declarando que ninguém conseguiria despertá-la outra vez até chegar o fim do mundo.

*Agora vai-te embora, alardear,
Que aqui ninguém jamais virá
Meu sono férreo interromper
Até seus grilhões Loki romper;
Enquanto Noite, substantiva,
Não retomar seu direito antigo:
Até que ardendo, em ruína,
Afunde o tecido do mundo.*

DESCENT OF ODIN [A DESCIDA DE ODIN], THOMAS GRAY

Sabendo dos decretos de Örlög (destino), que ele não podia ignorar, Odin então montou em seu corcel. Tristonho, seguiu de volta para Asgard, pensando em um tempo, não muito distante, em que seu amado filho não seria mais visto nas moradas celestiais, quando a luz de sua presença estaria extinta para sempre.

Ao entrar em Gladsheim, contudo, Odin foi de algum modo reconfortado pela informação, prontamente transmitida por Frigga, de que todas as coisas debaixo do sol haviam prometido não fazer mal a Balder. Assim, convencido de que nada mataria o filho amado, que certamente continuaria a alegrar os deuses e os homens com sua presença, Odin deixou de se preocupar e se entregou aos prazeres da mesa festiva.

Deuses brincando

O parque de diversões dos deuses, chamado Idavold, se situava na planície verdejante de Ida. Para lá iam os deuses quando estavam com disposição esportiva, e sua brincadeira favorita era atirar discos de ouro, os quais lançavam com grande habilidade. Eles retomaram

esse passatempo com redobrado entusiasmo quando a nuvem que oprimia seus espíritos foi afastada pelas precauções de Frigga. No entanto, cansados do esporte de sempre, inventaram outro jogo. Sabiam que Balder não podia ser ferido por nenhum míssil, então começaram a brincar de atirar todo tipo de armas, pedras etc. contra ele, crendo que, por mais certos que fossem, com toda precisão com que mirassem, os objetos, tendo jurado não o ferir, ou se desviariam, ou não chegariam a atingi-lo. Essa brincadeira se revelou tão fascinante que logo todos os deuses se reuniram em volta de Balder, saudando com gargalhadas cada novo fracasso em feri-lo.

A morte de Balder

Essas demonstrações de alegria provocaram a curiosidade de Frigga, que estava sentada em seu palácio Fensalir. Vendo uma velha que passava, a deusa pediu que parasse e lhe dissesse o que os deuses estavam fazendo para causar tamanha euforia. A velha, ninguém menos que Loki disfarçado, respondeu a Frigga que os deuses estavam atirando pedras e outros projéteis, achatados e afiados, contra Balder, que permanecia parado sorrindo e incólume, desafiando-os a atingi-lo.

A deusa sorriu e retomou seu trabalho, dizendo que era natural que nada ferisse Balder, pois todas as coisas amavam a luz, da qual ele era o emblema, e haviam jurado solenemente não o ferir. Loki, a personificação do fogo, ficou muito triste ao ouvir isso, pois tinha inveja de Balder, o sol, que o eclipsava inteiramente e era amado por todos, enquanto ele era temido e evitado ao máximo; mas ele, com perspicácia, escondeu essa contrariedade e perguntou a Frigga se ela tinha certeza de que todos os objetos haviam feito mesmo o juramento.

Frigga orgulhosamente respondeu ter recebido a jura solene de todas as coisas, com exceção do inofensivo visco, um simples parasita que crescia no carvalho próximo ao portão de Valhala, pequeno e fraco demais para ser temido. Essa informação era tudo que Loki queria e, despedindo-se de Frigga, ele saiu cambaleando.

Assim que se viu sozinho, no entanto, retomou sua forma habitual e correu até Valhala, onde encontrou perto do portão o carvalho coberto de visco, tal como indicado por Frigga. Então, fazendo uso de artes mágicas, conferiu ao parasita tamanho e dureza extraordinários.

Da haste de madeira assim produzida, Loki habilmente construiu uma lança com a qual logo voltou a Idavold, onde os deuses ainda estavam atirando projéteis contra Balder; apenas Höder encontrava-se sozinho, lamentando-se apoiado a uma árvore, sem participar da brincadeira. Descontraído, Loki se aproximou do deus cego e, assumindo um aparente interesse, perguntou o motivo de sua melancolia, ao mesmo tempo que insinuava que o orgulho e a indiferença o impediam de participar da brincadeira. Em resposta a esses comentários, Höder alegou que apenas sua cegueira o impedia de tomar parte no novo jogo, e quando Loki pôs a lança feita do visco na mão dele e levou-o para o círculo dos deuses, indicando a direção do alvo, Höder a arremessou, num ato de ousadia. Mas, para sua tristeza, em vez das gargalhadas que esperava, um grito horrorizado chegou a seus ouvidos, pois Balder, o Belo, havia caído no chão, perfurado pelo visco fatal.

*Então no chão caiu Balder morto; em meio
A espadas, machados, dardos, lanças caídos,
Que por esporte os Deuses todos haviam lançado
Contra Balder, que arma alguma varava ou feria;
Mas em seu peito se fincara a haste fatal
Do visco, que Loki, o Acusador, entregou
A Höder, e sem saber Höder lançou —
Visco contra o qual Balder não tinha proteção.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

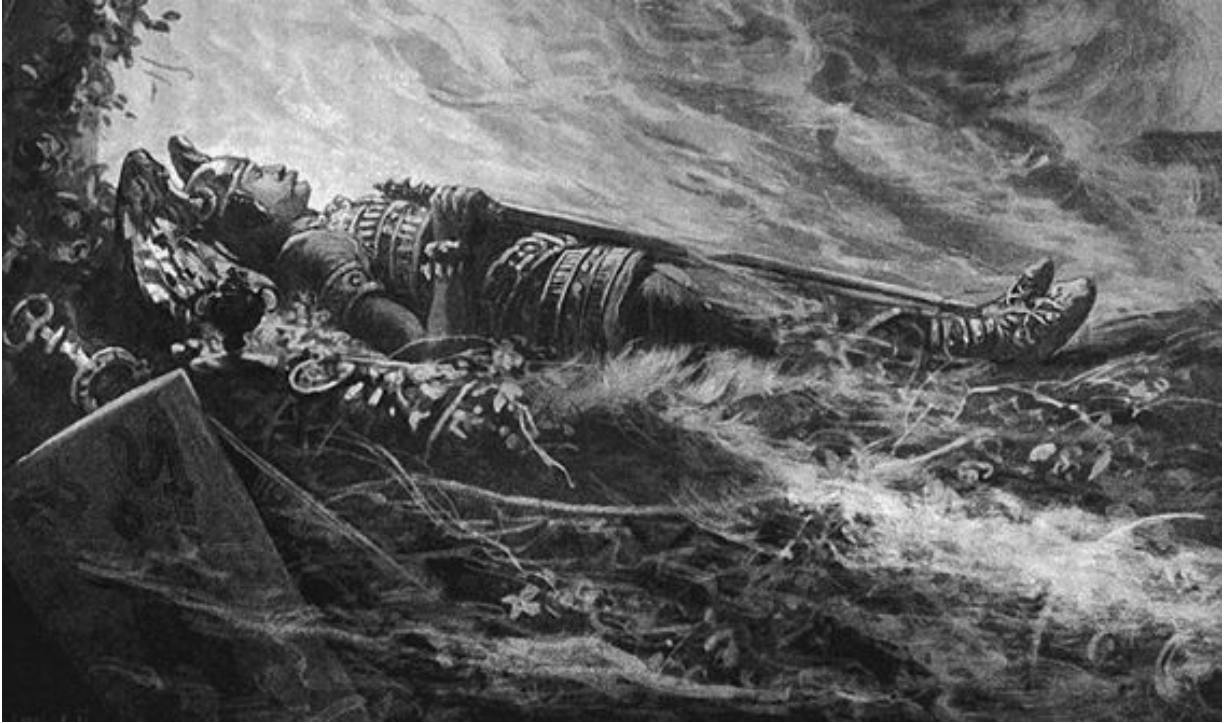
Em pavorosa angústia, os deuses se amontoaram em torno do amado companheiro, mas, ah!, a vida estava extinta, e todos os seus esforços para reviver o deus-sol caído foram inúteis. Inconsoláveis em sua perda, eles então se voltaram furiosos contra Höder, a quem

teriam matado ali mesmo, não estivessem proibidos pela lei dos deuses de qualquer ato de violência que profanasse o próprio lar. O som de seus altos lamentos atraíram as deusas às pressas ao cenário terrível, e quando Frigga viu seu querido filho morto, ela implorou aos deuses, muito emocionada, para que a deixassem ir a Niflheim tentar convencer Hel a libertar seu mártir, pois a terra não poderia ser feliz sem ele.

A incumbência de Hermod

Como a estrada era extremamente acidentada e árdua, nenhum dos deuses se ofereceu para a empreitada; mas quando Frigga prometeu que ela e Odin recompensariam o mensageiro amando-o acima de todos os Aesir, Hermod demonstrou sua prontidão para executar a tarefa. Para ajudá-lo, Odin emprestou-lhe Sleipnir, e o nobre corcel, que não costumava deixar ninguém além de Odin montá-lo, partiu sem demora pela estrada escura que seus cascos haviam cruzado duas vezes antes.

Nesse ínterim, Odin mandou levarem o corpo de Balder para Breidablik e que os deuses fossem à floresta cortar pinheiros imensos e construir uma pira funerária digna.



A morte de Balder
DOROTHY HARDY

*Mas quando os Deuses à floresta foram,
Hermod levou Sleipnir para fora de Valhala
E selou; antes disso, Sleipnir não deixava
Ninguém além de Odin tocar-lhe a crina,
Tampouco seu dorso largo outro montar;
Mas dócil então parou junto a Hermod,
Arqueando o pescoço, feliz de ser cavalgado,
Sabendo tão querido o Deus que iam salvar.
Mas Hermod montou Sleipnir e, triste, trilhou
Em silêncio pela estrada escura abandonada
Que se divide no norte do Céu, e segue
Um dia inteiro; e a luz se apagou e a noite veio.
E essa noite inteira cavalgou, e tanto viajou,
Nove dias, nove noites, rumo ao gelo nórdico,
Por vales engolidos por torrentes estrondosas.
E na décima manhã ele contemplou a ponte
Que cobre com arcos dourados o rio de Giall,*

*E sobre a ponte vigiava uma donzela armada,
Na passagem estreita, do outro lado,
Onde a estrada se lança entre paredões de pedra.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

A pira funerária

Enquanto Hermod percorria às pressas a desolada estrada para Niflheim, os deuses se reuniram e levaram para a orla uma vasta quantidade de combustível, que empilharam no convés de Ringhorn, o barco draconiforme de Balder, construindo uma elaborada pira funerária. Segundo o costume, o barco foi decorado com tapeçarias, guirlandas de flores, recipientes e armas de todos os tipos, anéis de ouro e inúmeros objetos de valor, até que o cadáver imaculado, ricamente trajado, foi trazido e depositado na pira.

Um por um, os deuses então se aproximaram para um último adeus ao amado companheiro. Quando Nanna se inclinou sobre ele, seu coração cheio de amor se partiu, e ela caiu sem vida ao lado do marido. Vendo isso, os deuses reverentemente a deitaram ao lado de Balder para que ela pudesse acompanhá-lo até na morte. E depois de matarem seu cavalo e seus cães e ornarem a pira com espinheiros, emblemas do sono, Odin, o último dos deuses, aproximou-se.

Em sinal de afeição pelo morto e tristeza por sua perda, todos haviam depositado seus bens mais preciosos na pira, e Odin, inclinando-se, então agregou às oferendas seu mágico anel Draupnir. A assembleia dos deuses notou que ele estava sussurrando algo ao ouvido do filho morto, mas ninguém estava próximo o suficiente para ouvir o que ele disse.

Encerradas essas tristes preliminares, os deuses então se prepararam para lançar o barco, mas notaram que a carga pesada de combustível e tesouros resistia a seus esforços combinados e eles não conseguiam fazer a embarcação sair do lugar. Os gigantes da montanha, vendo a cena de longe e reparando na dificuldade dos deuses, se aproximaram e disseram que conheciam uma gigante chamada Hyrrokin, que morava em Jotunheim e era forte o bastante

para lançar o barco ao mar sozinha. Os deuses então mandaram um dos gigantes da tempestade ir correndo chamar Hyrrokin; ela logo apareceu, montada em um lobo gigantesco, que guiava com um arreio feito de serpentes. Descendo até a praia, a gigante desmontou e, ativa, indicou que estava pronta para dar a ajuda requerida, se nesse ínterim os deuses tomassem conta de seu lobo. Odin imediatamente mandou quatro de seus Berserkers mais ousados segurarem o lobo, mas, apesar de sua força fenomenal, eles não conseguiram deter a monstruosa criatura e a gigante precisou derrubá-lo no chão e amarrá-lo com firmeza.

Hyrrokin, vendo que agora eles conseguiriam lidar com sua montaria insubmissa, caminhou pela praia até o local onde, longe do limite da água, estava o barco Ringhorn, a poderosa embarcação de Balder.

*Setenta e quatro côvados media
Sobre a praia a quilha da embarcação;
Muito acima, esplêndida e dourada,
Erguia-se a feroz figura de proa
Com sua crista de aço.*

THE SAGA OF KING OLAF [A SAGA DO REI OLAVO], H.W. LONGFELLOW

Apoiando o ombro contra a popa, com supremo esforço ela empurrou o barco para a água. Tamanho era o peso daquela massa, contudo, e tamanha a rapidez com que foi lançada ao mar, que a terra tremeu como se fosse um terremoto, e as toras sobre as quais o barco rolou pegaram fogo com a fricção. O tremor inesperado quase desequilibrou os deuses; isso enfureceu tanto Thor que ele ergueu o martelo e, não fosse a intervenção dos companheiros, teria matado a gigante. Facilmente tranquilizado, como sempre — pois Thor, embora se exaltasse rapidamente, tinha o humor fugaz —, ele entrou então no barco mais uma vez para consagrar a pira funerária com seu martelo sagrado. Enquanto o deus do trovão realizava essa cerimônia, o anão Lit, zombando, cambaleou na sua frente, ao que Thor, que ainda não havia recuperado por inteiro a serenidade,

chutou-o para dentro do fogo que havia acabado de acender com um espinheiro, e o anão ardeu até virar cinza, com os corpos do casal divino.

A grandiosa embarcação então seguiu mar afora, e as chamas da pira compuseram um magnífico espetáculo, que foi assumindo glória ainda maior a cada momento, até que, quando o barco se aproximou do horizonte a Oeste, era como se o mar e o céu estivessem ardendo. Compungidos, os deuses assistiram ao barco ardente e sua preciosa carga afundarem nas ondas e sumirem; eles só deram meia-volta e retornaram a Asgard depois que a última centelha de luz desapareceu e o mundo em luto por Balder, o Bom, envolveu-se em um manto de trevas.

*Logo com rugido ergueu-se o fogo intenso,
E a pira crepitou; e entre as toras
Labaredas de línguas ferinas tremularam, pulando
Retorcidas, ressaltadas, altas até lamberem
O topo da pira, o morto, o mastro,
E devorarem as velas murchas; e o barco
Ainda assim prosseguiu com casco em brasa.
E os deuses parados na praia contemplaram;
E enquanto olhavam o sol desceu furtivo
Ao mar enfumaçado, e a noite veio.
Então, com a noite, o vento, e depois calma;
Mas mesmo no escuro mar afora viram a nau ardente
Ainda prosseguir rumo às águas remotas,
Cada vez mais longe, como um olho de fogo.
Assim ardeu na treva distante a pira de Balder;
Mas foi enfraquecendo diante das estrelas.
Os corpos se consumiram, cinzas sobre a pira.
E, como em fogueira de inverno que finda,
Um tronco negro tomba em chuva de fagulhas —
Assim, com chuva de fagulhas, desabou a pira,
Avermelhando o mar em volta; e tudo ficou escuro.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

A busca de Hermod

Tristes, os deuses entraram em Asgard, onde nenhum som de festa ou alegria se ouvia, pois todos os corações estavam cheios de angústia quanto ao fim de tudo, que parecia iminente. E, a bem dizer, a mera ideia do terrível Fimbulvetr, o inverno, que seria um presságio de sua morte, era o suficiente para preocupar os deuses.

Apenas Frigga acalentava esperanças. Aguardou aflita o retorno de seu mensageiro, Hermod, o Veloz, que, nesse ínterim, percorrera a ponte tremeluzente e a estrada escura de Hel, até, na décima noite, cruzar o turbulento rio Giöll. Ali ele foi desafiado por Mödgud, que lhe perguntou por que a ponte Giallar tremia sob seu cavalo mais do que se um exército inteiro estivesse passando e por que ele, um cavaleiro vivente, estava tentando penetrar no temível domínio de Hel.

*Quem és, cavaleiro, do cavalo negro e audaz,
Que a ponte do rio Giöll sob esses cascos
Sacode e chacoalha? Diz tua raça e teu lar.
Pois ontem cinco tropas de mortos trotaram,
A caminho do reino ínfero de Hela,
E a ponte não tremeu tanto quanto só contigo.
E tens a carne e a cor em teu semblante,
Iguais às dos vivos, homens que usam ar vital;
Nem pareces pálido e abatido, como os falecidos,
Almas que cá descem, meus diários transeuntes.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Hermod explicou a Mödgud o motivo de sua ida e, confirmando que Balder e Nanna haviam passado pela ponte antes dele, se apressou até o portão, que se erguia impeditivo diante de si.

Sem arrefecer diante do obstáculo, Hermod desmontou, caminhou sobre o gelo liso e, apertando sua sela, tornou a montar e cravou as esporas nos flancos esguios de Sleipnir. Isso fez o corcel

dar um salto prodigioso, que os deixou do outro lado do portão de Hel.

*Dali seguiu viagem sobre os campos de gelo
Rumo ao Norte, até chegar a uma longa muralha
Barrando seu caminho, e na muralha um portão.
Então ele apeou, amarrou firme a sela,
Montou, no gelo liso, Sleipnir, ginete de Odin,
E fez saltar por cima da grade, e estava dentro.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Cavalcando sempre em frente, Hermod chegou enfim ao salão de banquetes de Hel. Lá encontrou Balder, pálido e melancólico, deitado em um divã, com a esposa Nanna ao lado dele, olhando fixamente para um copo de hidromel, que ele parecia não ter vontade de beber.

A condição da libertação de Balder

Em vão, Hermod informou seu irmão de que tinha ido redimi-lo; Balder meneou a cabeça tristemente, dizendo que sabia que devia ficar naquele lugar desolado até a chegada do último dia, mas implorou a Hermod que levasse Nanna de volta com ele, pois a morada das sombras não era lugar para tão bela e brilhante criatura. Mas quando Nanna ouviu esse pedido, ela se agarrou ainda mais ao marido, jurando que nada jamais a afastaria dele e que ficaria com ele para sempre, mesmo em Niflheim.

A longa noite se passou em íntima conversa, até que Hermod chegou a Hel e implorou que libertasse Balder. A ríspida deusa ouviu em silêncio o pedido e declarou por fim que permitiria que a vítima partisse, desde que todas as coisas animadas e inanimadas demonstrassem sua tristeza pela perda dele derramando lágrimas.

*Pois muito bem! Se Balder era tão amado,
E se isso é verdade, e se tal perda sente o Céu —
Ouçam como o Céu pode Balder resgatar.*

*Mostrem-me por todo o mundo sinais de luto!
Se uma única coisa não chorar, aqui Balder fica!
Que tudo o que vive e se move sobre a terra
Chore, e chore também cada coisa inanimada;
Que Deuses, homens, bichos chorem; plantas e pedras.
Para que assim eu saiba que a perda foi sentida,
E comova meu coração, e o devolva ao Céu, enfim.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Essa resposta foi recebida com entusiasmo, pois toda a Natureza estava de luto pela perda de Balder, e sem dúvida não havia nada em toda a criação que se recusaria ao tributo de uma lágrima. De modo que Hermod voltou alegre do domínio escuro de Hel, levando consigo o anel Draupnir — que Balder mandara devolver a Odin —, um tapete bordado de Nanna para Frigga e um anel para Fulla.

O retorno de Hermod

Os deuses reunidos se amontoaram ansiosos em volta de Hermod assim que ele voltou. Quando o deus veloz transmitiu o recado e os presentes, os Aesir mandaram emissários a todas as partes do mundo para pedir a todas as coisas animadas e inanimadas que chorassem por Balder.

*Vão depressa ao mundo inteiro pedir
A toda coisa vivente ou não que chore por
Balder, se resgatá-lo assim pudermos!*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Os emissários percorreram Norte, Sul, Leste e Oeste, e por onde passavam as lágrimas se derramavam de todas as plantas e árvores, de tal modo que o chão ficou saturado de umidade, e metais e pedras, apesar dos corações duros, choraram também.

No caminho de volta enfim a Asgard, rente à estrada, encontraram uma caverna escura, onde viram agachada uma gigante chamada Thok, que alguns mitógrafos supõem se tratar de Loki

disfarçado. Quando ela foi convocada a derramar uma lágrima, a gigante zombou dos emissários e, fugindo para recessos escuros da caverna, declarou que não cairia nenhuma lágrima de seus olhos e que, por ela, Hel podia ficar com seu prisioneiro para sempre.

*Thok não derramou
Lágrima nenhuma
Pela morte de Balder —
Nem na vida, nem na morte,
Nunca ele me deu alegria
Que Hel fique com sua presa.*

EDDA EM VERSO

(TRADUÇÃO INGLESA DE HOWITT)

Assim que os emissários voltaram para Asgard, os deuses se reuniram em volta deles para saber o resultado da missão. Seus semblantes, porém, iluminados com a alegria da expectativa, ficaram soturnos e desesperados quando souberam que uma criatura se recusara ao tributo das lágrimas, de modo que eles não veriam mais Balder em Asgard.

*Balder, o Belo, jamais
De Hel voltará aos ares elevados!
Traído por Loki duas vezes,
Feito da Morte prisioneiro;
Jamais escapará da condena,
Até que venha o Ragnarök fatal!*

VALHALLA, J.C. JONES

Vali, o Vingador

Os decretos do destino não haviam se consumado por completo, e o ato final da tragédia ainda está para ser brevemente relatado.

Já vimos como Odin conseguiu, após muitas recusas, conquistar o consentimento de Rinda para se casar com ela, e que o filho nascido dessa união estava destinado a vingar a morte de Balder. Então

ocorreu o nascimento desse menino maravilhoso chamado Vali, o Vingador. No mesmo dia em que nasceu, Vali entrou em Asgard e atingiu Höder com uma flecha de um feixe que ele levava consigo aparentemente com esse intuito. Assim o assassino de Balder, embora instrumento inconsciente, pagou por seu crime com o próprio sangue, de acordo com o código dos nórdicos de outrora.

O significado da lenda

A explicação física deste mito pode ser encontrada tanto no sol poente (Balder) que afunda sob as ondas no ocidente, afastado pela escuridão (Höder), como no final do breve verão nórdico e no longo reinado do inverno. “Balder representa o verão brilhante e claro, quando o crepúsculo e a luz do dia se beijam e seguem de mãos dadas pelas latitudes nórdicas.”

*Pira de Balder, marca do sol,
Sagrada lareira manchada de vermelho;
Assim, logo morre sua última centelha,
Trevoso reina Höder doravante.*

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE],
R. B. ANDERSON

“Sua morte pelas mãos de Höder é a vitória da escuridão sobre a luz e da escuridão do inverno sobre a luz do verão; e a vingança pelas mãos de Vali é a irrupção da luz nova depois da obscuridade invernal.”

Loki, o fogo, sente inveja de Balder, a luz pura do céu, o único dentre todos os deuses que jamais guerreou e, ao contrário, tinha sempre palavras de conciliação e paz.

*Mas dos teus lábios, ó Balder, noite e dia,
Ninguém jamais ouviu injúria
A Deus ou Herói, mas sempre tentaste
Apartar e conciliar desavenças alheias.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

As lágrimas que todas as coisas derramaram pelo deus amado são símbolo do degelo da primavera, que se instala depois da dureza e do frio do inverno, quando cada árvore e graveto, e até as pedras, gotejam de umidade. Apenas Thok (carvão) não demonstra nenhum sinal de ternura, pois ela está enterrada profundamente no interior da terra escura e não precisa da luz do sol.

*E como no inverno, quando o gelo se rompe,
Ao final do inverno, antes da primavera,
Um vento quente sopra, e o degelo começa —
Depois de uma hora se ouve gotejar
Em toda a floresta, e a neve macia
Sob as árvores fica cheia de furos,
E dos galhos caem massas nevadas;
E nos campos até o sul, aclives escuros
De relva despontam em meio ao branco,
E se alargam, e o peito do roceiro se alegra —
Até que o mundo inteiro começa a pingar
De tantos chorando para Balder voltar;
E os Deuses ficam contentes de ouvir.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Das profundezas de sua prisão subterrânea, o sol (Balder) e a vegetação (Nanna) tentam animar o céu (Odin) e a terra (Frigga) enviando-lhes o anel Draupnir, emblema da fertilidade, e a tapeçaria floral, símbolo do tapete de vegetação que novamente cobrirá a terra e acentuará seus encantos com sua beleza.

O significado ético do mito não é menos belo, pois Balder e Höder são símbolos das forças conflitantes do bem e do mal, enquanto Loki personifica o tentador.

*Mas em toda alma humana vemos
Höder da noite escura, irmão cego de Balder,
Nascer e ficar forte como ele;
Pois todo mal nasce cego, como ursinhos,*

*A noite é o manto do mal; mas todo bem
Sempre trajou vestes brilhantes.
O frenético Loki, tentador antigo,
Ainda segue incessante, e move
A mão assassina do cego, cuja lança veloz
Varou o peito jovem de Balder, sol de Valhala!*

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

O culto a Balder

Uma das festas mais importantes ocorria no solstício de verão, ou na véspera dele, pois era considerado aniversário de sua morte e sua descida ao mundo ífero. Naquele dia, o mais longo do ano, o povo se reunia fora de casa, fazia grandes fogueiras e observava o sol, que nas extremas latitudes nórdicas mal submergia no horizonte e já se erguia para um novo dia. A partir dessa data, os dias pouco a pouco vão ficando mais curtos, e os raios de sol, menos quentes, até chegar o solstício de inverno, data que era chamada de Noite Mãe, pois é a noite mais longa do ano. O dia do solstício, outrora celebrado em homenagem a Balder, hoje é chamado de Dia de São João, pois o santo substituiu inteiramente Balder, o Bom.

Capítulo



Loki



XXII



Loki e Svadilfari
DOROTHY HARDY



O espírito do mal

Além do hediondo gigante Utgard-Loke, a personificação da travessura e do mal, a quem Thor e seus companheiros visitaram em Jotunheim, os antigos povos nórdicos tinham outro tipo de pecado, ao qual chamavam também de Loki, e que já vimos sob muitos aspectos.

No início, Loki era apenas a personificação do fogo da lareira e do espírito da vida. A princípio um deus, aos poucos ele se torna “deus e diabo combinados” e termina sendo detestado por todos como exata contrapartida dos Aesir do Lúcifer medieval, príncipe da mentira, “origem do engodo, o traiçoeiro.”

Segundo alguns especialistas, dizia-se que Loki era irmão de Odin, mas outros afirmam que os dois não eram parentes, apenas passaram pelo juramento fraternal de sangue comum no Norte.

*Odin! não te lembras
Quando éramos jovens
E misturamos nosso sangue?
Quando antes da cerveja
Sempre te recusavas
Se a nós dois não oferecessem?*

ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO] (TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

O caráter de Loki

Enquanto Thor é a encarnação da atividade nórdica, Loki representa a recreação, e o companheirismo inicialmente estabelecido entre esses dois deuses deixa claro que muito cedo os antigos nórdicos perceberam que ambos eram necessários ao bem-estar da humanidade. Thor está sempre ocupado e é sempre sincero, mas Loki faz piada de tudo, até que por fim seu amor pela travessura faz com que ele se extravie completamente, perca todo amor pelo bem e se torne um mesquinho e maligno arraigado.

Ele representa o mal na forma sedutora e aparentemente bela com que o mal se apresenta ao mundo. Devido a essa aparência ilusória, os deuses a princípio não o evitavam, mas o tratavam como a um dos seus, com todo companheirismo, levando-o consigo aonde quer que fossem e recebendo-o não só nas festas, mas também no salão do conselho, onde, infelizmente, muitas vezes lhe deram ouvidos.

Como já vimos, Loki desempenhou um papel proeminente na criação do homem, dotando-o do poder do movimento, e fazendo o sangue circular livremente em suas veias, por meio do qual ele se inspirava de paixões. Como personificação do fogo, assim como da travessura, Loki (relâmpago) é muitas vezes visto ao lado de Thor (trovão), a quem ele acompanha até Jotunheim para recuperar seu martelo, no castelo de Utgard-Loke, e até a casa de Geirröth. É ele quem rouba o colar de Freya e os cabelos de Sif, e trai Iduna entregando-a ao poder de Thiassi; e embora às vezes ele dê bons conselhos e ofereça ajuda efetiva aos deuses, é quase sempre apenas para livrá-los de algum dilema para o qual ele mesmo impulsivamente os atraiu.

Alguns especialistas afirmam que, em vez de fazer parte da trindade criadora (Odin, Hoenir e Lodur ou Loki), esse deus originalmente pertencia a uma geração pré-odínica de deidades, e era filho do grande gigante Fornjotnr (Ymir), sendo seus irmãos Kari (ar) e Hler (água), e sua irmã Ran, a terrível deusa do mar. Outros mitógrafos, contudo, fazem dele filho do gigante Fárbaumi, que foi identificado com Bergelmir, o único sobrevivente do dilúvio, e de

Laufey (ilha de folhagens) ou Nal (embarcação), sua mãe, assim firmando que sua relação com Odin era apenas a do juramento nórdico da camaradagem.

Loki (fogo) primeiro se casou com Glut (brilho), com quem teve duas filhas, Eisa (brasas) e Einmyria (cinzas); é portanto muito evidente que os nórdicos consideravam-no emblemático do fogo da lareira, e quando a lenha ardente crepita, as mulheres do Norte ainda costumam dizer que Loki está batendo nas filhas. Além dessa esposa, dizem que Loki também se casou com a gigante Angrboda (arauto da angústia), que vivia em Jotunheim, e, como já vimos, deu a Loki três monstros: Hel, deusa da morte; Jormungandr, a Serpente de Midgard; e o cruel lobo Fenrir.

*Loki gerou o lobo
Com Angrboda.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Sigyn

O terceiro casamento de Loki foi com Sigyn, que se revelou uma esposa muito amorosa e devotada e lhe deu dois filhos, Narvi e Vali, este último homônimo do deus que vingou Balder. Sigyn sempre foi fiel ao marido e não o abandonou nem depois que ele foi expulso de Asgard e confinado nas entranhas da terra.

Como Loki era a encarnação do mal, os povos nórdicos não nutriam por ele nada além de medo, não construíam templos para homenageá-lo, não lhe ofereciam nenhum sacrifício e deram seu nome às ervas mais daninhas. Acreditava-se que a atmosfera palpitante, hiperaquecida do verão, era sinal de sua presença, pois costumava-se então dizer que Loki estava copulando; já quando o sol parecia estar puxando água da terra, diziam que Loki estava bebendo.

A história de Loki é tão inextricavelmente entrelaçada à dos outros deuses que a maioria dos mitos relacionados a ele já foram

contados, e só restam dois episódios de sua vida por relatar. Um deles mostra seu melhor lado, antes de sua degeneração em um verdadeiro tratante, enquanto o outro expõe como ele finalmente induziu os deuses a profanarem o próprio lar com um assassinato deliberado.

Skrymsli e o filho do camponês

Conta-se que, certo dia, um gigante e um camponês estavam jogando (provavelmente xadrez, o passatempo favorito dos vikings nórdicos durante o inverno). Eles haviam combinado alguma aposta, e o gigante, saindo vitorioso, ganhou no jogo o filho único do camponês, a quem avisou que no dia seguinte o buscaria e levaria seu prêmio consigo, a não ser que os pais o escondessem tão bem que ele não conseguisse encontrá-lo.

Sabendo que tal proeza seria impossível, os pais fervorosamente pediram a Odin que os ajudasse, e em resposta às orações o deus desceu à terra e transformou o menino em um minúsculo grão de trigo, que escondeu em uma espiga no meio de um campo vasto, onde, declarou, o gigante não conseguiria encontrar. O gigante Skrymsli, no entanto, tinha uma sabedoria muito mais vasta do que Odin imaginava e, não encontrando o menino na casa, dirigiu-se até o campo com sua foice. Então, ceifando todo o trigo, ele escolheu a espiga onde o menino estava escondido. Contando os grãos de trigo, ele estava prestes a tocar o grão exato quando Odin, ouvindo o grito desesperado da criança, arrancou a semente da mão do gigante e devolveu o menino aos pais, dizendo-lhes que fizera o possível para ajudá-los. Mas como o gigante alegou que havia sido enganado, disse que voltaria a reivindicar a posse do menino no dia seguinte, a não ser que os pais conseguissem de novo disfarçá-lo.

Os pobres camponeses, então, recorreram ao auxílio de Hoenir. O deus ouviu-os atenciosamente e transformou o menino em uma penugem, que escondeu no peito de um cisne que nadava em um lago próximo. Quando, alguns minutos depois, Skrymsli chegou, adivinhou o que havia ocorrido e, capturando a ave, cortou-lhe o

pescoço com os dentes e teria engolido a penugem se Hoenir não a tivesse tirado de sua boca e a devolvido a salvo aos pais, dizendo que não podia fazer mais nada para ajudá-los.

Skrymsli disse aos pais que faria uma terceira tentativa de buscar a criança. Estes recorreram desesperados a Loki, que levou o menino para o mar e o escondeu, na forma de um ovo minúsculo, entre outros ovos de linguado. Voltando dessa expedição, Loki encontrou o gigante perto da costa e, vendo que ele estava se preparando para pescar, insistiu em acompanhá-lo. Ele estava um pouco preocupado com a possibilidade de o terrível gigante ter percebido o disfarce e, portanto, achou que seria bom ficar por perto, caso precisasse intervir. Skrymsli pôs a isca no anzol e foi mais ou menos bem-sucedido na pescaria, até de repente fisgar um linguado idêntico ao dos ovos entre os quais Loki escondera o ovinho. Abrindo o peixe sobre o joelho, o gigante passou a examinar minuciosamente os ovos, até encontrar o que estava procurando.

A situação do menino certamente era arriscada, mas Loki, percebendo uma oportunidade, arrancou o ovo da mão do gigante e, transformando-o outra vez em menino, mandou que ele fosse correndo para casa e fechasse a porta do ancoradouro ao passar por ele no caminho. O menino apavorado obedeceu sem pensar duas vezes, e o gigante, observando sua fuga, correu atrás dele em direção ao ancoradouro. Astuciosamente, Loki havia posicionado uma lança afiada de tal maneira que a cabeça do gigante se chocou em cheio contra a ponta aguda, fazendo-o desabar no chão com um gemido. Loki, vendo-o indefeso, cortou-lhe uma das pernas. Imaginem a surpresa do deus, contudo, quando viu a perna voltar a se unir imediatamente ao corpo do gigante. Mas Loki era um mestre da artimanha e, reconhecendo naquilo a ação de magia, cortou-lhe a outra perna e logo pôs entre a perna e o corpo de Skrymsli um pedaço de pederneira e aço, bloqueando futuras feitiçarias. Os camponeses ficaram muitíssimo aliviados ao ver que seu inimigo estava morto, e desde então consideraram Loki o mais poderoso de

todos no conselho celeste, pois ele os havia livrado de seu inimigo, enquanto os outros deuses prestaram apenas socorros temporários.

O gigante arquiteto

Não obstante a maravilhosa ponte Bifrost, o caminho tremeluzente, e a vigilância de Heimdall, os deuses não se sentiam inteiramente seguros em Asgard e muitas vezes temiam de que os gigantes de gelo conseguissem entrar em sua morada. Para evitar tal possibilidade, decidiram construir uma fortaleza indevassável; enquanto planejavam como fariam isso, um arquiteto desconhecido apareceu com uma proposta de assumir a empreitada da construção, desde que os deuses lhe dessem o Sol, a Lua e Freya, deusa da juventude e da beleza, como recompensa. Os deuses ficaram indignados com a presunção da proposta, mas quando estavam prestes a expulsar o desconhecido de sua presença, Loki insistiu que fizessem uma contraproposta impossível de ser cumprida. Seguindo a recomendação de Loki, eles disseram ao arquiteto que concordavam com a recompensa, desde que a fortaleza ficasse pronta em um único inverno e que ele realizasse a obra sem nenhuma ajuda além do cavalo dele, Svadilfari.

*A Asgard veio um arquiteto
E um castelo propôs erigir —
Castelo tão alto
Que desafiasse
A astúcia Jotun e a rapina gigante;
E o pacto sagaz era o seguinte:
A bela Freya, a Lua e o Sol
Seriam o preço da fortaleza.*

VALHALLA, J.C. JONES

O desconhecido concordou com aquelas condições aparentemente impossíveis, e logo se pôs a trabalhar, erguendo imensos blocos de rocha à noite, construindo durante o dia e progredindo tão depressa

que os deuses começaram a ficar um pouco ansiosos. Logo notaram que mais da metade da obra era realizada pelo magnífico corcel Svadilfari, e perto do fim do inverno notaram que a obra estava quase pronta, só faltando um portal, que eles sabiam que o arquiteto conseguiria construir com facilidade durante a noite:

*Horror e medo aos deuses afligem;
Estava quase pronto o castelo!
Em mais três dias
A obra findava;
Então seu contrato deviam honrar
E a dívida hedionda pagar.*

VALHALLA, J.C. JONES

Aterrorizados com a perspectiva de terem de abrir mão não apenas do Sol e da Lua, mas também de Freya, personificação da juventude e da beleza, os deuses dirigiram-se a Loki e ameaçaram matá-lo se ele não bolasse um meio de impedir o arquiteto de terminar o trabalho dentro do prazo.

A astúcia de Loki, mais uma vez, mostrou-se à altura da situação. Ele esperou anoitecer, no último dia do prazo, e, no momento em que Svadilfari passava pelas margens de uma mata, penosamente arrastando um grande bloco de pedra necessário para o término da obra, saiu de um charco escuro disfarçado de égua. Loki relinchou de modo tão convidativo que, no mesmo instante, o cavalo escoiceou, se livrou dos arreios e correu atrás da suposta fêmea, perseguido de perto pelo dono furioso. A égua galopou depressa, maliciosamente atraindo o cavalo e o dono cada vez mais para dentro da floresta escura, até que a noite passou e não era mais possível terminar a obra. O arquiteto era ninguém menos que um temível Hrimthurs disfarçado, o qual voltou a Asgard com grande fúria diante da artimanha em que havia caído. Retomando a proporção original, o gigante quis aniquilar os deuses, mas Thor de repente chegou de uma viagem e o matou com seu martelo mágico Mjölhnir, que atirou com força terrível em cheio no rosto dele.

Os deuses se salvaram daquela vez apenas por meio da fraude e da intervenção violenta de Thor, e ambas estariam destinadas a trazer grande tristeza a todos eles, antes de por fim confirmarem sua queda e apressarem a vinda do Ragnarök. Loki, contudo, não sentia remorso e com o tempo, dizem, se tornou pai de um cavalo de oito patas chamado Sleipnir, que, como vimos, seria a montaria favorita de Odin.

*Mas Sleipnir ele gerou
Com Svadilfari.*

LAY OF HYNDLA [LAI DE HYNDLA]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Loki realizou tantas maldades durante sua trajetória que ele bem mereceu o título de “arquivelhaco” que lhe foi dado. Era odiado por todos por sua conduta sutil e maliciosa e pelo vício inveterado da prevaricação, que lhe rendeu também o título de “príncipe da mentira.”

O último crime de Loki

O crime final de Loki, a gota d’água de sua iniquidade, foi induzir Höder a atirar o visco fatal contra Balder, a quem ele odiava apenas por sua imaculada pureza. Talvez esse crime pudesse ser relevado, não fosse sua obstinação quando, disfarçado como a velha Thok, pediram-lhe que derramasse uma lágrima por Balder. Sua atitude na ocasião convenceu os deuses de que dentro dele só restava maldade, e por unanimidade eles pronunciaram a sentença que o expulsou de Asgard em exílio perpétuo.

O banquete de Aegir

Para afastar a tristeza dos deuses e fazer com que, por um breve período, esquecessem a perfídia de Loki e a perda de Balder, Aegir, deus do mar, convidou-os para participar de um banquete em suas cavernas de coral do fundo do oceano.

*Para atenuar a tristeza dos deuses
E alívio em seu luto trazer-lhes,
Das cavernas corralinas
Entre as ondas marinhas,
Alto rei Aegir
Convidou os Aesir
Para um festim
No salão Hlesey;
Pois por Balder os convivas
Choravam ainda,
Mas podiam esquecer
A dor no amistoso banquete.*

VALHALLA, J.C. JONES

Os deuses alegremente aceitaram o convite, vestiram suas melhores roupas e, com sorrisos festivos, apareceram nas cavernas de coral na hora marcada. Nenhum deus se ausentou, exceto o radiante Balder, por quem muitos suspiraram de pena, e o maligno Loki, que não tinha a simpatia de ninguém. Ao longo do banquete, contudo, este último apareceu como uma sombra escura, e quando o mandaram embora, ele deu vazão a suas paixões malignas em uma torrente de invectivas contra os deuses.

*“Dentre os Aesir e o Alfar
Aqui dentro não há
Nenhuma palavra amiga por ti.”*

ÆGIR'S COMPOTATION, OR LOKI'S ALTERCATION [A LIBAÇÃO DE AEGIR, OU A ALTERCAÇÃO DE LOKI]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Então, com inveja dos elogios que Funfeng, ajudante de Aegir, recebera pela destreza com que atendera os convidados de seu senhor, Loki subitamente se voltou contra ele e o matou. Diante desse crime temerário, os deuses com ira feroz expulsaram Loki mais uma vez, ameaçando-o com cruel castigo se tornasse a aparecer diante deles.

Mal os Aesir haviam se recuperado dessa desagradável interrupção em seu banquete e retomavam seus lugares à mesa, quando Loki voltou furtivamente e prosseguiu com as calúnias de sua língua venenosa, provocando os deuses por suas fraquezas ou deficiências, detendo-se maliciosamente em suas imperfeições físicas, e zombando de seus equívocos. Em vão, os deuses tentaram conter seus abusos; sua voz se ergueu cada vez mais, e ele estava proferindo uma calúnia vil sobre Sif quando se deteve de súbito ao notar o martelo de Thor, furiosamente brandido por um braço cuja força ele conhecia muito bem, e fugiu no mesmo instante.

*Silêncio, ser impuro!
Meu martelo, Mjölñir,
Tua tagarelice deterá.
Tua cabeça irei
De teu pescoço arrancar;
E tua vida se encerrará.*

*ÆGIR'S COMPOTATION, OR LOKI'S ALTERCATION [A LIBAÇÃO DE AEGIR, OU A ALTERCAÇÃO DE LOKI]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

A perseguição de Loki

Loki não tinha mais esperança de ser readmitido em Asgard e sabia que cedo ou tarde os deuses, vendo o efeito de suas maldades, lamentariam ter permitido que ele percorresse o mundo e tentariam prendê-lo ou matá-lo. O deus, então, retirou-se nas montanhas, onde construiu uma cabana com quatro portas que sempre deixava abertas para poder a qualquer momento fugir às pressas. Maquinando seus planos com cuidado, ele decidiu que, se os deuses fossem buscá-lo, ele correria para uma cachoeira vizinha, do rio Fraananger, segundo a tradição, e, transformando-se em salmão, escaparia de seus perseguidores. Ponderou, no entanto, que embora pudesse facilmente se desviar de qualquer anzol, talvez fosse difícil fugir se os deuses providenciassem uma rede como a de Ran, a deusa do mar.

Assombrado por esse medo, ele resolveu experimentar a possibilidade de escapar de tal rede e com as próprias mãos começou a tecer uma rede com barbante. Ele ainda estava envolvido nessa tarefa quando Odin, Kvase e Thor de repente apareceram ao longe. Ao perceber que seu esconderijo fora descoberto, Loki atirou sua rede inacabada no fogo e correu por uma de suas portas sempre abertas, saltando na cachoeira, onde, na forma de um salmão, escondeu-se entre as pedras do leito.

Os deuses, encontrando a cabana vazia, estavam prestes a partir quando Kvase reparou nos restos da rede queimada na lareira. Depois de pensar um pouco, veio-lhe uma inspiração, e ele sugeriu aos deuses tecer uma rede parecida e usá-la na busca do inimigo no rio vizinho, pois era provável que Loki tivesse recorrido a tal método para iludir seus perseguidores. Esse pareceu ser um bom conselho. Os deuses imediatamente o seguiram e, quando terminada a rede, estenderam-na no rio. Loki escapou, a princípio, escondendo-se no fundo do rio entre duas pedras; e quando os deuses puseram mais pesos na rede e tentaram uma segunda vez, ele conseguiu escapar saltando contra a corrente. Uma terceira tentativa de capturá-lo se revelou bem-sucedida, pois, quando Loki tentou mais uma vez um salto súbito, Thor agarrou-o em pleno ar e o segurou com tanta firmeza que ele não conseguiu escapar. O salmão, cuja lubricidade escorregadia é proverbial no Norte, é conhecido por seu rabo extremamente fino, e os nórdicos atribuem esse aspecto à força do aperto da mão de Thor ao deter seu inimigo.

O castigo de Loki

Loki então retomou sua forma de costume, e seus caçadores o arrastaram para uma caverna, onde o amarraram com as vísceras de seu filho Narvi, que havia sido destroçado por Vali, o próprio irmão, a quem os deuses haviam transformado em lobo com esse propósito. Uma dessas amarras foi passada abaixo dos ombros de Loki e outra, abaixo da virilha, prendendo firmemente suas mãos e seus pés; mas os deuses, não satisfeitos com essas amarrações, por mais

resistentes e firmes que fossem, transformaram-nas magicamente em diamante ou ferro.

*A ti, em uma rocha,
Com as tripas do teu filho morto,
Os deuses amarrarão.*

*ÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Skadi, a gigante, personificação do rio gelado da montanha, que de bom grado assistiu à amarração de seu inimigo (fogo subterrâneo), então prendeu uma serpente bem sobre a cabeça de Loki, de tal modo que o veneno cairia, gota a gota, sobre seu rosto voltado para cima. Porém Sigyn, fiel esposa de Loki, apressou-se em posicionar uma taça sobre o rosto do marido, recolhendo as gotas conforme caíam e jamais deixando seu posto, exceto quando a taça estava cheia e ela era obrigada a esvaziá-la. Apenas durante suas breves ausências as gotas de veneno caíam no rosto de Loki, e então ele sentia uma dor tão intensa que se debatia de angústia, e seus esforços para se soltar abalavam a terra e produziam os terremotos que tanto apavoravam os mortais.

*Antes que o deixassem em suplício,
Sobre o cenho traiçoeiro, ingrato,
Skadi pendurou pérfida serpente,
Sempre destilando gotas de veneno,
Cada nervo enchendo de tormento;
Assim ele em horror vai perecendo.
Ali, nunca exausta, se ajoelha,
Sigyn, junto ao marido torturado.
Fiel esposa! com a taça rouba
Gotas de veneno quando caem —
Todas elas agonizantes!
Insone, imóvel, sempre dadivosa
De consolo, ela ali permanece;*

*Só quando a taça transborda
A dor e urgência surgem,
Logo, para esvaziar a taça,
Ela faz na vigília uma pausa.
Então Loki há de
Alto proferir
Gritos de terror,
Gemidos de horror,
Berrando com estrondo,
Abalando o mundo seus tremores,
Estremecendo em solavancos,
Até os Céus balançando!
Assim se exaure em sina medonha,
Até que o temido Ragnarök venha.*

VALHALLA, J.C. JONES

Nessa dolorosa posição, Loki foi destinado a permanecer até o crepúsculo dos deuses, quando suas amarras se soltariam e ele tomaria parte no conflito fatal no campo de batalha de Vigrid, caindo enfim pelas mãos de Heimdall, que morreria ao mesmo tempo.

Como vimos, as gotas de veneno da serpente nesse mito são o rio gelado da montanha. Suas águas, caindo de quando em quando sobre um fogo subterrâneo, evaporavam e escapavam pelas fissuras, engendrando terremotos e gêiseres, fenômenos que os habitantes da Islândia, por exemplo, conheciam bem.

O dia de Loki

Quando os deuses foram rebaixados à categoria de demônios pela introdução do cristianismo, Loki foi confundido com Saturno, que também havia sido rebaixado de seus atributos divinos, e ambos foram considerados protótipos de Satã. O último dia da semana, que era consagrado a Loki, ficou conhecido em nórdico antigo como Laugardag, ou dia da lavagem, mas em inglês foi transformado em *Saturday* [sábado]. Diziam-se que o nome se devia não a Saturno, mas

a Sataere, o ladrão de tocaia e deus teutônico da agricultura, que seria apenas outra personificação de Loki.

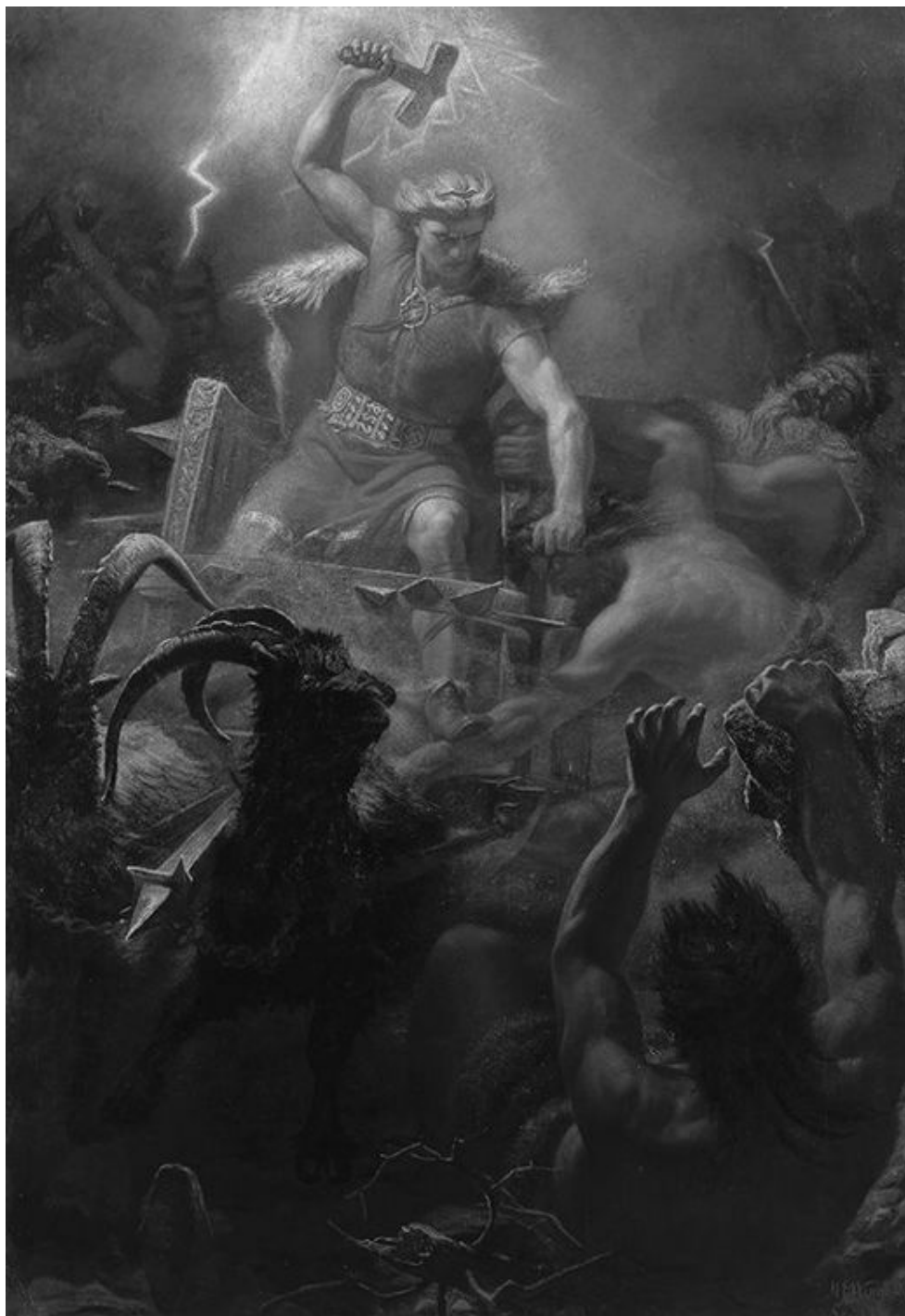
Capítulo



Os gigantes



XXIII



Thor e os gigantes
M.E. WINGE



Jotunheim

Como já vimos, os povos nórdicos imaginavam que os gigantes foram as primeiras criaturas a ganhar vida entre os icebergs que enchiam o vasto abismo de Ginnungagap. Esses gigantes foram desde o início adversários e rivais dos deuses e, como os deuses eram personificações de tudo o que era bom e amável, os gigantes eram representativos de tudo o que havia de feio e de mau.

*Ele chegou — ele chegou —, o Espírito da Geada! na lufada do Norte,
E os pinheiros noruegueses se curvaram quando seu hálito temível
passou.*

*Sem chameuscar as asas, foi depressa, aos fogos de Hecla,
No belo céu enegrecido acima e no gelo antigo embaixo.*

THE FROST SPIRIT [O ESPÍRITO DA GEADA], J.G. WHITTIER

Quando Ymir, o primeiro gigante, caiu sem vida sobre o gelo, assassinado pelos deuses, seus filhos morreram afogados no sangue do pai. Apenas um casal, Bergelmir e sua esposa, conseguiu escapar para Jotunheim, onde fizeram sua morada e se tornaram pais de toda a geração dos gigantes. No Norte, os gigantes eram chamados de diversos nomes, cada um deles com um significado particular. Jotun, por exemplo, significava “grande comilão”, pois os gigantes eram famosos pelo enorme apetite, bem como por seu tamanho descomunal. Eles gostavam muito de beber, além de comer, motivo pelo qual também eram chamados Thurses, palavra que alguns

autores dizem ter dado origem a *thirst*, “sede” em inglês; mas outros consideram que os gigantes deviam esse nome às torres altas (*turseis*), que teriam construído. Como os gigantes eram antagonistas dos deuses, os deuses sempre se esforçaram para obrigá-los a permanecer em Jotunheim, que ficava nas regiões frias do polo. Os gigantes quase sempre levavam a pior em seus encontros com os deuses, pois além de pesados e de raciocínio lento, não tinham nada além de armas de pedra para opor ao bronze dos Aesir. Apesar dessa desigualdade, no entanto, eles eram altamente invejados pelos deuses, pois os gigantes eram plenamente versados em todo conhecimento relativo ao passado. Até Odin tinha inveja desse atributo e, assim que conseguiu obter o mesmo conhecimento através de um trago do Poço de Mímir, logo tratou de ir a Jotunheim para disputar contra Vaftrudener, o mais erudito dos gigantes. Mas ele jamais teria tido sucesso em derrotar seu antagonista nesse estranho encontro se não tivesse parado de perguntar sobre o passado e começado a perguntar sobre o futuro.

De todos os deuses, Thor era o mais temido pelos Jotuns, pois estava continuamente em guerra contra os gigantes da geada e da montanha, que pretendiam prender a terra em suas rígidas amarras para sempre, impedindo assim os homens de arar o solo. Na luta contra eles, Thor, como já vimos, em geral recorria a seu terrível martelo Mjöltnir.

A origem das montanhas

Segundo lendas germânicas, a superfície acidentada da terra se devia aos gigantes, que desfiguraram sua face lisa ao pisoteá-la quando o solo ainda era macio e recente; já os rios haviam sido formados pelas copiosas lágrimas derramadas pelas gigantas ao verem os vales feitos pelas imensas pegadas de seus maridos. Tal era a crença teutônica, que o povo imaginava que os gigantes, personificações das montanhas, eram imensas criaturas rústicas que só se moviam no escuro ou na neblina e se petrificavam assim que os primeiros raios de sol penetravam a treva ou dispersavam as nuvens.

Essa crença os levou a denominar uma de suas principais cadeias montanhosas de Riesengebirge (Montanhas dos Gigantes). Os escandinavos também compartilhavam dessa crença, e até hoje os islandeses designam seus picos montanhosos mais elevados pelo nome de Jokul, uma variante da palavra “Jotun.” Na Suíça, onde as neves perenes repousam nos picos remotos da montanha, o povo ainda conta velhas histórias sobre o tempo em que os gigantes percorriam a terra; e, quando uma avalanche destrói uma encosta de montanha, dizem que os gigantes descuidados sacudiram o gelo pesado de suas testas e seus ombros.

Os primeiros deuses

Como os gigantes eram também personificações da neve, do gelo, da pedra e do fogo subterrâneo, dizia-se que eram descendentes do primitivo Fornjotnr, o qual alguns especialistas identificam com Ymir. Segundo essa versão do mito, Fornjotnr tinha três filhos: Hler, o mar; Kari, o ar; e Loki, o fogo. Essas três divindades, os primeiros deuses, formavam a trindade mais antiga, e seus respectivos descendentes foram os gigantes marinhos Mimir, Gymir e Grendel, os gigantes da tempestade Thiassi, Thrym e Beli, e os gigantes do fogo e da morte, como o lobo Fenrir e Hel.

Como todas as dinastias reais reivindicavam descendência de algum ser mítico, os merovíngios afirmavam que seu primeiro ancestral havia sido um gigante marinho, que se ergueu das ondas na forma de um boi e surpreendeu a rainha quando esta passeava sozinha na praia, obrigando-a a se tornar sua esposa. A rainha deu à luz um menino chamado Meroveu, fundador da primeira dinastia dos reis francos.

Muitas histórias já foram contadas sobre os gigantes mais importantes. Eles reaparecem em muitos mitos e contos de fadas posteriores, e manifestam, depois da introdução do cristianismo, uma repugnância peculiar pelo som dos sinos das igrejas e pelos cantos de monges e freiras.

O gigante apaixonado

Os escandinavos relatam, a esse respeito, que nos tempos de Olavo, o Santo, um gigante chamado Senjemand, que morava na ilha de Senja, ficava muito enfurecido porque uma freira da ilha de Grypto todos os dias cantava seu hino matinal. Esse gigante se apaixonou por uma bela donzela chamada Juternajesta e demorou muito até reunir coragem para se declarar para ela. Quando enfim ele fez sua proposta, a bela dama desdenhosamente o rejeitou, dizendo que ele era velho e feio demais para seu gosto.

Miserável Senjemand — feio e grisalho!

Conquistar a donzela Kvedfiord!

Não — és um rústico e sempre serás.

BALADA

(TRADUÇÃO INGLESA DE BRACE)

Exasperado por ter sido rejeitado com desdém, o gigante jurou vingança e logo atirou com seu arco uma grande flecha de pederneira contra a donzela, que morava a mais de cem quilômetros de distância. Outro pretendente, Torge, também um gigante, vendo o perigo que ela corria e desejando protegê-la, jogou seu chapéu contra a flecha atirada. O chapéu tinha trezentos metros de altura e largura e espessura proporcionais, mas ainda assim a flecha o atravessou, embora tenha acabado se fincando fora do alvo. Senjemand, vendo que havia falhado e temendo a ira de Torge, montou seu corcel e se preparou para cavalgar o mais depressa possível. O sol, entretanto, erguendo-se naquele momento acima do horizonte, transformou-o em pedra, assim como à flecha e ao chapéu de Torge, uma imensa pilha de pedra conhecida como montanha Torghatten. O povo ainda aponta para um obelisco que dizem ser a flecha de pedra; para um buraco na montanha, com noventa metros de altura e quase trinta metros de largura, que dizem ser a abertura feita pela flecha em sua passagem através do chapéu; e para o cavaleiro na ilha Senja, que parece estar montado em um corcel colossal com seu manto largo de cavaleiro sobre o corpo. Quanto à freira, cujo canto tanto perturbava

Senjemand, ela também ficou petrificada e nunca mais incomodou ninguém com suas ladainhas.

O gigante e o sino da igreja

Outra lenda relata que um dos gigantes da montanha, irritado com o badalar dos sinos a mais de oitenta quilômetros de distância, certa vez ergueu uma pedra imensa e a atirou contra um edifício sagrado. Felizmente, a pedra caiu antes do alvo e se partiu ao meio. Desde então, os camponeses dizem que os trolls vêm na véspera do Natal para erguer a maior pedra encontrada sobre pilares de ouro, e dançam e festejam embaixo dela.

Uma dama, desejando saber se essa história era verdadeira, um dia mandou o noivo ao local. Os trolls o receberam e cordialmente ofereceram uma bebida de um corno ornamentado com ouro e runas. Segurando o corno, o noivo jogou fora a bebida e fugiu galopando a toda velocidade, perseguido de perto pelos trolls, de quem só escapou depois de passar por um campo de restolho e saltar um curso d'água. Alguns trolls foram visitar a dama no dia seguinte para pedir o corno de volta, e, quando ela se recusou a abrir mão do objeto, lançaram sobre ela uma maldição de que seu castelo queimaria toda vez que o corno fosse movido. A previsão se cumpriu três vezes e, hoje, a família guarda a relíquia com cuidado supersticioso. Um recipiente similar, obtido de forma muito parecida pela família Oldenburg, faz parte da coleção em exibição do rei da Dinamarca.

Os gigantes não eram estáticos; dizia-se que eles se moviam no escuro, às vezes arrastando massas de terra e areia, que despejavam aqui e ali. E assim as dunas do Norte da Alemanha e da Dinamarca teriam sido formadas.

O barco do gigante

Uma tradição frísia relata que os gigantes possuíam uma embarcação colossal chamada Mannigfual, que costumava navegar pelo oceano

Atlântico. O barco era tão grande que se dizia que o capitão patrulhava o convés a cavalo, enquanto o equipamento era tão extenso e os mastros tão altos que os marinheiros subiam jovens e desciam grisalhos, depois de descansar e se revigorar em quartos montados e equipados para tal propósito nos imensos blocos e polias.

Por algum azar, aconteceu de um piloto um dia orientar a imensa embarcação na direção do mar do Norte e, desejando voltar ao Atlântico o mais depressa possível, mas sem querer arriscar manobrar em espaço tão pequeno, conduziu Mannigfual para o Canal da Mancha. Imaginem a desolação de todos a bordo quando viram a passagem ficar cada vez mais estreita conforme avançavam. Quando eles chegaram ao trecho mais estreito, entre Calais e Dover, mal parecia possível que o barco, conduzido pela correnteza, conseguisse forçar passagem por ali. O capitão, com louvável presença de espírito, logo mandou os marujos ensaboarem as laterais do barco e aplicarem uma camada a mais a estibordo, onde os penhascos escarpados de Dover se erguiam ameaçadores. Assim que essas ordens foram executadas, a embarcação penetrou o espaço estreito, e, graças à precaução do capitão, o barco deslizou e atravessou ileso. As pedras de Dover raspam tanto sabão das laterais do barco, contudo, que desde então são particularmente brancas, e as ondas se chocando contra os rochedos ainda conservam sua aparência espumosa incomum.

Essa aventureira experiência não foi a única pela qual Mannigfual passou. Dizem que um dia, ninguém sabe como, o barco penetrou o mar Báltico, onde, as águas não sendo muito profundas para manter a flutuação do barco dos gigantes, o capitão ordenou que jogassem ao mar todo o lastro. O material assim lançado nas águas pelos dois lados do barco formaram as ilhas de Bornholm e de Christiansø.

Princesa Ilse

Na Turíngia e na Floresta Negra, as histórias de gigantes são muitas, e uma das favoritas dos camponeses é sobre Ilse, a adorável filha do gigante de Ilsenstein. Ela era tão encantadora que em terras distantes era conhecida como Bela Princesa Ilse, sendo cortejada por muitos cavaleiros, dos quais preferia o lorde de Westerburg. Mas seu pai não aprovava a relação com um mero mortal e proibiu a filha de ver o namorado. A princesa Ilse era voluntariosa, no entanto, e, apesar da proibição do pai, visitava diariamente o rapaz. O gigante, exasperado com a persistência e a desobediência da filha, estendeu suas mãos imensas e, agarrando as pedras, cavou um grande vão entre a região onde morava e o castelo de Westerburg. Diante disso, a princesa Ilse, indo até o penhasco que a separava do amado, atirou-se impulsivamente no precipício e caiu no rio caudaloso lá embaixo, transformando-se ali em uma Ondina sedutora. Ela morou naquelas águas límpidas por muitos anos, aparecendo de quando em quando para exercer seu fascínio sobre os mortais, e até, dizem, cativar as afeições do imperador Henrique, que ia visitá-la frequentemente na cachoeira. Sua última aparição, segundo a crença popular, foi no Pentecostes, cem anos atrás; e os nativos desde então não cessam de procurar a bela princesa, que dizem ainda assombrar o rio e acenar com seus braços alvos para atrair os viajantes para dentro do jorro fresco da cachoeira.

*Eu sou a Princesa Ilse,
E moro em Ilsenstein;
Vem comigo ao meu castelo,
E felizes ficaremos.*

*Teu rosto e teus cabelos vou lavar
Com as minhas águas claras,
Não pensarás mais nas tuas agruras,
Pelas quais pesa o teu semblante.*

*Com meus braços alvos à tua volta,
Deitado em meu seio tão branco,*

*Ficarás, e sonharás com a terra dos elfos —
Seus amores e prazeres delirantes.*

PRINCESS ILSE [PRINCESA ILSE], HEINRICH HEINE
(TRADUÇÃO INGLESA DE MARTIN)

O brinquedo da gigante

Os gigantes habitavam toda a terra antes de ela ser cedida à humanidade, e só com relutância deram lugar à raça humana. Então, se retiraram para as regiões ermas e inóspitas do mundo, onde constituíram suas famílias no mais restrito isolamento.

Tamanha era a ignorância de seus filhos que uma jovem gigante, afastando-se de casa, certa vez chegou a um vale povoado, onde pela primeira vez na vida viu um lavrador arando uma encosta. Julgando se tratar de um brinquedo bonito, ela pegou o homem, os cavalos e o arado, guardou-os no avental e voltou alegre para casa para mostrar ao pai. Mas o gigante imediatamente mandou a filha levar o camponês e seus cavalos de volta aonde ela os havia encontrado, e depois que ela fez isso ele explicou, compungido, que as criaturas que a menina havia pegado não eram meros brinquedos e que um dia acabariam expulsando os gigantes para então se tornarem os senhores da terra.

Capítulo





**Os
anões**

XXIV



Homenzinhos

No primeiro capítulo, vimos que os elfos soturnos, anões ou Svartálfar foram gerados como vermes na carne do gigante assassinado Ymir. Os deuses, percebendo aquelas criaturas minúsculas, disformes, rastejando para todos os lados, deram-lhes forma e feição, e eles se tornaram conhecidos como elfos escuros, por causa de sua pele escura. Esses pequenos seres eram tão rústicos, com sua pele negra, olhos verdes, cabeças grandes, pernas curtas e rostos enrugados, que foram obrigados a se esconder embaixo da terra, com a ordem de jamais aparecer durante o dia, caso contrário seriam transformados em pedra. Embora menos poderosos do que os deuses, eles eram muito mais inteligentes do que os homens e, como seu conhecimento era ilimitado e abarcava até mesmo o futuro, deuses e homens se mostravam igualmente ansiosos por fazer perguntas a eles.

Os anões eram também conhecidos como trolls, kobolds, brownies, goblins, pucks ou povo de Huldra, de acordo com a região onde viviam.

*Tu és o Troll cinzento,
De olhos verdes e grandes,
Mas eu te amo, Troll cinzento —
De tão sábio que tu és!*

Conta-me de madrugada,

*Conta-me tudo que sabes —
Diga, por que eu nasci?
Diga, por que eu cresci?*

THE LEGEND OF THE LITTLE FAY [A LENDA DA PEQUENA FADA], BUCHANAN

O Tarnkappe

Esses pequenos seres eram capazes de se movimentar com uma rapidez fantástica. Adoravam se esconder atrás de pedras e repetir, maliciosamente, as últimas palavras das conversas que entreouviam de seus esconderijos. Devido a esse truque bem conhecido, os ecos eram chamados de “conversa de anões”, e as pessoas imaginavam que o motivo de os causadores desses sons nunca serem vistos era que todo anão era orgulhoso proprietário de um minúsculo manto vermelho que tornava invisível quem o vestisse. Esse manto se chamava Tarnkappe, e sem ele os anões não ousavam aparecer na superfície da terra depois que o sol nascia, com medo de virarem pedra. Quando usavam o manto, os anões estavam a salvo desse perigo.

*Adeus! Que o sol não me veja —
Não ouse permanecer;
Filho de elfo, tu me verás
Pedra virar aos raios dele.*

LA MOTTE FOUQUÉ (TRADUÇÃO INGLESA DE KEIGHTLEY, EM THE FAIRY MYTHOLOGY)

A lenda Kalundborg

Helva, filha do nobre senhor de Nesvek, era amada por Esbern Snare, mas a relação foi proibida pelo orgulhoso pai com as seguintes palavras de desdém: “Quando construíres uma igreja imponente em Kalundborg, aí então te darei Helva como esposa.”

Só que Esbern, ainda que de origem pobre, tinha um coração tão orgulhoso quanto o do nobre e decidiu que, não importando o que acontecesse, encontraria um modo de conquistar sua cobiçada noiva. E assim ele foi visitar um troll na colina de Ullshoi e fez um acordo

segundo o qual o troll construiria uma bela igreja e, quando estivesse pronta, Esbern adivinharia o nome do construtor ou daria ao troll seus olhos e seu coração.

Noite e dia, o troll trabalhou, e, conforme a igreja foi tomando forma, mais triste foi ficando Esbern Snare. À noite, ficava ouvindo nas reentrâncias da encosta e, durante o dia, vigiava. Converteu-se em uma sombra de tantos pensamentos angustiados, até que foi aos elfos pedir ajuda. Mas nada adiantou. Ele não ouviu nenhum som nem viu nada que sugerisse o nome do construtor.

Nesse ínterim, houve muitos rumores, e a bela Helva, sabendo do pacto maligno, rezou pela alma do homem infeliz.

O tempo passou, até que só faltava um pilar da igreja; desesperado, Esbern tombou exausto em uma ribanceira, de onde ouviu o troll martelando a última pedra embaixo da terra. “Como fui tolo”, ele disse amargamente. “Construí minha própria sepultura.”

Nesse momento, ele ouviu passos leves se aproximando, ergueu os olhos e viu sua amada. “Eu queria morrer em seu lugar”, ela disse, com os olhos cheios de lágrimas, e então Esbern confessou que por seu amor ele havia arriscado os olhos, o coração e a alma.

Enquanto o troll martelava embaixo da terra, Helva rezou junto a seu amado, e as orações da donzela prevaleceram sobre a maldição do troll, pois de repente Esbern ouviu o som de uma esposa troll cantando para o bebê troll, consolando-o ao dizer que no dia seguinte Papai Fin voltaria trazendo os olhos e o coração de um mortal.

Confiante de ter sua vítima assegurada, o troll foi a Kalundborg com a última pedra. “Tarde demais, Fin!”, proferiu Esbern, e com isso o troll sumiu com sua pedra. Diz-se que os camponeses ouviam, no meio da noite, os soluços de uma mulher embaixo da terra, e a voz do troll dando-lhe uma bronca.

*Do Troll da Igreja, cantam a runa
No mar do Norte, na lua cheia;
E os pescadores da Zelândia escutam*

O Troll brigar com a esposa em Ullshoi.

*E rumo ao mar, além das bétulas,
Ainda se vê a igreja de Kalundborg,
Onde, no altar, o primeiro casal
Foi Helva de Nesvek e Esbern Snare!*

KALLUNDBORG CHURCH [IGREJA DE KALUNDBORG], J.G. WHITTIER

A mágica dos anões

Os anões, assim como os elfos, eram governados por um rei conhecido em vários países do Norte da Europa como Andvari, Alberich, Elbegast, Gondemar, Laurin ou Oberon. Ele vivia em um magnífico palácio subterrâneo, cravejado de gemas preciosas que seus súditos haviam minerado do seio da terra e, além de incontáveis riquezas e do manto Tarnkappe, tinha um anel mágico, uma espada invencível e um cinturão que lhe dava força. Às suas ordens, os homenzinhos, que eram ferreiros muito inteligentes, fabricavam joias e armas maravilhosas, que o rei concedia a seus mortais favoritos.

Já vimos como os anões fabricaram os cabelos dourados de Sif, o barco Skidbladnir, a ponta da lança Gungnir, de Odin, o anel Draupnir, o javali de cerdas douradas Gullinbursti, o martelo Mjöltnir e o colar dourado Brisingamen, de Freya. Dizem que eles também forjaram o cinturão mágico que Spenser descreve em seu poema “Faerie Queene” [Rainha das fadas] — um cinturão que teria o poder de revelar se quem o usava era virtuoso ou hipócrita.

*O cinturão dava o dom do amor casto
E vida conjugal honesta a toda prova;
Mas aquela que devassa se provasse
Não poderia mais usá-lo na cintura,
Pois cairia frouxo ou cortaria o corpo.*

FAERIE QUEENE [RAINHA DAS FADAS], EDMUND SPENSER

Os anões também fabricaram a mítica espada Tyrfring, capaz de cortar ferro e pedra, que deram a Angantyr. Essa espada, como a de Frey, combatia por vontade própria e, uma vez desembainhada, não podia ser guardada até que provasse sangue. Angantyr era tão orgulhoso de sua espada que mandou que a enterrassem consigo; mas sua filha, Hervor, visitou a sepultura à meia-noite, recitou encantos mágicos e obrigou o pai a se levantar da tumba e lhe dar a preciosa lâmina. Ela empunhou-a com coragem, e a espada acabou se tornando propriedade de outros heróis nórdicos.

Outra arma famosa, que segundo a tradição foi forjada pelos anões nas terras orientais, foi a espada Angurvadal que Frithiof recebeu como parte da herança de seus pais. O punho era de ouro forjado, e a lâmina tinha inscrições rúnicas que ficavam apagadas até que a arma fosse brandida em combate, quando as runas se inflamavam e ficavam rubras como a crista de um galo de briga.

Logo, perdido se viu o herói

Vendo na noite da batalha a lâmina inflamada de runas.

Vasta fama tinha essa espada, das espadas favoritas do Norte.

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR

(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

A travessia dos anões

Os anões costumavam ser gentis e prestativos. Às vezes eles sovavam o pão, moíam a farinha, preparavam a cerveja, realizavam inúmeras tarefas domésticas, colhiam e batiam o trigo para os lavradores. Se eram maltratados, contudo, ou ridicularizados, esses pequenos seres abandonavam a casa e nunca mais voltavam. Quando os deuses antigos deixaram de ser cultuados nas terras nórdicas, os anões se retiraram totalmente da região, e um barqueiro relatou ter sido contratado por um misterioso personagem para ficar atravessando o rio de um lado para outro certa noite, e a cada viagem o barco ficava tão carregado de passageiros invisíveis que quase afundava. Encerrada a noite de trabalho, ele recebeu uma rica

recompensa, e seu cliente informou que ele havia transportado os anões para o outro lado rio e que eles estavam indo embora para sempre em consequência da descrença do povo.

Crianças trocadas

Segundo a superstição popular, os anões, com inveja da estatura dos humanos, muitas vezes tentavam melhorar sua descendência conquistando esposas humanas ou roubando crianças sem batismo, substituindo-as por seus próprios filhos para serem criados por mães humanas. Esses bebês anões eram conhecidos como “crianças trocadas” e reconhecíveis por serem franzinos e enrugados. Para recuperar o próprio bebê e se livrar da criança trocada, a mulher era obrigada ora a fazer cerveja em cascas de ovo, ora a passar gordura nas solas dos pés da criança e segurá-los tão perto do fogo que, atraídos pelos gritos aflitos do filho, os pais anões correriam para buscar de volta o seu e devolver o roubado.

Dizia-se que as mulheres trolls tinham o poder de se transformar em Maras, ou pesadelos, e atormentar quem bem entendessem. Porém, se um homem vitimado conseguia fechar o buraco por onde a Mara entrara em seu quarto, ela ficava inteiramente à sua mercê, e o homem podia até obrigá-la a se casar com ele, caso quisesse. Uma esposa assim obtida ficaria presa enquanto a abertura por onde ela entrou na casa permanecesse fechada, mas se a rolha fosse removida, por acidente ou de propósito, ela imediatamente ia embora e nunca mais voltava.

Os Picos dos Trolls

Naturalmente, as tradições do povo pequeno abundam por todo o Norte, e muitos lugares são associados à sua memória. Dizem que os famosos Picos dos Trolls, ou Trold-Tindterne, na Noruega, são o cenário de um conflito entre dois bandos de trolls que, no afã do combate deixaram de notar a aproximação do sol, sendo então

transformados em pequenos pontos rochosos que se destacam nitidamente na crista da montanha.

Uma conjectura

Alguns autores arriscaram uma conjectura de que os anões tantas vezes mencionados nas antigas sagas e nos contos de fadas eram seres reais. Provavelmente, eram mineiros fenícios, que, trabalhando com carvão, ferro, cobre, ouro e estanho, na Inglaterra, na Noruega, na Suécia etc., se aproveitavam da singeleza e da credulidade dos primeiros moradores para fazê-los acreditar que pertenciam a uma raça sobrenatural, que sempre viveu embaixo da terra, em uma região que ficaria sendo chamada de Svartalfaheim, ou lar dos elfos soturnos.



Capítulo





Os elfos

XXV



A dança dos elfos
N.J.O. BLOMMÉR



A terra das fadas

Além dos anões, havia outra numerosa classe de minúsculas criaturas chamadas Ljósálfar, elfos da luz ou brancos, que habitavam os domínios do ar entre o céu e a terra e eram gentilmente governados pelo caloroso deus Frey, abrigado em seu palácio em Alfheim. Eles eram seres adoráveis, benéficos, tão puros e inocentes que, segundo alguns especialistas, seu nome derivava da mesma raiz da palavra latina para “branco” (*albus*), que, em forma modificada, nomeou os Alpes nevados e Albion (Inglaterra), devido a seus penhascos calcários brancos que podiam ser vistos de muito longe.

Os elfos eram tão pequenos que conseguiam se mover rapidamente sem ser vistos enquanto cuidavam das flores, dos pássaros e das borboletas; e como gostavam apaixonadamente de dançar, costumavam descer até a terra deslizando em um raio de luar para dançar na relva. De mãos dadas, eles dançavam em círculos, formando assim os “anéis de fadas”, evidentes pelo verde mais escuro e pela maior exuberância da relva onde seus pezinhos haviam pisado.

*Elfos alegres, fazendo ciranda,
Ao som de menestréis vaporosos,
Anéis de esmeralda em campo castanho
Formam, ágeis, jocosos.*

“THE LAY OF THE LAST MINSTREL” [LAI DO ÚLTIMO MENESTREL], SIR WALTER SCOTT

Se um mortal parasse no meio de um desses anéis feéricos, seria capaz, segundo a crença popular na Inglaterra, de ver as fadas e os elfos e receber seus favores; mas os escandinavos e teutões juravam que o infeliz acabava morrendo. Em uma ilustração dessa superstição, conta-se a história de como *sir Olavo*, cavalgando a caminho do próprio casamento, foi atraído pelas fadas para seu círculo. No dia seguinte, em vez de um feliz casamento, seus amigos testemunharam um triplo funeral, pois a mãe e a noiva do rapaz também morreram ao ver o corpo sem vida dele.

*Mestre Olavo galopava antes da madrugada,
Chegando onde os Elfos dançavam.
Ciranda tão alegre,
Tão alegre na campina.*

*Na manhã seguinte, antes do dia esquentar,
Na casa de Olavo, jaziam três corpos na sala de estar.
Ciranda tão alegre,
Tão alegre na campina.*

*Primeiro Mestre Olavo, segundo a moça prometida,
E terceiro a velha mãe – de tristeza falecida.
Ciranda tão alegre,
Tão alegre na campina.*

MASTER OLOF AT THE ELFIN DANCE [MESTRE OLAVO NA DANÇA DOS ELFOS] (TRADUÇÃO INGLESA DE HOWITT)

A dança dos elfos

Esses elfos, chamados de fadas ou sílfides na Inglaterra, eram também músicos entusiastas e adoravam especialmente certa canção conhecida como a “Dança dos elfos”, tão irresistível que ninguém conseguia ouvi-la sem dançar. Se um mortal, entreouvindo a ária, arriscasse reproduzi-la, ele subitamente se via incapaz de parar e era obrigado a tocá-la sem cessar até morrer de exaustão, a não ser que fosse hábil o bastante para tocar a melodia de trás para frente ou que

alguém por caridade cortasse as cordas de seu violino. Seus ouvintes, obrigados a dançar enquanto a música durasse, só conseguiam parar quando a música acabava.

Os fogos-fátuos

No período medieval, os fogos-fátuos eram conhecidos no Norte como luzes dos elfos, pois esses minúsculos espíritos supostamente desorientavam os viajantes; e segundo a superstição popular, os espíritos de Joões Galafoices eram espíritos inquietos de assassinos obrigados a voltar aos cenários de seus crimes. Em suas caminhadas noturnas, dizia-se que eles repetiam, contrariados, a cada passo: “Está certo.” Mas quando voltavam, reiteravam tristonhos: “Está errado.”

Oberon e Titânia

Posteriormente, especulou-se que as fadas ou os elfos seriam governados pelo rei dos anões, que, sendo um espírito subterrâneo, era considerado um demônio, e que obtivera a permissão de conservar o poder mágico arrancado do deus Frey pelos missionários. Na Inglaterra e na França, o rei das fadas era conhecido pelo nome de Oberon. Ele governava ao lado de sua rainha Titânia, e as maiores diversões da terra ocorriam na noite da Festa do Solstício de Verão, quando todas as fadas se congregavam em torno do rei e dançavam com mais alegria.

*Todo elfo e fada que têm asa
Entre, qual pássaro, no jogo;
E esta canção cantem comigo,
Com dança alegre e som amigo.*

SONHO DE UMA NOITE DE VERÃO, SHAKESPEARE

Acreditava-se que esses elfos, como os duendes, os brownies, o povo huldra, os kobolds etc. visitavam moradias humanas, e se dizia que tinham um prazer malicioso em emaranhar e dar nós nas crinas e

nos rabos dos cavalos. Esses nós eram conhecidos como nós de elfos, e sempre que um agricultor os avistava dizia que seus cavalos tinham sido montados pelos elfos durante a noite.

Alf-blot

Na Escandinávia e na Alemanha, eram feitas oferendas aos elfos para atrair seus favores. Essas oferendas consistiam de animais pequenos ou de uma tigela de mel e leite, e eram conhecidas como Alf-blot. Eram muito comuns até os missionários ensinarem ao povo que os elfos eram meros demônios, quando então a função dos elfos foi transferida aos anjos, aos quais durante muito tempo foram dirigidas súplicas para favorecer os mortais e propiciar as mesmas dádivas.

Muitos elfos viviam e morriam com as árvores e as plantas pelas quais eram responsáveis, mas essas donzelas do musgo, da madeira ou da árvore, embora notavelmente belas quando vistas de frente, eram vazias como um tubo quando vistas de costas. Elas aparecem em muitos contos populares, mas quase sempre como espíritos benignos e solícitos, pois ansiavam por fazer o bem aos mortais e cultivar relações amistosas com eles.

Imagens nos batentes das portas

Na Escandinávia, os elfos, tanto os luminosos quanto os sombrios, eram cultuados como divindades domésticas, e talhavam-se suas imagens nos batentes das portas. Os nórdicos, que foram expulsos de sua terra pela tirania de Haroldo I, o Belos-Cabelos, em 874, levaram os batentes entalhados consigo em seus barcos. Entalhes similares, incluindo imagens de deuses e de heróis, decoravam os espaldares de suas cadeiras altas, que eles também levaram embora consigo. Os exilados mostraram sua confiança em seus deuses atirando essas imagens de madeira ao mar quando se aproximaram da costa islandesa e se estabelecendo no local aonde as ondas levaram esses pedaços de madeira esculpida, mesmo que o local não

parecesse o mais desejável. “Assim levaram consigo a religião, a poesia e as leis de seu povo, e nessa desolada ilha vulcânica mantiveram esses registros inalterados por centenas de anos, enquanto outros povos teutônicos aos poucos se deixaram afetar por sua relação com a cristandade romana e bizantina.” Esses registros, cuidadosamente coligidos por Semundo, o Erudito, formam a *Edda em Verso*, relíquia mais preciosa da antiga literatura nórdica, sem a qual saberíamos relativamente pouco sobre a religião dos antigos povos nórdicos.

As sagas relatam que as primeiras colônias na Groenlândia e na Vinlândia (no Canadá) foram feitas da mesma maneira — os nórdicos piamente desembarcando no local onde seus deuses domésticos acabaram encalhando na costa.



Os elfos brancos
CHAS. P. SAINTON, R.I.

Capítulo





A saga de Sigurd

XXVI



Sigurd encontra Brunhilda
J. WAGREZ



O início da história

A primeira parte da *Edda em Verso* consiste de uma coleção de poemas aliterativos descrevendo a criação do mundo, as aventuras dos deuses e sua derrocada final, além de uma exposição completa do código de ética nórdico. Já a segunda parte abrange uma série de lais heroicos relatando as proezas da família dos Volsungos, e especialmente de seu principal representante, Sigurd, o herói favorito do Norte.

A saga dos Volsungos

Esses lais formam a base do grande épico escandinavo, a *Saga dos Volsungos*, e forneceram não apenas os materiais para a *A canção dos Nibelungos*, o épico alemão, e para inúmeros contos populares, mas também para as célebres óperas de Wagner *O ouro do Reno*, *As Valquírias*, *Siegfried* e *O crepúsculo dos deuses*. Na Inglaterra, William Morris deu a eles a forma que provavelmente conservarão na literatura, e é dessa versão desse grande poema épico, graças à cortesia da permissão por parte de seus herdeiros e de seus editores, os senhores Longmans, Green and Co., que quase todas as citações desta seção são retiradas, com exceção de alguns poucos extratos diretos da *Edda*.

Sigi

A história dos Volsungos começa com Sigi, filho de Odin, um homem poderoso e respeitado por todos, até o momento em que mata um homem que abateu mais animais do que ele quando foram caçar juntos. Em consequência desse crime, Sigi foi expulso da própria terra e declarado fora da lei. Mas pelo jeito ele não foi inteiramente esquecido por Odin, pois o deus então forneceu a ele uma embarcação bem equipada, além de diversos valentes seguidores, e prometeu que ele sempre sairia vitorioso.

Com esse auxílio de Odin, os ataques de Sigi se tornariam o terror de seus adversários, e no final ele derrotou o glorioso império dos hunos e por muitos anos reinou como poderoso monarca. Mas com idade muito avançada, sua sorte mudou, Odin abandonou-o, os parentes de sua esposa se voltaram contra ele, e Sigi foi assassinado em uma emboscada.

Rerir

A morte de Sigi logo seria, contudo, vingada por Rerir, seu filho, na volta de uma expedição durante a qual se ausentara de sua terra. Seu primeiro ato ao subir ao trono foi condenar os assassinos do pai à morte. O reinado de Rerir foi marcado por todos os indícios de prosperidade, mas seu maior desejo, um filho que o sucedesse, permaneceu insatisfeito por muitos anos. Por fim, no entanto, Frigga decidiu atender a suas súplicas constantes e permitiu que ele tivesse o herdeiro pelo qual tanto ansiava. Com esse intuito, ela mandou seu veloz mensageiro Gná, ou Liod, levar uma maçã milagrosa, que ele deixou cair no colo de Rerir, quando este se encontrava sozinho em uma colina. Olhando de relance para cima, Rerir reconheceu o emissário da deusa e alegremente correu para casa, onde dividiu a maçã com a esposa. A criança que no tempo devido nasceu sob tais auspícios favoráveis foi um lindo rapazinho. Os pais deram-lhe o nome de Volsungo, e ele se tornou rei naquelas terras ainda criança, após a morte dos pais.

Volsungo

Os anos se passaram e a riqueza e o poder de Volsungo só prosperaram. Ele era o líder mais corajoso que havia e agregou muitos valentes guerreiros à sua volta. Muitas vezes, eles beberam seu hidromel debaixo de Barnstokkr, um imenso carvalho que, erguendo-se no meio de seu salão, perfurava o teto e sombreava a casa inteira.

*Como em todos outros casos, sua casa, mais formosa,
E o menor de seus escudos, de alguma guerra famosa,
E lá dentro uma maravilha, uma glória de se olhar,
Pois no meio do edifício se erguia uma grande árvore,
Com galhos além do telhado, acima da cumeeira,
Com a glória do verão e a grinalda do ano inteiro.*

Dez filhos robustos nasceram de Volsungo, e depois uma filha, Signy, veio para alegrar seu lar. Tão adorável era essa donzela que, quando chegou a idade de casar, muitos pretendentes pediram sua mão, entre os quais Siggeir, rei dos godos, que obteve o consentimento de Volsungo, embora Signy nunca o tivesse visto.

O casamento de Signy

Quando chegou o dia do casamento, e a noiva finalmente viu aquele que estava destinado a ser seu marido, ela estremeceu de desgosto, pois o porte frágil e o olhar abatido do pretendente contrastavam tristemente com os corpos fortes e os semblantes francos de seus irmãos. Mas era tarde demais para recuar, pois a honra da família estava em jogo, e Signy disfarçou tão bem seu desgosto que ninguém além de seu irmão gêmeo Sigmund desconfiou da relutância com que ela se tornou esposa de Siggeir.

A espada no Barnstokkr

No meio da festa do casamento, quando a alegria estava em seu ápice, a entrada do salão subitamente ensombreceu com o vulto alto de um homem caolho, coberto em um manto azul-cinzentos. Sem proferir palavra ou olhar para ninguém, o desconhecido caminhou até o Barnstokkr e cravou até o cabo uma espada reluzente no grande tronco da árvore. Então, virando-se devagar, ele olhou para os convidados espantados e calados e disse que a espada seria do guerreiro capaz de retirá-la de sua bainha de carvalho, e que aquela arma garantiria ao guerreiro a vitória em qualquer batalha. Com essas palavras, ele saiu da mesma forma que entrou, deixando na mente de todos a convicção de que se tratava de Odin, rei dos deuses.

*Tão doce a sua fala, tão sábias palavras disse,
Que imóveis todos ficaram, como em sonho feliz,
Ficamos parados para não acordar; mas, encerrada a prosa,
Ele deixou o salão e se dirigiu lá para fora;
E ninguém perguntou nada, nem dele foi atrás,
Pois sabiam que era Odin quem dera a famosa espada.*

Volsungo foi o primeiro a recuperar a fala e, abrindo mão de seu direito de tentar primeiro a proeza, convidou Siggeir para fazer a tentativa de tirar a espada divina do tronco da árvore. Ansioso, o noivo puxou e forçou, mas a espada continuou firmemente fincada no carvalho, então ele voltou para o seu lugar, com ar de tristeza. Em seguida, Volsungo tentou, também sem sucesso. Era evidente que a arma não estava destinada a nenhum dos dois, e os jovens príncipes Volsungos foram a seguir convidados a provar sua força.

*Filhos que tive e amei, agora venham tentar;
Para Odin não contar no céu de sua conduta errada,
De como a quem não queria ele deu sua espada.*

Sigmund

Os nove filhos mais velhos foram igualmente malsucedidos; mas quando Sigmund, o décimo e mais novo, pôs a mão jovem e firme no cabo, a espada se soltou facilmente a seu toque, e ele com triunfo a retirou do tronco como se a sacasse de uma bainha.

*Enfim, junto ao Barnstokkr, Sigmund Volsungo postou-se,
E com a mão direita destra em batalha segurou o cabo precioso,
Mas de modo descuidado, como se julgasse ser em vão;
Quando, aí, do piso ao teto, ergueu-se um grito tremendo,
Pois toda na mão de Sigmund estava a espada reluzente
Quando acima da cabeça a brandiu: pois a arma estava solta
Do aperto do cerne do Barnstokkr, qual se frouxa sempre fora.*

Quase todos os presentes ficaram gratos diante do sucesso do jovem príncipe; mas o coração de Siggeir ficou cheio de inveja, e ele cobiçou a posse da espada. Ele se ofereceu para comprá-la de seu jovem cunhado, mas Sigmund se recusou a abrir mão da espada por qualquer preço, declarando que era evidente que a arma havia sido destinada a ele. Essa recusa ofendeu tanto a Siggeir que secretamente ele decidiu exterminar os orgulhosos Volsungos e se apossar da espada ao mesmo tempo que daria vazão a seu ódio pelos novos parentes.

Disfarçando sua insatisfação, contudo, ele se virou para Volsungo e cordialmente o convidou a visitar sua corte no mês seguinte, na companhia de seus filhos e parentes. O convite foi aceito no mesmo instante e, embora Signy, suspeitando de maldade, em segredo procurasse o pai enquanto o marido dormia e implorasse para ele desistir da promessa e ficar em casa, Volsungo não consentiu em voltar atrás em sua palavra e assim demonstrar medo.

A perfídia de Siggeir

Algumas semanas depois do retorno dos noivos, portanto, os barcos bem tripulados de Volsungo chegaram à costa das terras de Siggeir. Signy ficara esperando aflita e, quando os avistou, correu para a praia

para implorar aos parentes que não desembarcassem, alertando-os de que o marido planejava uma emboscada da qual eles não conseguiriam escapar com vida. Mas Volsungo e seus filhos, a quem nenhum perigo amedrontava, calmamente mandaram-na voltar ao palácio do marido e portando suas armas, pisaram com coragem em terra firme.

*Então Volsungo a beijou delicadamente: “Sofro por ti,
Mas a Terra já ouviu, antes de nascer eu já disse;
Que jamais recuaria de espada ou fogo inimigo;
– Mantive essa palavra até hoje, e devo agora mudar o que sempre
digo?
E vê bem estes teus irmãos, tão bons e tão grandes que são,
Queres que as moças zombem deles, passada essa dor em vão,
E depois nos banquetes se espalhe que temeram o golpe fatal?
Façamos nosso dever diário pelo bem do povo e a glória geral;
E se as Nornas quiserem que os Volsungos pereçam,
Ao menos haverá um feito imortal, e um nome que não esqueçam.”*

Aconteceu como Signy havia dito, pois a caminho do palácio a pequena tropa de valentes caiu na emboscada de Siggeir; embora tenham lutado com coragem heroica, estavam em número tão inferior a seus inimigos que Volsungo foi morto e todos os seus filhos, feitos prisioneiros. Os rapazes foram levados agrilhoados à presença do covarde Siggeir, que não havia participado da luta, e Sigmund foi obrigado a lhe entregar a preciosa espada; depois disso, ele e seus irmãos foram condenados à morte.

Signy, ouvindo a cruel sentença, em vão tentou interceder pelos irmãos — o máximo que ela obteve com suas súplicas foi que eles fossem acorrentados a um carvalho derrubado na floresta para morrer de fome e de sede, se os animais selvagens não acabassem com eles antes. Então, para impedir que ela visitasse e socorresse os irmãos, Siggeir confinou a esposa no palácio, onde era vigiada noite e dia.

A cada manhã, bem cedo, Siggeir enviava um mensageiro à floresta para verificar se os Volsungos ainda estavam vivos, e todos os dias o mensageiro voltava dizendo que um monstro viera à noite e devorara um dos príncipes, deixando apenas os ossos. Por fim, quando apenas Sigmund restava vivo, Signy pensou em um plano e convenceu uma criada a levar um pouco de mel até a floresta e espalhar no rosto e na boca de seu irmão.

Quando o animal apareceu naquela noite, atraído pelo cheiro do mel, lambeu o rosto de Sigmund e até enfiou a língua em sua boca. Mordendo a língua do animal, Sigmund, mesmo fraco e ferido como estava, prendeu-se ao monstro, que ao se debater vigorosamente acabou rompendo as correntes. Sigmund conseguiu matar o animal que havia devorado seus irmãos, para depois sumir na floresta, onde permaneceu escondido até que o mensageiro do rei viesse, como sempre. Então vislumbrou Signy, livre de seu cativo, correndo à floresta para chorar sobre os restos de seus parentes mortos.

Vendo a profunda tristeza da irmã e sabendo que ela não havia participado das crueldades de Siggeir, Sigmund saiu de seu esconderijo e consolou-a da melhor forma que pôde. Juntos eles enterraram os ossos, e Sigmund fez um juramento solene de vingar as maldades cometidas contra sua família. Esse juramento foi plenamente aprovado por Signy, que, no entanto, mandou seu irmão se esconder até o momento mais propício, prometendo enviar-lhe ajuda. Então o irmão e a irmã se despediram com tristeza, ela voltou para seu odioso palácio, e ele para uma parte remota da floresta, onde construiu uma minúscula cabana e se dedicou ao ofício de ferreiro.

*E dizem os homens que Signy chorou
Quando deixou o último irmão: mas não chorou nunca mais
Entre os nobres de Siggeir, e adorável como sempre
Era seu rosto aos outros homens: não se alterava por pena,
Nem por medo, nem saudade; nem ninguém nunca viu cena
Em que ela acaso risse, até o final de seus dias.*

Os filhos de Signy

Siggeir então se apoderou do reino Volsungo e, durante os anos seguintes, acompanhou com orgulho o crescimento de seu filho mais velho. Quando o menino completou dez anos, Signy o enviou para o irmão em segredo para que o treinasse e pudesse ajudá-lo a obter vingança, caso se provasse digno da tarefa. Sigmund aceitou a incumbência com relutância; mas, assim que testou o menino, descobriu que lhe faltava coragem física, de modo que o devolveu à mãe, ou, segundo algumas versões, assassinou o sobrinho.

Algum tempo depois, o segundo filho de Signy foi enviado à floresta com o mesmo propósito, mas Sigmund o considerou igualmente pouco corajoso. Estava claro que ninguém senão um puro-sangue Volsungo serviria à sombria tarefa da vingança, e Signy, percebendo isso, decidiu cometer um crime.

*E assim que escureceu ela murmurou: “Onde estava a antiga canção
De que os Deuses nasciam gêmeos, e não consideravam erro então
Mesclar-se em benefício do mundo, como teriam nascido os Aesir,
E os Vanir e os Anões, e todo o povo da terra?”*

Tomada sua decisão, ela invocou uma feiticeira jovem e bela, e, trocando de forma com ela, foi até a floresta e se abrigou na cabana de Sigmund. O Volsungo não percebeu o disfarce da irmã. Considerou-a a cigana que ela parecia ser e, logo conquistado por sua sedução, fez dela sua esposa. Três dias depois, ela desapareceu da cabana. Voltando ao palácio, retomou sua própria forma e, quando em seguida deu à luz um menino, ficou feliz ao ver em seu olhar ousado e em seu corpo forte a promessa de um verdadeiro herói Volsungo.

Sinfiotli

Quando Sinfiotli, como o menino foi chamado, tinha dez anos de idade, ela mesma fez um teste de sua coragem, costurando a roupa na pele do filho e depois arrancando-a subitamente. Como o

corajoso menino nem mesmo piscou, mas apenas riu alto, ela sentiu-se confiante e o mandou para a cabana na floresta. Sigmund logo preparou seu teste de costume e, deixando a cabana um dia, mandou Sinfiotli tirar farinha de certo saco, sovar e fazer pão. Ao voltar para casa, perguntou se suas ordens haviam sido cumpridas. O menino respondeu mostrando o pão e, quando perguntado, confessou com toda a franqueza que fora obrigado a incluir na massa uma grande víbora que estava escondida no saco. Satisfeito ao ver que o menino, por quem sentia uma estranha afeição, havia passado no teste que acovardara seus irmãos, Sigmund mandou que ele não comesse aquele pão, pois, embora ele próprio fosse imune à picada de répteis, o menino não podia, como seu mentor, provar incólume o mesmo veneno.

*Aqui a história dos anciãos faz os homens imaginarem,
Que tal era a têmpera de Sigmund entre os reis terrenos,
Que ileso lidava com víboras e outras criaturas ferinas,
E podia imune beber veneno: mas Sinfiotli era de tal lavra
Que picada alguma de ser rastejante seu corpo afetava.*

Os lobisomens

Sigmund então começou a ensinar pacientemente a Sinfiotli tudo que um guerreiro do Norte deveria saber, e logo os dois se tornaram companheiros inseparáveis. Um dia, percorrendo a floresta juntos, encontraram uma cabana, onde viram dois homens mergulhados em um sono profundo. Ao lado, havia duas peles de lobo penduradas, que sugeriam que os desconhecidos fossem lobisomens a quem um feitiço cruel impedia de assumirem sua forma natural exceto por um curto espaço de tempo. Instigados pela curiosidade, Sigmund e Sinfiotli vestiram as peles e logo estavam disfarçados de lobo correndo pela floresta, matando e devorando tudo o que viam pela frente.

Tamanhas eram suas paixões lupinas que logo eles atacaram um ao outro e, após uma feroz disputa, Sinfiotli, mais jovem e mais

fraco, tombou morto. Essa catástrofe fez Sigmund cair em si, e ele abraçou desesperado o companheiro morto. Naquele instante, ele viu duas doninhas que saíram da floresta e se atacaram mutuamente até que uma tombou morta. A doninha vitoriosa então correu para dentro da mata e voltou com uma folha, que depôs sobre o peito da companheira falecida. Então se viu uma coisa maravilhosa, pois ao toque da planta mágica o animal morto voltou à vida. No momento seguinte, um corvo voando sobre ele soltou uma folha similar aos pés de Sigmund, e ele, entendendo que os deuses desejavam ajudá-lo, depôs a folha sobre Sinfiotli, que no mesmo momento recuperou a vida.

Com medo de que pudessem causar mais algum mal um ao outro, Sigmund e Sinfiotli então voltaram para casa e pacientemente aguardaram o momento de se livrar do feitiço. Para seu grande alívio, as peles de lobo se soltaram na nona noite, e eles logo trataram de atirá-las no fogo, onde se consumiram totalmente, e assim o feitiço foi rompido para sempre.

Sigmund e Sinfiotli capturados por Siggeir
Sigmund então confessou a história de seus desagrvos a Sinfiotli, o qual jurou que, embora Siggeir fosse seu pai (pois nenhum dos dois sabia o segredo de seu nascimento), ele o ajudaria em sua vingança. Ao anoitecer, portanto, ele acompanhou Sigmund até o salão do rei, no qual entraram sem ser percebidos, escondendo-se no porão, atrás de imensos barris de cerveja. Ali foram encontrados pelos dois filhos menores de Signy, que, quando os aros dourados com os quais brincavam rolaram para o porão, se depararam com os homens escondidos.

As crianças contaram a descoberta ao pai e seus convidados, mas, antes que Siggeir e seus homens conseguissem buscar suas armas, Signy pegou os dois filhos, e arrastando-os para o porão mandou o irmão matar os pequenos traidores. Sigmund se recusou categoricamente a fazer isso, mas Sinfiotli decepou a cabeça das

crianças e partiu para enfrentar os homens que já estavam ali para atacá-los.

Apesar de todos os esforços, Sigmund e seu valente e jovem companheiro logo caíram nas mãos dos godos, e Siggeir sentenciou-os a serem enterrados vivos no mesmo monte, com uma divisória de pedra entre eles, de modo que não pudessem se ver nem se tocar. Os prisioneiros foram assim confinados em sua sepultura ainda vivos, e seus inimigos estavam prestes a depositar as últimas pedras na cobertura quando Signy se aproximou, trazendo um cesto de palha, que permitiram que ela jogasse aos pés de Sinfiotli, pois os godos imaginavam que contivesse apenas provisões que prolongariam sua agonia sem ajudá-lo a escapar.

Quando tudo ficou em silêncio, Sinfiotli abriu o cesto, e grande foi sua surpresa ao encontrar, em vez de pão, a espada que Odin dera a Sigmund. Sabendo que nada poderia embotar ou destruir o fio agudo da exímia arma, Sinfiotli fincou-a na divisória de pedra. Ajudado por Sigmund, conseguiu abrir uma brecha, e por fim ambos escaparam pela cobertura.

*Então o rei Sigmund se levanta na sepultura
E à lâmina de guerra estende a mão sem luva;
E o presente de Odin com toda força leva ao peito;
Sigmund serra, Sinfiotli serra, até que a pedra rompa,
Até que se encontram e se beijam: e puxam e empurram,
Até que, perpassando as vigas, céus de inverno vislumbrem!
E saltam contentes; nem é preciso dizer,
Muitas palavras trocam sobre agora o que fazer.*

A vingança de Sigmund

Assim que se viram livres, Sigmund e Sinfiotli voltaram ao salão do rei e, empilhando materiais combustíveis em volta, atearam fogo em tudo. Então, posicionando-se um de cada lado da entrada, permitiram apenas que as mulheres passassem. Eles gritaram para Signy escapar antes que fosse tarde demais, mas ela não queria mais

viver. Indo até a entrada para um último abraço, teve oportunidade de sussurrar o segredo do nascimento de Sinfiotli, depois voltou para o meio das chamas e morreu com os outros.

*E a árvore que cobria a casa do rei Siggeir tombou e caiu,
E as paredes imensas se chocaram, e coisas vis e mesquinhas
O fogo da morte mesclou com as do rei e as da rainha.*

Helgi

Levada a cabo a vingança por tanto tempo planejada pelo assassinato dos Volsungos, Sigmund, sentindo que nada mais o prendia à terra dos godos, navegou com Sinfiotli de volta a Hunaland, onde foi calorosamente recebido em seu trono à sombra de sua árvore ancestral, o poderoso Barnstokkr. Quando sua autoridade foi plenamente estabelecida, Sigmund se casou com Borghild, uma bela princesa, que lhe deu dois filhos, Hamond e Helgi. Helgi foi visitado pelas Nornas ainda no berço, e elas lhe prometeram uma suntuosa recepção em Valhala quando sua carreira terrestre estivesse encerrada.

*E a esposa era bela e meiga e lhe deu varões ilustres;
Chamaram-nos Hamond e Helgi, e quando Helgi veio à luz,
Foram as Nornas a seu berço e lhe deram uma vida fúlgida,
E chamaram-no de Colina Ensolarada, Espada Afiada, Terra dos Anéis,
E fizeram-no amável e grande, e uma alegria na história dos reis.*

Os reis nórdicos geralmente confiavam a criação de seus filhos a um estrangeiro, pois julgavam que lá a criança seria tratada com menos indulgência do que em casa. Por isso, Helgi foi criado por Hagal e, sob seus cuidados, o jovem príncipe se tornou tão destemido que aos 15 anos de idade arriscou ir sozinho ao salão de Hunding, família rival da sua. Passando pelo salão ileso e sem ser reconhecido, Helgi deixou um recado insolente, o qual irritou tanto Hunding que ele imediatamente saiu em perseguição ao corajoso e jovem príncipe, a

quem seguiu até a morada de Hagal. Helgi teria sido capturado, mas naquele ínterim ele havia se disfarçado de criada e ficou moendo trigo como se aquela fosse sua ocupação de costume. Os invasores ficaram impressionados com a altura e com os braços musculosos daquela criada, no entanto partiram sem desconfiar que estavam tão perto do herói que perseguiram.

Conseguindo escapar com esta artimanha sagaz, Helgi se juntou a Sinfiotli e, formando um exército, os dois rapazes marcharam destemidos para os Hundingos. Contra eles, travaram uma grande batalha, sobre a qual as Valquírias pairavam, esperando para levar os mortos a Valhala. Gudrun, uma das donzelas guerreiras, ficou tão impressionada com a coragem demonstrada por Helgi que ela mesma o abordou e prometeu ser sua esposa.

Apenas um dos Hundingos, Dag, sobreviveu e foi libertado ao comprometer-se a não tentar vingar a morte de seus parentes. Essa promessa não foi mantida, no entanto, e Dag, apossando-se da lança Gungnir de Odin, ardilosamente matou Helgi com ela. Gudrun, que nesse tempo havia cumprido a promessa de se tornar esposa de Helgi, chorou muitas lágrimas com sua morte e lançou uma maldição solene sobre o assassino; então, ouvindo uma criada dizer que o marido morto continuava chamando por ela das profundezas da sepultura, entrou destemida no monte à noite e delicadamente perguntou por que ele ainda a chamava e por que suas feridas continuavam a sangrar depois de morto. Helgi respondeu que não podia descansar feliz por causa da tristeza dela e declarou que, a cada lágrima que ela derramava, escorria uma gota do sangue dele.

*Choras, ornada de ouro!
Lágrimas cruéis,
Filha ensolarada do sul!
Antes de ires dormir;
Cada gota cai sangrenta
No peito do príncipe,
Úmida, fria, penetrante,*

Pesada de tristeza.

SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]

(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Para aplacar o espírito do amado marido, Gudrun a partir de então deixou de chorar. Mas eles não ficariam muito tempo separados; logo depois que o espírito de Helgi foi levado sobre a ponte Bifrost e entrou em Valhala, para se tornar um líder dos Einherjar, Gudrun se juntou a ele, mais uma vez como Valquíria, retomando seu amor pelo esposo. Quando por ordem de Odin ela deixou o lado do marido por causa de disputas humanas, foi para arregimentar novos recrutas para o exército que seu senhor conduziria à batalha quando chegasse o Ragnarök, o crepúsculo dos deuses.

A morte de Sinfiotli

Sinfiotli, o filho mais velho de Sigmund, também teve uma morte prematura; pois, havendo matado em uma disputa o irmão de Borghild, esta resolveu envenená-lo. Duas vezes Sinfiotli percebeu essa tentativa e contou ao pai que a taça estava envenenada. Duas vezes Sigmund, que era imune a todos os venenos, bebeu a taça inteira; e, quando Borghild fez uma terceira tentativa, ele disse a Sinfiotli que deixasse o vinho escorrer por sua barba. Sem entender o significado das palavras do pai, Sinfiotli bebeu a taça sozinho e caiu sem vida no chão, pois o veneno era do tipo mais fatal.

*Ele bebeu enquanto falava, e sem demora o veneno cobriu
Com calafrio seu coração e no chão o homem forte caiu
Sem uma palavra de morte, sem morte alguma no semblante,
E o chão do salão dos Volsungos se abalou nesse instante.
Então se ergueu o mais velho com um grito alto e triste,
E ergueu a cabeça do outro caído; e ninguém ousou vir
Ouvir as palavras de luto, se é que palavras pronunciou,
Mas tal como o Pai dos homens sobre Baldur morto falou.
E outra vez, como antes do golpe fatal, o salão Volsungo escureceu,*

E outra vez foi como estar na floresta, onde ele falava apenas ao filho seu.

Mudo de tristeza, Sigmund com ternura carregou o corpo do filho nos braços, e caminhou para fora do salão até a praia, onde depositou o fardo precioso em um esquife, que um velho barqueiro caolho trouxe a seu pedido. Ele bem que teria embarcado junto, mas antes que conseguisse fazê-lo o barqueiro zarpou e o barco logo sumiu de vista. O pai, compungido, então lentamente retomou o caminho de casa, consolando-se com a ideia de que o próprio Odin fora reivindicar o jovem herói e remara com ele “rumo ao Oeste”

Hjordis

Sigmund puniu Borghild destituindo-a da condição de sua esposa e rainha e, quando já estava muito velho, pediu a mão de Hjordis, bela e jovem princesa, filha de Eylimi, rei das Ilhas. Essa jovem donzela tinha muitos pretendentes, entre eles o rei Lyngi dos Hundingos, mas a fama de Sigmund era tão grande que ela aceitou de bom grado e se tornou sua esposa. Lyngi, o pretendente preterido, ficou tão furioso com essa decisão que imediatamente arregimentou um grande exército e marchou contra seu rival bem-sucedido; este, embora em menor número, combateu com a valentia dos desesperados.

Das profundezas de uma floresta que cercava o campo de batalha, Hjordis e sua criada assistiram ansiosas ao progresso da contenda. Viram Sigmund empilhar cadáveres à sua volta, pois ninguém era páreo para ele, até que um guerreiro alto e caolho de repente apareceu, e a intensidade da guerra cedeu diante do terror de sua presença.

Sem um momento de pausa, o novo campeão desferiu um golpe feroz contra Sigmund, que o velho herói protegeu com a espada. O choque destruiu a lâmina incomparável, e embora o combatente desconhecido desaparecesse tal como havia chegado, Sigmund ficou

indefeso e logo sofreu uma ferida mortal por parte de seus adversários.

*Mas eis que, através das barreiras de lanças, um homem forte avança,
Caolho e parecendo idoso, mas cujo semblante brilhava como chama:
Cinza e cintilante era sua túnica, e azul-cinzento era seu manto;
E portava um machado duplo, enquanto perambulava entre lâminas,
E ficou face a face com Sigmund, e ergueu o machado para atacar.
Mais uma vez sobre a cabeça do Volsungo se impôs a luz do
Barnstokkr,
A espada presente de Odin; e outra vez Sigmund deu um grito
Que ecoou fazendo chegar até os céus o fragor do conflito.
Então se chocaram os fios com o último golpe de Sigmund,
E em estilhaços caiu por terra aquela que era o flagelo do mundo.
Mas os olhos de Sigmund mudaram, e sumiu do rosto a ira
beligerante;
Pois o adversário de manto cinzento tinha ido embora, e em seu lugar
Uma lança atravessou o peito volsungo de mãos vazias:
E derrubaram Sigmund, prodígio de todas as terras,
Sobre seus inimigos, sobre os mortos que ele mesmo fizera aquele dia.*

Com a batalha vencida e morta toda a família dos Volsungos, Lyngi correu do campo de batalha para se apoderar do reino e obrigar Hjordis a se tornar sua esposa. Assim que ele partiu, no entanto, a bela e jovem rainha saiu de seu esconderijo na floresta e foi ao local onde Sigmund jazia quase morto. Ela abraçou com paixão pela última vez o herói abatido e então acatou, entre lágrimas, o pedido dele de juntar os fragmentos da espada e guardá-los como um tesouro para o filho que ele previu estar para nascer, o qual estaria destinado a vingar a morte do pai e a ser muito mais importante que ele.

*Pelos Volsungos lutei sinceramente, mas ainda assim sei muito bem
Que alguém bem melhor do que eu essa história levará mais além:
E por ele esses fragmentos não de ser fundidos: e ele meu filho há de
ser,*

Que lembrará o que esqueci e que fará o que deixei por fazer.

Elf, o viking

Enquanto Hjordis chorava sobre o corpo sem vida de Sigmund, sua criada de repente a alertou da aproximação de um bando de vikings. Tornando a se esconder na floresta, as mulheres trocaram de roupa uma com a outra, e Hjordis mandou que a criada fosse andando na frente e se passasse pela rainha. Assim elas foram ao encontro do viking Elf (Helfrat ou Helferich). Este recebeu gentilmente as mulheres, e a história de batalha contada por elas causou-lhe tamanha admiração por Sigmund que mandou os restos mortais do herói serem levados, com toda a reverência, até um local mais adequado, onde seriam enterrados com a devida cerimônia. Ele então ofereceu à rainha e à criada asilo seguro em seu salão, e elas de bom grado o acompanharam, cruzando o mar.

Como havia desconfiado da identidade das duas desde o início, Elf aproveitou a primeira oportunidade, ao chegar em seu reino, para fazer uma pergunta aparentemente banal para se certificar da verdade. Ele perguntou à suposta rainha como ela sabia a hora de acordar durante o inverno, quando os dias eram curtos e não havia luz para anunciar a madrugada. A mulher respondeu que, como estava acostumada a beber leite antes de dar de comer às vacas, sempre acordava com sede. Quando a mesma pergunta foi feita à verdadeira Hjordis, ela respondeu, sem refletir muito, que sabia que era de manhã porque naquela hora o anel de ouro que o pai lhe dera ficava frio em seu dedo.

O nascimento de Sigurd

Com sua desconfiança confirmada, Elf propôs casamento à suposta criada, Hjordis, prometendo criar bem seu bebê, promessa que manteve com nobreza. Quando o menino nasceu, o próprio Elf borrifou-o com água — cerimônia que os nórdicos pagãos observavam escrupulosamente — e deu-lhe o nome de Sigurd.

Conforme o menino cresceu, foi tratado como filho legítimo do rei, e sua educação foi confiada a Regin, o mais sábio dos homens, que sabia todas as coisas, inclusive o próprio destino, pois lhe fora revelado que ele seria derrubado pela mão de um jovem.

*De volta à casa da Criada, vivia ali um velho esquelético,
Imberbe e baixo em estatura, rosto enrugado e pálido:
Tão idoso era Regin que nenhum homem sabia dizer
Quantos anos fazia que naquelas terras ele fora viver:
Mas do filho do rei Elf, e também da Criada, ele cuidou,
E do pai de seu pai: o saber de todos os homens ele dominou
E era hábil em toda sorte de astúcia, exceto a lida da espada:
Tão doce era sua fala que os homens aceitavam cada palavra;
Suas mãos, às cordas da harpa entregues, prazer mesclavam
Com os últimos dias tristes; todas as histórias bem ele contava;
O Mestre dos Mestres no ofício ferreiro ele era;
E lidava bem com vento, calmaria e procela;
Ninguém precisava lhe ensinar de sanguessugas e sangrias,
Pois antes de haver verme e homem, ele sabia quanto cada ser viveria.*

Aos cuidados desse tutor, Sigurd cresceu em sabedoria, até que houvesse poucos capazes de superá-lo. Ele dominou o ofício de ferreiro e a arte do entalhe de todo tipo de runas; aprendeu línguas, música e eloquência; e, por último, mas não menos importante, tornou-se um valente guerreiro, que ninguém era capaz de subjugar. Quando atingiu a idade adulta, Regin encorajou-o a pedir ao rei um cavalo de batalha, pedido que foi imediatamente concedido, e Gripir, o cavaleiro, recebeu ordem de permitir que ele escolhesse nos estábulos reais o corcel de que mais gostasse.

A caminho da campina onde os cavalos estavam pastando, Sigurd encontrou um forasteiro caolho, vestido de cinza e azul, que abordou o rapaz e mandou que ele levasse os cavalos para dentro do rio e escolhesse aquele capaz de atravessar a correnteza com menor dificuldade.

Sigurd acatou de bom grado o conselho e, ao chegar ao pasto, levou os cavalos para o rio que por ali corria. Um dos cavalos, depois de atravessar, deu meia-volta e, mergulhando outra vez nas águas, voltou ao pasto anterior sem dar sinais de fadiga. Sigurd, portanto, não hesitou em escolhê-lo e deu a ele o nome de Grani, ou Greyfell. O corcel era descendente do cavalo Sleipnir, a montaria de oito patas de Odin, e, além de ser extraordinariamente forte e incansável, era tão destemido quanto seu dono.

Certo dia de inverno, enquanto Regin e seu pupilo estavam sentados perto do fogo, o velho tocou sua harpa e, à maneira dos escaldos nórdicos, cantou ou recitou o seguinte conto, a história de sua vida:

O tesouro do rei dos anões

Hreidmar, o rei dos anões, era pai de três filhos. Fafnir, o mais velho, era dotado de uma alma destemida e um braço forte; Otr, o segundo, de rede e armadilha, além do poder de mudar de forma à vontade; e Regin, o mais novo, de toda sabedoria e destreza manual. Para satisfazer a avareza de Hreidmar, o filho mais novo fez para ele uma casa revestida de ouro reluzente e gemas preciosas, a qual era vigiada por Fafnir, cujos olhares ferozes e o Elmo do Terror ninguém ousava enfrentar.

Ora, aconteceu de Odin, Hoenir e Loki um dia aparecerem em forma humana, durante uma de suas expedições de costume para testar os corações dos homens na terra onde vivia Hreidmar.

*E os três eram o sábio Odin, Pai dos Abatidos,
E Loki, o Invejoso do Mundo, que torna vão qualquer trabalho,
E Hænir, Todo-Inocente, que forjou a esperança dos homens,
E seu coração e seus íntimos anseios, quando a obra começou; —
O Deus que antes do tempo existia, e doravante sempre existirá,
Quando a nova luz, inda nem sonhada, sobre terra e mar brilhará.*

Conforme os deuses se aproximaram da morada de Hreidmar, Loki reparou em uma lontra tomando sol. Era ninguém menos que o segundo filho do rei dos anões, Otr, que então sucumbiu ao amor de Loki pela destruição. Matando a infeliz criatura, o deus a jogou sem vida sobre os ombros, pensando que daria um bom prato na próxima refeição.

Loki então correu para alcançar seus companheiros e, entrando na casa de Hreidmar com eles, logo largou sua carga no chão. No momento em que o rei dos anões pôs os olhos na suposta lontra, sentiu uma enorme fúria, e, antes que os deuses pudessem oferecer qualquer resistência, viram-se amarrados e deitados no chão. Os três ouviram Hreidmar declarar que jamais recuperariam a liberdade enquanto não satisfizessem sua sede por ouro, dando-lhe o bastante da preciosa substância para cobrir totalmente a pele da lontra por dentro e por fora.

*“Ora, ouvi pois direi vosso fado! Forasteiros, só irei vos libertar
Quando trouxerdes a Chama das Águas, o raro Ouro do Mar,
Que Andvari escondeu contente no domínio pálido qual sepultura;
E o Mestre do Engodo há de buscar, e a mão que só dá com usura,
E o coração da inveja eterna, há de colher e doar e sentir pena.
Vede, eis o fado do sábio, e nenhum outro se ouvirá nesta cena.”*

Como a pele de lontra tinha a propriedade de se esticar até atingir dimensões fabulosas, nenhum tesouro comum bastaria para cobri-la; a situação dos deuses, portanto, era muito difícil. O caso, contudo, ganhou alguma esperança quando Hreidmar consentiu em libertar um deles. O emissário escolhido foi Loki, que não perdeu tempo e partiu em direção à cachoeira onde o anão Andvari morava, no intuito de obter o tesouro que lá ele escondia.

*Há um deserto medonho na região mais extrema do mundo,
Onde acima de um paredão de montanhas despenca um rio fundo,
Cuja nascente se ignora, nem se sabe onde deságua no mar;
E essa é a Força de Andvari, Elfo da Treva, força sem par.*

*Naquela nuvem, naquele deserto, ele vive ali solitário;
E acumular tesouros em sua casa de pedra é seu trabalho.*

Apesar da busca diligente, no entanto, Loki não conseguiu encontrar o anão, até que, reparando em um salmão que nadava naquelas águas espumosas, ocorreu-lhe que o anão podia ter assumido aquela forma. Valendo-se da rede de Ran, ele logo capturou o peixe e descobriu, como desconfiava, que se tratava de Andvari. Percebendo que não adiantaria resistir, o anão entregou, contrariado, todo o tesouro, inclusive o Aegishjálmr, ou Elmo do Terror, e uma cota de malha de ouro, preservando apenas um anel que tinha poderes miraculosos, capaz de atrair metal precioso feito um ímã. Mas o ganancioso Loki, apercebendo-se do anel, arrancou-o do dedo do anão e foi embora gargalhando enquanto sua vítima lançava furiosas maldições contra ele, declarando que aquele anel se revelaria sempre a perdição de quem o possuísse e causaria a morte de muitos.

*Aquele ouro
Que o anão possuía
A dois irmãos
A morte traria,
A oito princesas,
Discórdia.
Da minha riqueza ninguém
Nenhum proveito tirará.*

SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Chegando na casa de Hreidmar, Loki não achou que o tesouro fosse adiantar, pois a pele ficava maior a cada objeto nela colocado, e ele foi obrigado a se valer do anel Andvaranaut (tear de Andvari), que pretendia manter para obter a liberdade, sua e de seus companheiros. A maldição do ouro de Andvari logo começou a surtir efeito. Fafnir e Regin cobiçaram uma parte, enquanto Hreidmar se gabava de seu tesouro noite e dia, e não queria abrir mão de nenhum

de seus itens. Fafnir, o invencível, vendo enfim que não conseguiria satisfazer sua volúpia, matou o pai e apoderou-se de todo o tesouro. Depois, quando Regin foi reivindicar sua parte, ele o expulsou com escárnio e mandou que o irmão ganhasse o próprio sustento.

Exilado, Regin refugiou-se entre os homens, a quem ensinou as artes da sementeira e da colheita. Mostrou-lhes como trabalhar os metais, navegar pelos mares, domar cavalos, atrelar animais para o trabalho, construir casas, fiar, tecer e costurar — em suma, todas as atividades da vida civilizada, que até então eram desconhecidas. Anos se passaram, e Regin pacientemente fez tudo a seu tempo, na esperança de que algum dia encontrasse um herói forte o bastante para ajudá-lo a se vingar das maldades de Fafnir, a quem anos de regozijo do próprio tesouro haviam transformado em um dragão horrível, o terror de Gnitaheld (campina reluzente), onde ele fizera sua morada.

Terminada a história, Regin subitamente se virou para o atento Sigurd, dizendo que sabia que o rapaz poderia matar o dragão, se quisesse, e perguntou se ele estava disposto a ajudá-lo em sua vingança.

*E ele disse: “Ouviste, Sigurd? Ajudarias um velho
A vingar o pai? Venceria aquele tesouro de Ouro
E seria mais rico que os Reis da terra? Livrarias a terra de um
malefício
E curarias a ferida e a tristeza deste peito que suportou tanto
suplício?”*

A espada de Sigurd

Sigurd imediatamente concordou, porém com a condição de que a maldição fosse passada a Regin, que, para se equipar ao rapaz no combate por vir, também deveria forjar para ele uma espada que golpe nenhum pudesse quebrar. Duas vezes Regin fabricou uma arma maravilhosa, mas duas vezes Sigurd a partiu em pedaços contra uma bigorna. Então Sigurd lembrou-lhe dos fragmentos da espada partida

de Sigmund, guardados pela mãe, e procurando Hjordis implorou que ela lhe desse os pedaços. Com essas partes, ele ou Regin forjaram uma lâmina tão forte que cortou a bigorna ao meio sem perder o fio, e cuja têmpera era tal que fatiou um tufo de lã flutuando no rio.

Sigurd então foi se despedir de Gripir, que, sabendo o futuro, previu todos os acontecimentos de sua futura trajetória; depois disse adeus à mãe e, na companhia de Regin, navegou para a terra de seus pais, jurando matar o dragão depois de cumprir seu primeiro dever, vingar a morte de Sigmund.

*“Primeiro, príncipe, irás
Vingar teu pai,
E pelo malefício de Eglymi
Retaliarás.
Serás cruel,
Os filhos de Hunding,
Com brios vencerás:
Tua será a vitória.”*

*LAY OF SIGURD FAFNICIDE [LAI DE SIGURD FAFNICIDA]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

No caminho para a terra dos Volsungos, uma visão maravilhosa foi notada, pois veio um homem caminhando sobre as águas. Sigurd logo o aceitou a bordo de seu barco draconiforme, e o desconhecido, que disse se chamar Feng ou Fjolnir, prometeu ventos favoráveis. Ele também ensinou Sigurd a distinguir bons auspícios. Na realidade, o velho era Odin, ou Hnikar, o que acalma as ondas, mas Sigurd não desconfiou de sua identidade.



Sigurd e Fafnir
K. DIEHLITZ

A luta contra o dragão

Sigurd saiu vitorioso de sua investida contra Lyngi, quem ele matou, assim como muitos de seu séquito. Ele então partiu de seu reino reconquistado e voltou com Regin para matar Fafnir. Juntos, cavalgaram pelas montanhas, as quais se erguiam cada vez mais altas adiante, até chegarem ao grande deserto que, segundo Regin, eram terras de Fafnir. Sigurd seguiu cavalgando sozinho até encontrar um homem caolho. Este ordenou que ele cavasse trincheiras no caminho que o dragão percorria diariamente ao arrastar seu corpo viscoso até o rio para matar a sede e ficasse deitado em uma delas esperando o monstro passar, para então cravar sua espada bem no coração do dragão.

Sigurd seguiu esse conselho e foi recompensado com um grande sucesso em seu plano, pois, quando o monstro passou acima de sua cabeça, ele enfiou a espada à esquerda do peito do dragão. Quando Sigurd saiu da trincheira, o dragão jazia sufocado na agonia da morte.

*Então todos viram em silêncio o filho de Sigmund surgir
No deserto roçado e revolvido, alagado no sangue de Fafnir,
E a Serpente jaz diante dele, morta, fria, dura e cinza;
E na Campina Reluzente cintilava o sol sem neblina,
E um vento leve seguia o sol e soprava sobre o local fatídico,
Fresco como sopra na planície marinha, ou balança o prado idílico.*

Regin, que se manteve a uma distância prudente enquanto durou o perigo, vendo que seu inimigo estava morto, apareceu. Ele temia que o herói reivindicasse recompensa, então começou a acusá-lo de ter assassinado seu parente, mas, com generosidade fingida, declarou que em vez de exigir uma vida em troca de uma vida, segundo o costume nórdico, ele consideraria reparação suficiente se Sigurd arrancasse o coração do monstro e o assasse para ele em um espeto.

*Eis que Regin disse a Sigurd: “Desta morte te livraste?
Pois agora faça fogo e asse o coração dele para mim,
Para que eu coma e viva, e seja teu mestre e mais ainda;
Pois nele havia poder e sabedoria, saberes amalhados remoídos:
– Ou então segue o teu caminho, temeroso da Campina Reluzente.”*

Sigurd sabia que um verdadeiro guerreiro jamais recusava algum tipo de recompensa ao parente do morto, por isso concordou com a proposta, aparentemente simples, e no mesmo instante se dispôs a cozinhar, enquanto Regin descansava até que a carne ficasse pronta. Depois de algum tempo, Sigurd tocou a carne para verificar se já estava tenra, mas, queimando os dedos gravemente, por instinto os enfiou na boca para aliviar a ardência. Assim que o sangue de Fafnir tocou seus lábios, Sigurd ficou surpreso ao se perceber capaz de entender o canto dos pássaros, muitos dos quais já estavam ali reunidos em torno da carniça. Prestando atenção, ele ouviu as aves dizerem que Regin havia planejado lhe fazer mal e que ele devia matar o velho e levar o ouro, seu por direito de conquista, então depois provar o coração e o sangue do dragão. Como isso coincidia com seu próprio desejo, Sigurd matou o velho malvado com sua espada e passou a comer e a beber como os pássaros haviam sugerido, guardando um pequeno pedaço do coração de Fafnir para mais tarde. Ele então foi atrás do poderoso tesouro e, depois de vestir o Aegishjálmr, ou Elmo do Terror, a cota de malha de ouro e o anel Andvaranaut, e de carregar Greyfell com o máximo de ouro que podia levar, ele montou na sela e permaneceu atento ao canto dos pássaros para saber quais deviam ser seus próximos passos.

A donzela guerreira adormecida

Logo Sigurd ouviu falar de uma donzela guerreira que dormia profundamente em uma montanha, cercada por bruxuleantes barreiras de fogo, através das quais só os mais corajosos poderiam passar para despertá-la.

*Sei que na montanha
Dorme uma donzela guerreira;
Sobre ela se agitam
As tílias:
Ygg outrora cravou*

*Espinho do sono na roupa
Da donzela que
Os heróis escolheriam.*

LAY OF FAFNIR [LAI DE FAFNIR]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Essa aventura pareceu perfeita para os propósitos de Sigurd, e ele partiu imediatamente. A viagem o levou por regiões jamais desbravadas, e o trajeto foi longo e desolador, mas enfim ele chegou a Hindarfiall, em Frankland, uma alta montanha cujo topo enevoadado parecia rodeado de chamas bruxuleantes.

*Muito tempo Sigurd trotou, quando, raiando o dia,
Dos paredões denteados, em meio à cinzenta neblina,
Surge a enorme montanha, e era como se lá ardesse
Uma tocha em meio às nuvens; e até lá Sigurd se apressa,
Pois talvez do topo a vista fosse de fato a melhor que existia;
E Greyfell relinchou embaixo dele, e seu peito se encheu de alegria.*

Sigurd cavalgou montanha acima, e a luz foi ficando cada vez mais forte conforme ele subia, até que chegou, perto do cume, a uma barreira de labaredas bruxuleantes. O fogo ardia com um rugido que teria amedrontado o coração de qualquer outro, mas Sigurd se lembrou das palavras dos pássaros e, sem um momento sequer de hesitação, se atirou bravamente no meio das chamas.

*Ora Sigurd se vira na sela, e o cabo do Flagelo ele gira,
E aperta mais um ponto a encilha; e mais as rédeas estira,
E grita alto a Greyfell, e dispara a galope fogo adentro;
Mas a parede oscila e as chamas se afastam à sua frente,*

*E acima de sua cabeça ardem, e por toda parte rugem
Como se levassem auspícios até os deuses nas nuvens:
Mas ele passou a galope como um guerreiro no centeio,
Quando ao vento do verão as espigas se deitam;
O fogo branco lambe a roupa e varre a crina de Greyfell,
E inunda as mãos de Sigurd e o cabo do flagelo de Fafnir,
E esvoaça em torno ao elmo e se mescla a seus cabelos,
Mas não empana seu brilho, nem ofusca sua centelha;
Então arrefece e se apaga e vira tudo escura treva,
E aurora e clarão são engolidos na penumbra cega.*

Com as labaredas ameaçadoras então apagadas, Sigurd prosseguiu sua viagem passando por um vasto trecho de freixos brancos, direcionando seu caminho até um grande castelo, cujas muralhas tinham escudos pendurados. Os grandes portões estavam escancarados, e Sigurd entrou a cavalo por eles sem ser abordado por guardas ou homens armados. Agindo com cautela, pois temia alguma armadilha, ele enfim chegou ao pátio central, onde viu uma forma deitada vestindo armadura. Sigurd apeou de seu corcel e rapidamente tirou o elmo, quando teve um sobressalto ao contemplar, em vez de um guerreiro, o rosto da mais bela donzela.

Todos os seus esforços para despertar a donzela adormecida foram em vão, no entanto, até que ele removeu sua armadura e a deixou em sua túnica de puro linho branco, com seu longo cabelo loiro caindo em ondas douradas ao redor. Então, quando soltou a última peça de sua armadura, ela abriu seus belos olhos, que depararam com o nascer do sol. Saudando pela primeira vez com arrebatamento o glorioso espetáculo, ela se virou para seu salvador, e o jovem herói e a donzela sentiram amor à primeira vista.

*Ela então virou-se para Sigurd, e seus olhos encontraram os do
Volsungo.
E poderosa e imensurável então a onda de amor se ergueu,
Pois seus anseios se fundiram, e ele soube do amor que ela sentia,*

E ela falou com nada além dele, e seus lábios loquazes balbuciaram.

A donzela então passou a contar a Sigurd sua história. Seu nome era Brunhilda e, segundo alguns especialistas, ela era filha de um rei, e Odin a elevara à condição de Valquíria. Ela serviu fielmente ao deus por muito tempo, mas um dia arriscou colocar seus próprios desejos acima dos dele, concedendo a um oponente mais jovem e, portanto, mais atraente, uma vitória que Odin ordenara que fosse de outro.

Em castigo pelo ato de desobediência, ela havia sido privada de seu posto e banida para a terra, onde o Pai de Todos decretou que se casasse, como qualquer outra mulher. Essa sentença encheu o coração de Brunhilda de pesar, pois ela temia que pudesse ser seu destino se casar com um covarde, a quem desprezaria. Para acalmar essas apreensões, Odin levou-a a Hindarfiall, ou Hindfell, e tocou-a com o Espinho do Sono, para que ela pudesse esperar com juventude e beleza intactas a vinda do esposo a ela destinado. Odin também a cercou com uma barreira de chamas que apenas um herói arriscaria atravessar.

Do alto de Hindarfiall, Brunhilda então mostrou para Sigurd onde era seu antigo lar, em Lyndale, ou Hunaland, dizendo-lhe que ele a encontraria por lá quando quisesse ir e se casar com ela; e então, parados no topo da montanha solitária, Sigurd pôs o anel Andvaranaut no dedo dela em sinal de noivado, jurando amar ninguém além dela enquanto vivesse.

*De sua mão tirou Sigurd o antigo Ouro de Andvari;
Havia apenas o céu sobre eles quando o anel seguraram juntos,
O símbolo antigo, que não se alterava, nem tinha fim,
Sem mudança e sem início, sem falhas para Deus corrigir:
Então Sigurd exclamou: “Ó Brunilda, escuta a minha jura,
Que o sol morrerá no céu e o dia ficará todo escuro,
Se eu não buscar amor em Lyndale e a casa que te criou,
E a terra onde nasceste entre a floresta e o oceano!”
E ela exclamou: “Ó Sigurd, Sigurd, agora ouve a minha jura,*

*Que o dia morrerá para sempre e o sol vestirá sempre luto,
Antes que eu te esqueça, Sigurd, e me deite entre bosque e mar
Na pequena terra de Lymdale e na casa que me criou!”*

A criação de Aslaug

Segundo alguns especialistas, os amantes se separaram depois de assim jurar seu amor; mas outros dizem que Sigurd logo cortejou e se casou com Brunhilda, com quem viveu por algum tempo em perfeita felicidade, até ser obrigado a deixar a ela e a sua filha pequena, Aslaug.

Essa menina, abandonada aos três anos de idade, foi criada pelo pai de Brunhilda, que, expulso do lar, escondeu-a dentro de uma harpa construída com esse intento, até chegar a uma terra distante, onde foi assassinado por um casal de camponeses interessado no ouro que supunham haver dentro da harpa. A surpresa e a frustração do casal foram de fato muito grandes quando, ao quebrar o instrumento, encontraram uma linda garotinha, que julgaram ser muda, pois não dizia uma palavra. O tempo passou, e a menina, que eles educaram para o trabalho pesado, cresceu e se tornou uma bela donzela, que conquistou o afeto de um viking que passava pela região, Ragnar Lodbrok, rei dos dinamarqueses, a quem ela contou sua história. O viking navegou para outras terras para satisfazer os propósitos de sua viagem, mas passado um ano, tempo em que ele conquistou muitas glórias, voltou e levou Aslaug consigo como sua noiva.

*Ela ouviu uma voz que julgou conhecida,
Longamente aguardada em horas decorridas,
E à sua volta braços fortes se lançaram:
Mas quando seus lábios rubros passaram
Para além do céu daquele doce beijo,
E olhos nos olhos, ela viu nos dele
Novo orgulho, nova esperança e amor,
Viu também doces dias ainda a seu dispor,*

*E eles dois seguindo de mãos dadas,
Como agora, caminhando pela praia.*

THE FOSTERING OF ASLAUG [A CRIAÇÃO DE ASLAUG], WILLIAM MORRIS

Na continuação da história de Sigurd e Brunhilda, contudo, ficamos sabendo que o rapaz partiu em busca de aventuras pelo mundo, onde jurou, como verdadeiro herói, reparar ofensas e defender órfãos e oprimidos.

Os Nibelungos

Ao longo de suas errâncias, Sigurd chegou à morada dos Nibelungos, a terra do nevoeiro contínuo, onde Giuki e Grimhilde eram rei e rainha. Grimhilde era especialmente temida, pois era grande conhecedora dos saberes mágicos e capaz de elaborar feitiços e preparar poções maravilhosas que tinham o poder de causar em quem as bebia esquecimento temporário ou de induzir a seguir suas vontades.

O rei e a rainha tinham três filhos, Gunnar, Hogni e Guttorm, que eram valentes varões, e uma filha, Gudrun, a mais delicada e mais bela das donzelas. Todos receberam Sigurd muito calorosamente, e Giuki convidou-o para ficar hospedado algum tempo. O convite pareceu muito tentador depois de suas longas viagens, e Sigurd aceitou de bom grado ficar e compartilhar dos prazeres e das ocupações dos Nibelungos. Ele os acompanhou na guerra e se distinguiu tanto por seu valor que conquistou a admiração de Grimhilde, e ela resolveu que ele seria um bom partido para se casar com sua filha. Um dia, então, ela preparou uma de suas poções mágicas e, quando Sigurd a bebeu das mãos de Gudrun, ele se esqueceu completamente de Brunhilda e de suas juras de amor, e todo o seu sentimento se desviou para a filha da rainha.

*Mas o coração de Sigurd mudara; como se nunca houvesse existido
Seu amor por Brunhilda se acabou quando ele viu a rainha Nibelunga:
O amado corpo de Brunhilda era como apagada fogueira,*

Nada mais de alegria ou tristeza, na riqueza ou na pobreza.

Embora tivesse um vago temor de haver esquecido alguma coisa no passado que deveria orientar sua conduta, Sigurd pediu e obteve a mão de Gudrun, e seu casamento foi celebrado com festa pelo povo, que amava o jovem herói. Sigurd deu à noiva um pedaço do coração de Fafnir para comer, e no momento em que ela o provou sua natureza se transformou; Gudrun começou a ficar fria e calada com todos, menos com o marido. Para consolidar ainda mais sua aliança com os dois Giukingos (como os filhos de Giuki eram chamados), Sigurd entrou para o “círculo de sangue” deles, e os três rapazes cortaram um trecho de grama que foi posto sobre um escudo, embaixo do qual se postaram, arregaçaram as mangas e cortaram superficialmente cada um seu braço direito, permitindo que seu sangue se misturasse na terra nua. Então, depois que juraram amizade eterna, o trecho de grama foi devolvido ao lugar.

Mas embora Sigurd amasse sua esposa e sentisse uma genuína afeição fraternal pelos irmãos dela, não conseguia deixar de sentir uma opressão a assombrá-lo, e era raro que fosse visto a sorrir radiantemente como antes. Giuki então havia morrido, e o filho mais velho, Gunnar, reinava em seu lugar. Como o jovem rei era solteiro, Grimhilde, a mãe, queria que ele arranjasse uma esposa e sugeriu que ninguém parecia mais digna de se tornar rainha dos Nibelungos do que Brunhilda, que, segundo se dizia, vivia em um salão dourado cercado de labaredas, de onde ela havia declarado que só sairia para se casar com o guerreiro que ousasse atravessar o fogo por ela.

O estratagema de Gunnar

Gunnar imediatamente se preparou para encontrar essa donzela e, fortalecido pelas poções mágicas da mãe e encorajado por Sigurd, que o acompanharia, ele partiu confiante no sucesso. Mas, quando ao chegaram ao topo da montanha onde precisaria galopar através do fogo, seu corcel refugou assustado e ele não conseguiu induzi-lo a dar nem mais um passo. Vendo que o corcel de seu companheiro não

dava sinais de medo, ele pediu-o emprestado a Sigurd; mas embora Greyfell permitisse que Gunnar o montasse, também não se moveu porque seu dono não estava montado em seu dorso.

Ora, como Sigurd usava o Elmo do Terror e Grimhilde dera a Gunnar uma poção mágica, para caso fosse necessária, os companheiros perceberam que podiam trocar de forma e aspecto, e vendo que Gunnar não conseguiria atravessar a parede de chamas, Sigurd propôs assumir a aparência do amigo e conquistar a noiva para ele. O rei ficou muito frustrado, mas, como não havia alternativa, apeou, e a troca necessária foi efetuada. Então Sigurd montou Greyfell com a aparência de seu companheiro, e dessa vez o corcel não demonstrou a mínima hesitação, mas saltou nas chamas ao primeiro toque das rédeas e logo levou o cavaleiro ao castelo, onde, no grande salão, estava sentada Brunhilda. Nenhum dos dois reconheceu o outro: Sigurd por conta do feitiço mágico lançado sobre ele por Grimhilde; Brunhilda devido à aparência alterada de seu amado.

A donzela recuou desapontada diante do invasor de cabelos escuros, pois considerava impossível que outro além de Sigurd conseguisse galopar através do círculo de labaredas. Mas avançou com relutância para encontrar o visitante, e, quando ele declarou que fora cortejá-la, ela permitiu que ele tomasse o lugar de marido a seu lado, pois havia jurado solenemente aceitar como esposo aquele que assim a procurasse atravessando as chamas.

Três dias Sigurd permaneceu com Brunhilda, e sua espada brilhante ficou deitada entre ele e a noiva. Esse comportamento singular despertou a curiosidade da donzela, ao que Sigurd lhe contou que os deuses haviam ordenado que ele celebrasse assim seu matrimônio.

*Então foram para a cama; mas o irmão de sangue deixara,
Entre o seu corpo e o de Brunhilda, a espada azul-clara;
Enquanto ela olhava sem entender; mas, feito morta,
Ali se deitou, e deixou passar a noite, de mãos cruzadas:*

*E, também imóvel, a Imagem de Gunnar, morto parecendo,
E de mãos cruzadas ele ficou, esperando amanhecer.
Tal amiúde, em catedrais enluaradas, teus ancestrais podem ver,
Ao lado de antigas matriarcas, esperando o dia de reviver.*

Quando amanheceu o quarto dia, Sigurd tirou o anel Andvaranaut do dedo de Brunhilda e, substituindo-o por outro, recebeu sua solene promessa de que dentro de dez dias ela apareceria na corte Nibelunga para assumir seus deveres de rainha e fiel esposa.

*Agradeço, Rei, tua boa vontade e tua promessa de amor aceito,
Vai com a minha jura para o teu povo: que antes de dez dias completos
Estarei com os Filhos dos Nibelungos, e então não partirei nunca mais,
Até o dia da mudança da nossa vida, quando Odin e Freya nos
chamarem.*

Feita a promessa, Sigurd novamente saiu do palácio, atravessando os freixos, e juntou-se a Gunnar, com quem, depois de relatar o sucesso da empreitada, ele logo trocou de forma outra vez. Os guerreiros então dirigiram seus corcéis para casa, e apenas a Gudrun Sigurd revelou o segredo do noivado do irmão, e deu a ela o anel fatal, sem suspeitar das muitas dores que aquele anel estava destinado a ocasionar.

A chegada de Brunhilda

Fiel a sua promessa, Brunhilda apareceu dez dias depois, e solenemente abençoando a casa em que estava prestes a entrar, ela saudou Gunnar gentilmente e permitiu que ele a conduzisse até o grande salão, onde estavam sentados Sigurd ao lado de Gudrun. O Volsungo ergueu os olhos naquele momento e, ao perceber a censura no olhar de Brunhilda, o feitiço de Grimhilde foi quebrado e o passado voltou em um rio amargo de recordações. Era tarde demais, contudo: ambos haviam feito juramentos de honra, ele a Gudrun e ela a Gunnar, a quem Brunhilda passivamente seguiu até o trono

mais alto, para sentar-se ao lado dele, enquanto os escaldos entretinham o casal real com lais antigos de sua terra.

Os dias se passaram e Brunhilda permaneceu aparentemente indiferente, mas seu coração estava ardendo de raiva, e muitas vezes ela saía do palácio do marido para se refugiar na floresta, onde podia extravasar sua tristeza na solidão.

Nesse ínterim, Gunnar percebeu a fria indiferença da esposa às suas manifestações de afeto e começou a ficar desconfiado e com ciúme, imaginando se Sigurd teria lhe contado a verdadeira história sobre o pedido de noivado e com medo de que ele tivesse tirado vantagem da posição para conquistar o amor de Brunhilda. Apenas Sigurd continuou o mesmo, lutando apenas contra tiranos e opressores, e saudando a todos com suas palavras e sorrisos generosos.

A disputa das rainhas

Um dia, as rainhas foram juntas ao Reno se banhar e, quando estavam para entrar na água, Gudrun reivindicou precedência no mergulho devido à coragem do marido. Brunhilda recusou-se a ceder no que lhe parecia ser um direito dela, e uma disputa se seguiu, durante a qual Gudrun acusou a cunhada de não agir de boa-fé, mostrando o anel Andvaranaut como evidência da acusação. A visão do anel fatal na mão de sua rival deixou Brunhilda arrasada; ela correu de volta para casa e permaneceu dia após dia calada e triste, até que todos acharam que ela fosse morrer. Em vão, Gunnar e os membros da família real a procuraram e imploraram que ela falasse. Brunhilda não pronunciou sequer uma palavra até que Sigurd veio e perguntou o motivo de sua tristeza indizível. Então, como um rio represado por muito tempo, seu amor e sua raiva explodiram, e ela cobriu o herói de queixas e censuras, até que o coração dele se encheu de tanta pena pela tristeza dela que a trama firme de sua cota de malha se esgarçou.

Saiu Sigurd

*Do encontro
No salão dos reis,
Trêmulo de angústia;
Então isso esgarçou
Do ardente guerreiro
A cota de malha de ferro
Por todos os lados.*

*SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

Palavras não tiveram o poder de resolver a dolorosa situação, e Brunhilda se recusou a ouvir quando Sigurd sugeriu repudiar Gudrun, dizendo, enquanto o dispensava, que não seria infiel a Gunnar. A ideia de ser esposa de dois homens era insuportável para seu orgulho, e quando o marido tornou a procurá-la ela implorou que ele condenasse Sigurd à morte, aumentando assim o ciúme e a suspeita do rei. Este, entretanto, se recusou a agredir Sigurd devido ao juramento de companheirismo que tinham, e então ela recorreu ao auxílio de Hogni. Ele também não quis violar o juramento feito entre eles, mas induziu Guttorm, por meio de muita persuasão e de uma poção de Grimhilde, a assumir a ignóbil missão.

A morte de Sigurd

Nesse intuito, na calada da noite, Guttorm entrou, furtivo, nos aposentos de Sigurd, de lança na mão. Quando se inclinou sobre a cama, porém, viu os olhos claros de Sigurd bem abertos, voltados para ele, e fugiu às pressas. Ele voltou mais tarde e a cena se repetiu; mas, quase de manhã, tentando furtivamente uma terceira vez, encontrou o herói dormindo e cravou-lhe a lança nas costas.

Embora ferido de morte, Sigurd sentou-se na cama e, alcançando a famosa espada pendurada ao lado, atirou-a com o que lhe restava de força contra o assassino em fuga, cortando-o ao meio quando chegava à porta. Então, com o último suspiro de adeus à aterrorizada Gudrun, Sigurd tornou a se recostar e deu seu último suspiro.

*Não chora, ó Gudrun, este golpe é o derradeiro;
O medo parte da Casa dos Nibelungos de madrugada;
Que possas viver, ó amada, jamais esquecida ou abandonada!*

*“Brunhilda fez isso”, ele murmurou, “e a mulher que me ama;
Agora não há arrependimento, e a história está terminando.
Fiz muita proeza no meu tempo; e tudo isso, e o meu amor, cabem
Na mão fechada de Odin, até o dia em que o mundo acabe.
O feito não pode ser desfeito, o dado não pode ser retomado:
Acaso, Pai de Todos, tereis em vão minha glória atesourado?”*

O filho bebê de Sigurd foi assassinado na mesma hora, e a pobre Gudrun pranteou seus mortos em um luto silencioso e sem lágrimas. Já Brunhilda gargalhava bem alto, provocando com isso a ira de Gunnar, que se arrependeu tarde demais por não ter tomado providências para impedir o crime hediondo.

A tristeza dos Nibelungos encontrou expressão na celebração de um funeral público que foi logo realizado. Uma enorme pira foi erguida, para a qual foram trazidos ornamentos preciosos, flores frescas e armas reluzentes, como era o costume no funeral de um príncipe; e, enquanto esses tristes preparativos tomavam forma, Gudrun foi objeto da terna solicitude das mulheres, que, temendo que seu coração fosse se partir, tentaram abrir as comportas de suas lágrimas recontando os mais amargos sofrimentos de que tinham notícia, uma delas dizendo que também havia perdido todos os seus entes queridos. Mas essas tentativas de fazê-la chorar foram em vão, até que por fim deitaram a cabeça do marido em seu colo e lhe disseram para beijá-lo como se ainda estivesse vivo; então suas lágrimas começaram a jorrar em torrentes.

A reação também logo tomou conta de Brunhilda; seu ressentimento foi esquecido quando ela viu o corpo de Sigurd deitado na pira, vestido para o combate de armadura polida, com o Elmo do Terror na cabeça e acompanhado de seu cavalo, que seria queimado com ele, assim como diversos de seus criados fiéis que não

sobreviveriam à sua perda. Ela se retirou para seus aposentos e, depois de distribuir todos os seus bens entre as criadas, vestiu sua melhor roupa e esfaqueou-se deitada na própria cama.

A notícia logo chegou aos ouvidos de Gunnar, que foi às pressas até a esposa, a tempo de ouvir seu último desejo de morrer ao lado do herói que ela amava, com a espada reluzente desembainhada entre eles, como na ocasião em que ele a cortejara se passando por Gunnar. Quando ela soltou o último suspiro, esses desejos foram fielmente realizados, e seu corpo foi queimado com o de Sigurd em meio às lamentações de todos os Nibelungos.

Na história de Richard Wagner, “O anel”, o fim de Brunhilda é mais pitoresco. Montada em seu corcel, como quando seguia à frente das donzelas guerreiras, sob o comando de Odin, ela cavalcou para dentro das chamas altíssimas da grande pira funerária e nunca mais foi vista.

*Mortos – os adoráveis, os fortes, a esperança da antiga Terra:
Ora é trabalhar e suportar o fardo como antes do dia em que
nasceram:*

*E gemer no escuro pelo dia que Sigurd ensinou,
E a hora que Brunhilda apressou, da madrugada que os mortos
acordou:*

*É ansiar, e muitas vezes esperar, não esquecer seus feitos nunca mais,
Até o novo sol raiar sobre Baldur e praia feliz longe do mar.*

A cena da morte de Sigurd (Siegfried) é muito mais poderosa na Nibelungenlied. Na versão teutônica, seu atacante traiçoeiro o atrai para longe de um grupo de caça na floresta para matar sua sede em um riacho, onde ele o mata pelas costas com a lança. Seu corpo é então levado para casa pelos caçadores e deixado aos pés da esposa.

A fuga de Gudrun

Gudrun, ainda inconsolável e odiando os parentes que traiçoeiramente haviam roubado toda a alegria de sua vida, fugiu da

casa do pai e se refugiou na casa de Elf, pai adotivo de Sigurd, que, depois da morte de Hjordis, havia se casado com Thora, filha do rei Hakon. As duas se tornaram grandes amigas, e ali Gudrun viveu muitos anos, ocupando-se em bordados de tapeçarias sobre os grandes feitos de Sigurd e cuidando de sua filhinha Svanhild, cujos olhos brilhantes lembravam vividamente os do marido que ela havia perdido.

Atli, rei dos hunos

Nesse ínterim, Atli, irmão de Brunhilda, que era agora o rei dos hunos, havia mandado pedir satisfação a Gunnar pela morte da irmã. Para cumprir com essa reivindicação, Gunnar havia prometido que, quando passasse o luto de viúva, Atli se casaria com Gudrun. O tempo passou, e Atli exigiu o cumprimento da promessa, pelo que os irmãos Nibelungos, com sua mãe, Grimhilde, foram procurar a princesa ausente por tanto tempo. Com auxílio da poção mágica ministrada por Grimhilde, conseguiram convencer Gudrun a deixar a pequena Svanhild na Dinamarca e se casar com Atli, na terra dos hunos.

Não obstante, Gudrun detestava em segredo o marido, cuja tendência à avareza era extremamente repugnante para ela; e mesmo o nascimento de dois filhos, Erp e Eitel, não a consolou pela morte dos entes queridos e pela ausência de Svanhild. Seus pensamentos eram sempre voltados ao passado, e ela frequentemente falava dos tempos antigos, sem suspeitar que suas descrições da riqueza dos Nibelungos haviam despertado a ganância de Atli, e que ele secretamente planejava encontrar algum pretexto para se apoderar de tudo.

Atli enfim resolveu enviar Knefrud, ou Wingi, um de seus criados, para convidar os príncipes Nibelungos para visitá-lo em sua corte, no intuito de matá-los quando estivessem em seu poder. Gudrun, intuindo esse desígnio, enviou uma mensagem rúnica a seus irmãos, junto com o anel Andvaranaut, enrolado em pele de lobo. No caminho, contudo, o mensageiro apagou parte das runas, alterando

assim seu significado; e, quando ele apareceu diante dos Nibelungos, Gunnar aceitou o convite, apesar dos alertas de Hogni e de Grimhilde, e de um sonho sinistro de Glaumvor, sua segunda esposa.

O enterro do tesouro dos Nibelungos

Antes de partir, no entanto, Gunnar foi convencido a enterrar secretamente o grande tesouro dos Nibelungos no fundo do Reno, e mergulhou-o em um buraco profundo no leito do rio, cuja localização apenas os irmãos do rei sabiam, e eles fizeram um juramento solene de jamais revelá-la.

*Então ao fundo, entre bolhas, desceu o Ouro avermelhado,
Como labareda na manhã cinzenta, luzia a riqueza do reinado;
Então as águas passaram, do rio pálido e espumante,
Bateram no paredão de pedra, e o Ouro chegou ao fundo,
Secreto, oculto para sempre, lenda e sonho do mundo,
Até que o último cantor terreno dentre os filhos do homem se cale.*

A traição de Atli

Em formação marcial, a comitiva real deixou a cidade dos Nibelungos em seus cavalos, para nunca mais tornar a vê-la. Decorridas muitas aventuras, eles chegaram à terra dos hunos e ao salão de Atli, onde, vendo que haviam sido sordidamente encurralados, mataram o traidor Knefrud, assim como se prepararam para vender caro as próprias vidas.

Gudrun correu ao encontro deles e os abraçou com carinho. Então, vendo que precisariam lutar, também empunhou uma espada e com lealdade ajudou-os no terrível massacre que se seguiu. Após o primeiro combate, Gunnar manteve o ânimo de seu séquito tocando sua harpa, que ele só deixou de lado quando os ataques recomeçaram. Três vezes, os valentes Nibelungos resistiram aos avanços dos hunos, até que todos, com exceção de Gunnar e de Hogni, haviam perecido, e o rei e seu irmão, feridos, atordoados e

exaustos, caíram nas mãos dos inimigos, que os prenderam agrilhoados em uma masmorra para esperar a morte.

Atli havia prudentemente se absterido de tomar parte ativa no combate, e então mandou trazerem seus cunhados à sua presença e prometeu a eles a liberdade se revelassem o esconderijo do tesouro. Os irmãos, contudo, mantiveram um silêncio orgulhoso, e só depois de muita tortura Gunnar se pronunciou, dizendo que havia feito um juramento solene de jamais revelar o segredo enquanto Hogni vivesse. Ao mesmo tempo, ele afirmou que só acreditaria que o irmão estava morto quando lhe trouxessem seu coração em uma bandeja.

*Com voz de pavor gritou Gunnar: “Ouviste contar, ó tolo,
Quem conquistou esse Tesouro antes e os anéis de Ouro?
Foi Sigurd, chefe dos Volsungos, o melhor nascido dos melhores:
Ele veio do Norte e da montanha, e um verão foi meu hóspede,
Meu amigo e meu irmão de sangue: cruzou o Fogo Bruxuleante,
E para mim conquistou a Rainha da Glória, meu desejo realizando;
Ele foi o louvor do mundo e a esperança dos oprimidos,
O auxílio dos pobres, o flagelo dos fortes:
Ah, muitas vezes, doravante, a história contará suas proezas,
E eu, mesmo eu, contarei sobre os Nibelungos na dureza:
Pois passei a noite de armadura, e quando a luz se fez sobre a terra
Assassinei Sigurd, meu irmão, e olhei para o que minhas mãos
fizeram.
E pois, poderoso Atli, os Nibelungos vi se arruinarem,
E os pés dos fracos de alma pisarem o pescoço de Gunnar;
E se tudo foi pouco, e os Deuses contrariados me derem guarida,
Que eu veja o coração de Hogni arrancado do peito em vida,
Posto em uma bandeja diante de mim: e assim do Ouro contarei,
E serei teu criado, Atli, e minha vida ao teu prazer consagrarei.”*

Estimulado pela ganância, Atli imediatamente mandou trazerem o coração de Hogni; mas seus criados, temendo pôr as mãos em um guerreiro tão assustador, mataram covardemente a cozinheira Hjalli.

O coração trêmulo da pobre mulher arrancou palavras de desprezo de Gunnar, que declarou que aquele órgão temeroso jamais poderia pertencer a seu irmão destemido. Atli novamente deu ordens furiosas, e dessa vez o coração impávido de Hogni foi trazido, ao que Gunnar, virando-se para o monarca, solenemente jurou que, agora que o segredo pertencia apenas a ele, jamais o revelaria.

O último dos Nibelungos

Lívido de raiva, o rei mandou seus criados atirarem Gunnar, de mãos atadas, em um antro de serpentes venenosas; mas isso não amedrontou o destemido Nibelungo. Como sua harpa foi atirada com desdém junto dele, Gunnar calmamente sentou-se no fosso, tocando as cordas com os dedos dos pés, e tocou-as até adormecer todas as serpentes, menos uma. Dizem que era a mãe de Atli, que assumira a forma de serpente, e que ela então o picou e silenciou sua canção de triunfo para sempre.

Para celebrar sua vitória, Atli então ordenou que preparassem um grande banquete e mandou Gudrun participar servindo-o pessoalmente. Nesse banquete, ele comeu e bebeu com fartura, sem desconfiar que a esposa matara seus dois filhos e servira seus corações assados e seu sangue misturado com vinho em taças feitas com seus crânios. Após algum tempo, o rei e seus convidados ficaram intoxicados, e Gudrun, segundo uma versão da história, incendiou o palácio; quando os homens embriagados despertaram, tarde demais para escapar, ela revelou o que havia feito. Então, esfaqueando primeiro o marido, pereceu tranquila nas chamas com os hunos. Outra versão relata, no entanto, que ela assassinou Atli com a espada de Sigurd e, colocando seu corpo em um barco, que ela lançou à deriva, atirou-se no mar e morreu afogada.

*Ela abriu os braços enquanto falava, e longe da terra saltou
E passou à maré que a devolveria: pois a onda do mar a levou,
E o desejo da onda agora era o dela, e quem sabe quão fundo é o mar,
E a riqueza do leito de Gudrun, e o dia que ainda há de chegar?*

Segundo uma terceira versão muito diferente, Gudrun não morreu afogada, mas foi levada pelas ondas até a terra onde Jonakr era rei. Lá, ela se tornou sua esposa, e mãe de três filhos, Sorli, Hamdir e Erp. Ela recuperou, além disso, a guarda de sua amada filha Svanhild, que, nesse ínterim, havia crescido e se tornado uma bela donzela na idade de casar.

Svanhild

Svanhild ficou noiva de Ermenrich, rei de Gotalândia, que enviou seu filho, Randwer, e um de seus criados, Sibich, para acompanhar a noiva até o reino. Sibich era um traidor e, como parte de um plano para matar a família real, para que ele pudesse reivindicar o trono, ele acusou Randwer de ter tentado conquistar a afeição de sua jovem madrasta. Essa acusação despertou tamanha fúria em Ermenrich que ele enviou o filho para a forca e ordenou que Svanhild fosse pisoteada até a morte por cavalos selvagens. A beleza da filha de Sigurd e Gudrun era tanta, contudo, que mesmo os corcéis selvagens não puderam ser induzidos a lhe fazer mal, até que a esconderam de sua vista sob uma manta larga, e eles a pisotearam até a morte sob seus cascos cruéis.

Ao saber do destino da amada filha, Gudrun convocou os três filhos e, dando-lhes armaduras e armas que nada além de pedras poderiam derrotar, despediu-se deles e mandou que vingassem a irmã assassinada. Depois, Gudrun morreu de tristeza e foi queimada em uma grande pira funerária.

Os três rapazes, Sorli, Hamdir e Erp, partiram rumo ao reino de Ermenrich, mas antes de encontrarem seus inimigos, os dois mais velhos, julgando Erp jovem demais para ajudá-los, provocaram-no por sua baixa estatura e acabaram matando o irmão caçula. Sorli e Hamdir então atacaram Ermenrich, cortaram suas mãos e seus pés, e o teriam matado, não fosse um desconhecido caolho que de repente apareceu e mandou os homens do rei atirarem pedras contra os rapazes. Suas ordens foram imediatamente executadas, e Sorli e

Hamdir logo caíram mortos sob uma chuva de pedras, que, como vimos, eram as únicas armas capazes de feri-los.

*Ouvistes outrora de Sigurd, como os inimigos de Deus matou;
Como do deserto escuro o Ouro das Águas retirou;
Como despertou Amor na Montanha e acordou Brunhilda, a Brilhante,
E viveu na Terra, e brilhou à vista de todos, uma estação.
Ouvistes falar dos Nebulosos, e da neblina no fim do dia,
E do mundo confuso em que viveram, do qual Sigurd partira;
Agora sabeis das Agruras dos Nibelungos e da jura partida, o fim,
Todas as mortes dos reis, dos parentes, dos Godos, Tristeza de Odin.*

Interpretação da saga

Esta história dos Volsungos, segundo alguns especialistas, seria uma série de mitos do sol, nos quais Sigi, Rerir, Volsungo, Sigmund e Sigurd, a cada vez, personificam o reluzente astro do dia. Todos eles são armados de espadas invencíveis, os raios de sol, e todos viajam pelo mundo combatendo seus inimigos, os demônios do frio e da escuridão. Sigurd, como Balder, é amado por todos; ele se casa com Brunhilda, a donzela da madrugada, que encontra no meio das chamas, o clarão da manhã, e dela se despede, mas apenas para reencontrá-la novamente ao final de sua carreira. Seu corpo é queimado na pira funerária, que, como a de Balder, representa ora o sol poente, ora os últimos raios do verão, de que ele também é um emblema. O assassinato de Fafnir simboliza a destruição do demônio do frio ou da escuridão, que roubou o tesouro dourado do verão ou os raios amarelados do sol.

Segundo outros especialistas, esta saga se baseia na história. Atli é o cruel Átila, Flagelo de Deus, enquanto Gunnar é Gundicarius, um monarca burgúndio, cujo reino foi destruído pelos hunos, e que foi morto com seus irmãos no ano de 451. Gudrun é a princesa burgúndia Ildico, que matou o marido na noite de núpcias, como já foi contado, usando a lâmina cintilante que outrora pertencera ao deus-sol, para vingar seus parentes assassinados.

Capítulo





A saga de Frithiof

XXVII



Frithiof parte o escudo de Helgé
KNUT EKWALL



Bispo Tegnér

Provavelmente nenhum escritor do século XIX fez tanto para despertar o interesse pelos tesouros literários da Escandinávia quanto o bispo Esaías Tegnér, quem um autor sueco caracterizou como “aquele poderoso gênio que organiza a desordem.”

Frithiof's Saga [A Saga de Frithiof], de Tegnér, foi traduzida pelo menos uma vez em todas as línguas europeias e cerca de vinte vezes para o inglês e para o alemão. Goethe falou da obra com grande entusiasmo, e a história, que fornece uma imagem incomparável da vida dos povos nórdicos pagãos, extraiu elogio similar de Henry Wadsworth Longfellow, que a considerava uma das mais notáveis produções de seu século.

Embora Tegnér tenha escolhido como tema apenas a saga de Frithiof, consideramos que essa história é continuação da mais antiga, porém menos interessante, saga de Thorsten, da qual damos aqui apenas um breve panorama, apenas para permitir ao leitor entender claramente cada alusão no poema mais recente.

Como é muitas vezes o caso nessas histórias antigas, a história começa com Haloge (Loki), que chegou ao Norte com Odin e começou a reinar no norte da Noruega, que em sua homenagem se chamava Halogalândia. Segundo a mitologia nórdica, esse deus tinha duas filhas adoráveis, que foram raptadas por ousados pretendentes. Esses homens, banidos do reino com maldições e feitiços mágicos lançados por Haloge, refugiaram-se com suas esposas recém-conquistadas nas ilhas vizinhas.

O nascimento de Viking

Assim, nasceu o neto de Haloge, Viking, na ilha de Bornholm, no mar Báltico, onde ele viveu até os 15 anos de idade e se tornou o maior e mais forte homem de seu tempo. Os rumores de sua bravura enfim chegaram aos ouvidos de Hunvor, uma princesa sueca oprimida pelas atenções de um pretendente gigantesco, a quem ninguém conseguia afastar, e ela mandou chamar Viking para libertá-la.

Ao ser convocado, o rapaz partiu, depois de receber do pai uma espada mágica chamada Angurvadal, cujos golpes seriam fatais até mesmo para um gigante como o pretendente de Hunvor. Um *holmgang*, como o duelo era chamado no Norte, aconteceu assim que o herói chegou em cena, e Viking, matando seu adversário, poderia ter se casado com a princesa, não fosse considerado infame para um nórdico se casar antes dos vinte anos.

Para passar o tempo de espera por sua noiva prometida, Viking partiu em um bem tripulado barco draconiforme e, navegando pelos mares do Norte e do Sul, encontrou incontáveis aventuras. Durante esse tempo, foi perseguido pelos parentes do gigante que havia matado, que eram adeptos da magia e lançaram sobre ele inumeráveis perigos na terra e no mar.

Ajudado e estimulado por seu melhor amigo, Halfdan, Viking escapou de todos os perigos, matou muitos de seus inimigos e, depois de resgatar Hunvor, a quem nesse ínterim o inimigo havia levado para a Índia, ele passou a viver na Suécia. O amigo, fiel na paz e na guerra, fez sua casa perto dele e também se casou, escolhendo por esposa Ingeborg, criada de Hunvor.

A saga, então, descreve invernos longos e pacíficos, em que os guerreiros festejaram e ouviram histórias contadas pelos escaldos. Só retomaram os esforços enérgicos quando a volta da primavera lhes permitia zarpar com seus barcos draconiformes e mais uma vez fazer suas expedições de pirataria.

*Eis que o escaldo tomou sua harpa e cantou,
E alto através da música ecoou*

*O som daquela palavra brilhante;
E faziam um clangor as cordas da harpa,
Como se tocadas pela lâmina
De uma espada.*

*E os Berserkers em volta
Começaram uma gritaria
Que fez tremer as vigas:
Bateram os punhos na mesa,
E gritaram: “Longa vida à Espada,
E ao Rei!”*

THE SAGA OF KING OLAF [A SAGA DO REI OLAVO], H.W. LONGFELLOW

Na antiga história, os escaldos relatam com muito orgulho cada etapa do ataque e da defesa durante a expedição e a invasão, e descrevem cada golpe dado e recebido, detendo-se com muita satisfação na carnificina e nas chamas que envolveram ambos inimigos e barcos em uma ruína generalizada. Uma luta feroz é muitas vezes promessa de futura amizade, contudo. Conta-se que Halfdan e Viking, fracassando em derrotar Njorfe, rival fervoroso, embainharam suas espadas após um combate obstinado e aceitaram seu inimigo como um terceiro elo em seu íntimo vínculo de amizade.

Na volta para casa, vindo de uma dessas expedições de saque, Viking perdeu sua amada esposa. Confiando o filho, Ring, aos cuidados de um pai adotivo, após um breve período de luto, o valente guerreiro casou-se novamente. Dessa vez, a felicidade conjugal foi mais duradoura, pois a saga conta que a segunda esposa lhe deu nove filhos vigorosos.

Njorfe, rei de Terras Altas, na Noruega, também foi brindado com uma família de nove filhos corajosos. Mas, embora os pais fossem unidos por laços da mais íntima amizade, com juramento de sangue de fraternidade, segundo os genuínos ritos nórdicos, os rapazes tinham inveja uns dos outros e grande inclinação para a desavença.

O jogo da bola

Não obstante essa animosidade latente, os rapazes se encontravam com frequência. A saga relata que costumavam jogar bola juntos e fornece uma descrição do primeiro jogo de bola registrado nos anais nórdicos. Os filhos de Viking, altos e fortes, tendiam a ser um tanto indiferentes ao bem-estar de seus oponentes, e, a julgar pelo seguinte relato, traduzido da saga antiga, os jogadores terminavam as partidas em uma condição tão lamentável quanto após os jogos modernos.

“Na manhã seguinte, os irmãos foram aos jogos, e todos jogaram bola durante o dia; empurravam e deixavam cair bruscamente alguns e batiam em outros. À noite, havia três homens com braços quebrados, e muitos feridos e mutilados.”

O jogo entre os filhos de Njorfe e os de Viking culminou em uma desavença, e um dos de Njorfe desferiu em um de seus oponentes um golpe perigoso e traiçoeiro. Impedido de se vingar no mesmo instante pela interferência dos espectadores, o jogador ferido ofereceu um pretexto trivial para voltar sozinho ao campo; e, ao encontrar ali seu agressor, matou-o.

A rivalidade de sangue

Quando Viking ficou sabendo que um de seus filhos havia matado um filho de seu amigo, ficou muito indignado. Então, lembrando seu juramento de vingar toda perda sofrida por Njorfe, ele baniu o jovem assassino. Ao ouvirem a sentença, os outros irmãos juraram acompanhá-lo no exílio, e assim Viking se despediu com tristeza dos filhos, dando sua espada Angurvadal a Thorsten, o mais velho, alertando-o para permanecer discretamente em uma ilha no lago Wener até que o perigo da retaliação por parte dos filhos sobreviventes de Njorfe passasse.

Os rapazes obedeceram. Porém os filhos de Njorfe estavam decididos a vingar o irmão e, embora não tivessem nenhuma embarcação para levá-los pelo lago, valeram-se de artes mágicas para

ocasionar uma grande geada que congelou a água. Acompanhados de muitos homens armados, eles então atravessaram o gelo furtivamente para atacar Thorsten e seus irmãos, e uma terrível carnificina se seguiu. Apenas dois homens do grupo de ataque conseguiram escapar, mas partiram, segundo imaginavam, deixando todos os inimigos mortos.

Então Viking foi enterrar os filhos e descobriu que dois deles, Thorsten e Thorer, ainda estavam vivos. Assim, ele os escondeu em um porão em sua casa, onde com o tempo eles se recuperaram de seus ferimentos.

Os dois filhos sobreviventes de Njorfe logo descobriram por artes mágicas que seus adversários não estavam todos mortos e fizeram uma segunda tentativa desesperada, mas malsucedida, de assassiná-los. Viking percebeu que a disputa seria renovada incessantemente se seus filhos continuassem em sua casa, então os enviou para a corte de Halfdan, à qual chegaram após uma série de aventuras que em muitos pontos lembra as de Teseu a caminho de Atenas.

Quando chegou a primavera, Thorsten embarcou em uma expedição de pirataria, ao longo da qual encontrou Jokul, o filho mais velho de Njorfe. Naquele ínterim, Jokul havia se apoderado à força do reino de Sogn, depois de matar o rei, banir o príncipe Belé e transformar a bela princesa Ingeborg em uma espécie de bruxa velha. Ao longo da história, ele é representado como um tanto covarde, pois prefere recorrer à magia a combater fisicamente os filhos de Viking. Assim, ele conjurou grandes tempestades, e Thorsten, depois de sofrer dois naufrágios, só foi salvo das ondas pela suposta bruxa, com quem prometeu se casar em gratidão por suas boas ações. Thorsten, aconselhado por Ingeborg, então partiu em busca de Belé, a quem encontrou e repôs no trono a que tinha direito hereditário, jurando amizade eterna a ele. Depois disso, o feitiço maligno foi removido, e Ingeborg, então revelada em sua beleza natural, uniu-se a Thorsten e passou a morar com ele em Framnäs.

Thorsten e Belé

Toda primavera, Thorsten e Belé saíam para navegar juntos em seus barcos. Durante uma dessas expedições, eles se uniram a Angantyr, um adversário cuja impetuosidade haviam devidamente testado, para recuperar um tesouro incalculável que lhe havia sido roubado: o barco draconiforme chamado Ellida, um presente de Aegir a Viking por este ter tratado o deus com hospitalidade outrora.

*Presente digno de um rei, pois as pranchas inchadas da estrutura
Não eram pregadas, como de costume, mas unidas de s.
A forma era de dragão, quando nadava, mas adiante
Sua cabeça se erguia, o pescoço de ouro amarelo-flamejante;
O ventre era pintado de vermelho e amarelo, mas a popa
Espiralava o rabo forte em círculos, de escamas de prata;
Velas negras com debruns em rubro; quando infladas,
Ellida corria com a tempestade e superava a própria águia.
Quando cheio até a amurada de guerreiros, navegava,
Qual fortaleza flutuante ou morada marcial de um monarca.
O barco era famoso em toda parte, e dentre todos, o maior do Norte.*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE SPALDING)

Na temporada seguinte, Thorsten, Belé e Angantyr conquistaram as ilhas Órcades, dadas como um reino a Angantyr, que voluntariamente jurou pagar um tributo anual a Belé. Em seguida, Thorsten e Belé partiram em busca de um anel mágico, ou bracelete, outrora forjado por Völund, o ferreiro, e roubado por Soté, um famoso pirata.

Esse ousado ladrão ficou com tanto medo de que alguém se apossasse do anel mágico, que se enterrou vivo com a joia em um monte em Bretland. Diziam que seu fantasma vigiava constantemente o local, e quando Thorsten entrou em sua tumba, Belé, que ficou esperando do lado de fora, ouviu o som de golpes terríveis dados e recebidos, e viu raios bruxuleantes de um fogo sobrenatural.

Quando Thorsten finalmente saiu cambaleante do monte, pálido e ensanguentado, porém triunfante, ele se recusou a comentar os horrores que enfrentara para conquistar o cobiçado tesouro, mas muitas vezes diria, mostrando o anel: “Só tremi uma vez na vida, e foi quando consegui este anel!”

O nascimento de Frithiof e Ingeborg

Assim, dono de três dos maiores tesouros do Norte, Thorsten voltou para casa em Framnäs, onde Ingeborg lhe deu um filho, um belo menino chamado Frithiof, enquanto Belé teve dois filhos, Halfdan e Helgé. Os meninos brincavam juntos e já estavam crescidos quando Ingeborg, filha caçula de Belé, nasceu. Algum tempo depois, a menina foi entregue aos cuidados de Hilding, que já era pai adotivo de Frithiof, pois as ausências frequentes de Thorsten dificultavam a empreitada da educação do menino.

*Alegres cresceram, em júbilo inocente;
Jovem Frithiof foi a árvore nascente;
Beldade em botão junto de si,
Doce Ingeborg, orgulho do jardim.*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE LONGFELLOW)

Frithiof logo se tornou forte e destemido sob o treinamento de seu pai adotivo, e Ingeborg rapidamente desenvolveu os mais doces aspectos de personalidade e beleza. Ambos ficavam muito felizes quando estavam juntos. Conforme foram crescendo, essa afeição infantil foi se tornando mais profunda e mais intensa, até que Hilding, percebendo o estado das coisas, mandou o rapaz se lembrar de que ele era súdito do rei e, portanto, não estava à altura de sua única filha.

*A Odin, em seu céu estrelado,
Ascende linhagem titulada dela;
Mas és filho de Thorsten; desiste!*

Pois “cada um com seu igual”, dizem.

FRITHIOF’S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

O amor de Frithiof por Ingeborg

Essas advertências prudentes vieram tarde demais, no entanto, e Frithiof declarou com veemência que conquistaria a mão da bela Ingeborg, apesar de todos os obstáculos e de sua origem mais humilde.

Pouco depois disso, Belé e Thorsten encontraram-se pela última vez, perto do magnífico santuário de Balder, onde o rei, sentindo que seu fim estava próximo, reuniu uma assembleia solene chamada Ting, com todos os principais súditos, no intuito de apresentar seus filhos Helgé e Halfdan ao povo como seus sucessores. Os jovens herdeiros foram friamente recebidos nessa ocasião, pois Helgé tinha uma disposição sombria e taciturna, sendo inclinado à vida monástica, e Halfdan era de natureza frágil e feminino, conhecido por seu amor pelos prazeres e não pela guerra e pela caça. Frithiof, que estava presente e permaneceu ao lado deles, foi objeto de muitos olhares admirados por parte dos súditos.

*Mas Frithiof estava logo atrás,
Envolto em cerúleo manto;
Uma cabeça mais alto
Que os dois irmãos.*

*Entre eles se destaca
Como o dia maduro
Ante a rósea madrugada,
E a noite na mata escura.*

FRITHIOF’S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Depois de dar suas últimas instruções, aconselhar seus filhos e falar gentilmente com Frithiof, por quem tinha calorosa consideração, o

velho rei se virou para seu companheiro de toda a vida, Thorsten, para se despedir dele, mas o velho guerreiro declarou que não ficariam separados muito tempo. Belé então falou novamente aos filhos e mandou que construíssem sua sepultura, ou monte funerário, perto da de Thorsten, para que seus espíritos pudessem se comunicar sobre as águas do riacho estreito que correria entre eles, de modo que não ficassem separados nem na morte.

Helgé e Halfdan

Essas instruções foram fielmente executadas quando, pouco depois, os velhos companheiros soltaram seus últimos suspiros. Uma vez erigidos os montes funerários, os irmãos Helgé e Halfdan começaram a reinar em seus domínios, enquanto Frithiof, seu antigo colega de brincadeiras, retirou-se para sua própria morada em Framnäs, uma terra fértil, em um vale aprazível, cercada por imensas montanhas e águas de um riacho perene.

*Por três milhas se estendiam suas terras; de três lados,
Vales, montanhas e colinas, mas no quarto lado, o oceano.
Bosques de bétulas coroavam os cumes, mas pelas encostas
O trigo dourava e, da altura de um homem, ondulava o canteio.*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE LONGFELLOW)

Embora cercado de fiéis seguidores e abençoado com muitas riquezas e a posse dos famosos tesouros de seu heroico senhor, a espada Angurvadal, o anel Völund e o incomparável barco draconiforme Ellida, Frithiof estava infeliz, porque não podia mais ver a bela Ingeborg todos os dias. Todo o seu entusiasmo de antes reviveu, no entanto, quando na primavera, a seu convite, os dois reis foram visitá-lo, assim como a bela irmã, e mais uma vez eles passaram longas horas alegremente juntos. Assim constantemente juntos, Frithiof teve oportunidade de revelar a Ingeborg sua profunda afeição e recebeu em troca uma jura de amor.

*Ele sentou-se ao lado dela e apertou-lhe a mão macia,
E sentiu o que de volta a pressão suave e branda dizia;
Quando seu olhar de amor radiante
Espelhou-se como o sol na lua brilhante.*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE H.W. LONGFELLOW)

O cortejo de Frithiof

Quando a visita se encerrou e os convidados partiram, Frithiof informou a seu amigo e confidente, Björn, sua decisão de segui-los e pedir abertamente a mão de Ingeborg. Seu barco zarpou e navegou veloz como uma águia até a margem próxima do santuário de Balder, onde os irmãos nobres estavam sentados solenes diante da sepultura de Belé para ouvir as solicitações de seus súditos. Frithiof logo se apresentou diante deles e vigorosamente fez seu pedido, acrescentando que o velho rei sempre gostara dele e sem dúvida concordaria com a proposta.

*Nenhum rei foi meu senhor, nenhum duque;
Mas canções renovam sua memória e bravura;
Dirão as pedras rúnicas,
Em altos moledros, de minha raça os feitos únicos.*

*Poderia ter conquistado terras imperiais; —
Mas preferi ficar na praia dos meus ancestrais;
Enquanto armas puder carregar —
A choça do pobre e o palácio do rei guardarei.*

*Na sepultura de Belé, estamos; cada palavra,
No escuro, embaixo de nós, ele escuta e sabe;
Implorou com Frithiof
O velho Chefe em seu moledro: pense bem na resposta!*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Ele prosseguiu prometendo uma vida inteira de lealdade e serviços de seus braços fortes em troca do prêmio que desejava.

Quando Frithiof terminou, o rei Helgé se levantou e, olhando com desdém para o rapaz, disse: “Nossa irmã não é para um filho de camponês; chefes nórdicos orgulhosos podem disputar a mão dela, mas tu não podes. Quanto à tua oferta insolente, sabes que sou capaz de proteger meu reino. No entanto, se quiseres me servir, terás lugar na minha casa.”

Furioso com o insulto em público, Frithiof sacou sua espada invencível. Porém, lembrando-se de estar em terreno consagrado, golpeou apenas o escudo do rei, que caiu em dois no chão. Então, voltando para seu barco em silêncio melancólico, embarcou e zarpou.

*E vê! de um só golpe, rachado ao meio,
De seu pilar de carvalho, cai o escudo dourado do rei:
E sentiram, com o choque, estrondoso sobressalto
Os vivos em cima, os mortos embaixo.*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE LONGFELLOW)

Sigurd Ring, o pretendente

Depois de sua partida, chegaram mensageiros de Sigurd Ring, o velho rei de Ringric, na Noruega, que, tendo perdido a esposa, pedia a Helgé e Halfdan a mão de Ingeborg em casamento. Antes de dar a resposta àquele rei pretendente, Helgé consultou os sacerdotes e a Vala, ou profetisa, os quais declararam que os sinais não eram favoráveis ao casamento. Diante disso, Helgé reuniu o povo para ouvir as palavras que os mensageiros deveriam entregar a seu senhor, mas infelizmente o rei Halfdan deu vazão a seu humor irônico e fez uma referência zombeteira à idade avançada do rei pretendente. Essas palavras irrefletidas foram relatadas ao rei Ring, e ele ficou tão ofendido que imediatamente convocou um exército e se preparou para marchar contra os reis de Sogn para vingar o

insulto com sua espada. Quando o rumor de sua aproximação chegou aos irmãos acovardados, eles ficaram aterrorizados e, temendo enfrentar o adversário sem ajuda, mandaram Hilding implorar pela ajuda de Frithiof.

Hilding encontrou Frithiof jogando xadrez com Björn e imediatamente revelou sua missão.

*“Da parte dos herdeiros de Belé,
Venho com palavras e preces
Ao herói trazer nefasta notícia;
Em ti, a esperança do reino se deposita.*

*No templo de Balder, chora cativa,
Doce Ingeborg dias a fio:
Dize, essas lágrimas bastarão,
Para convocar seu campeão?”*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE H.W. LONGFELLOW)

Enquanto o velho falava, Frithiof continuou jogando, apenas de vez em quando soltando uma interjeição com uma referência enigmática ao xadrez, até que por fim ele disse:

*“Björn; em vão me caças a rainha,
Desde pequena a mais querida peça minha!
Ela é, no meu xadrez, a peça mais cara,
Não importa o que aconteça — vou salvá-la!”*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Hilding não entendeu a resposta e muito se queixou de Frithiof pela indiferença. Então Frithiof se levantou e, apertando gentilmente a mão do velho, mandou dizer aos reis que estava ofendido demais para atender a seu apelo.

Helgé e Halfdan, obrigados a combater sem seu líder mais valente, preferiram fazer um acordo com Sigurd Ring e resolveram

lhe entregar não apenas a irmã Ingeborg, mas também um tributo anual.

No santuário de Balder

Enquanto estavam assim envolvidos no estreito de Sogn, Frithiof correu para o templo de Balder, aonde Ingeborg havia sido enviada por segurança, e, como Hilding havia declarado, encontrou-a aos prantos. Então, embora fosse considerado sacrilégio homem e mulher trocarem palavras naquele lugar sagrado, Frithiof não pôde evitar consolá-la. Esquecendo-se de todo o resto, ele falou com ela e a confortou, acalmando todas as apreensões quanto à ira dos deuses, garantindo-lhe que Balder, o Bom, veria a paixão inocente dos dois com bons olhos, pois um amor tão puro como o deles não seria capaz de macular nenhum santuário. Assim, os dois acabaram jurando seu amor diante do santuário de Balder.

*“Sussurraste ‘Balder’ — Temeste a sua ira; —
Toda raiva se afasta do deus gentil.
Cultuamos aqui um Amante, mais querido!
O amor de nosso coração é seu sacrifício;
Deus cuja fronte irradia esplendor solar,
Cuja fé dura toda a eternidade, —
Não foi seu amor pela bela Nanna
Tão puro quanto o meu amor por ti?”*

*Veja sua imagem! — ele nela chora —
Quão meigos são seus olhos claros!
Um sacrifício ofereço,
Um coração cheio do mais puro amor.
Vem ajoelhar comigo! nenhum incenso
À alma de Balder tem mais valor
Que dois corações, jurando em sua presença
Uma fé tão justa quanto ele demonstrou!”*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR

(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Reconfortada por esse argumento, que recebeu mais força da voz que falava alto em seu próprio coração, Ingeborg não pôde recusar olhar e falar com Frithiof. Durante a ausência dos reis, os jovens amantes se encontraram todos os dias e trocaram presentes de amor, Frithiof dando a Ingeborg o bracelete Völund, que ela solenemente prometeu enviar de volta ao amante caso fosse obrigada a quebrar a promessa de viver apenas para ele. Frithiof permaneceu em Framnäs até a volta dos reis, quando, cedendo aos pedidos amáveis de Ingeborg, a Bela, tornou a aparecer diante deles e jurou livrá-los da submissão a Sigurd Ring se reconsiderassem a decisão e lhe prometessem a mão de sua irmã.

*“A guerra se impõe e ataca
Com seu escudo brilhante em teus domínios,
Teu reino, rei Helgé, está em risco:
Mas dá tua irmã, e meu braço empresto
Para te proteger na batalha. Pode te ser útil.
Vamos! Esqueçamos esse remorso, que sinto
Contrariado contra o irmão de Ingeborg.
Ajuizado sejas, rei! Sê justo! E salva de vez
Tua coroa dourada e o coração da bela irmã!
Eis minha mão: pelo Aesir Thor juro
Nunca mais romper essa aliança!”*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR

(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Frithiof banido

Embora essa proposta tenha sido recebida com aclamação pelos guerreiros reunidos, Helgé perguntou com desdém se Frithiof havia falado com Ingeborg e assim profanado o templo de Balder.

Um grito de “diga que não, Frithiof, diga que não!” se ergueu do círculo de guerreiros, mas ele respondeu com orgulho: “Eu não

mentiria para conquistar Valhala. Falei com tua irmã, Helgé, mas não perturbei a paz de Balder.”

Um murmúrio horrorizado se seguiu diante dessa afirmação e, quando a voz dura de Helgé se levantou para julgar, ninguém contradisse a justiça da sentença.

Aparentemente a pena não foi cruel, mas Helgé sabia que significaria a morte, e era esse seu intento.

Muito longe dali, a oeste, ficavam as ilhas Órcades, governadas pelo *jarl* Angantyr, cujo tributo anual a Belé havia sido interrompido agora que o velho rei jazia em seu túmulo. Ele tinha fama de ser duro e ter pulso firme, e a Frithiof foi dada a tarefa de cobrar pessoalmente o imposto.

Antes de navegar nessa missão por ordem do rei, contudo, ele procurou mais uma vez Ingeborg e implorou que ela fugisse com ele para viverem no Sul ensolarado, onde a felicidade dela seria a lei para ele e ela reinaria sobre os súditos dele como esposa honrada. Mas Ingeborg tristemente se recusou a acompanhá-lo, dizendo que, como o pai dela estava morto, era por dever obrigada a obedecer aos irmãos e não podia se casar sem o consentimento deles.

O espírito impetuoso de Frithiof a princípio se impacientou com a frustração de suas esperanças, mas por fim sua natureza nobre prevaleceu. Então, após uma dilacerante despedida, ele embarcou no Ellida e zarpou tristonho do porto, enquanto Ingeborg, com os olhos cheios de lágrimas, assistiu até o barco sumir na distância.

Mal o barco sumiu de vista, Helgé pediu a duas bruxas, Heid e Ham, que invocassem uma tempestade no mar que tornasse impossível mesmo a um barco que fora presente dos deuses resistir, de modo que todos a bordo pudessem. As bruxas imediatamente acatarem a ordem e, com a ajuda de Helgé, geraram uma tempestade cuja fúria não tinha paralelo na história.

*Helgé na praia
Canta suas pragas,
Potente atrai*

*Seres terrenos e infernais.
Treva se acumula e o céu amortalha;
Escuta, troa o trovão distante!
Relâmpagos lúgubres voam,
Rabiscando o mastro de sangue.
O mar, borbulhante desde o leito,
Espalha sua onda de espuma;
Gritando, na fuga mais ligeira,
Gaivotas uma ilha procuram.*

*FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE H.W. LONGFELLOW)*

*Desatada então a tempestade
Louca em seu curso; na espuma do mar,
Ora ele é afundado, ora elevado,
Rodopiando até onde Deus foi morar:
Passam hórridos espíritos alertando
No alto da vaga de maior altura —
Vindos da vasta, escancarada, branca,
Insondável e sem fundo sepultura.*

*FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)*

A tempestade

Sem medo das ondas que o arremessavam e das rajadas que zuniam em seus ouvidos, Frithiof cantou uma canção alegre para acalmar a tripulação aterrorizada. Entretanto, quando o perigo se tornou tão grande que seus homens exaustos se consideraram perdidos, ele pensou em oferecer um tributo à deusa Ran, que sempre exigia ouro daqueles que iam para o repouso eterno sob as ondas do mar. Sacando seu bracelete, ele o cortou com sua espada, dividindo os pedaços igualmente entre seus homens.

Quem de mãos abanando

*Desce ao mar azul de Ran?
Frios seus beijos lhe parecem,
Fugazes são seus abraços.*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Ele então mandou Björn segurar o leme e subiu ao topo do mastro para ver o horizonte. Ali empoleirado, avistou uma baleia, sobre a qual duas bruxas comandavam a tormenta. Dirigindo a palavra a seu bom barco, que era dotado do poder do entendimento e podia obedecer aos seus comandos, ele passou por cima da baleia e das bruxas, e o mar ficou vermelho com o sangue delas. No mesmo instante, o vento parou, as ondas se acalmaram e o tempo bom logo sorriu novamente sobre os mares.

Exaustos pelos esforços sobre-humanos e pelo trabalho de levar seu barco encharcado para terra firme, os homens estavam fracos demais para desembarcar quando enfim chegaram às ilhas Órcades. Precisaram ser levados para terra firme por Björn e Frithiof, que delicadamente os deitaram na areia, pedindo que descansassem e se recuperassem depois de todas as agruras sofridas.

*Mais que seu Dragão exaustos,
Os homens de Frithiof cambaleavam;
Embora em armas apoiados,
Mal em pé se sustentavam.
Björn, em ombro forte, ousou
Quatro portar até a praia;
Frithiof sozinho oito levou, —
Deixando-os na areia cálida.*

*“Não! rostos pálidos, não se avexem!
Ondas são vikings poderosos;
Dura é a luta desigual —
Donzelas do mar, nossas rivais.
Vejam! eis o chifre de hidromel,*

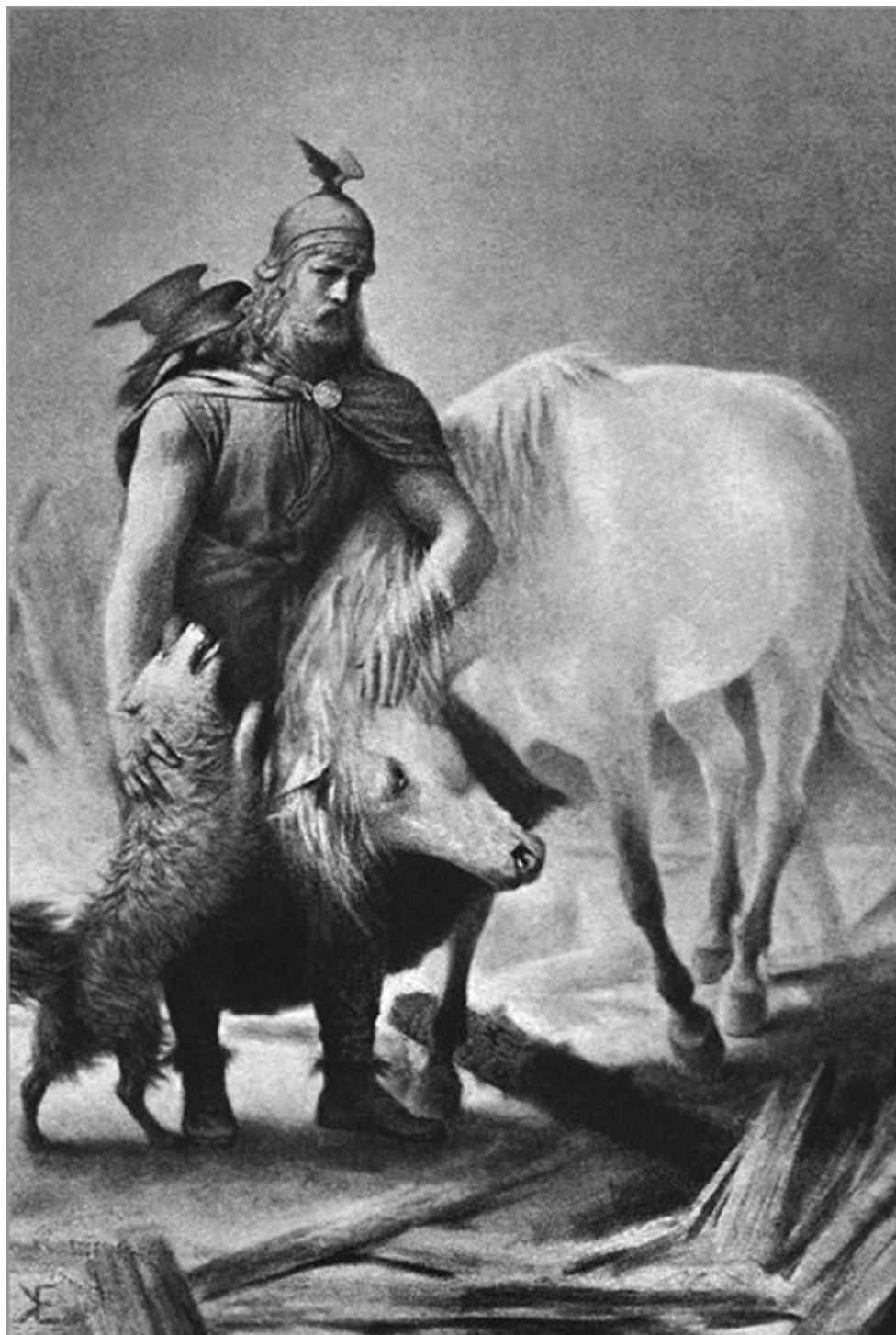
*Vagando em pés muito dourados;
Marujada! aqueçam seus corpos, — e
Um brinde a Ingeborg!”*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

A chegada de Frithiof e de seus homens e o modo como desembarcaram foram observados pelo sentinela de Angantyr, que imediatamente informou a seu chefe tudo o que vira. O *jarl* exclamou que o barco que havia sobrevivido a tamanha tormenta só podia ser o Ellida e que seu capitão era sem dúvida Frithiof, o galante filho de Thorsten. Diante dessas palavras, um de seus Berserkers, Atlé, pegou em armas e saiu do salão, jurando que desafiaria Frithiof e assim confirmaria a veracidade das lendas que ouvira sobre a coragem do jovem herói.

O desafio de Atlé

Embora ainda muito exausto, Frithiof imediatamente aceitou o desafio de Atlé, e, após um duro combate com espadas, no qual Angurvadal foi vitoriosa, os dois guerreiros se atracaram em um confronto mortal. Essa luta corpo a corpo ficaria bastante famosa no Norte, e os heróis eram muito parelhos, mas no final Frithiof derrubou o antagonista, a quem teria matado ali mesmo se estivesse com sua espada à mão. Atlé percebeu sua intenção e disse que ele podia ir buscar a espada, prometendo não se mover durante sua ausência. Frithiof, sabendo que a promessa do guerreiro era inviolável, logo obedeceu; mas quando voltou com sua espada e encontrou seu adversário calmamente esperando a morte, desistiu e mandou Atlé se levantar e continuar vivo.



O retorno de Frithiof a Framnäs
KNUT EKWALL

*Então atacam, nada é concedido,
Duas idênticas ondas outonais!
E logo, em aço envolvidos,
Seus peitos se chocam sem paz.*

*Como dois ursos, lutando,
Nos montes de neve; e puxam
E empurram, como duas águias
No mar furioso em guerra.
A pedra arraigada resistiria
Duramente entre ambos
E carvalhos verdes dobrariam
Com menos força exultante.*

*De suas testas, suor escorre;
Seus peitos frios arquejam;
E pedras e montes e bosques
Cem vezes mais golpes sofreram.*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Juntos, os guerreiros apaziguados então partiram em direção ao palácio de Angantyr, que Frithiof descobriu ser muito diferente das rudes moradias de sua terra natal. As paredes eram revestidas de couro ricamente decorado com ornamentos dourados. A lareira era de mármore e as janelas, dotadas de painéis de vidro. Uma luz suave se difundia das muitas velas acesas em castiçais de prata, e as mesas de madeira rangiam sob os pratos mais fartos e luxuosos.

No alto de um trono de prata, sentava-se o *jarl*, vestido em cota de malha de ouro, sobre a qual pousava um rico manto bordado com pele de arminho; mas, quando Frithiof entrou, ele desceu de seu torno com a mão cordialmente estendida. “Esvaziei muitos cornos de hidromel com meu velho amigo Thorsten”, ele disse, “e seu filho corajoso é igualmente bem-vindo em minha mesa.”

Sem relutância, Frithiof sentou-se ao lado de seu anfitrião e, depois de comer e beber, contou suas aventuras por terra e mar.

Por fim, no entanto, Frithiof revelou sua missão, ao que Angantyr disse que não devia tributo nenhum a Helgé e não pagaria nada, mas daria a quantia solicitada como presente ao filho de seu velho amigo, deixando-o livre para usá-la como quisesse. Nesse ínterim, como o tempo não era propício para a viagem de volta, e as tempestades continuavam varrendo o mar, o rei convidou Frithiof para passar o inverno no palácio, e só quando as brisas amenas tornaram a soprar ele enfim deixou-o partir.

A volta de Frithiof

Despedindo-se de seu anfitrião, Frithiof zarpou, e levado por ventos favoráveis, o herói, depois de seis dias, avistou Framnäs, e descobriu que seu lar havia sido reduzido a uma pilha de cinzas por ordem de Helgé. Triste, Frithiof percorreu a casa devastada de sua infância; ao contemplar o cenário desolado, seu coração ardeu no peito. As ruínas não estavam inteiramente desertas, contudo, e de repente Frithiof sentiu o focinho frio de seu cão em sua mão. No momento seguinte, seu corcel favorito se aproximou do dono, e as criaturas fiéis ficaram frenéticas de alegria. Então veio Hilding para saudá-lo com a informação de que Ingeborg havia se casado com Sigurd Ring. Quando Frithiof ficou sabendo, foi tomado por uma fúria de Berserker, e mandou seus homens prepararem seus barcos, enquanto ele ia ao templo procurar Helgé.

O rei estava coroadado em meio a um círculo de sacerdotes, alguns dos quais brandiam pinhas em chamas, e todos empunhavam facas sacrificiais. De súbito, ouviu-se um rumor de armas e Frithiof apareceu, com o semblante soturno como as tempestades de outono. O rosto de Helgé ficou pálido ao confrontar o herói furioso, pois sabia o que sua presença prenunciava. “Toma o teu tributo, rei”, disse Frithiof, soltando a bolsa do cinto e atirando-a no rosto de Helgé com tanta força que tirou sangue de sua boca e ele caiu atordoado aos pés de Balder.

Os sacerdotes de barbas prateadas avançaram para a cena da agressão, mas Frithiof fez com que recuassem, e seu olhar foi tão ameaçador que eles não ousaram desobedecer.

Então seus olhos notaram o bracelete que ele dera a Ingeborg, o qual Helgé havia posto no braço de Balder e, dirigindo-se à imagem de madeira, Frithiof disse: “Perdão, grande Balder, não foi para ti que o anel foi tirado da sepultura de Völund!” Então pegou o bracelete, mas, embora puxasse com força, o adorno não se soltava. Enfim, ele empregou toda sua força, e com um puxão súbito conseguiu soltá-lo, mas fez com que a imagem do deus caísse sobre o fogo do altar. No momento seguinte, a imagem se incendiou, e antes que algo pudesse ser feito o templo inteiro se consumiu em fogo e fumaça.

*Tudo se foi! Do salão onde crepita
A crista rubra se alevanta! —
Pousa no teto e estridente grita,
Até que livre abre asas farfalhantes.*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Frithiof, tomado de horror diante do sacrilégio involuntário que ocasionara, em vão tentou apagar o fogo e salvar o precioso santuário. Vendo a inutilidade de seus esforços, escapou para seu barco e decidiu seguir a vida dura de um pária no exílio.

*Repouso não terás,
Deves te apressar,
Ellida! — zarpa
E o mundo abarca.
Sim! Avança! Vaga
Na espuma salsa,
Meu bom Dragão!*

*Tua onda ousada
Me abraça! — Jamais*

*De ti me afasto! —
Moledro de meu pai,
Fica embotado, amarrado
E ondas idênticas
Entoam cantos fúnebres;
Mas o meu azul será
Em meio à flora de espuma,
Em meio à procela nadará,
E a tormenta espessa amainará,
E puxa ainda mais
Para baixo, bem abaixo. —
Verdadeiro lar da minha vida,
Quão remotamente conduzido!
Meu moledro seja —
Tu, meu amplo Mar em si!*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Frithiof exilado

Helgé começou a perseguição com dez grandes barcos draconiformes, porém, mal os barcos haviam zarpado, começaram a afundar, e Björn disse com uma gargalhada: “Aquilo que Ran abraça, ela não devolve.” Até mesmo o rei Helgé teve dificuldade de desembarcar em terra firme, e os sobreviventes foram obrigados a ficar parados enquanto as grandes velas do Ellida lentamente sumiam no horizonte. Foi assim que Frithiof viu com tristeza sua terra natal desaparecer de vista; e ao sumir, ele sussurrou um adeus terno ao amado país que jamais esperava tornar a ver.

Depois de se despedir, Frithiof percorreu os mares como pirata, ou viking. Seu código era nunca se estabelecer em nenhum lugar, dormir sobre o próprio escudo, lutar e jamais fazer ou trocar prisioneiros, proteger os barcos que lhe pagavam tributo e saquear os outros, e distribuir todo o butim entre seus homens, reservando para si apenas a glória da empreitada. Assim, navegando e

guerreando, Frithiof visitou muitas terras e chegou enfim às ensolaradas ilhas da Grécia, aonde queria ter levado Ingeborg como sua noiva. As paisagens evocaram tamanha torrente de memórias tristes que ele ficou transtornado de saudades de sua amada e de sua terra natal.

Na corte de Sigurd Ring

Três anos se passaram, então Frithiof decidiu voltar para o Norte e visitar a corte de Sigurd Ring. Quando anunciou essa intenção a Björn, seu fiel companheiro censurou-o pela impetuosidade de pensar em viajar sozinho, mas Frithiof não quis recuar de seu propósito, dizendo: “Eu nunca estou sozinho com Angurvadal ao meu lado.” Manobrando o barco Ellida pelo Vik (o trecho principal do fiorde Christiania), ele confiou o leme a Björn e, vestindo a pele de urso que costumava usar como disfarce, foi sozinho a pé até a corte de Sigurd Ring, chegando a tempo das comemorações do Yule. Como se não passasse de um velho mendigo, Frithiof sentou-se em um banco perto da porta, onde logo se tornou assunto de piadas grosseiras dos presentes. Quando um dos que o zombavam, contudo, aproximou-se demais, o suposto mendigo agarrou-o com força e o ergueu acima da cabeça.



Frithiof na corte de Ring
KNUT EKWALL

Aterrorizados por aquela demonstração de força sobre-humana, os cortesãos logo se afastaram da zona de perigo, enquanto Sigurd Ring, cuja atenção fora atraída pela comoção, rispidamente mandou o forasteiro se aproximar e dizer quem ousava romper a paz de seu salão real.

Frithiof respondeu evasivamente que ele fora criado com penitência, que herdara só necessidades e que tinha a mesma origem dos lobos; quanto a seu nome, não tinha importância. O rei, como era o costume nas cortes, não insistiu, mas o convidou a se sentar ao lado dele e da rainha, para brindarem com alegria. “Mas primeiro”, disse o rei, “deixemos de lado essa cobertura incômoda que esconde, se não estou enganado, uma forma mais condigna.”

Frithiof aceitou de bom grado o convite feito tão cordialmente e, quando a pele de urso foi removida de sua cabeça e de seus ombros, ele se revelou no auge da juventude, para surpresa dos guerreiros ali reunidos.

Mas, embora sua aparência o distinguisse como alguém acima do povo comum, nenhum dos cortesãos o reconheceu. A história foi outra, contudo, com Ingeborg. Se algum curioso olhasse para ela naquele momento, a mudança de cor e a respiração acelerada em seu peito revelariam sua profunda emoção.

A face pálida da rainha pasmada, como logo em róseos tons se tinge!

—

*Então arroxeadas auroras boreais em campos nevados se distinguem;
Como dois nenúfares brancos levados pela onda da tormenta,
A cada momento se erguendo, caindo — arqueja seu peito trêmulo!*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Frithiof mal se sentara à mesa quando, anunciado por um toque de clarins, um grande javali foi trazido e servido diante do rei. Segundo o costume da festa do Yule naquele tempo, o velho monarca se levantou e, tocando a cabeça do animal, fez uma jura de que, com a

ajuda de Frey, Odin e Thor, ele derrotaria o valente campeão Frithiof. Então Frithiof também se ergueu e, cravando sua espada no grande banco de madeira, declarou que Frithiof era seu parente e ele também jurava que, ainda que tivesse de lutar com o mundo inteiro, nenhum perigo atingiria o herói enquanto ele pudesse sustentar sua espada.

Diante dessa interrupção inesperada, os guerreiros se levantaram rapidamente dos bancos de carvalho, mas Sigurd Ring sorriu benevolente da veemência do rapaz e disse: “Amigo, tuas palavras são excessivamente ousadas, mas jamais um convidado foi proibido de proferir seus pensamentos neste salão real.” Então ele se virou para Ingeborg e mandou que ela enchesse até a borda com seu melhor hidromel um corno imenso, ricamente decorado, que havia diante dela e oferecesse ao convidado. A rainha obedeceu de olhos baixos, e o tremor de suas mãos fez o líquido se derramar. Dois homens comuns não conseguiriam beber todo aquele poderoso hidromel, mas Frithiof levou o corno aos lábios e, quando o afastou, não havia restado nenhuma gota.

Antes de encerrar o banquete, Sigurd Ring convidou o jovem forasteiro para permanecer em sua corte até a volta da primavera, e, aceitando a hospitalidade oferecida, Frithiof se tornou companheiro constante do casal real, a quem acompanharia em todas as ocasiões.

Um dia, Sigurd Ring saiu para um banquete com Ingeborg. Eles foram de trenó, enquanto Frithiof, com calçados de aço, foi deslizando graciosamente ao lado, desenhando muitas figuras místicas no gelo. O trajeto passava por um trecho perigoso de solo congelado, e Frithiof alertou o rei de que seria prudente evitar aquele caminho. O rei não deu ouvidos ao conselho, contudo, e de repente o trenó afundou em uma fenda que ameaçou engoli-lo com o rei e a rainha. Mas como um falcão descendo sobre a presa, Frithiof surgiu e, sem aparente esforço, arrastou o cavalo e a carga até o gelo mais firme. “Providencial”, disse Ring, “o próprio Frithiof não teria feito melhor.”

O longo inverno chegou ao fim, e no início da primavera o rei e a rainha organizaram um grupo de caça, do qual toda a corte faria parte. Durante a caçada, a idade avançada de Sigurd Ring tornou impossível para ele acompanhar o ritmo agitado do grupo, e assim aconteceu de ele ficar para trás, até que por fim apenas Frithiof permaneceu a seu lado. Eles cavalgaram juntos, lentamente, até chegarem a um vale aprazível, que convidava o rei exausto ao repouso, e ele disse que se deitaria e descansaria um pouco.

*Então Frithiof tirou seu manto e, sobre a grama verde, o abriu,
E o velho rei tão confiante nos joelhos de Frithiof dormiu;
Dormiu tão calmamente quanto o herói depois da campanha,
No próprio escudo, calmo como o filho nos braços da mãe.*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE LONGFELLOW)

A lealdade de Frithiof

Enquanto o rei idoso descansava, um pássaro cantou para Frithiof, de uma árvore vizinha, mandando-o tirar vantagem do desamparo de seu anfitrião para assassiná-lo e retomar a noiva da qual ele havia sido privado de forma injusta. Embora o jovem coração ardente de Frithiof clamasse por sua amada, ele se recusou terminantemente a acatar a sugestão cruel, mas, com medo de se deixar levar pela tentação, apesar de seu horror diante desse pensamento, impulsivamente lançou sua espada em um arbusto vizinho.

Alguns momentos depois, Sigurd Ring abriu os olhos e disse a Frithiof que apenas fingira dormir; disse-lhe também que o reconhecera desde o primeiro momento, que o testara de muitas maneiras, e descobrira que sua honra era tão grande quanto sua coragem. A idade avançada agora o alcançara, e ele sentia a morte se aproximar. Dentro em breve, portanto, Frithiof poderia realizar seu maior desejo, e Sigurd Ring disse-lhe que morreria feliz se ele pudesse ficar a seu lado até o fim.

Um sentimento de repulsa, contudo, tomara conta de Frithiof, e ele disse ao velho rei que sentia que Ingeborg jamais poderia ser dele, devido à ira de Balder. Ficara tempo demais no mesmo lugar; agora partiria mais uma vez para o mar e encontraria a morte em combate, de modo a se redimir da ofensa aos deuses.



Frithiof observa o rei adormecido
KNUT EKWALL

Decidido, ele logo fez os preparativos para sua partida, mas, quando voltou à corte para se despedir de seus anfitriões reais, encontrou Sigurd Ring à beira da morte. O velho guerreiro considerava que a “morte na palha” não conquistaria as graças de Odin e, na presença de Frithiof e de sua corte, corajosamente gravou as runas da morte em seu braço e em seu peito. Então, agarrando Ingeborg com uma das mãos, ele ergueu a outra para abençoar Frithiof e seu filho jovem, e assim passou em paz aos salões dos bem-aventurados.

Todos os Deuses, eu vos saúdo!

Filhos de Valhala!

A Terra some; ao banquete dos Aesir

Gjallarhorn me chama;

Bem-aventurança, como um

Elmo dourado, cerca o convidado que chega!

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR

(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Bodas de Frithiof e Ingeborg

Os guerreiros de toda a nação então se reuniram em assembleia solene para escolher um sucessor ao trono. Frithiof havia conquistado a admiração entusiasmada do povo, que de bom grado o teria aclamado rei. Apesar disso, ele ergueu o filhinho de Sigurd Ring em seu escudo quando ouviu a aclamação de seu nome e apresentou o menino à assembleia como seu futuro rei, jurando em público defendê-lo até que o menino tivesse idade para fazê-lo. A criança, cansada de ficar naquela posição incômoda, corajosamente pulou para o chão assim que o discurso de Frithiof terminou e caiu de pé. Esse ato de ousadia e agilidade em alguém tão novo impressionou os rústicos nórdicos, e um grito alto se ouviu: “Nós te escolhemos, menino do escudo!”

Mas, feito rei no trono, o infante

*Senta-se no escudo erguido;
Pequena águia alegre, na nuvem da montanha,
Que o Sol vigia!
Enfim seu posto o jovem julga
Maçante demais para si;
E ganha o chão com um impulso —
De um rei, um salto digno!*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Segundo alguns relatos, Frithiof então guerreou contra os irmãos de Ingeborg e, depois de derrotá-los, permitiu que conservassem seu reino sob a condição de lhe pagarem um tributo anual. Então ele e Ingeborg permaneceram em Ringric até o jovem rei ter idade para assumir o governo, quando então partiram para Hordalândia, reino que Frithiof havia conquistado e que deixou para seus filhos Gungthiof e Hunthiof.

A conclusão do bispo Tegnér, no entanto, difere consideravelmente, e, ainda que pareça menos condizente com o temperamento rude daqueles tempos difíceis dos saqueadores marítimos, suas qualidades espirituais superiores a tornam mais atraente. Segundo o poema de Tegnér, Frithiof foi estimulado pelos homens de Sigurd Ring a se casar com Ingeborg e a permanecer com eles como guardião do reino. Mas Frithiof respondeu que não podia, pois a ira de Balder contra ele ainda ardia, e apenas este poderia lhe conceder a noiva adorada. Ele disse aos homens que viajaria pelos mares e buscaria obter o perdão do deus, e em seguida se despediu para novamente seguir viagem em seu barco levado pelo vento.

A primeira visita de Frithiof foi ao monte funerário de seu pai, onde afundou na melancolia da desolação ao redor, e abriu sua alma ao deus ultrajado. Ele lembrou que era costume dos nórdicos cobrar em sangue o assassinato de parentes, e certamente os bem-aventurados deuses não teriam menos compaixão que os humanos. Apaixonadamente, ele suplicou a Balder que lhe mostrasse como poderia se redimir de sua falha imprevista. De súbito, uma resposta

foi oferecida, e Frithiof contemplou nas nuvens uma visão de um novo templo.

*Eis que de repente, das águas ocidentais pendentes,
Uma Imagem surge, de ouro e labaredas resplendente,
Sobre a tumba de Balder paira, na noite nublada,
Como coroa de ouro repousada em leito verde.
Até que em templo transformada, firme, pousou —
E onde Balder antes havia, outro templo fundou.*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

O herói no mesmo instante compreendeu que os deuses lhe haviam indicado um modo de se redimir e não poupou riquezas nem esforços até que um templo e um arvoredor gloriosos, que excediam em muito o esplendor do antigo santuário, ergueram-se das ruínas.

*Pronto o Templo do grande Balder!
Em volta nenhum tapume de madeira
Nem agora nem antes;
Grades mais fortes, mais belas doravante,
E tudo em ferro lavrado — cada barra
Regular em ouro banhada —
Cercam a Morada sagrada de Balder. Feito fila
De campeões trajando aço, cujas lanças de guerra brilham
E elmos dourados ao longe — assim se porta
Essa guarda luzidia no interior do santo bosque!*

*De imensos blocos de granito, unidos com grande zelo
E ousada arte, o monte maciço se erigiu; e ao vê-lo
(Obra gigantesca, almejava no fundo
Durar até o fim do mundo,)
Era alto como o templo de Uppsala, cujo norte
Via os salões de Valhala figurado na terra.*

Alta no topo da montanha, sua altiva fachada

*Refletia-se serena na onda clara do mar agitado.
Mas ao redor, uma guirlanda de belas flores,
Era o Vale de Balder, dos suspiros murmurados pelos hertos,
Das delicadas melodias de canoros passarinhos – Lar da Paz.*

FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO INGLESA DE G. STEPHENS)

Nesse ínterim, enquanto as vigas estavam sendo entalhadas, o rei Helgé ausentou-se para passar um período nas montanhas finlandesas. Um dia, aconteceu de seu grupo passar por uma fresta no rochedo onde ficava o santuário solitário de um deus esquecido, e o rei Helgé escalou até o cume rochoso com intenção de destruir as paredes arruinadas. A entrada estava bem trancada e, enquanto Helgé tentava avidamente abrir o portão carbonizado, de súbito uma imagem esculpida da divindade, bruscamente despertada de seu sono antigo, foi sacudida de seu nicho no alto.

A pesada estátua caiu na cabeça do intruso, e Helgé desabou no chão de pedra e nunca mais se mexeu.

Quando o templo finalmente foi consagrado ao culto de Balder, Frithiof ficou no altar esperando a chegada de sua noiva tão aguardada. Mas Halfdan cruzou primeiro o umbral, com passo hesitante que demonstrava receio de ser mal recebido. Ao perceber isso, Frithiof desafiou a espada e caminhou francamente em direção a Halfdan com a mão estendida, ao que o rei, enrubescido de vergonha, apertou calorosamente a mão oferecida, e a partir daquele momento todas as diferenças entre eles foram esquecidas. Logo depois, Ingeborg se aproximou, e a renovada amizade por tanto tempo interrompida foi reforçada com a mão da noiva, que Halfdan entregou a seu novo irmão.

*O umbral de cobre Halfdan transpõe,
Com páldas feições
E olhar temeroso, avança lentamente
Na direção do inimigo temido longamente –
E, calado, a certa distância permanece, –*

*Até que Frithiof, com mãos céleres,
O terror das cotas, Angurvadal, da bainha
Desafivela, e apoia o escudo dourado
No altar, e assim se aproxima; —
Enquanto o inimigo acovardado
Ele assim aborda, com franca dignidade. —
“Mais nobre nesta vida é aquele
Que primeiro a mão direita estende
Em sinal de pacífica fraternidade!” —
Então Halfdan, coradíssimo, saca às pressas
A luva de ferro e — com gosto aperta —
A mão por tanto, tanto tempo afastada,
De seu inimigo querido, firme como um rochedo!*

*E quando os últimos votos profundos
De aliança e bênção soaram;
Eis Ingeborg, adornada, que entra
Em traje de noiva, e coberta
De belo arminho, por donzelas
Seguida lentamente, como nos céus
As fileiras de estrelas guardam a lua rainha! —
Mas os belos olhos da jovem noiva,
Aqueles céus azuis,
Logo se encham de pranto,
E no peito do irmão ela trêmula afunda; —
Ele, com os temores da irmã
Comovido, a mão dela gentil na de Frithiof junta,
Seu fardo transferindo ao peito do herói,
Cuja fé se provara à altura da paz de Ingeborg.*

*FRITHIOF'S SAGA [SAGA DE FRITHIOF], ESAIAS TEGNÉR
(TRADUÇÃO DE G. STEPHENS)*



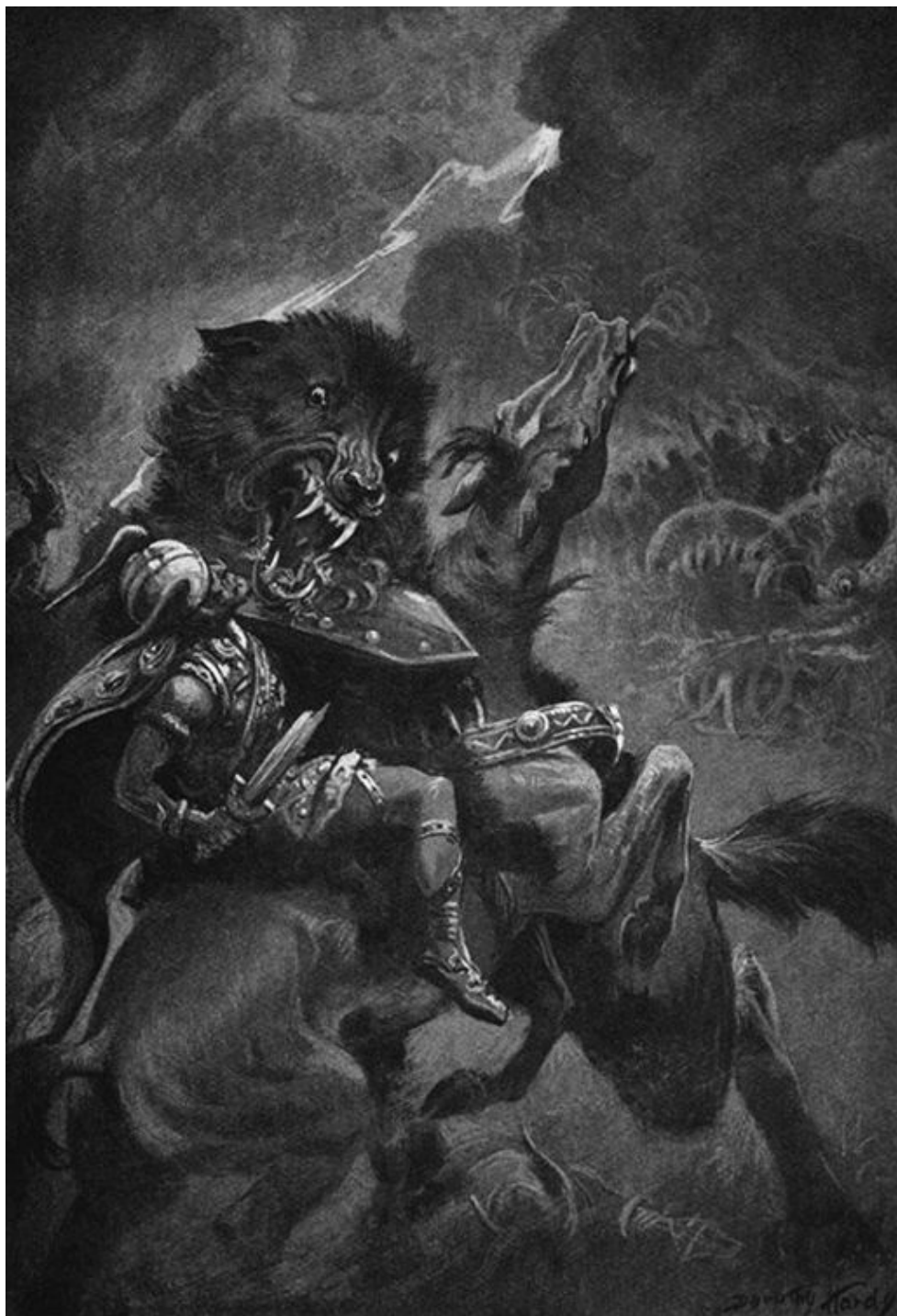
Capítulo





O crépúsculo dos deuses

XXVIII



Odin e Fenrir
DOROTHY HARDY



O declínio dos deuses

Uma das características da mitologia nórdica é o fato de o povo sempre ter acreditado que seus deuses pertenciam a uma raça finita. Os Aesir haviam tido um início; portanto, considerava-se, deveriam ter um fim. E como haviam nascido de uma mistura de elementos divinos e gigantescos, sendo assim imperfeitos, levavam dentro de si o germe da morte e estavam, como os homens, condenados a sofrer a morte física no intuito de atingirem a imortalidade espiritual.

Todo o esquema da mitologia nórdica era, portanto, um drama, cada passo levando pouco a pouco ao clímax ou a um final trágico, quando, com genuína justiça poética, o castigo e a recompensa seriam imparcialmente concedidos. Nos capítulos anteriores, a ascensão e o declínio graduais dos deuses foram traçados com cuidado. Recontamos como os Aesir toleraram a presença do mal, personificado por Loki, entre eles; como seguiram de forma inadvertida seus conselhos, permitiram que Loki os envolvesse em todo tipo de dificuldades, das quais só conseguiam se desvencilhar ao preço de parte de sua virtude ou de sua paz, e enfim deixaram que ele obtivesse tamanha ascendência sobre eles que Loki não teve escrúpulos de roubá-los de seu bem mais precioso: a pureza, ou a inocência, personificada por Balder, o Bom.

Tarde demais os deuses se deram conta da malignidade desse espírito que residia entre eles, e tarde demais baniram Loki para a terra, onde os homens, seguindo o exemplo dos deuses, ouviriam seus ensinamentos e seriam corrompidos por sua sinistra influência.

*Irmãos matam irmãos;
Filhos de irmãs
Derramam o mesmo sangue.
Duro é o mundo;
O pecado sensual torna-se imenso.
Há eras da espada, do machado;
Escudos se racham ao meio;
Eras de tormenta, de morticínio;
Até que o mundo caia morto,
E o homem não mais poupe
Ou tenha pena um do outro.*

NORSE MYTHOLOGY [MITOLOGIA NÓRDICA], R.B. ANDERSON

Fimbulvetr

Vendo que o crime grassava e todo o bem havia sido banido da terra, os deuses perceberam que as profecias antigas estavam prestes a ser realizadas e que a sombra do Ragnarök, o crepúsculo ou ocaso dos deuses, já se projetava. Sol e Máni ficaram pálidos de pavor, e conduziram trêmulos suas carruagens pelos caminhos assinalados, olhando para trás com medo dos lobos que os perseguiram, que em breve os alcançariam e os devorariam; conforme seus sorrisos foram desaparecendo, a terra foi ficando triste e fria, e o terrível Fimbulvetr começou. Então, a neve caiu dos quatro cantos do mundo ao mesmo tempo, os ventos fustigantes varreram desde o norte, e toda a terra se cobriu de uma grossa camada de gelo.

*Soturno Fimbul ruge, e mundo afora
Tempestades de vento e neve se arrojaram;
O sonoro mar icebergs esfacela,
E sua espuma congelada expele,
Até o topo das altas montanhas;
Nenhum ar quente
Nem a beleza contente
Da luz suave, delicada, estival,*

Temperava a pavorosa noite glacial.

VALHALLA, J.C. JONES

Esse inverno severo durou três estações inteiras sem intervalo e foi seguido por três outros igualmente severos, durante os quais a alegria sumiu da terra e os crimes dos homens aumentaram com temerária rapidez. Enquanto isso, na luta generalizada pela vida, os últimos sentimentos de humanidade e compaixão desapareceram.

Os lobos libertos

Nos recessos escuros da floresta de ferro Jarnvidr, a gigante Jarnsaxa ou Angrboda diligentemente alimentava os lobos Hati, Skoll e Managarm, a progênie de Fenrir, com o tutano dos ossos de assassinos e adúlteros; e tamanha era a incidência desses crimes vis que os monstros quase insaciáveis nunca ficavam sem comida. Dia a dia, os lobos ganharam força para perseguir Sol e Máni, e enfim os alcançaram e os devoraram, inundando a terra com o sangue de suas mandíbulas gotejantes.

*No leste, estava sentada a velha mulher, em Jarnvidr,
E ali ela alimentava a progênie de Fenrir;
Ele será o mais formidável de todos, ele
Que, sob a forma de um monstro, engolirá a lua.*

“VÖLUSPÁ”

(TRADUÇÃO INGLESA DE PFEIFFER)

Com essa terrível calamidade, a terra inteira estremeceu e se abalou, as estrelas, apavoradas, caíram de seus lugares, e Loki, Fenrir e Garm, renovando seus esforços, romperam suas correntes e se apressaram em obter vingança. Ao mesmo tempo, o dragão Nidhug roeu a raiz do freixo Yggdrasil, que tremeu até o galho mais alto; o galo vermelho Fialar, empoleirado no alto de Valhala, cantou alto em alarme, que foi na mesma hora ecoado por Gullinkambi, o galo de Midgard, e pelo pássaro vermelho-escuro de Hel, em Niflheim.

*O galo dourado convoca
Os deuses de Valhala às armas;
O galo vermelho estridente a tudo intima
Na terra e em tudo abaixo.*

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

Heimdall soa o alarme

Heimdall, atento a esses presságios agourentos e ouvindo o grito estridente do galo, imediatamente levou o Gjallarhorn aos lábios e soprou o tão aguardado toque, que foi ouvido em todo o mundo. Ao primeiro som dessa convocação, os Aesir e os Einherjar se levantaram de seus assentos de ouro e saíram ousadamente do grande salão, armados para o combate próximo. Então, montando seus corcéis impacientes, eles galoparam pela tremeluzente ponte do arco-íris até a espaçosa campina de Vigrid, onde, como Vafthrudener havia previsto muito antes, a última batalha ocorreria.

Os terrores do mar

A terrível Serpente de Midgard, Jormungandr, havia sido despertada pelo distúrbio geral. Com imensas contorções e comoções, que ergueram nos mares imensas ondas, como jamais antes perturbaram as profundezas do oceano, rastejou pela terra e apressou-se em se dirigir ao pavoroso combate, no qual ela desempenharia um papel proeminente.

*Em ira gigante, a Serpente lançou
Os mares, até que livre das correntes,
Ela se ergueu na espumante torrente;
Sob os açoites de seu rabo, o mar,
Alto como a montanha, comeu a terra;
Então, atravessando enlouquecida as ondas,
Despejando espuma sangrenta como granizo,
Destilando peçonha, exalando venenosas,
Fétidas brumas fatídicas por toda a Terra,*

Em estrondoso avanço, ela chegou à praia.

VALHALLA, J.C. JONES

Uma dessas grandes ondas, erguidas pelas contorções de Jormungandr, levou à tona Naglfar, o barco fatal, que era construído inteiramente com as unhas de todos os mortos cujos parentes não cumpriram suas obrigações, deixando de aparar as unhas dos falecidos antes do funeral. Assim que esse barco veio à tona, Loki embarcou nele com a hoste cruel de Muspelheim e navegou com ousadia as águas agitadas até o local do conflito.

Não foi essa a única embarcação a se dirigir a Vigrid, contudo, pois outro barco saiu da névoa espessa e seguiu rumo ao norte, conduzido por Hrym. Nele, estavam todos os gigantes de gelo, armados até os dentes e ávidos por um conflito com os Aesir, a quem eles sempre detestaram.

Os terrores do submundo

Ao mesmo tempo, Hel, deusa da morte, usou de uma fresta na terra para sair de seu lar subterrâneo, seguida de perto por seu cão Garm, pelos malfeitores de seu reino desolado e pelo dragão Nidhug, que voou sobre os campos de batalha levando cadáveres em suas asas.

Assim que desembarcou, Loki deu boas-vindas alegres a esses reforços e, colocando-se à frente deles, marchou em grupo para o combate.

De repente, os céus foram rasgados ao meio e, através da brecha ardente, veio Surt a galope, com sua espada flamejante, seguido por seus filhos. Quando ele passava pela ponte Bifrost, com intenção de atacar Asgard, o glorioso arco se rompeu com estrondo sob os cascos de seus cavalos.

*Descendo pelos campos do ar,
Com belas armaduras a brilhar,
Em ordem de batalha,
Correram soltando chamas*

*Dos cascos céleres.
Liderando o bando luzente, ia Surtur,
Em meio às fileiras furiosas de fogo rubro.*

VALHALLA, J.C. JONES

Os deuses bem sabiam que seu fim estava próximo, e que sua fraqueza e falta de presciência os colocaram em grande desvantagem. Afinal, Odin só tinha um olho, Tyr, apenas uma mão, e Frey só dispunha de um chifre de veado para se defender, em vez de sua espada invencível. Não obstante, os Aesir não exibiram sinal de desespero, mas, como genuínos deuses nórdicos da guerra, vestiram seus melhores trajes e cavalgaram para o campo de batalha decididos a vender suas vidas pelo mais alto preço possível.

Enquanto eles estavam reunindo suas forças, Odin mais uma vez desceu a galope até a fonte Urdar, onde, embaixo do tombado freixo Yggdrasil, as Nornas estavam sentadas com seus rostos velados e em obstinado silêncio, a teia desfeita a seus pés. Mais uma vez, o pai dos deuses sussurrou uma comunicação misteriosa a Mimir, e depois disso montou em Sleipnir e voltou para seu exército, que o aguardava.

A grande batalha

Os combatentes estavam então reunidos na vasta planície de Vigrid. De um lado, perfilavam-se os rostos austeros, serenos, dos Aesir, Vanas e Einherjar. De outro, se reuniam as hostes variegadas de Surt, os soturnos gigantes de gelo, o exército pálido de Hel, Loki e seu séquito pavoroso, Garm, Fenrir e Jormungandr, estes dois últimos cuspidando fogo e fumaça e exalando nuvens de vapores tóxicos, mortíferos, que encheram todo o céu e a terra com seu hálito deletério.

*Os anos se passam,
As gerações mudam, a idade avança,
E nos aproximam do dia final,*

*Quando do sul marchará o bando feroz
E cruzará a ponte do céu, com Loki à frente,
E Fenrir logo atrás, rompida sua corrente;
E desde o leste o gigante Rymer pilota
Seu barco, e à terra vem a grande serpente;
E na praça em chamas todos se apresentam
Contra os Deuses, nas planícies do Céu.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Todo o antagonismo contido durante eras então foi liberado em uma torrente de ódio, cada membro das hostes inimigas combatendo com sombria determinação, como faziam esses ancestrais nórdicos, lado a lado, face a face. Com poderoso estrondo, ouvido acima do fragor da batalha que enchia o universo, Odin e o lobo Fenrir entraram em impetuoso conflito, enquanto Thor atacava a Serpente de Midgard e Tyr se atracava com o cão Garm. Frey enfrentou Surt, Heimdall combateu Loki, a quem já derrotara uma vez antes, e o restante dos deuses e todos os Einherjar enfrentaram adversários igualmente dignos de sua coragem. Mas, apesar de seus treinamentos diários na morada celestial, a hoste de Valhala estava fadada a sucumbir, e Odin foi um dos primeiros dos luminosos a ser abatido. Nem mesmo a extrema coragem e os poderosos atributos do Pai de Todos foram capazes de deter a onda de maldade personificada no lobo Fenrir. A cada momento, a luta colossal adquiria proporções maiores, até que por fim a bocarra escancarada do lobo abarcou todo o espaço entre o céu e a terra, e o monstro imundo atacou enfurecido o pai dos deuses e o engoliu ousadamente em sua goela horrenda.

*Fenrir com presa cruel há de
Massacrar o senhor de idade:
Vidar vingará sua queda,
E, matando o lobo desgrenhado,
Rachará a bocarra ensanguentada.*

VAFTHRUDNI'S-MAL [DISCURSO DE VAFTRUDENER]
(TRADUÇÃO INGLESA DE W. TAYLOR)

Nenhum dos deuses podia ajudar o Pai de Todos naquele momento crítico, pois era uma situação de árdua provação para todos. Frey fez esforços heroicos, mas a espada brilhante de Surt desferiu-lhe um golpe fatal. Na luta contra o arqu-inimigo Loki, Heimdall se saiu melhor, mas sua vitória final custou caro, pois também ele acabou morrendo. O combate entre Tyr e Garm teve o mesmo desfecho trágico, e Thor, após um terrível confronto com a Serpente de Midgard e depois de matá-la com um golpe de Mjölhnir, cambaleou nove passos para trás e se afogou no rio de veneno despejado da boca do monstro moribundo.

*O filho de Odin ora vai
Contra o monstro lutar;
Veor de Midgard em fúria
Matará o verme;
Nove passos depois,
O filho de Fiörgyn,
Cairá junto à serpente
A nenhum inimigo temente.*

SÆMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)

Vidar então chegou às pressas de uma parte remota da planície para vingar a morte de seu poderoso pai, e o destino previsto de Fenrir se realizou, pois sua mandíbula então sentiu o peso daquele calçado que havia sido reservado para aquele dia. Imediatamente, Vidar agarrou a arcada superior do lobo com as mãos e, com um puxão terrível, rasgou o lobo ao meio.

O fogo devorador

Os outros deuses que participaram da disputa, além de todos os Einherjar, havendo perecido, Surt de repente lançou seus monstros ferozes no céu, na terra e nos nove mundos de Hel. As labaredas furiosas envolveram o tronco imenso do freixo Yggdrasil, a Árvore

do Mundo, e alcançou os palácios dourados dos deuses, que se consumiram por inteiro. A vegetação sobre a terra foi igualmente destruída, e o calor intenso fez todas as águas borbulharem e ferverem.

*O fogo soprado assalta
A árvore nutriz de tudo,
O fogo altíssimo joga
Contra o próprio céu.*

*SEMUND'S EDDA [EDDA DE SEMUNDO]
(TRADUÇÃO INGLESA DE THORPE)*

A grande conflagração transcorreu ferozmente até que tudo foi consumido, quando a terra, enegrecida e ressecada, lentamente afundou sob as águas ferventes do mar. O Ragnarök de fato havia chegado; a tragédia do mundo havia acabado, os atores divinos foram assassinados, e o caos parecia ter retomado seu predomínio de outrora. Mas como em uma peça, em que, depois que os atores principais são mortos e o pano cai, o público ainda espera que seus favoritos reapareçam para fazer uma reverência sob aplausos, os antigos povos nórdicos imaginaram que, todo o mal havendo perecido nas chamas de Surt, da ruína geral a bondade se ergueria, para retomar seu predomínio sobre a terra, e que alguns deuses voltariam a morar no céu para sempre.

*Todo o mal
Morre ali morte sem fim, enquanto o bem se ergue
Daquele incêndio do mundo, enfim purificado,
A uma vida mais alta, melhor, mais nobre que a passada.*

VIKING TALES OF THE NORTH [CONTOS VIKINGS DO NORTE], R.B. ANDERSON

Regeneração

Os nórdicos acreditavam totalmente na regeneração e defendiam que, depois de certo período de tempo, a terra, purgada pelo fogo e purificada pela imersão no mar, se ergueria outra vez em toda a sua

beleza intacta e voltaria a ser iluminada pelo Sol, cuja carruagem era conduzida por uma filha de Sol, nascida antes de o lobo ter devorado sua mãe. O novo astro do dia não era imperfeito, como o primeiro Sol havia sido, e seus raios não eram mais tão ardentes a ponto de ser necessário um escudo entre ele e a terra. Esses raios mais benéficos logo fizeram a terra renovar seu manto verde, e lhe trouxeram flores e frutos em abundância. Dois seres humanos, uma mulher, Lif, e um homem, Lifthrasir, então emergiram das profundezas de Hodmimir, a floresta de Mimir, onde se refugiaram quando Surt incendiou o mundo. Ali eles tinham mergulhado em um sono pacífico, inconscientes da destruição à sua volta, e se conservado nutridos pelo orvalho da manhã, até que ficou seguro para os dois se aventurarem fora da floresta, quando então eles se apoderaram da terra regenerada, que seus descendentes povoariam e sobre a qual eles teriam plenos poderes.

*Haveremos de ver emergir
Do brilhante Oceano a nossos pés uma terra
Mais fresca e verde que a passada, com frutos
Espontâneos, e a semente do homem preservada,
Para depois viver em paz, como antes em guerra.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Um novo Céu

Todos os deuses que representavam as forças do desenvolvimento da Natureza foram assassinados no fatídico campo de Vigrid, mas Vali e Vidar, os emblemas das forças imperecíveis da Natureza, voltaram ao campo de Ida. Lá, foram encontrados por Modi e Magni, filhos de Thor, as personificações da força e da energia, que resgataram o martelo sagrado de seu pai da destruição total e o levaram o consigo.

*Então a força de Vidar e Vali
Herda o reino vazio dos deuses;
O braço de Modi e o vigor de Magni*

*Portam a massa densa do martelo,
Herança de Thor, quando Thor caiu.*

VAFTHRUDNI'S-MAL [DISCURSO DE VAFTRUDENER]
(TRADUÇÃO INGLESA DE W. TAYLOR)

Ali eles foram encontrados por Hoenir, não mais exilado entre os Vanas, que, enquanto forças desenvolvedoras, também haviam desaparecido para sempre. Das trevas do submundo, onde definhara por tanto tempo, ergueu-se o radiante Balder, ao lado de seu irmão Höder, com quem se reconciliara e com quem viveria em perfeita amizade e paz. O passado estava perdido para sempre, e as divindades sobreviventes poderiam se lembrar dele sem amargura. A lembrança de seus antigos companheiros era, no entanto, valiosa para eles, e muitas vezes os deuses voltavam a suas paisagens de outrora para se deixar levar por memórias felizes. Foi assim que, caminhando um dia pelo longo gramado em Ida, eles encontraram de novo os discos dourados que os Aesir costumavam jogar.

*Haveremos de trilhar outra vez o campo querido
De Ida, e em meio à relva encontrar
Os discos dourados que jogávamos outrora;
E isso há de evocar a vida antiga
E o lazer dos Deuses, as sábias palavras
De Odin, prazeres de outros tempos.*

BALDER DEAD [BALDER MORTO], MATTHEW ARNOLD

Quando o pequeno grupo de deuses se deparou melancolicamente com o local onde um dia existiram suas nobres moradas, eles se deram conta, para sua alegre surpresa, que Gimli, a mais alta morada celestial, não havia sido consumida, pois se erguia reluzente diante deles, com seu domo dourado refletindo o sol. Correndo para lá, eles descobriram, aumentando ainda mais sua felicidade, que o local se tornara refúgio de todos os virtuosos.

*Em Gimli altíssimo,
Lá moram as hostes*

*Dos virtuosos,
Ali através das eras
Vive uma profunda alegria*

LITERATURE AND ROMANCE OF NORTHERN EUROPE [LITERATURA E ROMANCE NORTE-EUROPEUS],
MARY BOTHAM HOWITT

Poderoso demais para ser nomeado

Como os nórdicos que se estabeleceram na Islândia, e pelos quais nos chegou a mais completa exposição da fé odínica das Eddas e Sagas, não foram definitivamente convertidos até o século XI — embora tivessem tido contato com os cristãos durante seus ataques vikings, cerca de seis séculos antes —, é muito provável que os escaldos nórdicos tivessem alguma ideia a respeito das doutrinas cristãs e que esse conhecimento os tenha influenciado em certa medida, assim como colorido suas descrições do fim do mundo e da regeneração da terra. Talvez tenha sido também esse conhecimento difuso que os induziu a acrescentar à *Edda* um verso, que em geral se supõe ter sido uma interpolação, proclamando que outro Deus, poderoso demais para ser nomeado, surgiria para reinar sobre Gimli. Desse trono celestial, ele julgaria a humanidade, e separaria o mau do bom. Os maus seriam banidos para os horrores de Náströnd, enquanto os bons seriam transportados para o beatífico salão de Gimli, o Belo.

*Então vem outro,
Ainda mais poderoso.
Mas Dele não ouse
Dizer o nome.
Poucos foram tão longe
Quanto foi Odín
Ao encontro do lobo.*

LITERATURE AND ROMANCE OF NORTHERN EUROPE [LITERATURA E ROMANCE NORTE-EUROPEUS],
MARY BOTHAM HOWITT

Havia duas outras mansões celestiais, no entanto; uma reservada aos anões e outra aos gigantes. Isso porque, como essas criaturas não tinham livre-arbítrio e apenas executavam cegamente os decretos do destino, não eram consideradas responsáveis por nenhum mal que causassem e, portanto, não eram merecedoras de castigo.

Dizia-se que os anões, governados por Sindre, ocupavam um salão nas montanhas de Nida, onde bebiam hidromel espumante. Já os gigantes se deleitavam no salão Brimer, situado na região de Okolnir (não fresca), pois a força do frio havia sido inteiramente aniquilada e não havia mais gelo.

Diversos mitógrafos, é claro, tentaram explicar esses mitos. Alguns, como já relatamos, veem na história do Ragnarök a influência dos ensinamentos cristãos, e o consideram apenas uma versão bárbara do fim do mundo e da chegada do dia do juízo, quando um novo céu e uma nova terra surgirão, e todos os bons desfrutarão do êxtase eterno.



Capítulo



Mitologias
grega e
nórdica:
uma
comparação

XXIX



A cavalgada das Valquírias

H. HENDRICH



Mitologia comparada

Durante os últimos cinquenta anos, estudiosos de muitos países investigaram a filologia e a mitologia comparada tão exaustivamente que definiram, além de qualquer possibilidade de dúvida, “que o inglês, assim como todos os dialetos teutônicos continentais, pertencem à grande família de línguas que abrange, além do teutônico, o latim, o grego, o eslavo e o celta, as línguas orientais da Índia e da Pérsia.” “Também foi provado que as diversas tribos que partiram do centro do continente para descobrir a Europa, no norte, e a Índia, no sul, levaram consigo não apenas uma língua, mas uma fé e uma mitologia comuns. Esses são fatos que podem ser ignorados, mas não contestados, e as ciências da gramática comparativa e mitologia comparativa, embora de origem recente, fundamentam-se em terreno tão firme e seguro quanto qualquer outra das ciências indutivas.” “Por mais de mil anos, os moradores escandinavos da Noruega foram separados pela língua de seus parentes teutônicos do continente, e no entanto ambos preservaram não apenas o mesmo conjunto de histórias populares, como também as contam, em diversos casos, quase com as mesmas palavras.”

Essa semelhança, tão forte nos primórdios da literatura de povos que habitavam regiões que apresentam aspecto físico muito similar e praticamente o mesmo clima, não é tão marcada quando comparamos os mitos nórdicos com mitos do caloroso Sul. Ainda assim, não obstante o contraste entre Norte e Sul da Europa, onde esses mitos aos poucos amadureceram e adquiriram pleno

desenvolvimento, existe uma analogia entre as duas mitologias que mostra que as sementes de onde ambos nasceram eram, na origem, as mesmas.

Nos capítulos anteriores, o sistema nórdico da mitologia foi delineado com a maior clareza possível, e o significado físico dos mitos foi explicado. Agora tentaremos destacar as semelhanças da mitologia nórdica com a de outros povos arianos, comparando-a com a grega, com a qual, no entanto, ela não se parece tanto quanto a oriental.

É, evidentemente, impossível em uma obra como esta fazer mais do que mencionar os muitos pontos semelhantes nas histórias que formam a base dessas religiões. Isso, porém, já será o bastante para demonstrar, até para os mais céticos, que elas devem ter sido idênticas em algum período remoto demais para determinarmos hoje com certeza.

O início das coisas

Os povos nórdicos, assim como os gregos, imaginavam que o mundo havia surgido do caos. Enquanto os gregos descreviam o caos como uma massa informe e vaporosa, os nórdicos, influenciados por seu ambiente imediato, descreviam-no como um caos de fogo e gelo — uma combinação bastante compreensível para qualquer um que tenha visitado a Islândia e visto o contraste natural e peculiar entre o solo vulcânico, os gêiseres jorrando e os grandes icebergs que cercam a terra durante a longa e escura estação invernal.

Desses elementos opostos, fogo e gelo, nasceram as primeiras divindades, que, como os primeiros deuses dos gregos, eram gigantescas em estatura e exibiam uma aparência rústica. Ymir, o imenso gigante de gelo, e seus descendentes são comparáveis aos titãs, que também eram forças elementais da natureza, personificações do fogo subterrâneo. Além disso, depois de algum tempo de reinado, ambos foram obrigados a ceder diante de uma perfeição maior. Após um combate feroz pela supremacia, todos eles

se viram derrotados e banidos para regiões remotas, respectivamente, o Tártaro e Jotunheim.

A tríade Odin, Vili e Vé, do mito nórdico, é a contrapartida exata de Júpiter, Netuno e Plutão, que, superiores às forças titânicas, reinam supremos sobre o mundo em seu lugar. Na mitologia grega, os deuses, que também são parentes uns dos outros, decidem morar no Olimpo, onde constroem palácios dourados para si; na mitologia nórdica, os conquistadores divinos se mudam para Asgard e lá constroem moradas similares.

Cosmogonia

A cosmogonia nórdica não era diferente da grega, pois os nórdicos imaginavam que a terra, Mannheim, era inteiramente cercada pelo mar, no fundo do qual ficava enrolada a imensa Serpente de Midgard, mordendo o próprio rabo; e era perfeitamente natural que, vendo as ondas tempestuosas batendo em seus litorais, eles imaginassem que fossem causadas por seus movimentos convulsivos. Os gregos, que também imaginavam a terra cercada e dividida por um poderoso rio chamado Oceano, descreviam-no como fluindo com “uma corrente constante, uniforme”, pois em geral eles contemplavam mares serenos e ensolarados. Niflheim, a região nórdica do frio e da neblina perpétuos, tem exata contrapartida na região ao norte dos Hiperbóreos, onde plumas (neve) pairavam continuamente no ar e onde Hércules perseguiu a corça de Cerineia até uma nevasca, antes de conseguir capturá-la e amarrá-la.

Os fenômenos do céu

Como os gregos, os povos nórdicos acreditavam que a terra foi criada primeiro e que a abóbada dos céus foi feita depois para sombreá-la por inteiro. Eles também imaginavam que o sol e a lua eram conduzidos diariamente através do céu em carruagens puxadas por corcéis impetuosos. A donzela Sol, portanto, corresponde a Hélios, Hipérion, Febo ou Apolo, enquanto Máni, Lua, era a contrapartida

exata de Febe, Diana ou Cíntia. Devido à peculiaridade linguística nórdica, que torna sol feminino e lua masculino, a lua é representada por um deus, enquanto o sol, por uma donzela.

Os escaldos nórdicos, que pensavam ver formas rampantes de corcéis de crinas brancas nas nuvens em movimento, e o luzir de lâminas na luz lampejante da aurora boreal, diziam que as Valquírias, ou donzelas guerreiras, galopavam pelo céu. Os gregos, por sua vez, viam nos mesmos fenômenos naturais as vacas brancas de Apolo cuidadas por Faetusa e Lampécia.

Quando o orvalho caía das nuvens, os poetas nórdicos declaravam que gotejava das crinas dos cavalos das Valquírias, enquanto os gregos, que observavam que o orvalho durava mais nos bosques, identificavam-no com Dafne e Prócris, cujos nomes derivam da palavra sânscrita que significa “borrifar”, e que são mortas por seus amantes, Apolo e Céfalos, personificações do sol.

A terra era considerada, no Norte e no Sul, uma divindade feminina, a mãe protetora de todas as coisas; e apenas devido à diferença climática a mitologia do Norte, onde as pessoas eram diariamente obrigadas a conquistar o direito de viver por meio de uma luta braçal com a natureza, representava-a dura e congelada como Rinda, enquanto os gregos a encarnavam na calorosa deusa Deméter. Os gregos acreditavam que os ventos frios do inverno vinham do Norte, e os povos nórdicos, além disso, acrescentavam que esses ventos eram produzidos pelo bater das asas de Hræsvelgr, o gigante em plumas de água.

Os anões, ou elfos escuros, criados da carne de Ymir, eram como os criados de Plutão, no sentido de que jamais deixavam o domínio subterrâneo. Lá, também buscavam metais preciosos, que fundiam e moldavam em sofisticados ornamentos, como os que Vulcano concedia aos deuses, e em armas que ninguém era capaz de deformar ou danificar. Quanto aos elfos luminosos, que viviam acima do chão e cuidavam de plantas, árvores e rios, eles eram evidentemente os equivalentes nórdicos das ninfas, dríades, oréades e hamadríades, que povoavam as matas, os vales e fontes da antiga Grécia.

Júpiter e Odin

Júpiter, como Odin, era o pai dos deuses, deus da vitória e personificação do universo. Hlidskialf, o alto trono do Pai de Todos, não era menos elevado que o Olimpo ou Ida, de onde o Trovejador podia observar tudo o que acontecia; e a invencível lança Gungnir de Odin inspirava tanto terror quanto os raios brandidos por seu protótipo grego. As divindades nórdicas se banquetavam continuamente de hidromel e carne de javali, a bebida e a carne mais adequadas aos habitantes de um clima nórdico, enquanto os deuses do Olimpo preferiam néctar e ambrosia, que constituíam seu único sustento.

Doze Aesir sentavam-se no salão do conselho de Odin para deliberar sobre as medidas mais sábias para o governo do mundo e dos homens, e um número igual de deuses se reunia no pico nebuloso do monte Olimpo com propósito similar. A Idade de Ouro da Grécia foi um período de felicidade idílica, entre bosques sempre floridos e céus amenos e balsâmicos, enquanto a era extática nórdica foi também um tempo em que a paz e a inocência floresceu na terra, e quando o mal ainda era inteiramente desconhecido.

A criação do homem

Usando os materiais disponíveis, os gregos moldaram suas primeiras imagens em argila; portanto, naturalmente imaginavam que Prometeu tivesse feito o homem a partir dessa substância, quando lhe pediram para fabricar uma criatura que só fosse inferior aos deuses. Como as estátuas nórdicas eram esculpidas em madeira, os povos nórdicos inferiam que Odin, Vili e Vé (que aqui correspondem a Prometeu, Epimeteu e Minerva, os três criadores do homem) haviam feito o primeiro casal humano, Ask e Embla, a partir de blocos de madeira.

A cabra Heidrun, que fornecia o hidromel celestial, é como Amalteia, a cabra que amamentou Júpiter, e o agitado e intrigante Ratatosk é equivalente à gralha branca como a neve na história de

Corônís, que foi transformada em gralha preta como castigo por sua tagarelice. A águia de Júpiter tem sua contrapartida nos corvos Hugin e Munin, ou nos lobos Geri e Freki, sempre deitados aos pés de Odin.

Nornas e Moiras

A grande semelhança entre a nórdica Örlög e as deusas gregas do destino, cujos decretos os próprios deuses eram obrigados a respeitar, e as igualmente poderosas Nornas e Moiras, é óbvia demais para precisarmos destacar, enquanto os Vanas são contrapartidas de Netuno e outras divindades oceânicas. A grande disputa entre os Vanas e os Aesir é basicamente outra versão da disputa entre Júpiter e Netuno pela supremacia no mundo. Assim como Júpiter obriga seu irmão a ceder diante de sua autoridade, também os Aesir permanecem senhores de tudo, mas não se recusam a continuar dividindo seu poder com os adversários derrotados, que assim se tornam seus aliados e amigos.

Como Júpiter, Odin é sempre descrito como um homem majestoso, de meia-idade, e ambos os deuses são considerados progenitores divinos de dinastias reais, pois enquanto os heráclidas reivindicavam Júpiter como pai, os inglingos, escildingos etc. defendem que Odin foi o fundador de suas famílias. Os juramentos mais solenes eram feitos diante da lança de Odin, assim como junto ao escabelo de Júpiter, e ambos os deuses gozavam de uma variedade de nomes, todos descritivos dos vários aspectos de sua natureza e de seu culto.

Odin, como Júpiter, costumava visitar a terra disfarçado para avaliar as intenções hospitaleiras da humanidade, como na história de Geirröth e Agnar, que lembra a de Filêmon e Báucis. O objetivo era encorajar a hospitalidade, portanto, nas duas histórias, aqueles que mostravam inclinações humanas são ricamente recompensados. No mito nórdico, a lição é reforçada pelo castigo infligido a Geirröth, pois os escaldos acreditavam na justiça poética e garantiam que ela fosse concedida com rigor.

A disputa entre Odin e Vafthrudener tem seu paralelo nos mitos gregos na rivalidade musical de Apolo e Mársias, ou no teste de habilidade entre Minerva e Aracné. Odin também se parecia com Apolo, como deus da eloquência e da poesia; era capaz de conquistar todos os corações com sua voz divina. E o deus nórdico ensinou aos mortais o uso das runas, enquanto o deus grego Mercúrio introduziu o alfabeto.

Mitos das estações

O desaparecimento de Odin, o sol ou o verão, e a consequente desolação de Frigga, a terra, é basicamente uma versão diferente dos mitos de Perséfone e Adônis. Quando Perséfone e Adônis vão embora, a terra (Deméter ou Vênus) lamenta amargamente sua ausência e recusa qualquer consolo. Apenas quando eles voltam do exílio, ela se despe de seus trajes de luto e melancolia e se veste outra vez com todas as suas joias. Assim, Frigga e Freya lamentam a ausência de seus maridos Odin e Odur, e permanecem duras e frias até a volta deles. A esposa de Odin, Saga, deusa da história, que vivia em Sokvabek, onde havia o “rio do tempo e dos acontecimentos”, tomando nota de tudo o que via, é como Clio, a musa da história, assistida por Apolo junto à fonte inspiradora do monte Hélicon.

Assim como, segundo Evêmero, houve um Zeus histórico, enterrado em Creta, onde sua sepultura ainda pode ser encontrada, houve também um Odin histórico, cujo monte funerário se ergue perto de Uppsala. Lá, existiu outrora o maior templo nórdico, e havia um imenso carvalho que rivalizava com a famosa árvore de Dodona.

Frigga e Juno

Frigga, como Juno, era uma personificação da atmosfera, além de ser a padroeira do casamento, do amor conjugal e maternal e a deusa dos partos. Ela também é representada como uma mulher bela, ativa, que apreciava seus adornos; e sua criada especial, Gná, rivaliza com Íris na rapidez com que executa os pedidos de sua

senhora. Juno tem controle pleno das nuvens, que pode dispersar com um movimento da mão, e Frigga supostamente tece as nuvens com o fio que ela mesma fia em sua roca cravejada de joias.

Na mitologia grega, encontramos muitos exemplos do modo como Juno procura ser mais sagaz que Júpiter. Não faltam histórias similares nos mitos nórdicos. Juno conquista a posse de Io, apesar da relutância do marido em cedê-la, e Frigga astuciosamente garante a vitória dos Vinilos na Saga dos Longobardos. A ira de Odin quando Frigga roubou o ouro de sua estátua é equivalente ao desgosto conjugal de Júpiter com o ciúme de Juno e sua interferência na Guerra de Troia. Na história de Gefion e do modo inteligente como ela conseguiu obter terras de Gylfi para formar seu reino da Zelândia, temos uma reprodução da história de Dido, que por um estratagema obteve a terra em que fundou a cidade de Cartago. Nos dois relatos, os bois entram em cena, pois, enquanto no mito nórdico esses musculosos animais arrastam a terra mar adentro, no outro a pele de um boi cortada em tiras serve para definir a quantidade de terras da rainha.

Mitos musicais

O Flautista de Hamelin, que era capaz de atrair todas as criaturas vivas com sua música, é como Orfeu ou Anfíon, cujas liras tinham esse mesmo poder. Já Odin, como líder condutor dos mortos, é a contrapartida do Mercúrio Psicopompo, ambas personificações do vento, em cujas asas, dizia-se, as almas desencarnadas flutuavam para fora da esfera mortal.

O confiável Eckhardt, que preferiu salvar Tannhäuser e impedi-lo de se expor aos encantamentos das feiticeiras, em Hörselberg, é como o grego Mentor, que não só acompanhou Telêmaco, mas também lhe deu bons conselhos e instruções sábias e ajudou a resgatar Ulisses das mãos de Calipso.

Thor e os deuses gregos

Thor, o deus nórdico do trovão, tem muitos pontos de semelhança com Júpiter. Ele porta o martelo Mjölner, emblema nórdico do raio mortal, e, como Júpiter, usa-o livremente no combate contra os gigantes. Em seu rápido crescimento, Thor lembra Mercúrio, pois enquanto o nórdico poucas horas depois de nascer brinca de atirar longe vários fardos de peles, o grego rouba as vacas de Apolo antes de completar um dia de vida. Em força física, Thor parece Hércules, que também deu sinais precoces de vigor incomum ao estrangular as serpentes enviadas para matá-lo ainda no berço, e que mais tarde se divertiria atacando e derrotando gigantes e monstros. Hércules se passou por mulher e fiou para agradar Ônfale, a rainha da Lídia, e Thor assumiu trajes de mulher na visita a Thrym, para recuperar seu martelo, que havia sido enterrado a oito braças de profundidade. O martelo, seu principal atributo, era usado com muitos propósitos sagrados. Ele consagrava a pira funerária e o rito do matrimônio, e os marcos fincados na terra por um martelo eram considerados sagrados entre os povos nórdicos, assim como as Hermas ou estátuas de Mercúrio, cuja remoção podia ser punida com a morte.

A esposa de Thor, Sif, com seus luxuriantes cabelos dourados, é, como já vimos, um emblema da terra, e seu cabelo, de sua rica vegetação. O roubo dessas tranças por Loki é equivalente ao rapto de Perséfone por Plutão. Para recuperar os cachos dourados, Loki deve visitar os anões (os empregados de Plutão), engatinhando por passagens baixas do mundo subterrâneo; assim também Mercúrio deve procurar Perséfone no Hades.

A mutuca que impede Júpiter de recuperar a posse de Io, depois que Mercúrio mata Argo, reaparece no mito nórdico para picar Brok e impedir a fabricação do anel mágico Draupnir, que é meramente uma contrapartida das tranças de Sif, pois as tranças representam também os frutos da terra. A mutuca continua atormentando o anão durante a criação do javali de cerdas douradas de Frey, protótipo da carruagem dourada do sol de Apolo, e acaba impedindo a formação perfeita do cabo do martelo de Thor.

O barco mágico Skidbladnir, também fabricado pelos anões, é como a nau veloz Argo, uma personificação das nuvens em movimento no céu. E, como se dizia que Skidbladnir era grande o suficiente para acomodar todos os deuses, também Argo levaria todos os heróis gregos até as terras remotas da Cólquida.

Os germânicos, ao nomear os dias da semana de acordo com seus deuses, como os romanos haviam feito, deram o nome de Thor ao dia de Jove, e assim se fez o atual *Thursday*, a quinta-feira.

A luta de Thor contra Hrungrir é paralela à luta entre Hércules e Caco ou Anteu. Groa, a seu turno, é evidentemente Deméter, pois também ela lamenta a ausência do filho Orvandil (Perséfone), e começa uma canção alegre quando fica sabendo que ele voltará.

Magni, filho de Thor, que com três horas de vida exhibe força maravilhosa ao erguer a perna de Hrungrir de cima de seu pai caído, também nos lembra o pequeno Hércules. O apetite voraz de Thor no banquete de casamento de Thrym tem paralelo na primeira refeição de Mercúrio, que consistiu de duas vacas inteiras.

A travessia do caudaloso rio Veimer por Thor nos lembra a proeza de Jasão quando vadeou através da correnteza em seu caminho para visitar o tirano Pélias e recuperar a posse do trono de seu pai.

O colar maravilhoso usado por Frigga e por Freya para enfatizar seus encantos é como o *cestus* ou cinturão de Vênus, que Juno pegou emprestado para subjugar seu senhor. Trata-se, como as tranças de Sif e o anel Draupnir, de um emblema da vegetação luxuriante ou das estrelas que brilham no firmamento.

O deus nórdico da espada, Tyr, é, evidentemente, o deus grego da guerra, Ares, com quem se parece tanto que seu nome é dado ao dia da semana consagrado a Ares, até hoje conhecido como *Tuesday*, ou dia de Tiu, a terça-feira. Como Ares, Tyr era ruidoso e valente; sempre destemido, adorava o fragor da batalha. Apenas ele ousou provocar o lobo Fenrir; e o provérbio meridional sobre Cila e Carídis tem sua contrapartida no adágio nórdico “se soltar de Læding e desvencilhar de Droma.”⁶ O lobo Fenrir, também

personificação do fogo subterrâneo, fica preso, como seus protótipos, os titãs, que não podem sair do Tártaro.

A similaridade entre o harpista Bragi, gentil e amante da música, e Apolo ou Orfeu é muito grande; assim como a semelhança entre a bebida mágica Odhroerir e as águas do Hélicon, ambas supostamente inspiradoras para poetas mortais e imortais. Odin se disfarça com plumas de águia para conseguir levar consigo o precioso hidromel, e Júpiter se vale de disfarce semelhante para raptar Ganimedes, seu copeiro.

Iduna, como Adônis e Perséfone, ou ainda mais como Eurídice, é também uma bela personificação da primavera. Ela é capturada pelo cruel gigante de gelo Thiassi, que representa o javali que matou Adônis, o raptor de Perséfone, ou a serpente venenosa que picou Eurídice. Iduna fica detida por muito tempo em Jotunheim (Hades), onde se esquece de toda sua alegria, seu jeito brincalhão, e torna-se pesarosa e pálida. Ela não é capaz de voltar sozinha a Asgard e, apenas quando Loki (agora emblema do vento do Sul) vai resgatá-la, transformando-a em uma noz ou uma andorinha, consegue escapar. Ela nos lembra Perséfone e Adônis escoltados de volta à terra por Mercúrio (deus do vento), ou de Eurídice, atraída para fora do Hades pelo som doce da harpa de Orfeu, que também era simbólico do sussurro do vento.

Iduna e Eurídice

O mito da queda de Iduna do alto de Yggdrasil nas profundezas escuras de Niflheim, embora possa ser explicado e comparado com a história acima, é ainda mais relacionado à história de Orfeu e Eurídice, pois Orfeu, como Bragi, não pode existir sem a esposa, a quem segue até mesmo ao escuro domínio da morte; sem ela, suas canções se silenciam. A pele de lobo em que Iduna é envolvida é típica das nevascas pesadas das regiões nórdicas, que preservam as raízes tenras da influência destrutiva do extremo frio do inverno.

Skadi e Diana

Njord, o Vana, deus dos mares ensolarados do verão, tem sua contrapartida em Netuno e mais especialmente em Nereu, a personificação do oceano profundo, calmo e aprazível. A esposa de Njord, Skadi, é a caçadora nórdica; ela portanto se parece com Diana. Assim como ela, Skadi porta um cesto cheio de flechas e um arco, que segura com consumada habilidade. Seu vestido curto lhe permite a máxima liberdade de movimento, e também ela costuma estar acompanhada de um cão de caça.

A história da transferência dos olhos de Thiassi para o firmamento, onde eles brilham como estrelas, lembra-nos de muitos mitos estelares gregos, em especial o dos olhos do gigante Argos Panoptes, sempre vigilantes, de Órion e seu cinturão cravejado de joias, e seu cão Sirius, todos transformados em estrelas pelos deuses, para apaziguar deusas furiosas. As cabriolas de Loki para arrancar um sorriso da irada Skadi são consideradas equivalentes dos lampejos tremeluzentes das tempestades de raios que ele personificava no Norte, enquanto Estéropes, o ciclope, tipificava-os entre os gregos.

Frey e Apolo

Deus nórdico do raio de sol e das chuvas de verão, o caloroso Frey, possui muitos aspectos em comum com Apolo. Como ele, é belo e jovem, monta um javali de cerdas douradas que corresponde ao conceito nórdico dos raios de sol, ou percorre o céu em uma carruagem dourada, que nos lembra da reluzente carruagem de Apolo.

Frey tem também algumas características do gentil Zéfiro, pois também ele espalha flores em seu caminho. Seu cavalo, Blodughofi, não é diferente do Pégaso, o corcel favorito de Apolo, pois é capaz de atravessar fogo e água com facilidade e velocidade.

Fro, como Odin e Júpiter, é também identificado com um rei humano, e seu monte funerário fica ao lado do de Odin, perto de

Uppsala. Seu reinado foi tão feliz que foi chamado de Era de Ouro, e ele portanto nos lembra Saturno, que, exilado na terra, reinou sobre o povo da Itália e garantiu-lhe prosperidade similar.

Freya e Vênus

Gerda, a bela donzela, é como Vênus e também como Atalanta; difícil de ser cortejada e conquistada, como a donzela de pés velozes, mas enfim cede e se torna uma esposa feliz, assim como Vênus. As maçãs douradas com que Skirnir tenta suborná-la nos lembram do fruto dourado que Hipomene lança no caminho de Atalanta, e que a faz se atrasar na corrida.

Freya, a deusa da juventude, do amor e da beleza, como Vênus, nasceu do mar, pois é filha do deus do mar, Njord. Vênus nutria grande afeição pelo deus da guerra e pelo beligerante Anquises, enquanto Freya costuma vestir o traje de Valquíria e cavalgar rapidamente até a terra para tomar parte em combates mortais e levar embora os heróis mortos para um banquete em seu salão celestial. Assim como Vênus, ela se delicia com oferendas de frutos e flores, e ouve de bom grado os pedidos dos amantes. Freya também parece com Minerva, pois usa um elmo e uma couraça peitoral e, como a grega, é conhecida pelos belos olhos azuis.

Odur e Adônis

Odur, marido de Freya, é como Adônis, e, quando ele a abandona, ela também derrama inúmeras lágrimas, que, em seu caso, transformam-se em ouro, enquanto as lágrimas de Vênus se transformam em anêmonas, e as das Heliádes, pranteando Faetonte, viram âmbar, que parece ouro em cor e consistência. Assim como Vênus se alegra com a volta de Adônis e toda a natureza floresce em solidariedade com sua alegria, também Freya fica em júbilo quando encontra o marido entre as flores do Sul. A carruagem de Vênus é puxada por pombas, e a de Freya é logo levada por gatos, que são emblemas do amor sensual, pois as pombas eram consideradas

símbolos do amor mais terno. Freya apreciava a beleza e furiosamente recusa casar-se com Thrym, enquanto Vênus desdenha e por fim abandona Vulcano, com quem havia sido obrigada a se casar contra a vontade.

Os gregos representavam a Justiça como uma deusa de olhos vendados, com uma balança de pratos em uma das mãos e uma espada na outra, para indicar a imparcialidade e a fixidez de seus decretos. A deidade correspondente no Norte era Forseti, que pacientemente escutava os dois lados de cada questão antes de promulgar sua sentença também imparcial e irrevogável.

Uller, o deus do inverno, parece Apolo e Órion apenas em seu amor pela caça, que ele persegue com ardor em todas as circunstâncias. Ele é o arqueiro nórdico, e sua habilidade é tão infalível quanto a dos deuses gregos.

Heimdall, como Argos Panoptes, era dotado de maravilhosa acuidade visual, que lhe permitia enxergar centenas de milhas tanto à noite quanto de dia. Seu chifre Gjallarhorn, que podia ser ouvido no mundo inteiro, proclamando a passagem dos deuses pela tremeluzente ponte Bifrost, era como a trombeta da deusa Fama. Como era relacionado às divindades aquáticas por parte de mãe, Heimdall era capaz, como Proteu, de assumir qualquer forma que quisesse, e fez bom uso de seu poder quando frustrou a tentativa de Loki de roubar o colar Brisingamen.

Hermod, o Veloz ou o Ágil, parece Mercúrio não apenas em sua maravilhosa celeridade de movimento. Ele também era o mensageiro dos deuses e, como a divindade grega, corria de um lado para outro, auxiliado não por um capacete e sandálias alados, mas pelo cavalo Sleipnir de Odin, que apenas ele tinha permissão de montar. Em vez do caduceu, ele portava o cajado Gambantein. Questionou as Nornas e o mágico Rossthiof, através de quem soube que Vali viria a vingar seu irmão Balder e suplantar seu pai, Odin. Casos de consultas similares são encontrados na mitologia grega, na qual Júpiter queria se casar com Tétis, mas desistiu quando as Moiras previram que, se

fizesse isso, ela seria mãe de um filho que superaria o pai em glória e fama.

O deus nórdico do silêncio, Vidar, possui certa semelhança com Hércules, pois enquanto este tinha apenas uma clava com que se defender contra o leão de Nimeia, a quem ele rasgou ao meio, Vidar conseguiu rasgar o lobo Fenrir no Ragnarök graças a um sapato poderoso.

Rinda e Dânae

O cortejo de Rinda por Odin nos lembra dos galanteios de Júpiter a Dânae, que é também um símbolo da terra; e enquanto a chuva de ouro no mito grego supostamente representa os raios de sol fertilizantes, o escalda-pés no mito nórdico tipifica o degelo da primavera que começa quando o sol vence a resistência da terra congelada. Perseu, filho dessa união, tem muitos pontos de semelhança com Vali, pois ele também é um vingador e mata os inimigos de sua mãe, assim como Vali destrói Höder, o assassino de Balder.

As Moiras presidiam os nascimentos na Grécia, e faziam previsões sobre o futuro das crianças, como faziam as Nornas; e a história de Meleagro tem inconfundível paralelo na história de Nornagesta. Alteia guarda um pedaço de carvão em brasa em um baú, Nornagesta esconde o toco de uma vela em sua harpa; e enquanto a mãe grega causa a morte do filho lançando o carvão no fogo, Nornagesta, compelido a acender o toco de vela por ordem de Olavo, morre quando a vela derrete e se apaga.

Hebe e as Valquírias eram copeiras do Olimpo e de Asgard. Elas eram personificações da juventude; e se Hebe se casou com o grande herói e semideus Hércules quando deixou de ocupar essa função, as Valquírias eram liberadas de suas tarefas quando se uniam a heróis como Helgi, Hakon, Völund ou Sigurd.

O labirinto de Creta tem sua contrapartida na islandesa Völundarhaus, e Völund e Dédalo ambos conseguem escapar de um labirinto com um par de asas inteligentemente projetadas, que lhes

permitem voar em segurança acima da terra e do mar e fugir da tirania de seus respectivos senhores, Nidud e Minos. Völund parece Vulcano, também, no fato de ser um excelente ferreiro e fazer uso de seus talentos para executar sua vingança. Vulcano, que ficou manco na queda do Olimpo, negligenciado por Juno, com quem tentou fazer amizade, envia a ela um trono dourado dotado de molas que a envolvem e a prendem. Völund, que teve os tendões cortados por sugestão da rainha de Nidud, secretamente assassina os filhos dela, e com os olhos deles fabrica joias maravilhosas, que, desavisada, ela usa sobre o peito até que ele revela sua origem.

Mitos do mar

Assim como os gregos imaginavam que as tempestades eram efeito da ira de Netuno, também os povos nórdicos as atribuíam ora às contorções de Jormungandr, a Serpente de Midgard, ora à ira de Aegir, que, coroado com algas, como Netuno, costumava enviar suas filhas, as donzelas das ondas (a contrapartida das Nereidas e Oceânides), para brincar nas correntes. Netuno tinha sua morada nas cavernas de coral perto da ilha Eubeia, enquanto Aegir vivia em um palácio similar perto do estreito de Categate. Ali ele estava cercado por Nixes, Ondinas e sereias, a contrapartida das ninfas aquáticas gregas, e pelos deuses dos rios Reno, Elba e Neckar, que nos lembram de Alfeu e Peneu, deuses dos rios gregos.

A frequência dos naufrágios nas costas nórdicas fez o povo pensar em Ran (equivalente da deusa grega do mar, Anfitrite) como gananciosa e avarenta, e descrevê-la armada com uma rede, com a qual puxava todas as coisas para o fundo. As Sereias gregas tinham paralelo na Lorelei nórdica, que possuía o mesmo dom do canto e também atraía marinheiros para a morte; enquanto a princesa Ilse, que foi transformada em fonte, lembra-nos da ninfa Aretusa, que passou por transformação similar.

Na concepção nórdica de Niflheim, temos uma contrapartida quase exata do Hades grego. Mödgud, o guardião da ponte Giallar (a ponte da morte), sobre a qual todos os espíritos dos mortos devem

passar, cobra um tributo de sangue com o mesmo rigor com que Caronte exige um óbulo de cada alma que ele atravessa sobre o Aqueronte, o rio da morte. O feroz cão Garm, escondido na caverna Gnipa, que vigia o portão de Hel, é como o monstro de três cabeças Cérbero; e os nove mundos de Niflheim não são diferentes das divisões do Hades, sendo Náströnd um equivalente adequado do Tártaro, onde os maus eram punidos com igual severidade.

Os costumes de queimar heróis mortos com suas armas e de sacrificar vítimas, como cavalos e cães, em sua pira, eram muito parecidos no Norte e no Sul. Enquanto Mors ou Tânato, a Morte grega, era representado com uma foice afiada, Hel era representada com uma vassoura ou um rastelo, que usava impiedosamente para executar a mesma tarefa.

Balder e Apolo

Balder, o deus radiante do raio de sol, lembra não apenas Apolo e Orfeu, mas todos os outros heróis de mitos solares. Sua esposa, Nanna, é como Flora, e ainda mais como Perséfone, pois também desce ao mundo subterrâneo, onde se demora por algum tempo. O salão dourado de Balder, Breidablik, é como o palácio de Apolo no oriente; ele também adora flores; todas as coisas sorriem quando ele se aproxima e, de bom grado, juram não lhe fazer mal. Assim como Aquiles era vulnerável apenas no calcanhar, também Balder só podia ser morto pelo inofensivo visgo, e sua morte é ocasionada pelo ciúme de Loki, assim como Hércules foi morto pelo ciúme de Dejanira. A pira funerária de Balder em *Ringhorn* nos lembra da morte de Hércules no Monte Eta, as chamas e o clarão avermelhado de ambos os fogos servindo para tipificar o sol poente. O deus nórdico do sol e do verão só podia ser libertado de Niflheim se todos os seres animados e inanimados derramassem lágrimas por ele; também Perséfone poderia sair do Hades apenas com a condição de que não ingerisse nenhum alimento. A recusa frívola de Thok em chorar uma única lágrima equivale às sementes de romã que Perséfone comeu, e o resultado é igualmente desastroso em ambos

os casos, pois é o que retém Balder e Perséfone no submundo, e a terra (Frigga ou Deméter) deve continuar a lamentar sua ausência.

Através de Loki, o mal penetrou no mundo nórdico; o fogo dado por Prometeu acarretou a mesma maldição sobre os gregos. O castigo infligido pelos deuses aos culpados não é diferente, pois, enquanto Loki é preso com correntes adamantinas e torturado pelo gotejar contínuo de veneno das presas de uma serpente amarrada acima de sua cabeça, Prometeu é acorrentado de modo semelhante no Cáucaso, e um abutre voraz continuamente se alimenta de seu fígado. O castigo de Loki tem outra contrapartida no de Tício, amarrado no Hades, e no de Encélado, acorrentado embaixo do monte Etna, onde suas contorções produziam terremotos e suas imprecações causavam súbitas erupções do vulcão. Loki, além disso, parece Netuno também por ter assumido uma forma equina e ter sido pai de um maravilhoso corcel, pois Sleipnir rivaliza com Árion tanto em velocidade quanto em resistência.

O Fimbulvetr foi comparado à longa luta preliminar sob os muros de Troia, e o Ragnarök, grande desfecho dramático da mitologia nórdica, ao incêndio da famosa cidade. “Thor é Heitor; o lobo Fenrir é Pirro, filho de Aquiles, que matou Príamo (Odin); e Vidar, que sobrevive ao Ragnarök, é Eneias.” A destruição do palácio de Príamo é o emblema da ruína dos salões dourados dos deuses; e os vorazes lobos Hati, Skoll e Managarm, demônios das trevas, são protótipos de Páris e todos os outros demônios das trevas, que raptam ou devoram a donzela solar Helena.

O Ragnarök e o Dilúvio

Segundo outra interpretação, contudo, o Ragnarök e a consequente submersão do mundo é fundamentalmente uma versão nórdica do Dilúvio. Os sobreviventes, Lif e Lifthrasir, como Deucalião e Pirra, seriam destinados a repovoar o mundo; e assim como apenas o santuário de Delfos resistiu ao poder destrutivo do grande cataclisma, também Gimli permaneceu radiante para receber os deuses sobreviventes.

Gigantes e titãs

Já vimos a semelhança entre os gigantes nórdicos e os titãs. Só resta mencionar que, enquanto os gregos imaginavam que Atlas havia sido transformado em montanha, os nórdicos acreditavam que a Riesengebirge, na Alemanha, era formada a partir de gigantes, e que as avalanches que desciam das alturas eram blocos de neve que esses gigantes impacientes sacudiam de suas reentrâncias quando mudavam de posição. A aparição, em forma de touro, de um dos gigantes aquáticos, que foi cortejar a rainha dos francos, tem paralelo na história de Júpiter cortejando Europa, e Meroveu é evidentemente a exata contrapartida de Sarpedão. Uma semelhança discreta pode ser traçada entre o gigantesco barco Mannigfual e o Argo, pois enquanto um navegou pelo mar Egeu e pelo mar Negro, tornando muitos lugares memoráveis pelos perigos ali encontrados, também a nau nórdica navegou pelo mar do Norte e pelo mar Báltico, e é mencionada em associação à ilha de Bornholm e aos penhascos de Dover.

Enquanto os gregos imaginavam que Pesadelos eram sonhos maus que escapavam da Caverna de Somno, o povo nórdico imaginava que eram anãs ou trolls femininos, que se esgueiravam dos escuros recessos da terra para atormentá-los. Dizia-se que todas as armas mágicas do Norte eram obra dos anões, os ferreiros subterrâneos, enquanto as dos gregos eram fabricadas por Vulcano e os Ciclopes, embaixo do monte Etna ou na ilha de Lemnos.

A Saga dos Volsungos

No mito de Sigurd, encontramos Odin caolho como os Ciclopes, que, como Odin, são personificações do sol. Sigurd é instruído por Gripir, o cavaliço, que é remanescente de Quíron, o centauro. Ele não só é capaz de ensinar ao jovem herói tudo o que ele precisa saber, e de lhe dar bons conselhos sobre sua conduta futura, como também é dotado do dom da profecia.

A espada maravilhosa que se torna propriedade de Sigmund e de Sigurd assim que eles se provam dignos de portá-la, e a espada Angurvadal que Frithiof herda de seu senhor, lembram a espada que Egeu escondeu embaixo de uma pedra e de que Teseu se apossou assim que se tornou homem-feito. Sigurd, como Teseu, Perseu e Jasão, busca vingar os agravos sofridos pelo pai, antes de partir em busca do tesouro dourado, a exata contrapartida do velo de ouro, que também é protegido por um dragão e muito difícil de obter. Como todos os deuses e heróis gregos solares, Sigurd tem cabelos dourados e olhos azuis muito claros. Sua luta contra Fafnir nos lembra do combate de Apolo contra Píton, enquanto o anel Andvaranaut pode ser associado ao cinturão de Vênus, e a maldição associada ao possuidor é como a tragédia de Helena, que acarretou um derramamento de sangue infinito de todos conectados a ela.

Sigurd não poderia ter derrotado Fafnir sem a espada mágica, assim como os gregos não conseguiriam tomar Troia sem as flechas de Filoctetes, que são também emblemas dos raios de sol que a tudo conquistam. A recuperação do tesouro roubado é como o resgate de Helena por Menelau, e aparentemente traz tão pouca felicidade a Sigurd quanto a esposa infiel trouxe ao rei espartano.

Brunhilda

Brunhilda se parece com Minerva pelo gosto marcial, pela aparência física e pela sabedoria; mas sua raiva e seu ressentimento quando Sigurd a esquece por causa de Gudrun é como a ira de Enone, a quem Páris abandona para cortejar Helena. A raiva de Brunhilda continua acompanhando Sigurd ao longo da vida, e ela chega a tramar a morte dele, enquanto Enone, quando lhe mandam curar seu amante ferido, recusa-se a fazê-lo e permite que ele morra. Enone e Brunhilda são ambas tomadas pelo mesmo sentimento de remorso quando seus amantes dão o último suspiro, e ambas insistem em dividir suas piras funerárias, e acabar suas vidas ao lado daqueles que amaram.

Mitos solares

Contendo toda uma série de mitos solares, a *Saga dos Volsungos* se repete a cada etapa; e assim como Ariadne, abandonada pelo herói solar Teseu, acaba se casando com Baco, também Gudrun, quando Sigurd parte, casa-se com Atli, o rei dos hunos. Ele também termina a vida entre as chamas de seu palácio ou barco incendiado. Gunnar, como Orfeu ou Anfíon, toca acordes tão maravilhosos em sua harpa que até as serpentes são embaladas e adormecem. Segundo algumas interpretações, Atli é como Fafnir e cobiça a posse do ouro. Ambos são, portanto, provavelmente personificações “da nuvem invernal que paira e impede aos mortais o ouro da luz do sol e do calor, até que na primavera o astro brilhante supera as forças das trevas e das tempestades, e espalha seu ouro pela face da terra.”

Svanhild, filha de Sigurd, é outra personificação do sol, como se vê em seus olhos azuis e cabelos dourados. Sua morte sob os cascos de corcéis negros representa o bloqueio do sol pelas nuvens da tempestade ou da escuridão.

Assim como Castor e Pólux se apressam em salvar a irmã, Helena, quando ela é levada embora por Teseu, também os irmãos de Svanhild, Erp, Hamdir e Sorli, correm para vingar sua morte.

Esses são os principais pontos de semelhança entre as mitologias do Norte e do Sul. A analogia prossegue o bastante para provar que elas foram originalmente formadas a partir dos mesmos materiais, as principais diferenças se devendo aos tons locais transmitidos inconscientemente por diferentes povos.

Notas

6. Estar entre Cila e Caríbdis significa se ver diante de uma dificuldade, estar “entre a cruz e a espada”. Sobre a aproximação desta expressão com a máxima nórdica, ver a p. 115 do volume 1. (N.E.)

DIREÇÃO EDITORIAL

Daniele Cajueiro

EDITORA RESPONSÁVEL

Ana Carla Sousa

PRODUÇÃO EDITORIAL

Adriana Torres

Mariana Bard

Mariana Oliveira

REVISÃO DE TRADUÇÃO

Beatriz D'Oliveira

REVISÃO

Laura Folgueira

Luiz Felipe Fonseca

Mariana Gonçalves

CAPA, PROJETO GRÁFICO DE MIOLO E DIAGRAMAÇÃO

Estúdio Versalete

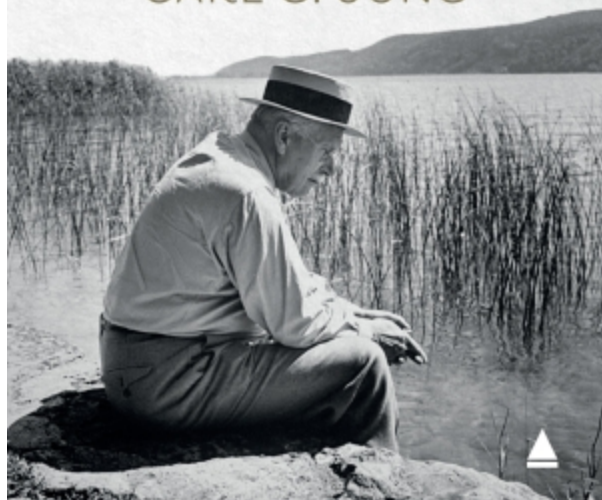
PRODUÇÃO DO E-BOOK

Ranna Studio

Organização e edição de Aniela Jaffé

MEMÓRIAS, SONHOS, REFLEXÕES

CARL G. JUNG



Memórias, Sonhos, Reflexões

Jung, Carl G.

9788520932193

424 páginas

[Compre agora e leia](#)

Reunidas e editadas poucos anos antes da morte de Jung, por Aniela Jaffé, sua colaboradora, essas memórias se apresentam como uma autoanálise de um dos grandes pensadores da humanidade. Nelas, estão presentes fatos como a pesquisa do inconsciente como caminho do eu interior, as divergências da psiquiatria do princípio do século e as viagens à África.

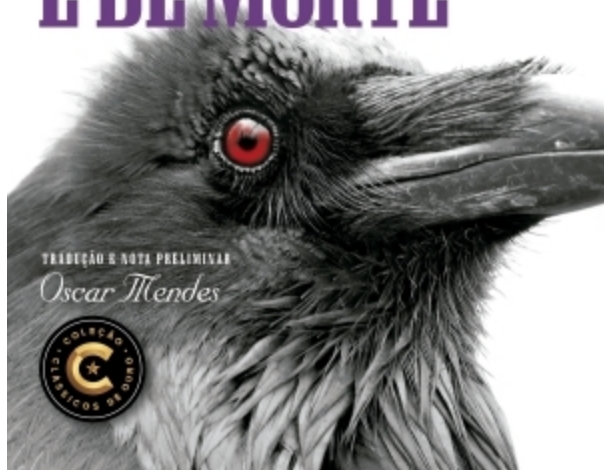
[Compre agora e leia](#)

Edgar Allan Poe

**CONTOS
DE TERROR,
DE MISTÉRIO
E DE MORTE**

TRADUÇÃO E NOTA PRELIMINAR

Oscar Mendes



Contos de terror, de mistério e de morte

Allan Poe, Edgar

9788520941720

240 páginas

[Compre agora e leia](#)

Com esta coletânea, o leitor entrará em contato com alguns das melhores histórias da obra de Edgar Allan Poe, considerado o criador do conto policial. Nelas, associam-se medos reais a casos extraordinários, e o resultado é espetacular e surpreendente. Neste Contos de terror, de mistério e de morte estão reunidas algumas de suas melhores narrativas e, dialogando com elas, ao final do volume, o aclamado poema "O corvo", que se tornou emblemático da produção literária do autor norte-americano. Como resultado temos uma coletânea em que se associam medos reais a casos extraordinários, o espetacular e o surpreendente em concentradas doses do mais puro terror.

[Compre agora e leia](#)



Somos o
Brasil
NELSON RODRIGUES
WE ARE BRAZIL



Somos o Brasil

Rodrigues, Nelson

9788520938218

128 páginas

[Compre agora e leia](#)

Graças à seleção, descobrimos o Brasil. Tenho um amigo que é um dos tais brasileiros rubros de vergonha. Dizia-me: — "Junto da europeia, a nossa paisagem faz vergonha." Mas ele dizia isso porque jamais olhara a nossa paisagem. O escrete, porém, derrotou o seu esnobismo hediondo. Depois da vitória sobre a Bulgária, ele viu, pela primeira vez, o Cristo do Corcovado. E veio me dizer, de olho rútilo: — "Parece que temos aí um morro que promete, um tal de Pão de Açúcar!" *Thanks to the soccer national team, we discovered Brazil. I have a friend who is one of such Brazilians who are crimson with shame. He told me: — "In comparison with the European landscape, ours is a shame." But he said that because he had never looked at our landscape. The team, however, defeated its heinous snobbishness. After the victory over Bulgaria, he saw, for the first time, the Christ of Corcovado. And he came to tell me, with bright eyes: — "It seems that we have here a promising hill, the Sugarloaf Mountain!"* EDIÇÃO BILÍNGUE / BILINGUAL EDITION

[Compre agora e leia](#)

PREFÁCIO DE GUSTAVO CERBASI

A ARTE DA GUERRA

OS TREZE CAPÍTULOS COMPLETOS



A arte da guerra

Tzu, Sun

9788520926307

112 páginas

[Compre agora e leia](#)

Milenar tratado militar de Sun Tzu, *A Arte da Guerra* é tão compreensível e atual que se tornou um texto clássico. Acredita-se, inclusive, que o livro tenha sido usado ao longo dos tempos por estrategistas militares como Napoleão, Adolf Hitler e Mao Tse Tung. Hoje, o livro migrou das estantes dos estrategistas para a dos economistas, administradores, políticos, vendedores, empresários e todos aqueles cuja meta é a vitória – em todos os níveis. Nesta edição, além dos 13 capítulos completos, o leitor vai se aprofundar no tema com a riquíssima introdução dos professores Antonio J. B. de Menezes Júnior e Chen Tsung Jye, ambos do curso de chinês do Departamento de Letras Orientais da USP. Outro diferencial é o prefácio de Gustavo Cerbasi, autor de best-sellers na área de negócios como *Casais Inteligentes Enriquecem Juntos* e *Investimentos Inteligentes*.

[Compre agora e leia](#)

Nelson Rodrigues

A PÁTRIA DE CHUTEIRAS



A pátria de chuteiras

Rodrigues, Nelson

9788520938188

136 páginas

[Compre agora e leia](#)

"Já descobrimos o Brasil e não todo o Brasil. Ainda há muito Brasil para descobrir. Não há de ser num relance, num vago e distraído olhar, que vamos sentir todo o Brasil. Este país é uma descoberta contínua e deslumbrante."

Nelson Rodrigues Nelson Rodrigues marcou um lugar indiscutível, revolucionário no teatro. No entanto, o Nelson cronista, o comentarista de futebol, não é menos importante. Nelson Rodrigues foi o escritor brasileiro que "leu", "releu" nosso país pelo campo, pela bola, pelos craques. Ele viu e compreendeu, antes de todos, a grandiosidade da nossa pátria. Defendeu a nação com uma paixão pura. "Anunciou", "promoveu", "profetizou" a força do Brasil.

[Compre agora e leia](#)